A Coroa do Pastor

Terry Pratchett



A COROA DO PASTOR

Terry Pratchett

Tradução: Severino de Villegaignon

ÍNDICE

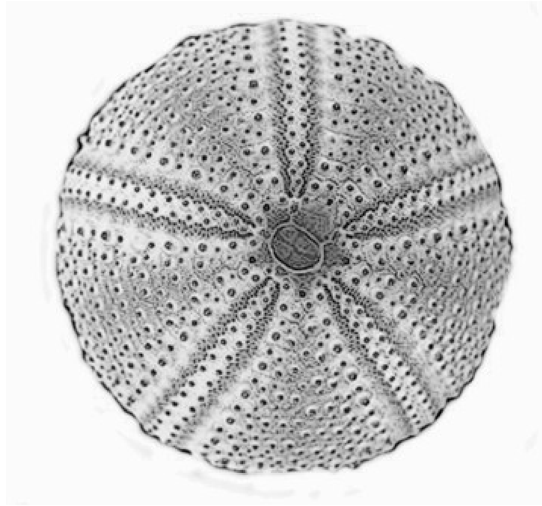


Para Esmerelda Cera-do-Tempo:

Fique atenta por onde anda.

Prólogo

UMA COROA NO GIZ



NASCEU na escuridão do Mar Círculo; a princípio, apenas uma coisa macia e flutuante, levada de um lado para o outro, maré após maré. Ela cresceu como uma concha, mas em seu mundo ondulante e cambaleante havia criaturas enormes que poderiam abri-la em um instante. No entanto, ela sobreviveu. Sua pequena vida poderia ter continuado assim para sempre, até que os perigos das ondas e de outras coisas flutuantes acabassem, não fosse pela lagoa.

Era uma lagoa quente, acima de uma praia, reabastecida por tempestades ocasionais sopradas do Eixo; e ali a criatura vivia de coisas ainda menores que ela e cresceu até se tornar rei. Teria ficado ainda maior se não fosse o verão quente, quando a água evaporava sob o brilho do sol.

E assim a criaturinha morreu, mas sua carapaça permaneceu, carregando dentro de si a semente de algo afiado. Na maré tempestuosa seguinte, foi levada para o litoral, onde se alojou, rolando para frente e para trás com os seixos e outros detritos das tempestades.

O mar rolou ao longo dos tempos até secar e se retirar da terra, e a concha pontiaguda da criatura morta há muito tempo afundou sob camadas de conchas de outras criaturazinhas que não sobreviveram. E ali ficou, com o núcleo afiado crescendo lentamente em seu interior, até o dia em que foi encontrado por um pastor cuidando de seu rebanho nas colinas que ficaram conhecidas como Giz.

Ele pegou o objeto estranho que chamou sua atenção, o segurou na mão, virando e revirando várias vezes. Protuberante, mas não irregular, e cabia na palma da sua mão. Demasiado regular para ser uma pederneira, mas ainda assim tinha uma pederneira em seu coração. A superfície era cinzenta, como pedra, mas com um toque dourado por baixo do cinza. Havia cinco cristas distintas, espaçadas uniformemente, quase como listras, subindo de uma base plana até o topo. Ele já tinha visto coisas assim antes. Mas este parecia diferente... quase saltou de sua mão.

Enquanto a virava por todos os lados, a coisa caiu e lhe veio a sensação de que estava tentando lhe dizer alguma coisa. Era uma tolice, ele sabia, e ainda nem sequer tinha tomado uma cerveja; mesmo assim, o estranho objeto parecia preencher seu mundo. Então ele se xingou de idiota. Não obstante, guardou-o e levou-o para mostrar aos amigos no pub.

— Olhem —, disse ele, — parece uma coroa.

Claro, um de seus companheiros riu e disse: — uma coroa? E o que você vai querer com uma coisa como esta? Você não é rei, Daniel Dolorida.

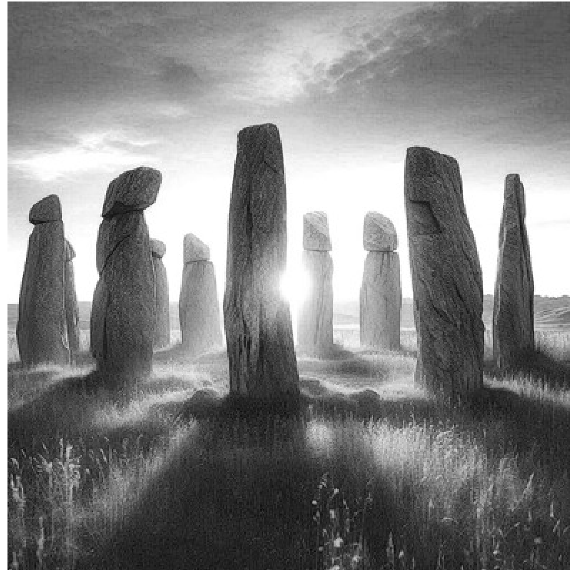
O pastor, porém, levou o achado para casa e colocou-o cuidadosamente na prateleira da cozinha, onde guardava as coisas de que gostava.

E ali, com o tempo, foi esquecido e se desvaneceu na história.

Mas não para os Dolorida, que o transmitiram de geração em geração.

Capítulo UM

ONDE O VENTO SOPRA



FOI UM daqueles dias que você guarda e lembra. No alto das colinas, acima da fazenda de seus pais, Tiffany Dolorida sentia como se pudesse ver o fim do mundo. O ar estava claro como cristal e, sob o vento forte, as folhas mortas do outono rodopiavam em torno dos freixos enquanto eles sacudiam os galhos para abrir caminho para o novo crescimento da primavera.

Ela sempre se perguntou por que as árvores cresciam ali. Vovó Dolorida havia lhe contado que havia trilhas antigas ali em cima, feitas na época em que o vale abaixo era um pântano. Vovó dizia que era por isso que os povos antigos construíam as suas casas no alto... longe do

pântano e longe de outras pessoas que gostariam de atacar o seu rebanho.

Talvez tivessem encontrado uma sensação de refúgio perto dos antigos círculos de pedras que encontraram ali. Ou talvez tenham sido eles que os construíram? Ninguém sabia ao certo de onde eles tinham vindo. Porém, mesmo que ninguém acreditasse realmente naquilo, todos sabiam que os círculos eram o tipo de coisa que provavelmente era melhor deixar de lado. Apenas no caso de... afinal, mesmo que um círculo escondesse alguns segredos ou tesouros antigos, bem, que utilidade teria isso quando se tratava de ovelhas? E embora muitas das pedras tivessem caído; e se a pessoa enterrada ali embaixo não quisesse ser desenterrada? Estar morto não significava que a pessoa não pudesse ficar com raiva, ah, não.

A própria Tiffany uma vez usou um determinado conjunto de pedras para passar através de um arco até o País das Fadas; – um País das Fadas decididamente diferente daquele sobre o qual ela havia lido no *Livro de Contos de Fhadas das Boas Creanças* – e ela sabia que os perigos eram reais.

Hoje, por algum motivo, ela sentiu necessidade de se aproximar das pedras. Como qualquer bruxa sensata, ela usava botas fortes que podiam atravessar qualquer coisa... botas boas e sensatas. Mas que não a impediam de sentir a sua terra, de sentir o que ela lhe dizia. Tudo começou com uma cócega, uma coceira que se insinuou em seus pés e exigiu ser ouvida, instando-a a caminhar pelas colinas, a visitar o círculo, mesmo enquanto enfiava a mão no traseiro de uma ovelha para tentar resolver um caso desagradável de cólica. Por que ela tinha que ir até as pedras, Tiffany não sabia, mas nenhuma bruxa ignorava o que poderia ser uma convocatória. E os círculos foram erigidos como

proteção. Proteção para sua terra... proteção contra o quer que a pudesse cruzar.

E lá foi ela imediatamente, com uma leve carranca no rosto. Mas de alguma forma, lá em cima, no topo do Giz, estava tudo certo. Sempre estava. Inclusive naquele dia.

Ou não? Pois, para surpresa de Tiffany, ela não foi a única atraída pelo antigo círculo naquele dia. Enquanto ela girava no ar fresco e limpo, ouvindo o vento e as folhas dançando em seus pés, reconheceu o brilho do cabelo ruivo, um vislumbre de pele azul tatuada... e ouviu um "Disgraça" murmurado como uma onda particularmente alegre de folhas que estavam presas nos chifres de uma caveira de coelho usada como capacete.

— A Kelda elazinha mesma me enviou aqui para ficar de olho nessas pedras —, disse Rob Qualquerum de seu ponto de vista privilegiado em um afloramento rochoso próximo. Ele estava examinando a paisagem como se estivesse procurando invasores. De onde quer que eles viessem. Principalmente se passassem por um círculo.

— E se algum desses fudidus quiser voltar e tentar novamente, vamos de estar sempre prontos para eles, cê sabe —, acrescentou esperançoso. — Tenho certeza de que podemos oferecer a eles nossa melhor hospitalidade Feegle. — Ele ergueu seu corpo azul e magro até seus quinze centímetros e brandiu sua claymore contra um inimigo invisível.

O efeito, pensou Tiffany, não pela primeira vez, era bastante impressionante.

— Aqueles invasores antigos estão todos mortos há muito tempo — , ela disse antes que pudesse se conter, mesmo tendo seus segundos pensamentos[1] lhe prevenido para ouvir primeiro e com cuidado. Se Jeannie – esposa de Rob e Kelda do clã Feegle – tivesse visto problemas surgindo, bem, era provável que problemas estivessem a caminho.

— Mortos? Bem, nós também —, disse Rob.[2]

— Infelizmente — , Tiffany suspirou. — Naqueles tempos antigos, os mortais simplesmente morriam. Não voltavam como vocês parecem fazer.

— Eles fariam isso se tivessem um pouco do nosso engrossado.

— O que é isso? — Perguntou Tiffany.

— Bem, é uma espécie de mingau com tudo dentro e, se possível, cê sabe, um gole de conhaque ou um pouco do linimento de ovelha da sua velha vovó.

Tiffany riu, mas a inquietação permaneceu. Preciso falar com Jeannie, ela pensou. Preciso saber por que ela e minhas botas estão sentindo a mesma coisa.

Quando chegaram ao grande monte gramado que abrigava o intricado labirinto da residência dos Feegle, Tiffany e Rob foram até o trecho de arbustos que escondia a entrada principal e encontraram Jeannie sentada do lado de fora, comendo um sanduíche.

---

[1] Primeiros Pensamentos significa que você pode ver o que realmente existe, e Segundos Pensamentos significa pensar sobre o que você está pensando. E no caso de Tiffany, às vezes havia Terceiros e Quartos Pensamentos, embora estes fossem bastante difíceis de administrar e às vezes a levassem a bater em portas. N.A.

[2] Os Feegles acreditavam que deviam estar mortos, pois o mundo em que viviam agora era grandioso, repleto de tantas oportunidades para roubar, lutar e beber. Uma terra digna de heróis mortos. N.A.

Carneiro, pensou Tiffany com apenas uma ponta de aborrecimento. Ela estava bem ciente do acordo com os Feegles; sob o qual eles poderiam ter uma ovelha velha ocasional em troca da diversão de lutar contra os corvos, que de outra forma atacariam os cordeiros jovens; os quais, aliás, estavam dando o seu melhor para fazer o que os cordeiros faziam de melhor: se perder e morrer. Os cordeiros perdidos no Giz tinham agora um novo truque; o de ruflarem em alta velocidade pelas colinas, às vezes de costas, com um Feegle debaixo de cada pata minúscula, à medida que eram devolvidos ao rebanho.

Uma Kelda precisava ter um grande apetite, pois havia apenas uma Kelda em um clã Nac Mac Feegle; e ela tinha muitos filhos, além de uma ocasional filha sortuda. Cada vez que Tiffany via Jeannie, a pequena Kelda estava um pouco mais larga e um pouco mais redonda.[3] Aqueles quadris davam trabalho e Jeannie certamente estava trabalhando duro para aumentá-los agora, enquanto enfrentava o que parecia ser meia perna de ovelha entre dois pedaços de pão. Não era uma tarefa fácil para uma Feegle de apenas quinze centímetros de altura e à medida que Jeannie aumentasse e se tornasse uma velha e sábia Kelda, a palavra "cinto" não significaria mais algo para segurar seu kilt, mas apenas algo para marcar seu equador.

Os jovens Feegles estavam pastoreando caracóis e lutando. Eles ricocheteavam uns nos outros, nas paredes e, às vezes, nas próprias botas. Eles sempre ficavam maravilhados com Tiffany, vendo nela uma espécie de Kelda. Então, enquanto ela se aproximou, pararam de brigar e olharam para ela, nervosos.

[3] Às vezes, literalmente, já que uma Kelda geralmente dava à luz cerca de sete bebês Feegle por vez. A própria Jeannie gerou uma filha em sua primeira ninhada. N.A.

— Façam fila, rapazes, mostrem à bruaca o quanto vocês têm trabalhado duro —, disse a mãe com orgulho na voz, limpando uma mancha de gordura de carneiro dos lábios.

Ah, não, pensou Tiffany. O que é que eu tenho de ver? Espero que não envolva caracóis.

Porém, Jeannie apenas disse: — Deixem sua bruaca ouvir o ABC de vocês, agora. Vamos, comece, Jock-um-pouco-mais-piquininho-que-Jock- piquininho.

O primeiro Feegle da fila coçou seu spog[4] e de lá tirou um pequeno besouro. Parecia ser um fato da vida que o spog de um Feegle sempre irar coçar, pensou Tiffany, possivelmente porque o que está guardado nele ainda poderia estar vivo.

Jock-um-pouco-mais-piquininho-que-Jock- piquininho engoliu em seco.

— A de arpão —, ele berrou. — Para fazer um baita rombo na sua cabeça, cê sabe —, acrescentou ele com orgulho.

— B é de bota! — Gritou o próximo Feegle, limpando algo que parecia lodo de caracol na frente do seu kilt. — Para pisar na sua cabeça.

— C é de claymore[5] e caralhu; e vou encher cê de chute se tentar enfiar essa espada em mim mais uma vez —, gritou o terceiro feegle, virando-se e se atirando em um de seus irmãos.

Um objeto amarelado em forma de meia-lua caiu no chão, enquanto a briga se espalhava pelos arbustos, e Rob o agarrou e tentou escondê-lo nas costas.

---

[4] Uma bolsa que todo Feegle leva na cintura contendo insetos interessantes, pedras da sorte e outras coisas descritíveis e indescritíveis. N.T.

[5] Um tipo de espada escocesa. N.T.

Tiffany franziu os olhos. Aquilo parecia suspeito. Sim, um pedaço de unha velha!

— Beem —, disse Rob, arrastando os pés, — você está sempre cortando esses pedacinhos daqueles senhores velhos que você visita quase todos os dias. Eles voam pelas jinelas e ficam ali caídos, pra que quem quiser pegar. E eles são duros como unhas, sabe.

— Sim, é porque são unhas... — começou Tiffany, depois parou. Afinal de contas, talvez alguém como o velho senhor Banal gostaria de saber que partes do seu corpo ainda estavam prontas para uma briga. Mesmo que ele próprio não conseguisse sair da cadeira sem ajuda atualmente.

A Kelda puxou-a para o lado e disse: — Bem, cabritinha, seu nome está na boca da terra. Ela fala com você, *Tir-far-thóinn*, Terra Sob as Ondas. Você fala com ela?

— Sim — , disse Tiffany. — Mas só às vezes. Mas eu escuto, Jeannie.

— Não todo dia? — Perguntou a kelda.

— Não, não todo dia. Tantas, tantas coisas para fazer.

— Eu sei disso —, disse a Kelda. — Cê sabe que eu cuido d´ocê. Eu vigio ocê na minha cabeiça, mas também vejo você zunindo sobre a minha. E cê deve se lembrar que parece qui tá morta há muito tempo.

Tiffany suspirou, cansada até os ossos. Fazer a Ronda das Casas... era isso que você fazia se fosse uma bruxa compassiva. Era o que ela e todas as outras bruxas faziam para preencher as lacunas do mundo, fazendo coisas que tinham que ser feitas: carregar lenha para uma senhora idosa ou preparar uma panela de ensopado para o jantar; trazer um remédio à base de ervas para uma perna dolorida ou uma dor

incômoda, buscar uma cesta de ovos "que sobraram" ou roupas de segunda mão para um bebê em uma casa onde o dinheiro era escasso e ouvir; ah, sim, sempre ouvindo os problemas e preocupações das pessoas. E as unhas dos pés. Aquelas unhas dos pés, tão duras que pareciam pedra, e às vezes um velho sem amigos ou família tinha aquelas unhas torcidas dentro das botas.

Porém, a recompensa por tanto trabalho parecia ser apenas muito mais dele. Se você cava os maiores buracos, simplesmente lhe dão uma pá maior.

— Hoje, Jeannie —, ela disse lentamente, — eu ouvi a terra. Ela me disse para ir para o círculo.

Havia uma pergunta pairando no ar.

A Kelda suspirou. — Ainda num vej' isso com clareza, mas tem. alguma coisa que num tá certa, Tiffan —, ela disse. — O véu entre nossus mundos é fino e pode ser facilmente quebrado, cê sabe. As pedras estão de pé, então o portal num tá aberto... e a raíinia dos Elfos não está mais tão forte depois que cê mandou ela de volta pro País das Fadas. E também não vai tá com muita pressa de encontrar ocê novamente, mas... ainda tô com medo. Posso sentir iss' agora, com'um nevoero se chegando.

Tiffany mordeu os lábios. Se a Kelda estava preocupada, sabia que deveria ficar também.

— Num si avexi —, Jeannie disse suavemente, observando Tiffany de perto. — Quando cê precisar dos Feegles, nós vamu tá lá c'ocê. Até lá, vamu ficá di zóiu n'ocê.

Ela deu uma última mordida em seu sanduíche e lançou um olhar diferente para Tiffany enquanto mudava de assunto. — Cê tinha um

rapaz... Preston, achu qu'era assim que cê chamava ele. Cê vê ele muito? — De repente, seu olhar ficou tão afiado quanto um machado.

— Bem —, disse Tiffany, — ele trabalha duro, assim como eu. Ele no hospital e eu no Giz. — Para seu horror, sentiu que começava a corar; o tipo de rubor que começa nos dedos dos pés e vai subindo até o rosto até parecer um tomate. Ela não devia corar! Não como uma mocinha do campo com seu "galante". Ela era uma bruxa!

— Escrevemos um para o outro —, acrescentou ela em voz baixa.

— E isso é o bastante? Cartas?

Tiffany engoliu em seco. Certa vez, ela pensara - todos pensaram - que ela e Preston poderiam ter um entendimento, sendo ele um garoto educado, administrando a nova escola no celeiro da fazenda dos Dolorida até que tivesse economias suficientes para ir estudar na cidade grande e ser um médico. Agora todos ainda pensavam que tinham um entendimento, incluindo Tiffany e Preston. Exceto. Ela tinha que fazer o que todos esperavam que ela fizesse?

— Ele é muito bom, conta piadas maravilhosas e é ótimo com as palavras —, ela tentou explicar. — Mas... gostamos do nosso trabalho, nós dois, na verdade; você pode dizer que somos o nosso trabalho. Preston está trabalhando duro no Hospital Gratuito Lady Sybil. E não consigo deixar de pensar na Vovó Dolorida e no quanto ela gostava da vida dela, lá em cima, só ela, as ovelhas e seus dois cachorros, Trovão e Relâmpago, e... — Ela parou e Jeannie colocou uma pequena mão de tez trigueira em seu braço.

— Você acha que esta é uma boa maneira de se viver, garota?

— Bem, eu gosto do que estou fazendo e isso ajuda às pessoas.

— Mas, quem ajuda você? Essa sua vassoura voa por tanta parte, qu'eu acho que às vezes vai até pegar fogo. Cê cuida de todo mundo... mas quem cuida d' ocê? Se Preston está fora, bem, aqui você tem seu amigo, o Barão, e sua nova esposa. Certamente eles se preocupam com seu povo. E preocupam-se o suficiente para ajudar.

— Eles se importam —, disse Tiffany, lembrando-se com um estremecimento de como todos também pensaram que ela e Roland, agora o Barão, tiveram um Entendimento. Por que eles estavam tão interessados em tentar encontrar um marido para ela? Seria tão difícil encontrar marido se ela quisesse um? — Roland é um homem decente, embora ainda não seja tão bom quanto seu pai se tornou. E Letícia... Letícia, ela pensou. Tanto ela quanto Letícia sabiam que Letícia sabia fazer magia, mas agora estava apenas desempenhando o papel da Jovem Baronesa. E ela era boa nisso... tão boa que Tiffany se perguntou se Ser uma baronesa poderia acabar vencendo o Ser uma Bruxa, no fim das contas. Certamente envolvia muito menos confusão.

— Cê já fez coisas que outras pessoas não dariam crédito —, continuou Jeannie.

— Bem —, disse Tiffany, — há muito a ser feito e não há pessoas suficientes para fazê-lo.

O sorriso que a Kelda deu a ela foi estranho. A pequena mulher replicou: — Cê deixa elas tentar? Cê não devia di ter medo de pedir ajuda. Orgulho é uma coisa boa, garota, mas com o tempo vai te matar.

Tiffany riu. — Jeannie, você está sempre certa. Mas eu sou uma bruxa, então o orgulho está nos ossos. — Isso lhe trouxe à mente Vovó Cera-do-Tempo... a bruxa que todas as outras bruxas consideravam a mais sábia e mais velha de todas. Quando Vovó Cera-do-Tempo dizia coisas, ela nunca parecia orgulhosa... mas nem precisava. Apenas estava

ali, embutido em sua essência. Na verdade, tudo o que uma bruxa precisaria ter em seus ossos, Vovó Cera-do-Tempo o tinha aos borbotões. Tiffany esperava, um dia, que ela mesma pudesse ser uma bruxa tão forte.

— Beem, tá certo, iss'aí tudo —, disse a Kelda. — Cê é nossa bruaca das colinas e nós precisamos qui nossa bruaca tenha algum orgulho. Mas a gente gostaria também que cê tivesse uma vida própria. — Seu olhar solene estava fixo em Tiffany agora. — Então vásimbora e siga pr'onde o vento soprar você.

O vento rugia furioso nos Distritos, soprando por toda parte como se estivesse perturbado; uivando em torno das chaminés da mansão de Lorde Swivel, que ficava cercada por hectares de parque e só podia ser alcançada em uma longa viagem... descartando visitas de qualquer pessoa que não estivesse em posse de pelo menos um cavalo decente.

Isso deixava de fora a maioria das pessoas comuns da região, que eram em sua maioria agricultores e estavam ocupadas demais para se dar ao trabalho de fazer tal coisa, de qualquer maneira. E qualquer cavalo que pudessem ter seria grande e de pernas peludas e seria geralmente visto atrelado a uma carroça. Os cavalos magros e meio loucos que cabriolavam pelos caminho ou puxavam as carruagens normalmente transmitiam uma classe de homem muito diferente: alguém que sempre teve terras e dinheiro, mas frequentemente também, muito pouco queixo. E cuja esposa às vezes se parecia com seu cavalo.

O pai de Lorde Swivel herdou o dinheiro e o título do pai, um grande mestre de obras, mas que era também um bêbado que desperdiçara quase tudo que tinha.[6] Não obstante, o jovem Harold Swivel negociou e negociou, e sim, deu voltas e fraudou, até restaurar à fortuna e acrescentar duas alas à mansão da família que ele encheu com objetos caros e feios.

Ele tinha três filhos, o que muito o agradava, pois sua esposa havia produzido um extra além dos habituais "herdeiro e herdeiro-reserva". Lorde Swivel gostava de estar à frente de todos os outros, mesmo que a vantagem viesse apenas na forma de um filho com quem ele não se importava muito.

Harry, o mais velho, não ia muito à escola porque agora cuidava da propriedade, ajudava o pai e aprendia com quem valia a pena conversar e quem não valia.

O número dois era Hugh, que sugerira ao pai que gostaria de tomar o hábito e se tornar um homem da igreja. Seu pai havia dito: — Só se for a Igreja de Om, mas nenhuma das outras. Não vou permitir que nenhum filho meu se envolva com seitas![7]

Om ficava habilmente em silêncio, permitindo assim que seus sacerdotes interpretassem seus desejos como quisessem. Surpreendentemente, os desejos de Om raramente se traduziam em instruções como "Alimente os pobres" ou "Ajude os idosos"; era mais no

---

[6] O pai de Lorde Swivel considerava que não fora um desperdício e que tinha gostado muito de beber a fortuna da família. Pelo menos, pensou isso até beber tanto que caiu de um tropeção feio e conheceu um cavalheiro com uma decidida falta de carne nos ossos e com a adição definitiva de uma foice, alguns anos antes do que deveria. N.A.

[7] Ele sabia também que os deuses às vezes podiam fazer pedidos inconvenientes. Ele tinha um sócio que escolheu seguir o deus crocodilo Offler e então descobriu que precisava manter um aviário de pássaros limpadores de dentes à mão para satisfazer os caprichos dentais de seu deus. N.A.

sentido de "Você precisa de uma residência esplêndida" ou "Por que não servir sete pratos para o jantar?". Um clérigo na família podia de fato ser útil.

Seu terceiro filho foi Geoffrey. E ninguém sabia ao certo o que pensar de Geoffrey. E não menos importante, o próprio Geoffrey.

O tutor que Lorde Swivel contratou para seus meninos chamava-se senhor Agastado. Os irmãos mais velhos de Geoffrey o chamavam de "Agitado", às vezes até na cara dele. Mas para Geoffrey, o senhor Agastado foi um presente dos deuses. O tutor havia chegado com uma enorme caixa com seus próprios livros, muito consciente de que algumas grandes casas mal tinham um único livro; a menos que os livros fossem sobre batalhas do passado em que um membro da família tivesse sido espetacular e estupidamente heroico. O senhor Agastado e seus maravilhosos livros ensinaram a Geoffrey sobre os grandes filósofos Ly Tin Weedle, Orinjcrates, Xeno e Ibid, e os célebres inventores Goldeneyes Silverhand Dactylos e Leonard de Quirm, e Geoffrey começou a descobrir o que ele poderia fazer de si mesmo.

Quando não estavam lendo e estudando, o senhor Agastado levava Geoffrey para desenterrar coisas – ossos antigos e lugares antigos – ao redor dos Distritos; e contava-lhe coisas sobre o universo nas quais ele nunca havia pensado. Quanto mais aprendia, mais tinha sede de conhecimento e desejava saber tudo sobre a Grande Tartaruga A'Tuin e as terras além dos Distritos.

— Com licença, senhor —, disse ele um dia ao seu tutor. — Como você se tornou professor?

O senhor Agastado riu e disse: — Alguém me ensinou, é assim que acontece. E ele me deu um livro, e depois disso eu lia qualquer livro

que encontrasse. Assim como você, jovem senhor. Vejo você lendo o tempo todo, não apenas nas aulas.

Geoffrey sabia que seu pai zombava do professor, mas sua mãe havia intervindo, dizendo que Geoffrey tinha um grande futuro por construir em suas mãos.

Seu pai fez zombaria disso. — Tudo o que ele tem nas mãos é lama e gente morta, e quem se importa onde está Fourecks? Ninguém nunca vai lá![8]

Sua mãe parecia cansada, mas ficou do lado dele mesmo assim, dizendo: — Ele lê muito bem e o senhor Agastado ensinou-lhe três línguas. Ele pode até falar um pouco de Offlerano!

Novamente seu pai zombou. — Só é útil se ele quiser ser dentista! Rá, por que perder tempo aprendendo línguas? Afinal, todo mundo fala Ankh-Morporkiano hoje em dia.

Mas a mãe de Geoffrey disse-lhe: — Você lê, meu filho. Ler é o caminho para cima. O conhecimento é a chave de tudo.

Pouco depois, o tutor foi demitido por Lorde Swivel, que disse: — Muita bobagem por aqui. Não é como se o garoto valesse grande coisa. Não como seus irmãos.

As paredes da mansão podiam captar vozes muito distantes e Geoffrey ouviu isso e pensou: Bem, seja lá o que eu escolher ser, não vou ser como meu pai!

Sem o tutor, Geoffrey perambulou pelo lugar aprendendo coisas novas, andando muito com McTavish, o cavalariço que era tão velho

---

[8] Era verdade, mas muita gente veio de Fourecks, como costuma acontecer com um lugar do qual ninguém nunca ouviu falar. Eles apenas nunca se preocupavam em voltar novamente. N.A.

quanto as colinas, mas que de alguma forma ainda era conhecido como "rapaz". Ele conhecia todos os cantos dos pássaros do mundo e também conseguia imitá-los.

E McTavish estava lá quando Geoffrey encontrou Mefistófeles.

Uma das velhas cabras havia parido e, embora tivesse dois filhos saudáveis, havia um terceiro cabrito escondido na palha; um pequenino que a mãe rejeitara.

— Vou tentar salvar este cabritinho —, declarou Geoffrey. E ele passou a noite toda trabalhando para manter o recém-nascido vivo, espremendo o leite da mãe e deixando o filhote lamber o dedo até que ele dormisse pacificamente ao lado dele em um fardo de feno aberto, o que mantinha os dois aquecidos.

Ele é tão pequeno, pensou Geoffrey, olhando nos olhos de fenda do cabritinho. Tenho que dar uma chance a ele.

E o garoto respondeu e se tornou um cabrito forte e com um coice diabólico. Ele seguiria Geoffrey por toda parte; e abaixaria a cabeça e se prepararia para atacar qualquer um que achasse que ameaçava seu jovem mestre. Como muitas vezes isso significava qualquer pessoa ao seu alcance, muitos servos ou visitantes se viam saltando rapidamente para fora do caminho quando confrontados com os chifres abaixados do animal.

— Por que você chamou aquele bode infernal de Mefistófeles? — Perguntou McTavish um dia.

— Eu li isso em um livro.[9] Dá para perceber que é um nome muito bom para um bode —, respondeu Geoffrey.

---

[9] Provando assim que os livros podem lhe ensinar muito, nem que seja para lhe dar um bom nome para um bode diabólico e esperto. N.A.

Geoffrey cresceu, passando de um menino a um rapaz e depois a um rapaz maior, sabiamente captando a atenção do pai apenas ocasionalmente.

Então, um dia, McTavish selou um cavalo para ele e eles cavalgaram até os campos nos limites da propriedade de Lorde Swivel e rastejaram silenciosamente até uma toca de raposa na floresta. Lá, como já haviam feito muitas vezes antes, observaram a mãe brincar com seus filhotes.

— É bom ver isso —, sussurrou McTavish. — Uma raposa deve de comer pra alimentar seus filhotes. Mas elas gostam demais de galinhas, para o meu gosto. Eles matam coisas que são importantes para nós, e nós matamos elas. Assim é que o mundo é.

— Não deveria ser —, disse Geoffrey, com tristeza em sua voz, enquanto seu coração se compadecia pela mãe-raposa.

— Mas precisamos das galinhas e devemos protegê-las. E é por isso que caçamos raposas —, disse McTavish. — Eu te trouxe aqui hoje, Geoffrey, porque tá chegando a hora em que seu pai vai querer que você se junte à caçada. Desta sua raposa aqui, talveiz.

— Entendo —, disse Geoffrey. Ele sabia sobre a caça, é claro, já que era obrigado a observá-los cavalgar todos os anos, desde que era bebê. — Devemos proteger as nossas galinhas e o mundo pode ser cruel e sem piedade. Mas fazer disso um jogo não é certo, não. É terrível! É apenas execução. Devemos matar tudo? Matar uma mãe que está alimentando seus filhotes? Recebemos tanto e não devolvemos nada. — Ele se levantou e voltou para o cavalo. — Eu não quero caçar, McTavish. Dou minha palavra, não gosto de odiar – nem odeio meu pai – mas eu gostaria de ver a caçada sendo colocada em um lugar escuro.

McTavish parecia preocupado. — Acho que vós precisa de ter cuidado, jovem Geoffrey. Você sabe como é seu pai. Ele é um pouco chucro.

— Meu pai não é um pouco chucro, McTavish; para ele só falta uma coleira —, disse amargamente.

— Bem, então, e se você tentar falar com ele, ou com sua mãe, talvez ele entenda que você não está pronto para se juntar à caçada?

— Não adianta —, disse Geoffrey. — Quando ele uma põe uma coisa na cabeça, ninguém tira de lá. Às vezes ouço minha mãe chorando... ela não gosta de ser vista chorando, mas sei que ela chora.

Foi aí que, ao levantar a vista para observar um falcão pairando, que ele pensou consigo mesmo: ali tem liberdade. E liberdade é o que eu quero.

— Eu gostaria de voar, McTavish —, disse ele, acrescentando: — como os pássaros. Como Langas.[10]

E quase imediatamente ele viu uma bruxa voando sobre uma vassoura, seguindo o falcão; ele então apontou para cima e disse: — Eu quero ser uma dessas. Eu quero ser uma bruxa.

Mas o velho disse: — Não é pra vós, garoto. Todo mundo sabe que homens não podem ser bruxas.

– Por que não? – Perguntou Geoffrey.

---

[10] A lenda de Pilotus e de seu filho Langas, que queriam voar como os pássaros, era conhecida por todos os meninos instruídos. De fato, eles construíram asas costurando penas e penugem de cardo. O menino pelo menos voou um pouco, mas seu pai idoso e corpulento caiu. A moral da história é: entenda o que você está fazendo antes de fazê-lo. N.A.

O velho encolheu os ombros e disse: — Ninguém sabe. — E Geoffrey disse: — Eu quero saber.

No dia da primeira caçada de Geoffrey, ele trotou com os demais, pálido mas determinado. Este é o dia em que devo tentar me defender, pensou.

Logo a nobreza local estava galopando pelo campo, alguns levando isso ao extremo, correndo para dentro de valas, através de cercas vivas ou por cima de portões, muitas vezes sem suas montarias, enquanto Geoffrey cuidadosamente mantinha sua posição bem na retaguarda da multidão, até que pudesse evadir-se desapercebido. Ele circulou pela floresta na direção oposta à caçada, com o coração doendo, especialmente quando os latidos dos cães se transformaram em ganidos alegres quando a presa foi derrubada.

Então chegou a hora de voltar para casa. Lá, todos estavam naquele estágio feliz de uma caçada onde "amanhã" é ainda uma palavra que significa alguma coisa e você ganha uma caneca de bebida quente generosamente misturada com algo não muito diferente do Linimento Especial de Ovelha da avó de Tiffany. Uma recompensa para os heróis que retornavam! Eles haviam sobrevivido à caçada. Viva! Eles davam grandes tragos e mal e mal, os sorviam, e a bebida escorria por seus queixos inexistentes.

Lorde Swivel, porém, olhou para o cavalo de Geoffrey – o único animal que não estava coberto de suor e com as pernas salpicadas de lama – e sua ira parecia não ter fim.

Os irmãos de Geoffrey seguraram-no enquanto a mãe lhes implorava com o olhar, mas sem sucesso. Ela desviou o rosto enquanto Lorde Swivel espalhava sangue de raposa no rosto de Geoffrey.

Sua Excelência estava quase incandescente em sua raiva.

— Onde você estava? Você deveria estar presente na matança! — Ele rosnava. — Você vai fazer isso, meu jovem... e vai gostar! Tive que fazer isso quando era jovem, e meu pai também antes de mim. E você também o fará. É uma tradição. Você entende? Cada membro masculino da nossa família foi marcado no sangue na sua idade. Quem é você para dizer que está errado? Tenho vergonha de você!

Então veio aquilo, o sibilar do chicote nas costas de Geoffrey.

E Geoffrey, com o rosto pingando sangue da raposa, olhou para a mãe. — Ela era uma coisa linda! Por que matá-la dessa maneira? Por diversão?

— Por favor, não aborreça seu pai —, implorou sua mãe.

— Eu sempre as vejo na floresta e você simplesmente as caça. Você as pode comer? Não. Nós fazemos o que nem tem nome; perseguimos e matamos o que não podemos comer, apenas pelo sangue. Por diversão.

Outra chicotada.

Aquilo doeu. Porém Geoffrey de repente ficou cheio de... do que? De repente ele teve a incrível sensação de que as coisas poderiam ser corrigidas e disse a si mesmo: eu posso fazê-lo.. Sei que posso. Ele se ergueu em toda a sua altura e se libertou do aperto de seus irmãos.

— Devo agradecer-lhe, pai —, disse ele com um vigor inesperado. — Aprendi algo importante hoje. Mas não vou deixar você me bater de novo, nunca mais e nem você me verá novamente, a menos que possa mudar. Você me entende? — Seu tom era estranhamente formal agora, como se fosse condizente com a ocasião.

Harry e Hugh olharam para Geoffrey com uma espécie de admiração e esperaram pela explosão, enquanto o resto da comitiva de caça, que dera a Lorde Swivel espaço para lidar com o filho, pararam de fingir que não estavam olhando. O mundo da caça estava desequilibrado, o ar congelado, mas de alguma forma conseguindo também parecer prender a respiração. No silêncio carregado, Geoffrey conduziu o cavalo para os estábulos, deixando Lorde Swivel parado ali como uma pedra.

Ele deu feno ao cavalo, tirou a sela e as rédeas e estava escovando o animal quando McTavish se aproximou dele e disse: — Muito bem, jovem Geoffrey. — Então, surpreendentemente franco, o cavalariço acrescentou baixinho: — vós se defendeu, no justo. Não deixe aquele desgraçado te destruir.

— Se continuar falando assim, McTavish, meu pai pode expulsar você —, alertou Geoffrey. — E você gosta daqui, não é?

— Bem, rapaz, cê está certo. Estou velho demais para mudar meus hábitos agora, eu acho —, respondeu McTavish. — Mas cê se manteve firme e nenhum outro homem poderia fazer o mesmo e nem melhor. Acho que vós vai nos deixar agora, Mestre Geoffrey!?

— Infelizmente, sim —, disse Geoffrey. — Mas obrigado, McTavish. Espero que meu pai não desconte em você por estar falando comigo.

— Ele não fará isso, nunca, não enquanto eu ainda for útil —, disse o *rapaz* cavalariço mais velho do mundo disse. — De qualquer forma, depois de todos esses anos, passei a conhecer ele. Ele é como uma daquelas coisas vulcânicas. Explosões poderosas e perigosas por um tempo; e não se importa com quem é pego pelas pedras em brasa que

voam em todas as direções, mas ainda assim explode no final. Pessoas espertas ficam fora de vista até que tudo acabe.

— Vós tem sido muito amável e respeitoso comigo, Mestre Geoffrey. Acho que você puxou a sua mãe. Uma senhora adorável, sempre tão boa comigo e tão prestativa quando minha Molly estava morrendo. Eu me lembro disso. E vou me lembrar de vós também.

— Obrigado — , disse Geoffrey. — E vou me lembrar de você, também.

McTavish acendeu um cachimbo enorme e soltou uma nuvem de fumaça para o alto. — Acho que cê vai querer levar embora esse seu maldito bode.

— Sim —, disse Geoffrey. — Mas acho que não posso opinar sobre o assunto... Mefistófeles decidirá por si mesmo. Geralmente é o que ele faz.

McTavish lançou-lhe um olhar de soslaio. — Tem comida, Mestre Geoffrey? Algum dinheiro? Penso que cê não vai querer entrar em casa agora. Vou te dizer uma coisa, vou emprestar pra vós um pouco de dinheiro até cê descobrir onde quer ficar.

— Não —, Geoffrey disse. — Não, não posso aceitar!

— Sou seu amigo, Mestre Geoffrey. Como eu disse, sua mãe tem sido boa comigo e eu devo muito a ela. Cê vai voltar para ver ela algum dia. E quando cê fizer isso, procure o velho McTavish.

Geoffrey foi buscar Mefistófeles e atrelou-o à pequena carroça que McTavish tinha feito para ele. Ele carregou algumas coisas na carroça, pegou as rédeas, estalou a língua e saíram do pátio do estábulo.

Enquanto os delicados cascos do bode ecoavam pelo caminho, McTavish disse para si mesmo: "Como o menino consegue? Aquele bode infernal dá uma surra em todo mundo que vem aqui. Mas não Geoffrey."

Se Geoffrey tivesse olhado para trás, teria visto o olhar suplicante da mãe enquanto ela soluçava; e enquanto o pai continuava ali parado como uma estátua, espantado com tal desafio. Seus irmãos fizeram menção de segui-lo, mas pararam quando viram a raiva nos olhos do pai.

Geoffrey e seu bode, então, partiram em busca de uma nova vida. Agora, pensou ele, enquanto dobravam a primeira das muitas curvas da estrada e ele avançava em direção ao seu futuro, não tenho para onde ir.

Mas o vento sussurrou: "Lancre".

Em Lancre, não tinha sido um bom dia para Vovó Cera-do-Tempo. Um jovem lenhador que trabalhava no alto das montanhas Ramtops quase cortou o próprio pé. E num dia em que o Igor residente estava em outro lugar e, portanto, não estava ali para consertá-lo. Quando Vovó chegou ao acampamento na sua vassoura velha e frágil, viu imediatamente que o rapaz estava numa situação ainda pior do que ela esperava. Ele estava fazendo o possível para parecer corajoso na frente de seus companheiros, que estavam agrupados ao seu redor tentando animá-lo, mas ela podia ver a dor em seu rosto.

Enquanto ela examinava os danos, ele gritou por sua mãe. — Você, rapaz —, disse Vovó bruscamente, lançando um olhar penetrante para

seu companheiro mais próximo. — Você sabe onde mora a família desse rapaz? E ante ao aceno assustado do garoto – o chapéu pontudo de uma bruxa muitas vezes parecia deixar os rapazes subitamente muito assustados – ela continuou: — Vá lá então. Corra. Diga à senhora que estou trazendo o filho dela e que ela precisará de água quente e uma cama limpa. E eu disse "limpa", preste atenção. — E enquanto o rapaz saía correndo, a vovó olhou firme para os outros, mansamente postados ao redor. — Vocês outros —, disse ela bruscamente, — não fiquem parados. Façam uma maca com um pouco dessa madeira que está por aí para que eu possa levar seu amigo até lá.

O pé do rapaz estava quase pendurado e sua bota estava cheia de sangue. Vovó cerrou os dentes e começou a trabalhar com tudo o que tinha no seu arsenal e com todo o conhecimento acumulado ao longo de muitos anos, silenciosa e suavemente, tirando-lhe a dor, atraindo-a para dentro de si para a segurar até conseguir libertá-la.

Seu rosto ganhou vida e seus olhos brilharam e ele começou a conversar com a bruxa como um velho amigo. Ela limpava e costurava, enquanto contava ao rapaz o que estava fazendo com uma voz alegre e calma antes de dar-lhe o que chamava de "um pouco de tintura". Para os espectadores, parecia que o rapaz estava quase voltando ao que era antes quando trouxeram para ela uma maca improvisada e o encontraram, sonhadoramente, dizendo a Vovó como chegar a sua casa.

As habitações dos lenhadores nas montanhas muitas vezes não eram melhores do que barracões e descobriu-se que o menino – um rapaz chamado Jack Abbott – e sua mãe moravam em um deles. Era uma casinha precária que se sustentava mais com terra do que com qualquer outra coisa, e quando Vovó Cera-do-Tempo chegou lá fora com a maca amarrada embaixo da vassoura, ela franziu a testa, perguntando-se

como o ferimento daquele rapaz poderia ser mantido limpo naquele ambiente. A mãe correu até o filho toda agitada, enquanto o rapaz que havia corrido até ela com a notícia ajudava Vovó a carregar a maca para dentro e a colocar o menino em um catre sobre o qual a mãe empilhara cobertores para criar uma cama adequada para um inválido.

Vovó Cera-do-Tempo disse calmamente ao menino ferido: — Você fica aí deitado e não se levanta. — E para a mãe perturbada, que torcia as mãos e fazia declarações confusas de que devia pagar alguma coisa, ela disse: — Não há necessidade de pagamento, senhora. Não é assim que nós, bruxas, trabalhamos. E voltarei para vê-lo em alguns dias e, se eu não puder vir, mande chamar a senhora Ogg. Eu conheço rapazes, e seu filho vai querer se levantar o mais rápido possível, mas guarde minhas palavras, o repouso na cama é a coisa certa para ele agora.

A mãe do garoto olhou para Vovó e disse: — Muito obrigada, senhora. Mmm, bem, nunca precisei recorrer a uma bruxa antes, e ouvi algumas pessoas por aqui dizerem que bruxas fazem coisas desagradáveis. Mas posso dizer-lhes agora que não vi nenhuma desse tipo.

— É mesmo? — Disse Vovó, lutando para manter a calma. — Bem, eu gostaria de fazer algumas coisas desagradáveis ao feitor por não ficar de olho nesses rapazes, e não deixe aquele homem dizer ao seu filho para se levantar até que eu o faça. Se ele tentar fazer isso, diga que a Vovó Cera-do-Tempo vai atrás dele por se utilizar desses jovens que não sabem muito subir em árvores. E ainda acontece que sou uma bruxa boa, mas se eu encontrar o seu filho trabalhando antes que o pé esteja curado, haverá um acerto de contas.

— Vou rezar a Om por você, senhora Cera-do-Tempo —, disse a mãe enquanto acenava em despedida para Vovó.

— Bem, diga-me depois o que ele disse —, disse Vovó, cortante. — E é madame Cera-do-Tempo, obrigada. Mas se você tiver alguma roupa velha que eu possa levar comigo quando voltar... bem, isso ajudaria. Vejo você daqui a um ou dois dias, junto com seu filho. E lembre-se de manter esse ferimento limpo.

Você, a gata branca de Vovó, estava esperando por ela quando voltou para sua casa, junto com várias pessoas querendo poções e cataplasmas. Uma ou duas procuravam conselhos, mas geralmente as pessoas tinham o cuidado de não perguntar nada a Vovó Cera-do-Tempo, uma vez que ela já tinha tendência acentuada a dar conselhos, querendo ou não; como a sabedoria de não dar soldados feitos à mão ao pequeno Johnny até ele tivesse idade suficiente para saber que não deveria enfiá-los no nariz.

Ela se ocupou por mais uma hora, distribuindo remédios para pessoa após pessoa, e só muito mais tarde percebeu que, embora tivesse alimentado a gata, ela mesma não tinha comido nem bebido desde o amanhecer. Ela aqueceu então um pouco de sopa... não foi uma boa refeição, mas a saciou.

Depois deitou-se um pouco em sua cama, embora dormir de dia fosse coisa que só as damas de alta nobreza faziam; e assim Vovó Cera-do-Tempo se permitiu não quarenta piscadelas, mas apenas uma. Afinal, sempre havia mais gente para ver e coisas para fazer.

Levantou-se depois e, apesar de já bastante tarde, saiu e limpou a latrina. E a esfregou. E ela esfregou com tanta força que podia ver seu rosto nela.

Mas de alguma forma, na água cintilante, seu rosto também podia vê-la. — Danação! — Ela disse com um suspiro, — e eu que acreditei que as coisas seriam melhores amanhã.

Capítulo DOIS

UMA VOZ NA ESCURIDÃO



ESTÁ um dia ensolarado, pensou Vovó Cera-do-Tempo, um dia perfeito de fato. Ela tinha passado a noite acordada limpando o corredor e a cozinha de seu chalé até que tudo que pudesse brilhar brilhasse: o fogão polido, o tapete de trapos sacudido e as lajes esfregadas.

Ela subiu a escada em espiral e concentrou-se no chão do quarto. Ela tinha feito um sabão muito bom naquele ano,[11] e a jarra e o pequeno lavatório ao lado da cama brilhavam. As aranhas nos cantos, que pensavam que teriam posse até o Dia do Juízo Final, foram cuidadosamente enxotadas pela janela, com teias e tudo. Até o colchão parecia limpo e saudável. De vez em quando sua gata Você aparecia para

---

[11] O sabão de Vovó era como o conselho dela: forte e ácido e doía um pouco na hora, mas funcionava. N.A.

ver o que estava acontecendo e se deitava na colcha de retalhos que era tão plana que parecia que alguém havia pisado em uma enorme tartaruga.

Vovó então limpou a privada mais uma vez, só para garantir.

Não era uma tarefa para um belo dia, mas Esmerelda Cera-do-Tempo era meticulosa nessas coisas e a privada cedeu aos seus esforços e, sim, brilhou. Brilhou maravilhosamente.

Ao observá-la, a intensidade que transparecia no rosto de sua gata era notável. Este era um dia diferente, Você percebeu. Um dia como nunca se vira. Um dia de agitação como se não houvesse outro dia; e com o interior da cabana em perfeito estado, Você agora seguia Vovó até a copa.

Um balde de água, enchido pela bomba do poço, resolveu o problema. Vovó sorriu. Ela sempre gostou da copa. Cheirava a trabalho duro sendo feito corretamente. Aqui também havia aranhas, a maioria escondidas em volta das garrafas e potes nas prateleiras, mas ela achava que as aranhas da copa não contavam. Viva e deixe viver.

Ela saiu em seguida até o cercado murado nos fundos do chalé, para ver como estavam suas cabras. O itinerário de seu pensamento era declarar que mais uma vez todas as coisas estavam em seu devido lugar.

Satisfeita, ou tão satisfeita quanto uma bruxa poderia estar, Vovó Cera-do-Tempo foi até suas colmeias.

— Vocês são minhas abelhas —, ela disse a elas. — Obrigado. Vocês me deram todo o meu mel durante anos e, por favor, não fiquem chateadas quando alguém novo chegar. Espero que vocês deem a ela tanto mel quanto me deram. E agora, pela última vez, vou dançar com vocês. — Mas as abelhas zumbiram suavemente e, em vez disso,

dançaram para ela, afastando suavemente sua mente da colmeia. E Vovó Cera-do-Tempo disse: — Eu era mais jovem quando dancei com vocês pela última vez. Mas estou velha agora. Não haverá mais danças para mim.

Você se mantinha longe das abelhas, mas caminhava pelo jardim, seguindo Vovó enquanto ela se movia entre as ervas, tocando uma folhagem ou folha quando ela passava; e todo o jardim parecia responder a ela, as plantas quase balançando a cabeça em sinal de respeito.

Você estreitou os olhos e olhou de soslaio para as plantas com o que poderia ser chamado de desagrado felino. Um observador poderia jurar que as ervas da vovó eram sapientes, pois muitas vezes se moviam sem o vento soprar. Em pelo menos uma ocasião, para horror da gata, elas se viraram para observá-la enquanto ela passava sorrateiramente em uma expedição de caça. Ela preferia plantas que faziam o que lhes mandavam, o que era principalmente permanecerem imóveis para que ela pudesse voltar a dormir.

No final das ervas, Vovó foi até à macieira que o velho senhor Parsons lhe tinha dado no ano passado, plantando-a mais ou menos onde qualquer outra pessoa teria uma cerca à volta do jardim... pois nenhuma casa de bruxa alguma vez precisou de uma cerca ou de um muro. Quem iria contrariar uma bruxa? A velha bruxa malvada na floresta? Às vezes, as histórias podem ser úteis para uma bruxa sem, é preciso dizer, qualquer habilidade para construir cercas. Vovó olhou para as pequenas maçãs que apareciam no galho; elas estavam apenas começando a crescer e, bem, o tempo estava esperando. E então ela voltou para a porta de sua casa, reconhecendo cada raiz, caule e fruto por onde passou.

Ela alimentou as cabras, que a olhavam de soslaio com os olhos semicerrados. O olhar delas a seguiu enquanto ela se voltava para as galinhas, que sempre brigavam por causa da comida. Hoje, porém, elas não brigaram, mas olharam para a velha bruxa como se ela não estivesse ali.

Com os animais alimentados, Vovó Cera-do-Tempo entrou na copa e voltou com uma muda de salgueiros. Ela começou a trabalhar, colocando cada pedaço de salgueiro resiliente no lugar certo. Depois, quando o que ela tinha feito era claramente excelente e adequado a seu fim, Vovó Cera-do-Tempo deixou-o perto do pé da escada, onde seria notado, para quem tivesse olhos para ver.

Ela arrumou os restos de seu trabalho na copa e voltou com uma pequena sacola. Uma sacola branca. E uma fita vermelha enrolada na outra mão. Ela olhou para o céu. O tempo se esvaía.

Ela caminhou rapidamente para a floresta, com Você atrás, curiosa como só uma gata pode ser até que pelo menos as primeiras oito vidas tenham se esgotado. Depois, cumprida a tarefa, Vovó Cera-do-Tempo refez seus passos em direção ao pequeno riacho que corria pela mata ali perto. Ele tilintava, gorgolejante.

Ela conhecia as florestas. Cada tronco. Cada galho. Cada criatura que vivia lá. Mais intimamente do que qualquer pessoa que não fosse uma bruxa poderia jamais conhecer. Quando seu nariz lhe disse que não havia ninguém por perto além de Você, ela abriu a bolsa, tirou uma barra de seu sabão e se despiu.

Ela entrou no riacho, ficando o mais limpa possível. E agora, enxugando-se e enrolando apenas a capa em volta do corpo lavado, ela voltou para a cabana, onde deu uma refeição extra a Você, acariciou sua

cabeça e subiu a escada rangente até seu quarto, cantarolando uma velha canção fúnebre enquanto subia.

Esmerelda Cera-do-Tempo escovou os longos cabelos grisalhos e os prendeu em seu coque habitual com um exército de grampos; e vestiu-se novamente, desta vez escolhendo seu melhor vestido de bruxa e sua calcinha menos remendada. Ela fez uma pausa para abrir a pequena janela de madeira para o ar suave da noite e cuidadosamente colocou duas moedas na mesinha de cabeceira, ao lado de seu chapéu pontudo de bruxa enfeitado com alfinetes de chapéu não usados.

A última coisa que ela fez antes de se deitar foi pegar um cartão familiar no qual havia escrito alguma coisa um pouco antes naquele dia.

E um pouco mais tarde, quando a gata pulou na cama, pareceu-lhe que algo estranho estava acontecendo. Ela ouviu o pio de uma coruja e uma raposa latiu na escuridão.

E então havia apenas a gata, Você. Sozinha. Mas se os gatos podiam ou não sorrir, esta gata o fez.

Foi uma noite estranha; as corujas piavam quase sem parar e o vento lá fora, por algum motivo, fazia os pavios das velas lá dentro balançarem com força e depois soprarem; mas Vovó Cera-do-Tempo estava vestida com sua melhor roupa e pronta para tudo.

E agora, na escuridão profunda e quente, quando o amanhecer começou a roubar furtivamente a noite, sua alma teve um visitante, um indivíduo com uma foice; uma foice com uma lâmina tão fina como a sombra que poderia separar uma alma de um corpo.

Então a escuridão falou.

ESMERELDA CERA-DO-TEMPO, VOCÊ SABE QUEM VEM, E DEVO DIZER QUE É UM PRIVILÉGIO ME OCUPAR DE VOCÊ.

— Eu sei que é você, Senhor Morte. Afinal, nós, bruxas, sempre sabemos o que está por vir —, disse Vovó, olhando para o corpo dela na cama.

Seu visitante não era um estranho, e a terra para onde ela sabia que estava indo era uma terra que ela havia ajudado muitos outros a percorrer ao longo dos anos. Pois uma bruxa está no limite de tudo, entre a luz e a escuridão, entre a vida e a morte, fazendo escolhas, tomando decisões para que outros possam fingir que nenhuma decisão foi necessária. Às vezes elas precisam ajudar alguma pobre alma nas últimas horas, ajudá-la a encontrar a porta, a não se perder na escuridão.

E Vovó Cera-do-Tempo já era bruxa há muito, muito tempo.

ESMERELDA CERA-DO-TEMPO, JÁ NOS ENCONTRAMOS TANTAS VEZES ANTES, NÃO É?

— Tantas que nem dá para contar, senhor Ceifador. Bem, você finalmente me pegou, seu velho desgraçado. Tive o tempo da minha estação, sem dúvida; e nunca fui das que querem se fazer notar ou das que reclamam.

ACOMPANHEI SEU PROGRESSO COM INTERESSE, ESMERELDA CERA-DO-TEMPO, disse a voz no escuro. Era uma voz firme, mas, ó, tão polida. Mas agora havia uma pergunta nesta voz. MAS, EU ROGO, DIGA-ME, POR QUE VOCÊ SE CONTENTOU EM VIVER NESTE PEQUENINO PAÍS QUANDO, E VOCÊ SABE, PODERIA TER SIDO QUALQUER COISA E QUALQUER PESSOA NO MUNDO?

— Não sei muito sobre o mundo, não muito; mas na minha parte do mundo eu poderia fazer pequenos milagres para as pessoas comuns —, respondeu a vovó com severidade. — E eu nunca quis o mundo...

apenas uma parte dele, uma pequena parte que eu pudesse manter segura, que eu pudesse manter longe das tempestades. Não as do céu, você entende; existem outros tipos.

E VOCÊ DIRIA QUE SUA VIDA BENEFICIOU O POVO DE LANCRE E ARREDORES?

Depois de um minuto a alma da Vovó Cera-do-Tempo disse: — Bem, sem me gabar, Vossa Complacência, acho que fiz o que era certo, pelo menos para Lancre. Nunca estive nos arredores.

MADAME CERA-DO-TEMPO, A PALAVRA "ARREDORES" SIGNIFICA, BEM, O QUE ESTÁ LOGO DEPOIS.

— Tudo bem —, disse Vovó. — Eu consegui cuidar do *vem logo depois*, com certeza.

UMA VIDA MUITO BEM VIVIDA, DE FATO, ESMERELDA.

— Obrigado — , disse Vovó. — Dei o meu melhor.

MUITO MAIS QUE O SEU MELHOR, disse Morte. E ESTOU ANSIOSO PARA ACOMPANHAR SUA SUCESSORA ESCOLHIDA. JÁ NOS ENCONTRAMOS ANTES.

— Ela é uma boa bruxa, com certeza —, disse a sombra de Vovó Cera-do-Tempo. — Não tenho nenhuma dúvida.

VOCÊ ESTÁ LIDANDO MUITO BEM COM TUDO ISSO, ESMÊ CERA-DO-TEMPO.

— É uma inconveniência, é verdade, e não gosto nada disso, mas sei que você faz isso por todos, Senhor Morte. Existe alguma outra maneira?

NÃO, NÃO HÁ, EU RECEIO. ESTAMOS TODOS FLUTUANDO NOS VENTOS DO TEMPO. MAS A SUA CANDEIA, MADAME CERA-DO-TEMPO, VAI PISCAR POR ALGUM TEMPO ANTES DE SE APAGAR... UMA PEQUENA RECOMPENSA POR UMA VIDA BEM VIVIDA. POIS POSSO VER O EQUILÍBRIO E VOCÊ DEIXOU O MUNDO MUITO MELHOR DO QUE O ENCONTROU, E SE VOCÊ ME PERGUNTAR, disse Morte, NINGUÉM PODERIA FAZER MELHOR DO QUE ISSO.

Não havia luz, nenhum ponto de referência, exceto as duas minúsculas cabeças de alfinetes azuis brilhando nas órbitas oculares da Morte em pessoa.

— Bem, valeu a pena fazer a viagem e vi muitas coisas maravilhosas no caminho, inclusive você, meu confiável amigo. Devemos ir agora?'

MADAME, NÓS JÁ FOMOS.

À luz da manhã, num lago de uma aldeia perto de Fatia, bolhas vieram à tona, às quais se seguiu a Senhorita Umaturga, a caçadora de bruxas. Não havia ninguém ali para observar esse acontecimento notável, exceto seu burro, Joseph, pastando continuamente na margem do rio. Claro, ela disse a si mesma com tristeza enquanto pegava a toalha, todos me deixam em paz hoje em dia.

Ela suspirou. Era uma pena quando os velhos costumes desapareciam. Uma boa caça às bruxas era algo que ela gostava de fazer nos velhos tempos... ela até treinara para isso. Todas aquelas aulas de

natação e prática com nós no Colégio para Jovens Damas de Quirm. Ela se tornara capaz de derrotar as turbas debaixo d'água, se necessário. Ou, pelo menos, trabalhar para quebrar seu próprio recorde de desatar os nós simples que todos pensavam que funcionavam com a bruxa desagradável.

Agora, mergulhar um pouco no lago havia se tornado mais um hobby, e ela tinha a desagradável sensação de que outras pessoas a estavam copiando depois que ela passava por suas aldeias. Ela até ouviu falar de um clube de natação sendo inaugurado em um pequeno vilarejo perto de Ham-on-Rye.[12]

A senhorita Umaturga pegou na toalha para se enxugar e regressou à sua pequena caravana, colocou em Joseph o seu embornal de café-da-manhã e colocou a chaleira no fogo. Sentou-se sob as árvores para comer o pão e o bacon que a esposa de um fazendeiro lhe dera no dia anterior em agradecimento por uma tarde aprendendo a ler.

A Senhorita Umaturga sorrira ao sair porque os olhos da mulher bastante idosa estavam brilhando. — Agora —, ela disse, — poderei ver o que há naquelas cartas que Alfred recebe, especialmente aquelas que cheiram a lavanda. — A Senhorita Umaturga perguntou-se se não seria uma boa ideia apressar-se ao deixar a casa. Antes que Alfred recebesse outra carta, de qualquer maneira.

Com o estômago cheio, pronta para o dia seguinte, ela sentiu uma inquietação no ar; com o que não havia nada a fazer senão fazer um Emaranhado.

Um Emaranhado é uma ferramenta de ajuda de bruxa para a concentração interior e sempre devia ser feito na hora e no local onde

---

[12] Uma ideia popular entre os jovens, pois achavam que todos – e "todos" definitivamente incluíam as jovens – deveriam nadar sem roupa. N.A.

se estava, quando necessário, para captar o momento. Poderia ser feito de praticamente qualquer coisa, mas precisava incluir algo vivo. Um ovo serviria, embora a maioria das bruxas preferisse guardar o ovo para o jantar, caso ele explodisse sobre elas. A senhorita Umaturga vasculhou os bolsos. Um piolho, um lenço sujo, uma meia velha, uma noz de castanheiro ancestral, uma pedra furada e um cogumelo venenoso que o senhorita Umaturga não conseguiu identificar e por isso não se arriscou a comer.

Ela amarrou-os habilmente com um pedaço de barbante e um pedaço que sobrou de um elástico de calcinha.

Então ela puxou os fios. Mas havia algo errado. Com um som que reverberou pela clareira, o emaranhado de objetos se lançou no ar e girou, se retorcendo e girando em rotações.

— Bem, isso vai complicar as coisas —, gemeu a Senhorita Umaturga.

Do outro lado da mata, perto da casa de Vovó Cera-do-Tempo, Tia Ogg quase derrubou um pote de sua melhor cidra caseira em seu gato, Greebo. Ela guardava seus potes de cidra na fonte sombreada perto de seu chalé. O gato pensou em rosnar, mas depois de olhar para sua dona ele tentou ser um bom menino, pois o rosto normalmente alegre de Tia Ogg estava como um trovão naquela manhã.

E ele a ouviu murmurar: — Deveria ter sido eu.

Em Genua, durante uma visita real com seu marido Verence, a rainha Magrat de Lancre, ex-bruxa, descobriu que, embora pudesse pensar que havia se aposentado da magia, a magia não havia se retirado dela. Ela estremeceu quando a onda de choque se espalhou pelo mundo como um tsunami, uma indicação de que as coisas iriam ser... diferentes.

No Empório de Novidades e Piadas de Boffo, em Ankh-Morpork, todas as almofadas de peidos trombetearam em uma harmonia triste.

Enquanto estava em Quirm, Agnes Nitt, bruxa e cantora, acordou com a sensação de tristeza conhecida por muitos. Ou seja, a de que ela poderia ter feito papel de boba na festa de pré-estreia da noite anterior.[13] E que com certeza ainda estava acontecendo bem atrás de seus olhos. Então, de repente, ela ouviu o lamento de sua Perdita interior.

Na grande cidade de Ankh-Morpork, na Universidade Invisível, Ponder Stibbons tinha acabado de terminar um longo café da manhã quando entrou no porão do Edifício de Magia de Alta Energia. Ele parou e ficou boquiaberto de espanto. À sua frente, Hex calculava a uma

---

[13] Embora Agnes tivesse a desculpa muito útil de que se ela se comportasse mal, poderia não ser Agnes fazendo a dança do *Diabo entre os Pictos* em cima da na mesa, mas sua outra personalidade, Perdita, que era muito mais extrovertida e, aliás, muito mais magra. N.A.

velocidade que Ponder nunca tinha visto antes. E ele ainda nem tinha feito uma pergunta! Ou puxado a Grande Alavanca. Os tubos pelos quais as formigas rastejavam para fazer seus cálculos estavam turvos com seus movimentos. Aquilo era... aquilo ao lado da engrenagem era um congestionamento de formigas? Ponder teclou uma pergunta para Hex: O que você sabe que eu não sei? Por favor, Hex.

Houve uma briga nos formigueiros e a resposta foi cuspida: *Praticamente tudo.*

Ponder reformulou sua pergunta com mais cuidado, com o número necessário de cláusulas SE e ANTES. Era tudo muito prolixo e complicado; um pedido enorme para um bruxo com apenas uma refeição e ninguém mais teria entendido o que Ponder queria dizer; mas depois de um grande soluço de formigas, Hex disparou: *Estamos lidando com a morte de Vovó Cera-do-Tempo.*

Ponder foi então até o Arqui-reitor, Mustrum Ridcully, que definitivamente quereria ouvir esta notícia.

No Salão Oblongo do Patriciado de Ankh-Morpork, Lorde Vetinari observou espantado enquanto suas palavras cruzadas do Times se resolviam por si mesmas.

Bem acima das Ramtops, no mosteiro de Oi Dong, o Abade dos Monges da História lambeu seu lápis místico e fez uma anotação.

A gata chamada Você ronronou como uma espécie de moinho de vento felino.

Naquele momento, em viagem, Eskarina, uma mulher que já fora uma maga, segurou a mão de seu filho e conheceu a tristeza.

Mas em um mundo brilhante do outro lado do Disco, um mundo onde os sonhos poderiam se tornar reais – onde aqueles que viviam lá gostavam de se esgueirar para outros mundos e ferir e destruir e roubar e envenenar – um senhor de elfos chamado Flor-de-Ervilha sentiu um tremor poderoso disparar pelo ar; como uma aranha sentiria uma presa pousar em sua teia.

Ele esfregou as mãos de alegria. Uma barreira desapareceu, ele sussurrou para si mesmo. Eles estarão fracos.

De volta ao Giz, a Kelda dos Pequenos Homens Livres observou seu fogo tremeluzir e pensou: A bruxa das bruxas está viajando para as belas terras.

— Cuidado por onde cê anda, bruaca das bruacas. Sentiremos muita falta d'ocê. — Ela suspirou e então chamou seu marido, o Grande Homem do clã. — Rob, tô com receio por nossa bruaca piquininha

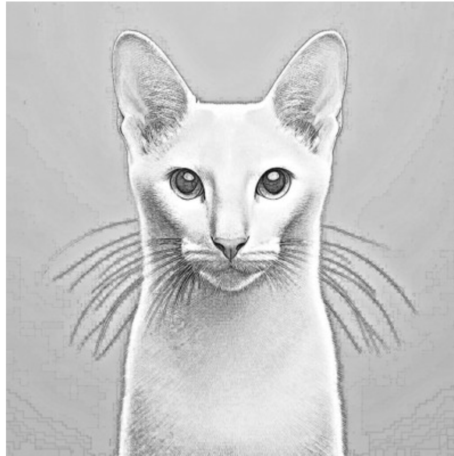
grandona. Ela vai precisar d'ocê. Vai encontrar ela. Pega um tanto dos mininus e vai até ela.

Jeannie entrou apressada em seu quarto para buscar seu caldeirão. As bordas do noss' mundo já num serão tão fortes, ela disse para si mesma. Preciso di sabê o que tá vindo.

E ao longe, em algum lugar impensável, um cavalo branco era desmontado por uma figura com uma foice com, é preciso dizer, alguma tristeza.

Capítulo TRÊS

UM MUNDO DE CABEÇA PARA BAIXO



NUM PEQUENO chalé em um pequeno vilarejo nos campos ondulados do Giz, pululante de ovelhas, Tiffany Dolorida estava com as mangas arregaçadas e suava tanto quanto a futura mãe – uma jovem apenas alguns anos mais velha que ela mesma – que estava se apoiando nela. Tiffany já havia ajudado a pôr mais de cinquenta bebês no mundo, além de muitos e muitos cordeiros; e era geralmente considerada uma parteira experiente.

Infelizmente, a mãe da senhorita Milly Standish e várias outras mulheres de diversas idades, que afirmavam ser parentes e reivindicaram seu direito a um lugar naquela sala muito pequena,

pensavam que elas próprias eram especialistas e estavam generosamente contando a Tiffany o que ela estava fazendo de errado.

Uma ou duas delas já lhe haviam dado conselhos antiquados, errados e possivelmente perigosos, mas Tiffany manteve a calma e tentou não gritar com ninguém, concentrando-se em lidar com o fato de que Milly estava para ter gêmeos. Ela esperava que as pessoas não pudessem ouvir seus dentes rangendo.

Sempre seria um parto difícil, com dois bebês barulhentos brigando entre si para serem os primeiros a sair. Tiffany, porém, estava focada nas novas vidas e não permitiria ao senhor Morte um lugar naquela sala. Outro empurrão suado da jovem mãe, e primeiro um e depois outro bebê veio ao mundo gritando para ser entregue à avó e a uma vizinha.

— Dois rapazes! Maravilhoso! — Disse a velha mãe Standish com uma nítida nota de satisfação.

Tiffany enxugou as mãos e à testa e continuou a cuidar da mãe enquanto a multidão arrulhava sobre os recém-chegados. E então ela percebeu algo. Havia outra criança naquela jovem espaçosa. Sim, um terceiro bebê estava chegando, mal notado por causa dos irmãos que lutavam à sua frente.

E só então, Tiffany olhou para baixo e em uma leve névoa amarelo-esverdeada viu uma gata toda branca e tão indiferente quanto uma duquesa, olhando para ela. Era a gata da Vovó Cera-do-Tempo, Você... Tiffany conhecia bem a gata; ela mesma a havia dado a própria Vovó Cera-do-Tempo havia poucos anos. Para seu horror, uma das senhoras mais velhas foi enxotá-la.

Tiffany quase gritou.

— Senhoras, essa gata pertence a Vovó Cera-do-Tempo —, disse ela rispidamente. — Pode não ser uma boa ideia irritar uma bruxa muito experiente.

O bando recuou, de súbito. Mesmo ali no Giz, o nome de Madame Cera-do-Tempo causava um efeito profundo. Sua reputação tinha-se espalhado por toda a parte e para cada vez mais longe, uma que Vovó Cera-do-Tempo tinha o hábito de viajar... os anões das Planícies de Sto tinham até um nome para ela que se traduzia como "Vá para o Outro Lado do Montanha".

E Tiffany, suando de novo, se perguntou por que o gato da vovó estava ali. Normalmente Você estaria perambulando pela casa de Vovó Cera-do-Tempo em Lancre, e não aqui no Giz. As bruxas viam presságios por toda parte, é claro. Então, era algum tipo de presságio?

Algo a ver com o que Jeannie dissera? Não pela primeira vez, ela se perguntou como é que os gatos pareciam ser capazes de estar em um lugar em um momento e depois, quase ao mesmo tempo, reaparecer em outro lugar.[14]

Houve um grito de dor da jovem mãe e Tiffany cerrou os dentes e voltou sua atenção para o trabalho que tinha em mãos. As bruxas cumprem a tarefa que está diante delas e o que estava diante dela naquele momento era uma jovem mãe em dificuldades e outra cabecinha.

— Um grande empurrão, Milly, por favor. Você vai ter trigêmeos. — Milly gemeu.

---

[14] Ela não sabia, mas um jovem e perspicaz filósofo de Ephebe ponderou exatamente sobre o mesmo enigma, até que uma manhã foi encontrado - a maior parte dele, pelo menos - rodeado por vários gatos ronronantes e muito bem alimentados. Ninguém pareceu interessado em continuar seus experimentos depois disso. N.A.

— Outro. Uma pequena —, disse Tiffany alegremente, quando uma menina chegou, ilesa, muito bonita para uma recém-nascida e pequena. Ela entregou a menina para outro parente e então a realidade voltou.

Quando Tiffany começou a se situar, ela percebeu – porque perceber era o estado fundamental de sua condição de bruxa – que havia muito mais arrulhos por parte dos dois meninos do que por sua irmã. Era sempre bom reconhecer essas coisas, guardá-las e mantê-las em mente, para que um pequeno problema não se transformasse, um dia, num problema maior.

As senhoras haviam trazido a cadeira da família para Milly, para que ela pudesse sentar-se com elegância e receber os parabéns da multidão.

Elas também estavam ocupadas se parabenizando, balançando a cabeça sabiamente sobre os conselho dados, que tinham sidos, claramente, os conselhos certos, já que aqui estava a evidência. Dois garotos robustos! Ah, e uma garotinha.

Garrafas foram abertas e uma criança foi trazida e ordenada a atravessar os campos para encontrar o pai, que estava trabalhando na cevada com seu próprio pai. Mamãe estava radiante, especialmente porque a jovem Milly logo seria a senhora Robinson; porque mamãe havia se esforçado muito, muito mesmo, e se certificado de que o jovem Mister Robinson definitivamente cumpriria seu dever para com sua filha. Não havia nenhum problema quanto a isso; afinal, este era o país onde o rapaz conheceria a moça, tal como Milly conhecera o seu namorado na Vigília-do-Porco, e a natureza acabaria por seguir o seu curso, até ao momento em que a mãe da rapariga notasse o inchaço. Ela então contaria ao marido e o marido, tomando um copo de cerveja,

conversaria com o pai do menino, que então conversaria com o menino. E geralmente funcionava.

Tiffany foi até a senhora que segurava a menina. — Posso vê-la só por um momento, por favor, só para ver se ela está, você sabe, se ela está bem?

A velha desdentada entregou a menina com entusiasmo. Afinal, ela sabia que Tiffany, além de ser parteira, era uma bruxa, e você nunca sabe o que uma bruxa pode fazer se você ficar do lado errado de uma bruxa. E quando a velha vovó foi pegar sua parte da bebida, Tiffany pegou a criança nos braços e sussurrou uma promessa para ela em uma voz tão baixa que ninguém poderia ouvir.

Esta menina claramente precisaria de um pouco de sorte em sua vida. E com alguma sorte, agora, ela conseguiria alguma sorte. Ela a levou de volta para a mãe, que não pareceu muito impressionada com ela.

A essa altura, Tiffany notou, os meninos já tinham nomes, mas a menina não. Preocupada com isso, Tiffany disse: — E a sua garota? Ela não pode ter um nome?

A mãe levantou os olhos. — Ela vai ter o seu nome. Tiffany é um nome bonito.

Tiffany ficou lisonjeada, mas isso não tirou a preocupação com a bebê Tiffany. Aqueles garotos grandes e robustos iriam receber a maior parte do leite, ela pensou. Mas não seria assim se ela pudesse fazer algo a respeito. Então decidiu que aquela família em particular seria visitada quase todas as semanas, durante algum tempo.

Então não havia nada a fazer, a não ser dizer: — Tudo parece bem e você sabe onde me encontrar; de qualquer forma verei você na

próxima semana. E se me derem licença, senhoras, tenho outras pessoas para ver.

Ela continuou sorrindo até que se viu fora do chalé; daí pegou a vassoura e o gato branco pulou no cabo dela como uma figura de proa. O mundo está mudando, pensou Tiffany... posso sentir isso.

De repente ela captou um lampejo vermelho que mostrava um ou dois Feegle escondidos atrás de uma batedeira de leite. Tiffany já havia sido, pelo menos por alguns dias, a Kelda do Nac Mac Feegle, e isso criara um vínculo entre eles que nunca poderia ser quebrado. E eles estavam sempre lá; sempre, cuidando dela, certificando-se de que nenhum mal acontecesse à sua bruaca piquininha grandona.

Mas havia algo diferente hoje. Essa espreita não era de alguma forma como a espreita habitual deles, e...

— Oh, lastimo, lastimo —, exclamou uma voz. Era Wullie Doido, um Feegle que estava em outro lugar quando os cérebros dos Feegle – que para começar já eram pequenos – foram distribuídos. Ele foi calado de repente com um "hmmpf" quando Rob colocou a mão em sua boca.

— Fecha sua goela, Wullie. — Isso é assunto de bruxa, cê sabe —, ele disse, saindo para ficar na frente de Tiffany, arrastando os pés e girando o capacete de caveira de coelho nas mãos. — É a grande bruaca —, ele continuou. — Jeannie me disse para ti buscá...

Todos os pássaros do dia, e os morcegos e as corujas da noite conheciam Tiffany Dolorida e não voavam em seu caminho quando ela estava ocupada, e a vassoura voava pelo ar até Lancre. O pequeno reino ficava a uma longa distância do Giz e Tiffany encontrou sua mente se enchendo de uma névoa cinzenta invisível; e nesse pensamento não havia nada além de tristeza. Ela podia sentir a si mesma tentando voltar

no tempo; mas mesmo a melhor bruxaria não conseguiria fazer isso. Ela tentou não pensar, mas é difícil impedir seu cérebro de funcionar, não importa o quanto você tente. Tiffany era uma bruxa, e uma bruxa aprendia a respeitar seus pressentimentos, mesmo que esperasse que o que temia não fosse verdade.

Já era noite quando ela pousou silenciosamente a vassoura do lado de fora da casa de Vovó Cera-do-Tempo, onde viu o inconfundível vulto redondo de Tia Ogg. A bruxa mais velha tinha uma caneca de cerveja na mão e parecia desnorteada.

Você, a gata, pulou da vassoura instantaneamente e entrou na cabana. Os Nac Mac Feegles a seguiram, fazendo Você correr um pouco mais rápido, daquele jeito que os gatos correm quando querem parecer, ah, sim, que foi decisão deles acelerar e, ah, não, nada a ver com as figurinhas ruivas se confundindo nas sombras da cabana.

— Que bom ver você, Tiff —, disse Tia Ogg. — Ela está morta, não está? — Tiffany perguntou.

— Sim —, disse a Tia. — Esmê se foi. Durante o sono, ontem à noite, pelo que parece.

— Eu sabia —, disse Tiffany. — Sua gata me contou. E a Kelda enviou Rob...

Tia Ogg olhou no rosto de Tiffany e disse: — fico feliz em ver que você não está chorando, minha querida; isso é para mais tarde. Você sabe como Vovó queria as coisas: sem barulho ou gritos e, definitivamente, sem choro. Há outras coisas que devem ser feitas primeiro. Você pode ajudar, Tiff? Ela está lá em cima e você sabe como são aquelas escadas.

Tiffany olhou e viu a grande e fina cesta de vime que Vovó havia feito, esperando na escada. Era quase exatamente do mesmo tamanho da vovó. Sem o chapéu, é claro.

Tia Ogg disse: — Essa era Esmê, já vi tudo. Fazia tudo ela mesma.

O chalé de Vovó Cera-do-Tempo fora construído em grande parte com rangidos, e você poderia tocar uma música com eles se quisesse. Com o acompanhamento do harmonioso trabalho em madeira, Tiffany seguiu Tia Ogg enquanto ela soprava e bufava pela pequena escada apertada que subia e girava como uma cobra – a Tia sempre dizia que era preciso um saca-rolhas para passar por ela – até que chegaram ao quarto e ao pequeno e triste leito de morte.

Poderia, pensou Tiffany, ser a cama de uma criança; e ali, bem arrumada, estava a própria Vovó Cera-do-Tempo, parecendo estar apenas dormindo. E lá também na cama, ao lado de sua dona, estava Você, a gata.

Havia um cartão familiar no peito da vovó e um pensamento repentino atingiu Tiffany como um gongo.

— Tia, não acha que a vovó poderia simplesmente estar pegando emprestado, não é? Você acha que enquanto o corpo dela está aqui, o seu verdadeiro eu está...? Em outro lugar? — Ela olhou para o gato branco enrolado na cama e acrescentou esperançosa: — Em você?

Vovó Cera-do-Tempo era especialista em Empréstimos... mover sua mente para a de outra criatura, usar seu corpo, compartilhar suas experiências.[15] Era uma feitiçaria perigosa, pois uma bruxa inexperiente corria o risco de se perder na mente do outro e nunca mais voltar. E,

---

[15] E suas refeições. É incrível como uma noite como uma coruja, comendo ratazanas, pode realmente deixar um gosto desagradável na boca. N.A.

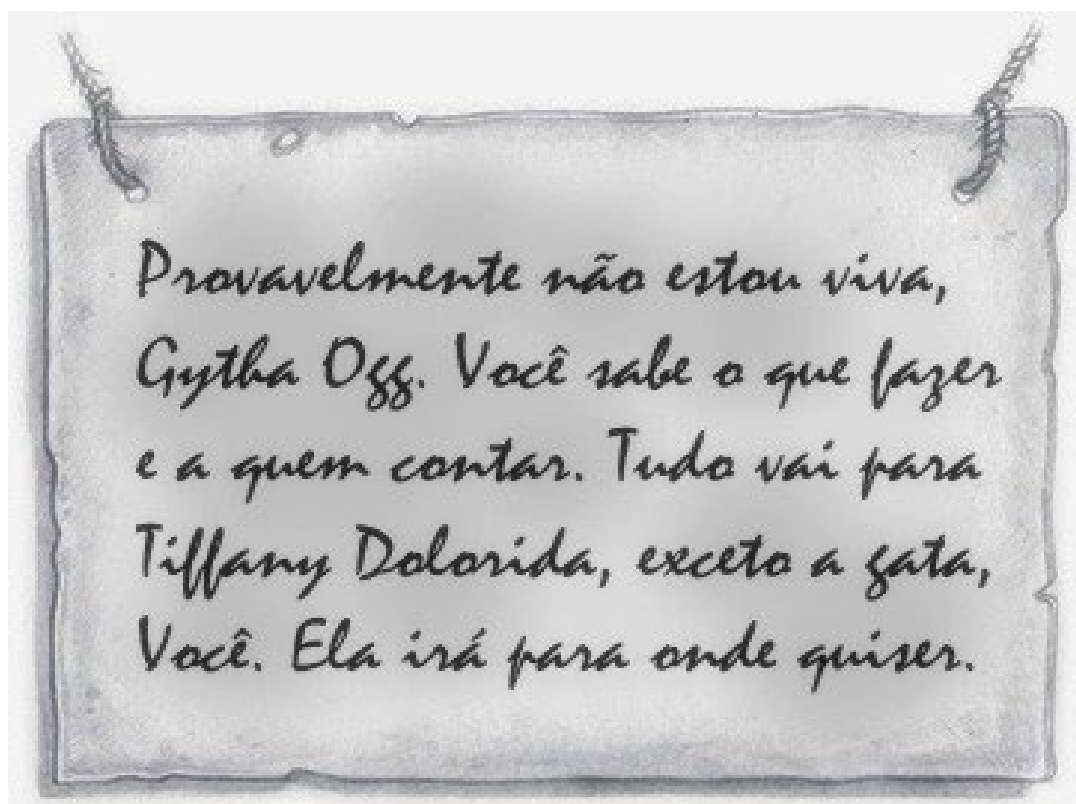
claro, enquanto estamos longe do corpo, as pessoas podem ter uma ideia errada.

Tia Ogg pegou silenciosamente o cartão do peito da vovó. Elas olharam juntas:



Tia Ogg virou-o enquanto a mão de Tiffany rastejava em direção ao pulso de Vovó Cera-do-Tempo e – mesmo agora, mesmo quando cada átomo de sua bruxa lhe dizia que Vovó não estava mais lá – a parte jovem dela tentava sentir pelo menos a menor batida de vida. No verso

do cartão, porém, havia uma mensagem manuscrita que praticamente colocava o último fio na cesta de salgueiro mais abaixo.



Em voz baixa, Tiffany disse: — Não é mais "provavelmente". — E então o resto do bilhete surgiu em sua mente. — O que...? O que ela quis dizer com "tudo vai para Tiffany...?" — Sua voz foi sumindo enquanto olhava, pasma, para Tia Ogg.

— Sim —, disse a Tia. — Essa é a letra de Vovó, com certeza. E é o bastante para mim. Você fica com a casa e os terrenos ao redor, as ervas e as abelhas e tudo mais no lugar. Ah, mas ela sempre me prometeu o conjunto rosa de jarro e bacia. — Ela olhou para Tiffany e continuou: — você não se importa, eu espero?

Me importar? Pensou Tiffany. Tia Ogg está me perguntando se eu me importo? E então sua mente pensou: duas herdades?[16] Quer dizer, não precisarei morar com meus pais. Mas serão muitas viagens. E o pensamento principal a atingiu como um raio. Como posso seguir os passos de Vovó Cera-do-Tempo? Ela é... era... *Inseguível*!

Tia Ogg não se tornou uma velha bruxa sênior sem aprender uma ou duas coisas ao longo do caminho. — Não ponha o carro adiante dos bois ainda, Tiff — ela disse rapidamente. — Isso não resolveria nada e só iria incomodar aos bois. Haverá muito tempo depois para conversar sobre tudo isso. Neste momento, precisamos de prosseguir com o que deve ser feito.

Tiffany e Tia Ogg haviam lidado com a morte muitas vezes. Nas Ramtops, as bruxas faziam as coisas que tinham de ser feitas para tornar os que partiam apresentáveis para o próximo mundo... as coisas um pouco confusas sobre as quais não se falava e outras pequenas coisas, como abrir uma janela para a alma sair. Na verdade, Vovó Cera-do-Tempo já havia aberto a janela, embora sua alma, pensou Tiffany, provavelmente pudesse sair de qualquer lugar e ir para qualquer lugar que ela quisesse.

Tia Ogg ergueu as duas moedas da mesinha de cabeceira e disse: — Ela as deixou prontas para nós. Bem a cara da Esmê. Pensando em tudo até o fim. Podemos começar?

Infelizmente a Tia trouxera da copa a garrafa de aguardente de pêssego triplamente destilada de Vovó Cera-do-Tempo... apenas para uso medicinal; ela disse que isso iria ajudá-la enquanto realizava os ritos para sua irmã de ofício. Mas, muito embora elas tratassem Vovó Cera-

---

[16] Herdade, a área de atuação de uma bruxa. N.T.

do-Tempo como se fosse uma joia preciosa, Tia Ogg bebendo durante o trabalho definitivamente não ajudou.

— Ela parece bem, não é? — Disse Tia Ogg depois que as partes desagradáveis – e, abençoada fosse, Vovó ainda tinha todos os dentes – terminaram e acabaram. — É uma pena. Sempre pensei que eu seria a primeira a ir, com a minha bebida e coisas assim; especialmente essas coisas assim. Já fiz muito dessas coisas assim. — De fato, Tia Ogg tinha feito muita coisa, e era comummente considerada tão liberal que se podia puxar a sua mente pelas orelhas e amarrar um chapéu com ela.

— Vai haver um funeral? — Perguntou Tiffany.

— Bem, você conhecia Esmê. Ela não gostava desse tipo de coisa; "nunca foi dessas que querem aparecer"[17] e nós, bruxas, não gostamos muito de funerais. Vovó dizia que eram uma confusão.

Tiffany pensou no único funeral de outra bruxa em que esteve.

A falecida Senhorita Traição, para quem ela havia trabalhado, queria muita confusão. E ela também não queria perder o evento, de modo que enviou convites com antecedência. E foi o que ela teve. Um funeral memorável.

Enquanto colocavam Vovó Cera-do-Tempo para dormir, como a ela o chamava, Tia Ogg disse: — A Rainha Magrat precisa ser avisada. Ela está em Genua neste momento com o rei, mas ouso dizer que ela chegará o mais breve possível, com todas essas ferrovias e tudo mais. Qualquer outra pessoa que precise saber provavelmente já sabe, ouça o que eu digo. Mas amanhã bem cedo, antes de eles chegarem, enterraremos Esmê do jeito que ela sempre quis, tranquilamente e sem

[17] Ela nunca precisou. Vovó Cera-do-Tempo era como a proa de um navio. Os mares se separavam quando ela aparecia. N.A.

barulho, naquela cesta de vime lá embaixo. Cestos de vime são muito baratos e rápidos de fazer, Esmê sempre dizia. E você conhecia Esmê; era uma pessoa tão frugal... nada era desperdiçado.

Tiffany passou a noite na cama dobrável, uma coisa minúscula que geralmente era posta de lado quando não era necessária. Tia Ogg tinha-se contentado com a cadeira de balanço lá embaixo, que rangia e reclamava cada vez que ela balançava para trás. Mas Tiffany não dormiu. Houve uma série de períodos de quase-sono enquanto a luz da lua penetrava no quarto; e toda vez que ela olhava para cima, lá estava Você, a gata, dormindo ao pé da cama da vovó, enrolada como uma pequena lua branca.

Tiffany já havia observado os mortos muitas vezes, é claro; era costume que uma alma que partisse tivesse companhia na noite anterior a qualquer funeral ou sepultamento, como se o objetivo fosse alertar a qualquer coisa que pudesse estar à espreita: essa pessoa era importante; há alguém aqui para garantir que nada de mal se insinue neste momento de perigo. O rangido noturno da madeira enchia a sala agora e Tiffany, totalmente acordada, ouviu Vovó Cera-do-Tempo começar a emitir seus próprios sons enquanto seu corpo se acomodava. Já fiz isso muitas vezes, ela disse a si mesma. É o que nós, bruxas, fazemos. Não falamos sobre isso, mas fazemos. Observamos os mortos para ver se nenhum mal lhes aconteça vindo da escuridão. Embora, como disse Tia Ogg, talvez sejam os vivos o que você devia vigiar pois, apesar do que a maioria das pessoas pensava, os mortos não faziam mal a ninguém.

O que eu faço agora? Ela pensou logo às primeiras horas da noite.

O que vai acontecer amanhã? O mundo está de cabeça para baixo. Não posso substituir Vovó. Nem em cem anos. E então ela pensou: O

que a jovem Esmerelda disse quando Tia Gripes lhe contou que sua herdade era o mundo inteiro?

Ela se torceu e se virou, depois abriu os olhos e olhou para cima de repente para ver uma coruja olhando para ela do parapeito da janela, seus enormes olhos pendurados na escuridão como uma lanterna para outro mundo.

Outro presságio? Vovó gostava de corujas.

Agora seus Segundos Pensamentos estavam em ação, pensando sobre o que ela estava pensando. *Você não pode dizer que não é boa o suficiente; nenhuma bruxa diria isso,* disseram a ela. *Quer dizer, você sabe que é muito boa, sim; as bruxas mais velhas sabem que uma vez você expulsou a Rainha das Fadas do nosso mundo e viram você passar pelo portão com o Colmeeiro. Todos elas viram você voltar também.*

Mas isso era suficiente? Seus Primeiros Pensamentos se intrometeram. Depois... depois de fazermos o que temos que fazer, eu poderia colocar outra muda de roupa de baixo e voltar para casa em minha vassoura. Eu tenho que ir de qualquer maneira, mesmo que eu assuma esta herdade. Tenho que contar aos meus pais. E vou precisar de ajuda no Giz. Será um pesadelo se eu tiver que estar em dois lugares ao mesmo tempo. Eu não sou como um gato.

E enquanto ela pensava isso, olhou para baixo e lá estava Você olhando para ela, mas não apenas olhando... era um olhar penetrante do tipo que só os gatos conseguem fazer; e pareceu a Tiffany que isso significava: Continue com seu trabalho, há muito trabalho a ser feito. Não pense em apenas em você. Pense em todos.

Então o cansaço finalmente veio em seu auxílio e Tiffany Dolorida dormiu algumas horas.

De manhã, os "clacks"[18]soavam enquanto enviavam a notícia sobre a morte de Vovó Cera-do-Tempo, e aqueles que receberam a mensagem lidaram com ela cada um à sua maneira.

No escritório de sua mansão, a Senhora Lacrainha[19]recebeu a notícia enquanto escrevia seu próximo livro sobre *Mágika Floral* e teve uma súbita sensação de que algo estava errado, de que o mundo estava torto. Ela colocou a expressão certa de pesar no rosto e foi contar ao marido, um mago idoso, tentando manter sua alegria escondida ao perceber o que isso poderia significar: ela, a Senhora Lacrainha, seria uma das bruxas mais antigas do reino de Lancre. Talvez ela pudesse levar sua última garota para aquela velha cabana na floresta? Seu rosto afilado ficou ainda mais nítido quando ela pensou em quão *mágiko* ela poderia fazer aquilo parecer com a ajuda de algumas redes amaldiçoadas, amuletos, símbolos rúnicos, estrelas prateadas, cortinas de veludo preto e... ah, sim, a essencial bola de cristal.

Ela chamou sua mais recente aprendiz para pegar sua capa e vassoura e calçou seu melhor par de luvas pretas rendadas, aquelas com

---

[18] No livro The Fifth Elephant [O Quinto Elefante], Pratchett trouxe pela primeira vez aos Clacks, uma rede de torres de semáforos óticos para comunicações a longa distância. O sistema, aliás, foi baseado em sistema idêntico inventado pelo francês Claude Chappe em 1792 e consistia em torres com um pilar de madeira no topo com braços móveis que se movimentavam para diversas posições associadas a letras do alfabeto. No livro The Fifth Elephant [O Quinto Elefante], Pratchett trouxe pela primeira vez aos Clacks, uma rede de torres de semáforos óticos para comunicações a longa distância. O sistema, aliás, foi baseado em sistema idêntico inventado pelo francês Claude Chappe em 1792 e consistia em torres com um pilar de madeira no topo com braços móveis que se movimentavam para diversas posições associadas a letras do alfabeto. N.T.

[19] Pronuncia-se La-cra-iiinia. N.A.

símbolos prateados costurados na ponta de cada dedo. Ela precisaria fazer uma Entrada Inesquecível.

No Empório Boffo Novidades e Brincadeiras, situado no número dez da Rua do Ovo, Ankh-Morpork, "Tudo para a bruxa que tem pressa", a Senhora Proust disse:

— Uma pena, mas a velha garota deu o melhor de si.

As bruxas não têm líderes, é claro, mas todos sabiam que Vovó Cera-do-Tempo tinha sido a melhor líder que não tinham, então agora alguém precisaria dar um passo à frente para guiar as bruxas de maneira geral. E também para ficar de olho em qualquer pessoa com tendência a uma gargalhada cacarejante.

A senhora Proust deixou de lado um dispositivo de imitação de gargalhada que havia tirado do mostruário "todos os tipos de gargalhadas", e olhou para seu filho Derek: — Vai haver uma tremenda discussão agora, ou meu nome não é Eunice Proust. Mas certamente será a jovem Tiffany Dolorida quem conseguirá essa posição. Todas nós vimos o que ela pode fazer. Ah, acredite em mim! Nós vimos de fato! — E em sua mente, acrescentou: Vá em frente, Tiffany, antes que alguém o faça.

No palácio, Drumknott, o secretário, apressou-se com o Ankh-Morpork Times até o Salão Oblongo, onde Lorde Vetinari, o patrício da cidade, estaria esperando a chegada de suas palavras cruzadas diárias.

Mas Vetinari já sabia das novidades que de fato importavam.

— Alguns problemas virão. Guarde minhas palavras, mas prevejo disputas por parte das damas. — Ele suspirou. — Alguma ideia, Drumknott? Quem você acha que subirá com a massa? — E deu uma batidinha no pomo de sua bengala de ébano enquanto considerava sua própria pergunta.

— Bem, meu Lorde —, disse Drumknott, — o boato que corre pelos "clacks" é que provavelmente seja Tiffany Dolorida. Alguém bem jovem.

— Muito jovem, sim. E competente? — Perguntou Vetinari.

— Acredito que sim, senhor.

— E essa mulher chamada Senhora Lacrainha?

Drumknott fez uma careta. — Tudo aparências, meu Lorde, não suja as mãos. Muitas joias, renda preta, conhece o tipo. Bem relacionada, isso é tudo o que posso dizer.

— Ah, sim, agora que me falou, já tive ocasião de a conhecer. Insistente e cheia de si. Do tipo que vai a festas.

— O senhor também, meu Lorde.

— Sim, mas eu sou o tirano, então é o trabalho que tenho que fazer, infelizmente. Agora, esta jovem dolorida... o que mais sabemos sobre ela? Não houve algum incômodo na última vez que ela esteve na cidade?

— Meu Lorde, os Nac Mac Feegles gostam muito dela e ela deles. Eles se consideram uma guarda de honra dela em algumas ocasiões.

— Drumknott.

— Sim, meu Lorde?

— Vou usar uma palavra que nunca usei antes. Disgraça! Não queremos Feegles por aqui novamente. Não podemos permitir isso!

— Improvável, meu Lorde. Madame Dolorida os tem em mãos e é pouco provável que queira repetir os acontecimentos da sua última visita, que afinal não teve danos duradouros.

— A Cabeça do Rei não se tornou o Pescoço do Rei?[20]

— Sim, de fato, meu Lorde, mas na verdade provou ser uma mudança bem-vinda para muitos, principalmente para o dono do pub, que ainda está enriquecendo por conta dos turistas. Está nos guias turísticos.

— Se ela tem os Nac Mac Feegles ao seu lado, ela é uma força a ser reconhecida —, refletiu Vetinari.

— A jovem também é conhecida por ser atenciosa, prestativa e inteligente.

— Sem ser insuportável? Gostaria de poder dizer o mesmo da senhora Lacrainha. Mmm —, disse Vetinari, — deveríamos ficar de olho nela...

---

[20] O único exemplo conhecido dos Feegles reconstruindo um pub que eles beberam até secar e depois demoliram. A versão reconstruída, no entanto, ficou de trás para frente. E completa, com um grande furúnculo maduro no pescoço em questão. N.A.

Mustrum Ridcully, arqui-reitor da Universidade Invisível, olhou para a parede de seu quarto e chorou de novo; depois de se recompor, mandou chamar Ponder Stibbons, seu braço direito.

— Os "clacks" confirmam o que Hex lhe contou, senhor Stibbons —, disse ele com tristeza. — A bruxa Esmê Cera-do-Tempo de Lancre, conhecida por muitos como Vovó Cera-do-Tempo, morreu. — O arqui-reitor parecia um pouco envergonhado. Havia um maço de cartas em seu colo, que ele folheava sem parar. — Tivemos um vínculo, sabe, quando éramos ambos jovens; mas ela queria ser a melhor de todas as bruxas e eu esperava um dia ser arqui-reitor. Infelizmente para nós, nossos sonhos se tornaram realidade.[21]

— Ah, que coisa, senhor. Gostaria que eu organizasse sua agenda para que possa comparecer ao funeral? Haverá um funeral, presumo...

— Senhor Stibbons, que se danem as agendas. Estou saindo agora. Agora mesmo.

— Com todo o respeito, arqui-reitor; devo lembrar-lhe, senhor, que prometeu ir a uma reunião com a Guilda dos Contadores e Usurários.

— Aqueles avarentos! Diga-lhes que tenho um questão urgente de assuntos internacionais para tratar.

Ponder hesitou. — Isso não é estritamente verdade, é, arqui-reitor? — Ridcully respondeu: — Ah, sim, é! — As regras eram para

---

[21] Provando assim que os sonhos que se realizam nem sempre são os sonhos certos. Usar sapatinho de cristal leva a uma vida confortável? Se tudo que você tocar se transformar em marshmallows, isso não vai tornar as coisas um pouco... pegajosas? N.A.

outras pessoas. Não para ele. Nem, pensou ele com uma pontada, o eram para Esmê Cera-do-Tempo.

— Há quanto tempo você trabalha para a Universidade, meu jovem? —, ele explodiu com Stibbons. — Dissimulação é o nosso negócio. Agora vou subir na minha vassoura, senhor Stibbons, e deixarei o lugar em suas mãos muito capazes.

E naquele outro mundo; aquele mundo parasita com seus pequenos ganchos malignos nos portais de pedra, um elfo estava traçando seus planos. Conspirando para tirar Feéria, a terra das fadas, do controle de uma rainha que nunca recuperou totalmente seus poderes após sua derrota humilhante nas mãos de uma jovem chamada Tiffany Dolorida. Conspirando para atacar, para saltar através de um portal que – por um tempo, pelo menos – seria tênue. Pois uma bruxa poderosa não estava mais no caminho deles. E todos naquele mundo estavam vulneráveis.

Os olhos de Lorde Flor-de-Ervilha brilharam e sua mente se encheu de imagens gloriosas de vítimas, dos prazeres da crueldade, dos esplendores de uma terra onde os elfos poderiam brincar mais uma vez com novos brinquedos.

Quando chegasse o momento certo.

Capítulo QUATRO

UMA DESPEDIDA... E BOAS-VINDAS



A GRANDE CANECA DE CIDRA que Tia Ogg rapidamente esvaziou não ajudou a fazer descer o cadáver de Vovó Cera-do-Tempo pela escada sinuosa do chalé, com seus degrauzinhos, na manhã seguinte; mesmo assim conseguiram sem solavancos.

Colocaram o corpo da vovó cuidadosamente no caixão de vime, e Tiffany foi até o celeiro buscar o carrinho de mão e as pás enquanto Tia Ogg recuperava o fôlego. Depois, juntas, colocaram delicadamente a cesta no carrinho de mão e colocaram as pás de cada lado dela.

Tiffany pegou as alças do carrinho de mão. — Cê fica aqui agora, Rob —, disse ela ao Feegle enquanto ele e seu pequeno grupo apareciam de seus vários esconderijos e se alinhavam atrás dela. — Iss'é coisa de bruaca, cê sabe. Cê não pode me ajudar.

Rob Qualquerum mexeu os pés. — Mas cê é nossa bruaca e sabe que Jeannie... — ele começou.

— Rob Qualquerum. — O olhar de aço de Tiffany o prendeu no chão. — Você se lembra da bruxa chefe? Vovó Cera-do-Tempo? Cê quer que a sombra dela volte e... lhe diga o que cê vai fazer para todo o sempre? — Houve um gemido coletivo e Wullie Doido recuou, choramingando. — Então entenda isto: isso é algo que nós, bruacas, devemos fazer sozinhas. — Ela se virou para Tia Ogg, decidida. — Onde vamos agora, Tia?

— Esmê marcou um lugar na floresta, Tiff, onde ela queria ser plantada —, respondeu Tia Ogg. — Siga-me, eu sei onde fica.

O jardim da Vovó Cera-do-Tempo ficava lado a lado com a floresta além, mas antes de chegarem ao coração da floresta a jornada pareceu um longo caminho para Tiffany. Lá, uma vara foi enfiada no chão e uma fita vermelha foi amarrada no topo

Tia Ogg passou uma pá para Tiffany e as duas começaram a cavar no ar fresco da manhã. Foi um trabalho árduo, mas Vovó tinha escolhido bem o seu lugar e o solo era macio e quebradiço.

O buraco finalmente cavado – principalmente, é preciso dizer, por Tiffany – Tia Ogg, suando a litros (segundo ela), apoiou-se no cabo da pá e tomou um gole de sua caneca enquanto Tiffany trazia o carrinho de mão. Eles colocaram a cesta de vime com cuidado no buraco e depois recuaram por um momento.

Sem dizer uma palavra, juntos, solenemente, elas se curvaram diante da cova de Vovó. E então elas pegaram as pás novamente e começaram a enchê-la novamente. Ca-tunc! Ca-tunc! A terra se

acumulou sobre o vime até que tudo o que podia ser visto era solo, e Tiffany observou-a fluir até que a última migalha parasse de se mover.

Enquanto alisavam o monte fresco de terra, Tia Ogg disse a Tiffany que Vovó dissera que não queria urnas, nem santuários e, definitivamente, nenhuma lápide.

— Mas deveria haver uma pedra —, disse Tiffany. — Você sabe como texugos, ratos e outras criaturas podem levantar a terra. Mesmo que eu soubesse que os ossos não são dela, eu gostaria de ter certeza de que nada será desenterrado até... — Ela hesitou.

— O fim dos tempos? — Perguntou Tia Ogg. — Olha, Tiff, Esmê me pediu para dizer, que se você quiser ver Esmerelda Cera-do-Tempo é só olhar em volta. Ela está aqui. Nós, bruxas, não ficamos de luto por muito tempo. Ficamos satisfeitas com lembranças felizes; elas existem para serem valorizadas.

A lembrança de Vovó Dolorida brilhou de repente na mente de Tiffany. A sua própria avó não era uma bruxa; embora Vovó Cera-do-Tempo fosse muito interessada nela... e quando Vovó Dolorida morreu, sua cabana de pastor foi queimada e os seus ossos foram depositados nas colinas do Giz, a dois metros de profundidade. Depois a turfa foi recolocada com o local marcado apenas pelas rodas de ferro de sua carroça de pastor. Mas agora era um local sagrado, um lugar para lembranças. E não apenas para Tiffany. Nenhum pastor jamais passou sem olhar para o céu e pensar em Vovó Dolorida, que havia caminhado aquelas colinas noite após noite, sua luz ziguezagueando na escuridão. Seu aceno de aprovação significava muito para o Giz.

Com este lugar na floresta, Tiffany percebeu, seria o mesmo.

Abençoado. Tinha sido um belo dia para isso, pensou ela; se é que alguma vez existiu um bom dia para morrer ou um bom dia para se ser enterrado.

E agora os pássaros cantavam sobre suas cabeças e ouvia-se um farfalhar suave na vegetação rasteira; e todos os sons da mata que mostravam que a vida ainda estava sendo vivida e que se misturavam com as almas dos mortos, num réquiem da floresta.

A floresta inteira cantava agora para Vovó Cera-do-Tempo.

Tiffany viu uma raposa se aproximar, fazer uma reverência e fugir porque um javali selvagem havia chegado, com sua família de leitões. Depois apareceu um texugo, que não prestou atenção aos que tinham chegado antes e permaneceu; e Tiffany ficou surpresa quando criatura após criatura se acomodou perto do túmulo e ficou ali sentada como se fossem animais domésticos.

Onde está Vovó agora? Tiffany se perguntou. Será que uma parte dela ainda poderia estar ali? Ela pulou quando algo tocou seu ombro; mas era apenas uma folha. Então, lá no fundo, ela soube a resposta para sua pergunta: Onde está Vovó Cera-do-Tempo?

E a resposta era: ela está aqui; e em todo lugar.

Para surpresa de Tiffany, Tia Ogg chorava baixinho. E Tia Ogg tomou outro gole da caneca e enxugou os olhos. — Chorar às vezes ajuda—, disse ela. — Não há vergonha em chorar por aqueles que você amou.

Às vezes me lembro de um dos meus maridos e derramo uma ou duas lágrimas. As memórias existem para serem valorizadas e não é bom ficar mórbido quanto a isso.

— Quantos maridos você realmente teve, Tia? — Perguntou Tiffany.

Tia Ogg parecia estar contando. — Três de verdade, e digamos que fiquei sem dedos para o resto, por assim dizer. Mas ela estava sorrindo agora, talvez se lembrando de um marido muito querido; e então, voltando do passado, de repente estava sorrindo novamente, voltando a seu eu normal e alegre. — Vamos, Tiff —, ela disse, — vamos voltar para seu chalé. Como sempre digo, um velório decente não acontece por si só.

Enquanto voltavam para o chalé, Tiffany fez à Tia a pergunta que estava queimando em sua mente. — O que você acha que vai acontecer agora?

Tia Ogg olhou para Tiff. — O que quer dizer?

— Bem, Vovó não era exatamente a bruxa chefe. Exceto que a maioria das pessoas pensava que ela era...

— Não existe essa coisa de bruxa-chefe, Tiff, você sabe disso.

— Sim, mas... Vovó não estando mais aqui, você se torna a não-bruxa-chefe?

— Eu? — Tia Ogg riu. — Ah, não, querida, tive uma vida muito boa, eu; muitos filhos, muitos homens, muita diversão e, sim, no que diz respeito às bruxas, sou muito boa. Mas nunca pensei em me colocar no lugar de Esmê. Nunca.

— Bem, quem vai ser então? Alguém tem que ser.

Tia Ogg fez uma careta e disse: — Vovó nunca disse que era melhor que as outras. Ela simplesmente seguiu em frente e mostrou a elas e às pessoas a resolveram as coisas por si mesmas. Ouça o que eu

digo, as bruxas mais velhas vão se reunir em breve para conversar sobre isso, mas eu sei quem Vovó escolheria; e é também a que eu escolheria. — Ela parou e pareceu séria por um momento. — E é você, Tiff. Esmê deixou o chalé dela para você. Mas mais do que isso. Você deve se colocar no lugar da Vovó Cera-do-Tempo ou então alguém menos qualificado vai tentar fazê-lo!

— Mas... eu não posso! E as bruxas não têm líderes! Você mesma disse isso, Tia!

— Sim —, disse a Tia. — E você terá que ser a melhor líder que nós não temos. Não me olhe assim de lado, Tiffany Dolorida. Apenas pense. Você não tentou ganhar, mas ganhou, e se não acredita em mim, acredite em Vovó Cera-do-Tempo. Ela me disse que você era a única bruxa que poderia seriamente tomar o lugar dela. Ela disse isso na noite seguinte à sua corrida com aquela lebre.

— Ela nunca me disse nada —, disse Tiffany, sentindo-se subitamente muito jovem.

— Bem, ela não diria nada, é claro que não diria —, disse Tia Ogg. — Não é o jeito de Esmê fazer as coisas, você sabe. Ela teria dado um grunhido e talvez dito: "Muito bem, garota". Ela simplesmente gostava que as pessoas conhecessem seus próprios pontos fortes; e seus pontos fortes são formidáveis.

— Mas, Tia, você é mais velha e mais experiente do que eu; você sabe muito mais!

— E algumas coisas do que eu sei eu quero esquecer —, disse Tia Ogg.

— Sou muito jovem —, lamentou Tiffany. — Se eu não fosse uma bruxa, ainda estaria pensando em namorados.

Tia Ogg quase saltou sobre ela. — Você não é muito jovem —, disse ela. — Anos não são o que importa aqui. Vovó Cera-do-Tempo me disse que quem vai cuidar do futuro é você. E ser jovem significa apenas que você tem um monte de futuro. — Muito mais do que eu, isso é certo.

— Mas não é assim que funciona —, disse Tiffany. — Deveria ser uma bruxa sênior. Tem que ser. — Mas seus Segundos Pensamentos então surgiram em sua cabeça, desafiando-a. *Por que? Por que não fazer as coisas de maneira diferente? Por que deveríamos fazer as coisas como sempre foram feitas antes?* E algo dentro dela de repente ficou entusiasmado com o desafio.

— Rá! — Retrucou Tia Ogg. — Você dançou com a lebre para salvar a vida de seus amigos, garota. Você se lembra de ter ficado tão brava que pegou um pedaço de pederneira e a deixou escorrer entre os dedos como se fosse água? Todas as bruxas mais velhas estavam lá e tiraram o chapéu para você. Você! Seus chapéus! — E saiu a toda em direção do chalé, mas não sem antes acrescentar —, e lembre-se, *Você* escolheu você. Aquela gata ali foi até você quando Esmê foi embora.

E lá estava a gata branca, sentada no toco de uma velha bétula, se limpando, e Tiffany começou a refletir. Ah, sim, e como refletiu.

Assim que voltaram para a cabana, um mago desgrenhado, mas muito grande, tentava pousar sua vassoura perto do galpão das cabras.

— Que bom que você veio, Mustrum —, gritou Tia Ogg do outro lado do jardim, enquanto o cavalheiro alisava suas vestes, passava com cuidado pelas ervas e tirava o chapéu para elas. Tiffany notou, divertida, que ele o havia amarrado na cabeça com barbante. — Tiff, este é Mustrum Ridcully, arqui-reitor da Universidade Invisível.

Tiffany conhecera apenas um ou dois bruxos. E, eles eram em sua maioria, eram do tipo que dependia de mantos, chapéu pontudo e cajado para defender seu ponto de vista e esperando nunca ter que fazer nada mágico. À primeira vista, Ridcully parecia exatamente o mesmo tipo: barba, grande bastão com uma protuberância no topo e um chapéu pontudo. Espere, um chapéu pontudo com uma balestra enfiada na faixa? O lado bruxa dela recuou e observou atentamente. Mas Ridcully não estava nem um pouco interessado nela. Para sua surpresa, o arqui-reitor parecia estar chorando.

— É verdade, então, Tia? Ela realmente se foi?

Tia Ogg lhe deu um lenço e, enquanto ele soprava nele ruidosamente, ela sussurrou para Tiffany: — Ele e Esmê eram, bem, você sabe, bons amigos quando eram mais jovens.

O arqui-reitor parecia ter se recomposto. Tia Ogg passou-lhe sua caneca. — Meu famoso remédio, Vossa Graça. Melhor beber de um só gole. Funciona bem para a melancolia, como funciona. Sempre que estou um pouco insegura, bebo um bocado disso. Somente para uso medicinal, é claro.

O arqui-reitor bebeu alguns goles de uma só vez e depois a levantou a caneca para a tia. — Um brinde a Esmerelda Cera-do-Tempo e aos futuros perdidos —, disse ele com a voz embargada de tristeza. — Que possamos nos encontrar novamente! — Ele tirou o chapéu, desatarraxou a ponta pontiaguda e tirou uma pequena garrafa de conhaque e uma xícara. — Para você, senhora Ogg —, exclamou. — E agora, posso vê-la, por favor?

— Já a deitamos onde ela queria descansar —, disse a Tia. — Você sabe como é isso. Ela não gostava de estardalhaço. — Ela olhou para ele

e continuou: — Sinto muito por isso, Mustrum, mas vamos levá-lo até o local onde ela está agora. Tiffany, por que você não mostra o caminho?

E assim o mago mais importante do mundo seguiu respeitosamente Tiffany e Tia Ogg pela floresta até o último local de descanso da bruxa mais importante do mundo. As árvores que cercavam a pequena clareira estavam cheias de pássaros cantando com toda a alma. Tia Ogg e Tiffany recuaram para permitir ao bruxo um momento privado junto ao túmulo. Ele suspirou. — Obrigado, Madame Ogg, Madame Dolorida.

Então o arqui-reitor virou-se para Tiffany e olhou-a adequadamente.

— Em memória de Esmerelda Cera-do-Tempo, minha querida, se algum dia precisar de um amigo, pode me visitar. Ser o bruxo mais importante do mundo deve significar alguma coisa. — Ele fez uma pausa. — Já ouvi falar de você —, disse ele, e ao vê-la arquejar, acrescentou: — Não, não se surpreenda. Você deve saber que nós, magos, ficamos de olho no que... vocês, bruxas, fazem. — Sabemos quando a magia é perturbada, quando alguma coisa assim... acontece. E ouvi falar da pederneira. É verdade? — Sua voz agora era algo brusca. A voz de um homem que não conversava sobre amenidades, um homem que conversava de modo direto e num tom firme e forte e com uma voz forte também.

— Sim — , disse Tiffany. — Tudo aquilo.

— Minha nossa —, disse Ridcully. — Agora tenho certeza de que seu futuro terá, digamos, muitos matizes. Posso ver os sinais em você, Madame Tiffany Dolorida; e conheço muitas pessoas com poder, pessoas que têm tanto poder que não precisam exercê-lo. Você ainda não está no seu auge, mas vejo isso em você. E por isso vivo pensando

no que você será capaz de fazer a seguir. — Seu rosto ensombreceu e ele continuou: — Poderiam agora me deixar a sós com meus sentimentos, senhoras? Estou certo de que encontrarei o caminho até o chalé.

Mais tarde, o arqui-reitor voltou e tomou sua vassoura e Tiffany e Tia Ogg observaram-no desaparecer na direção geral de Ankh-Morpork. A própria vassoura balançava quando ele se ergueu sobre a floresta em uma saudação final.

Tia Ogg sorriu. — Ele é um mago. Pode pôr-se sóbrio quando quiser; e se não quiser, bem, ele pode pilotar uma vassoura muito bem com um ou dois conhaques dentro dele. Afinal, não há muito com o que trombar lá em cima!

À medida que a manhã avançava, mais e mais pessoas vinham ao chalé prestar suas homenagens. A notícia se espalhou e parecia que todos queriam deixar um presente para Vovó Cera-do-Tempo. Para a bruxa que sempre esteve ao lado deles, mesmo que não gostassem muito dela. Esmê Cera-do-Tempo nunca se esforçou para ser simpática. Ela fazia o que era necessário. Ela estava lá para ajudá-los quando eles visitavam o chalé, ela aparecia a qualquer hora do dia ou da noite quando solicitada (e às vezes quando não, o que nem sempre era confortável), e de alguma forma ela os fazia sentirem-se... seguros. Trouxeram presuntos e queijos, leite e picles, geleias e cerveja, pão e frutas.

Também parecia que vassouras vinham de todos os lugares por entre as árvores, e não havia nada que uma bruxa apreciasse mais do que um pouco de comida de graça; Tiffany flagrou uma bruxa idosa tentando enfiar uma galinha inteira na calcinha. E quando as bruxas apareceram, aldeões começaram a desaparecer. Não era bom estar perto

de tantas bruxas. Por que se arriscar? Ninguém queria ser transformado em sapo; até porque, quem faria a colheita então? Começaram então a dar desculpas e se afastar, com aqueles que haviam provado dos famosos coquetéis de Tia Ogg andando de maneira um tanto vacilante.

Nenhuma das bruxas fora convidada; na verdade parecia a Tiffany que haviam sido atraídas para lá, assim como o arqui-reitor. Até a Senhora Lacrainha apareceu. Ela veio em uma carruagem tirada por dois cavalos, completa com plumas pretas; e seus braços tilintavam com pulseiras e amuletos (como se a seção de percussão de uma orquestra tivesse caído de repente de um penhasco), enquanto seu chapéu estava enfeitado com estrelas prateadas. Seu marido se arrastava a seu lado. Tiffany sentiu pena do homem.

— Salve, irmãs, e que as runas nos protejam nesta ocasião importante —, pronunciou a Senhora Lacrainha, alto o suficiente para ser ouvida pelos demais aldeões, uma vez que apreciava anunciar sua feitiçaria. Ela lançou um longo olhar a Tiffany, o que enfureceu Tia Ogg.

Tia Ogg fez a mais breve reverência possível, depois se virou e disse: — Olhe, Tiffany, lá está Agnes Nitt. Méquivai, Agnes!

Agnes, uma bruxa com uma cintura que sugeria que ela tinha uma atitude em relação à alimentação semelhante à Kelda dos Feegles, estava sem fôlego.

— Estou em turnê com *Muito barulho por Tudo*, de Stackpole. Eu estava em Quirm quando soube e vim o mais rápido que pude.

Tiffany não conhecia Agnes, mas olhando para seu rosto sensato e seu sorriso bem-humorado, pensou que provavelmente se daria muito bem com ela. Então ficou encantada quando um cabo de vassoura caiu e ela ouviu o familiar "Hum" de sua amiga Petúlia.

— Hum, Tiffany, ouvi dizer que você estava por aqui. Hum, você quer ajuda para fazer algum sanduíche? — Petúlia ofereceu, balançando um grande pedaço de bacon ao pousar. Petúlia era casada com um criador de porcos e era reconhecida como a melhor aborrecedora de porcos de Lancre.[22] E era também era uma das melhores amigas de Tiffany. — Dimity também está aqui e, hum, Lucy Warbeck —, continuou Petúlia. — O "hum" sempre piorava quando ela estava na companhia de outras bruxas; surpreendentemente, ela nunca usava a palavra quando estava chateando porcos, o que tinha a dizer algo sobre Petúlia e porcos.

Tiffany e alguns netos de Tia Ogg montaram algumas mesas improvisadas. Afinal, todo mundo sabe para que serve um funeral e a maioria das pessoas gosta de comer e beber qualquer que seja a ocasião. E havia música e, acima de tudo, a voz celestial de Agnes. Ela cantou o *Lamento de Colombina*.

— Essa voz poderia fazer as árvores chorarem —, Tia Ogg disse a Tiffany, enquanto a melodia suave flutuava pelo telhado e pela floresta.

E houve dança, com a ajuda dada pelas cervejas de Tia Ogg, sem dúvida. E Tia Ogg conseguia animar qualquer festa cantando e dançando. Isto era um dom, pensou Tiffany. Tia Ogg poderia alegrar um cemitério se quisesse.

— Nada de caras tristes por Vovó Cera-do-Tempo, por favor —, Tia Ogg exortou. — Ela teve uma boa morte em casa, como qualquer um poderia desejar. Nós bruxas sabemos que as pessoas morrem; e se elas conseguirem morrer depois de muito tempo, deixando o mundo

---

[22] A arte do Aborrecimento-de-porcos poupava todo mundo de muitos grunhidos desagradáveis. Uma Aborrecedora de Porcos, como Petúlia, conversava com os porcos até que eles simplesmente morriam de tédio. N.A.

melhor do que o encontraram, isso certamente é motivo de felicidade. Todo o resto é apenas uma questão de arrumação. Mas por agora, vamos dançar! A dança faz o mundo girar. E tudo gira ainda mais rápido com uma gota da minha bebida caseira dentro de você.

No telhado da casa de Vovó, balançando nos galhos da pequena árvore que crescia na palha, os Nac Mac Feegles – Rob Qualquerum, Wullie Doido, Yan Grande e Billy Piquininho Queixudo, o gonnagle – estavam de acordo com a última parte dessa declaração embora, note-se, só estivessem adiando a dança para mais tarde. Eles ficavam quase sempre fora de vista, avistados apenas por uma ou duas das bruxas mais observadoras; mas agora desceram para a copa onde Tiffany estava começando o que as bruxas mais velhas sempre esperavam que as garotas mais novas fizessem: limpar tudo. As bruxas seniores estavam começando a se reunir do lado de fora; era hora de discutir a nomeação de um novo titular para a herdade de Vovó Cera-do-Tempo e Tiffany queria ficar fora do caminho enquanto pensava no que poderia dizer.

Enquanto a gaita-de-foles de Billy Piquininho Queixudo tocava um suave e evocativo lamento pela alma da Bruaca das Bruacas, os outros Feegles começaram a invadir as mesas em busca de quaisquer sobras que as bruxas tivessem esquecido.

— Ai, pobre Vovó, eu a conhecia bem —, suspirou Yan Grande, bebendo uma garrafa da birita caseira de Tia Ogg.

— Não, não conhecia — , Tiffany cortou. — Somente Vovó Cera-do-Tempo conhecia realmente Vovó Cera-do-Tempo. — O dia ainda estava sendo muito difícil para ela e as bruxas lá fora a deixavam nervosa.

— Ah, ah — , riu Wullie Doido. — Não fui eu desta vez, Rob. Num meti o pé nissu. Acho que a bruaca tava 'borrecida, Rob, num é?

— Vou enfiar minha bota bem na sua cara s'ocê não fechar a boca —, rosnou Yan Grande. Eles beberam e comeram, adiaram a dança, mas não era hora de uma briga piquininha? Ele cerrou os punhos, mas teve que recuar repentinamente quando as amigas de Tiffany entraram na copa.

— Acho que vai ser você, Tiffany —, sussurrou Dimity, cutucando-a nas costas. — Tia Ogg simplesmente se levantou e perguntou por você. É melhor você ir lá.

– Vá em frente, Tiff – insistiu Petúlia. Todo mundo sabe, hum, o que a Vovó Cera-do-Tempo pensava de você.

E assim, empurrada e puxada pelas amigas, Tiffany saiu da copa, mas ficou parada na porta dos fundos do chalé, sem vontade de dar o último passo. Para fazer uma reivindicação. Este era o chalé de Vovó, ela ainda sentia. Mesmo que o partido anti-Vovó estivesse começando a parecer um enorme buraco no ar ao seu redor. Tiffany olhou para os pés; Você estava se enrolando nas pernas dela, arqueando as costas e esfregando a cabecinha dura na bota de Tiffany.

Do lado de fora, algumas bruxas olhavam para Tia Ogg, que dizia: — Sim, senhoras, Esmê nos disse quem seria sua sucessora. — Ela se virou e gesticulou para que Tiffany se aproximasse. — Eu gostaria de ter estado lá —, acrescentou ela, — quando Esmê Cera-do-Tempo foi transformada em bruxa pela Tia Gripes. Você acha que quem faz de você uma bruxa é o tipo de bruxa que você vai se tornar, mas todos nós temos que encontrar nosso próprio caminho, à medida que avançamos. Vovó Cera-do-Tempo sempre foi fiel a si mesma como bruxa; nunca apenas mais uma Tia Gripes. E embora eu ache que todas nós possamos falar por nós mesmas, pessoas como o arqui-reitor e Lorde Vetinari, ou até mesmo alguém como a Rainha Baixa dos anões... bem, às vezes eles

querem saber se podem falar com alguém que possa falar, oficialmente, por todas as bruxas. E estou bastante convencida de que eles consideravam Esmê aquela voz da bruxaria. Portanto, precisamos ouvir a voz dela também. E ela me disse quem deveria ser sua sucessora. Sim, e escreveu nesta placa de papelão aqui. — Tia Ogg brandiu no ar a placa que Vovó Cera-do-Tempo havia deixado na cabeceira da cama.

Estava claro que alguém havia levantado a ideia de a Senhora Lacrainha assumir a herdade... ou, a Senhora Lacrainha tinha levantado a possibilidade de sua última aprendiz ficar com a cabana. Tia Ogg olhou para ela e não havia nenhum vestígio da bruxa alegre nela agora, ah, não.

— Letícia Lacrainha traz apenas coisas brilhantes para aquelas pretendentes a bruxas! — Ela afirmou. Ela ignorou o resmungo da Senhora Lacrainha enquanto continuava: — Mas Tiffany Dolorida – sim, irmãs, Tiffany Dolorida – todos nós vimos o que ela pode fazer. Não se trata ali de amuletos brilhantes. Não se trata de livros. É sobre ser uma bruxa até os ossos na escuridão e lidar com a lamentação e com as lágrimas! Se trata estar comprometida com o real. Esmê Cera-do-Tempo sabia disto, sabia disto com cada osso do seu corpo. E Tiffany Dolorida também, e esta herdade é dela.

Tiffany engoliu em seco quando as outras bruxas se viraram para olhar para ela. E quando o murmúrio começou, ela deu um passo à frente, hesitante.

Então Você miou, o grito cortando o murmúrio da multidão; e a gata branca voltou a se postar ao lado de Tiffany. Houve um zumbido no ar; e de repente as abelhas também estavam lá. Elas fluíram para fora da colmeia de Vovó Cera-do-Tempo, circundando Tiffany como uma auréola, coroando-a, e enxame e garota pararam na soleira do chalé e

Tiffany estendeu os braços e as abelhas pousaram ao longo deles e deram-lhe as boas-vindas em casa.

E depois disso, naquele dia terrível em que se despediam todos da bruxa das bruxas, não houve mais discussão, pois Tiffany Dolorida tornou-se, aos olhos de todos, a bruxa a seguir.

Capítulo CINCO

UM MUNDO EM MUDANÇA



A RAINHA DOS Elfos sentou-se majestosamente em um trono de diamante em seu palácio, cercada por seus cortesãos, enjeitados, meninos perdidos e criaturas rastejantes sem nomes... todos os resíduos do povo das fadas.

Naquele dia, ela escolhera brilhar. A eterna luz do sol que brilhava através das janelas de pedra primorosamente esculpidas tinha sido projetada exatamente para atingir as pequenas pedras preciosas em suas asas, de modo que delicados arco-íris de luz dançassem ao redor da câmara de audiência enquanto ela se movia. Os cortesãos que perambulavam pelo local, vestidos com penas e veludo enfeitados com rendas, estavam quase, mas não exatamente, tão bem-vestidos.

Os olhos da rainha estavam sempre deslizando para os lados, alertas às ações de seus senhores e damas. Aqueles no canto eram Lorde

Lankin com Lorde Semente-de-Mostarda? Sussurrando. E onde estava Lorde Flor-de-Ervilha?

Um dia, ela pensou, teria a cabeça dele num poste! Nele ela não confiava nem um pouco; e seu glamour tinha estado muito forte ultimamente, quase tão glorioso quanto o dela. Ou, ela lembrou a si mesma com amargura, tão glorioso quanto o seu havia sido... antes.

Antes que aquela jovem bruxa, Tiffany Dolorida, entrasse em Feéria e a humilhasse.

Ultimamente ela sentia arrepios entre os dois mundos e entendia que as coisas estavam mudando, os limites ficando mais confusos. Mais suaves. Alguns dos elfos mais fortes até escapavam de vez em quando para fazer algumas travessuras. Talvez em breve ela pudesse liderar os elfos em um grupo de ataque adequado. Buscar outra criança para brincar. E vingar-se da bruxa Tiffany Dolorida. A Rainha sorriu com o pensamento, lambendo os lábios em antecipação à diversão que estava por vir.

Mas, por enquanto, havia outras notícias preocupantes com as quais lidar. Trasgos!

Meros vermes, que deveriam ficar gratos se um Lorde ou uma senhora élfica olhasse em sua direção, mas que agora se recusavam tolamente a cumprir suas ordens. Ela iria mostrar a todos eles, pensou. Lordes Lankin, Semente-de-Mostarda, Flor-de-Ervilha... todos veriam o quão poderosa ela era novamente. Eles a veriam derrubar essa sujeira trasgo.

Mas onde estava Flor-de-Ervilha?

O prisioneiro trasgo foi levado sob guarda para a câmara de audiências. Todo o efeito era visualmente deslumbrante, pensou o trasgo

com amargura. Exatamente como uma corte de fadas ficaria em um livro de histórias de uma criança humana. Até que você olhasse para os rostos e percebesse que havia algo errado nos olhos e nas expressões das lindas criaturas da cena.

A Rainha considerou o trasgo por um momento, apoiando o queixo fino nos dedos de uma mão extraordinariamente fina. Sua testa de alabastro franziu.

— Você, trasgo, se autodenomina Do Orvalho, a Luz do Sol, eu acredito.

Você e sua espécie desfrutam há muito tempo da proteção desta corte. No entanto, ouço falar de rebelião. Uma recusa em acatar minhas ordens. Antes de entregá-lo aos meus guardas... para sua diversão, diga-me por que isso acontece.

Sua voz melodiosa era cheia de charme enquanto as palavras eram ditas, mas o trasgo parecia impassível. Ele deveria ter caído de joelhos e implorado por seu perdão, hipnotizado pelo poder do glamour da Rainha; mas em vez disso ele se manteve firme e sorriu para ela. Sorriu para a Rainha!

— Bem, Rainhazinha, é assim mesmo, veja você. Trasgos agora são tratados como cidadãos honrados no mundo humano. Os humanos dizem que os trasgos são úteis. Gostamos de ser úteis. Somos pagos para sermos úteis e descobrir coisas e fabricar coisas.

O belo rosto da Rainha mudou, fitando de forma fulminante à criatura atrevida defronte.

— Isso é impossível —, gritou. — Vocês, trasgos, são a escória, todo mundo sabe disso!

— Ah, ah! — O trasgo riu. — A Rainhazinha não é tão esperta quanto pensa.

Trasgos agora estão montados em costas de porco. Trasgos sabem conduzir cavalos de ferro.

Houve um arrepio na corte quando o trasgo pronunciou a palavra “ferro” e o brilho mágico diminuiu. O vestido da rainha mudou de cor, de tecido prateado para veludo vermelho-sangue, e seus cachos loiros se transformaram em mechas retas e pretas. Seus cortesãos a imitaram, transformando os tons pastéis de suas sedas e rendas em calças de couro, faixas escarlates e peles em torsos tingidos de índigo. Facas de pedra élfica foram sacadas e dentes afiados se puseram à mostra.

O pequeno trasgo não vacilou.

— Não acredito em você —, disse a Rainha. — Afinal, você é apenas um trasgo.

— Apenas um trasgo, sim, Vossa Rainhezidade —, ele disse calmamente. — Um trasgo que entende de ferro e aço. O aço que vai e volta e faz "piuííí!". E Leva as pessoas para lugares distantes. E um trasgo que é um cidadão de Ankh-Morpork; e você sabe o que isso significa, minha senhora. O sombrio fica incomodado quando seus cidadãos são mortos.

— Você está mentindo —, disse a Rainha. — E o tal Lorde Vetinari não se importaria com o que acontece com você. Vocês, trasgos, sempre mentem, Do Orvalho, a Luz do Sol.

— Não é mais o meu nome. Agora sou Do Torno, a Limalha —, disse o trasgo com orgulho.

— “limalha”, disse a Rainha. O que é isso?

— São pequenos pedaços de ferro, Rainhazinha —, disse o trasgo, com os olhos endurecidos. — Do Torno, a Limalha não é mentiroso. Se falar assim comigo de novo, Vossa Majestadinha, eu abro os bolsos. Então veremos o que é a limalha!

A Rainha recuou, os olhos fixos nas mãos do trasgo pairando perto dos bolsos de sua jaqueta azul escura, com fechos de madeira prendendo-a sobre seu peito magro.

— Você se atreve a me ameaçar? — Ela disse. — Aqui no meu próprio reino, seu verme? Quando eu poderia fazer murchar seu coração dentro de você com apenas uma palavra? Ou fazer você cair aí onde está? — Ela apontou para os guardas que estavam prontos com suas bestas apontadas para o trasgo.

— Não sou nenhum verme para você, Rainhazinha. Eu tenho a limalha. Pequenos pedaços de aço que podem flutuar no ar. Mas estou aqui para trazer novidades. Um aviso. Do Torno, a Limalha ainda tem gosto pelos velhos tempos. Gosto de ver os humanos se contorcerem. Gostaria de ver vocês, povo das fadas, agitando as coisas, se gostaria. Alguns trasgos pensam como eu, mas não tantos agora. Alguns trasgos quase não são mais trasgos agora. Quase humanos. Eu não gosto disso, mas eles dizem que os tempos estão mudando. Veja, rainhazinha, o dinheiro é bom.

— Dinheiro? — zombou com ironia a Rainha. Vou dar dinheiro aos trasgos, a esses ve... — ela fez uma pausa ao ver a mão do trasgo se mover para seu bolso. Será que a criaturinha horrível estava realmente trazendo ferro para o seu mundo? Ferro... uma substância fatal para qualquer um do povo das fadas. Dolorosa. Destrutiva. Cegava, ensurdecia, fazia um elfo se sentir mais sozinho do que qualquer

humano jamais poderia se sentir. Ela terminou a frase com os dentes cerrados. — ... verazes em sua conduta.

— O ouro derrete quando o sol nasce —, disse o trasgo. — Eles... nós... ganhamos dinheiro de verdade, agora. Eu só quero que os trasgos continuem sendo trasgos. Trasgos com status. Respeito. Não mais pressionado por você ou por qualquer outro. — Ele olhou para Flor-de-Ervilha, que de repente se colocou ao lado da Rainha.

— Não acredito em você —, disse a Rainha.

— Cavará sua própria cova, Rainhazinha —, disse o trasgo. — Se não acreditar em mim. Vá ao portal. Não haverá tantos problemas agora que a velha bruxa se foi. Poderá ver por si mesma. O mundo mudou, Rainhazinha.

E a Rainha pensou: Mudou, sim. Ela sentiu os tremores, sabia que algo importante estava acontecendo, mas não sabia exatamente o quê. Então a velha bruxa se foi. Sem nenhuma bruxa para detê-los, ora, ela percebeu, podemos cavalgar em esplendor mais uma vez. Então seu rosto anuviou-se. Exceto por esta limalha. Este ferro.

— Amarrem os braços desta larva às costas —, ela ordenou aos guardas, apontando para o trasgo. — Gostaria de ver se ele fala a verdade. E ele irá conosco. — Ela sorriu. — Se o que falou for mentira, arrancaremos sua língua.

Na manhã seguinte, sozinha no chalé de Vovó Cera-do-Tempo – agora seu chalé – Tiffany acordou cedo sabendo que seu mundo havia mudado. Você a estava mirando como um falcão.

Ela suspirou. Seria um dia agitado. Ela havia estado em muitas casas às quais a morte havia visitado recentemente; e sempre, a dona da casa, se houvesse, estaria dando brilho a tudo que brilhasse e limpando tudo o que pudesse ser limpo. E assim, com trapos e panos de polir, Tiffany Dolorida limpou tudo o que já estava impecável. Era uma espécie de mantra tácito; o mundo tinha ido mal, mas pelo menos a grelha tinha sido polida e agora tinha um fogo pronto para acender.

O tempo todo, como uma estátua, lá estava Você, olhando para ela. Os gatos sabiam sobre a morte? Ela se perguntou. E os gatos das bruxas? Especialmente. E quanto ao gato de Vovó Cera-do-Tempo?

Tiffany deixou de lado esse pensamento por enquanto e começou a trabalhar na cozinha, polindo tudo que pudesse ser polido e, sim, deixando-os brilhante. Ela estava limpando as coisas já limpas, mas a álgebra do luto exigia o esforço de tirar todas as mortes da casa; e não havia como recuar: você limpava tudo, independentemente do que fosse.

Ela terminou a cozinha e a copa, deixando tudo tão brilhante que seus olhos lacrimejaram; e então não havia nada a fazer senão subir. De joelhos, com balde, escova, trapos e mouro – para poder trabalhar como um mouro –, Tiffany limpava e limpava até os nós dos dedos ficarem vermelhos e ela ficar satisfeita.

Mas não foi só isso: havia o pequeno guarda-roupa da vovó, com seus poucos vestidos usados e úteis pendurados ali, junto com uma capa. Todos pretos, claro. Escondido em uma prateleira estava a *Capa Ondulante de Zéfiro*[23] que a própria Tiffany havia dado à vovó... não

---

[23] Trata-se de uma capa ondulante que... ondula. Sem necessidade de muito eu nenhum vento. N.T.

usada, até onde ela podia ver, mas guardada com cuidado, como um bem especial. Ela sentiu seus olhos começarem a arder.

Ao lado da cama estavam as botas de Vovó Cera-do-Tempo. Botas boas e úteis, pensou Tiffany. E Vovó odiava desperdício. Mas... usá-las? Já achava bastante difícil seguir os passos de Vovó. Ela engoliu em seco. Tinha certeza de que poderia encontrar um bom lar para as botas. Por agora, bem, ela esticou a ponta do pé para frente e empurrou-as para fora de vista, debaixo da cama.

Depois, claro, havia a horta e, acima de tudo, as ervas. Tiffany encontrou um par de luvas pesadas na copa... você não lidava com as ervas de Vovó sem luvas pesadas até que elas conhecessem você. Vovó havia coletado, trocado e recebido ervas de quase todos os lugares. Então ela tinha *espinafre giratório* e *ameixas duvidosas*, *azaleias cavadoras*, *rotativas*, *raiz de bem-eu-quero*, *puladoras* e *barba-de-cabra-mais-pra-bode*, *margaridas chateadas* e *raiz de pepino-velho*. Havia um grupo de *amarantos escorridos* perto de um *candídio-do-luar* e de uma *descanso-de-donzela* muito ativa. Tiffany não sabia para que serviam todas elas; teria que perguntar a Tia Ogg. Ou Magrat Garlick, que, tal como o seu marido Verence, o Rei de Lancre, era muito entusiasmada com ervas.[24] Embora, ao contrário do seu marido, Magrat realmente soubesse distinguir o seu *Tony Perturbador* de sua *Raiz Multidão*.

Nunca foi muito fácil ser uma bruxa. Ah, a vassoura era ótima, mas para ser bruxa era preciso ser sensata, tão sensata que às vezes chegava a doer. Você lidava com a realidade; não com o que as pessoas queriam. A realidade agora era de repente Você, miando e batendo a cabeça nas pernas de Tiffany, exigindo comida, à qual ela ignorou

[24] Basicamente, se contivesse algo de ervas, Magrat e Verence pensariam que fazia bem. Com algumas ervas do jardim de Vovó, isso poderia ser duvidoso. Pelo menos no curto prazo. E talvez não fosse muito sensato afastar-se muito da latrina. N.A.

completamente quando Tiffany voltou para a cozinha e colocou um prato para ela no chão.

Tiffany saiu de novo e alimentou as galinhas, deixou as cabras pastarem, conversou com as abelhas e depois pensou: já fiz a minha parte. O lugar está impecável, as abelhas estão felizes, até o alpendre está limpo. Se Tia Ogg pudesse vir e alimentar os animais, ficar de olho em Você, então poderei voltar para casa por alguns dias.

Ela chegou ao Giz depois de um voo longo e, infelizmente, muito úmido, já que a chuva caía forte e voou para a casa da jovem Milly Robinson com os Feegles agarrados atrás, embaixo e, de fato, nela mesma, em seu estilo habitual..

Os dois meninos de Milly pareciam bem alimentados, mas a menina – a bebê Tiffany – não. Infelizmente a Bruxa Tiffany estava acostumada com esse tipo de coisa; principalmente quando as mães não eram muito espertas ou tinham mães mandonas que achavam que alimentar os meninos era o principal na vida. E fora por isso que logo após os nascimentos, ela sussurrara aquele feitiço no ouvido da bebê Tiffany. Uma simples magia de rastreamento, para que ela soubesse se algum mal acontecesse à menina. Apenas uma precaução, ela disse a si mesma na época.

Não adiantava ser desagradável com tudo aquilo, então ela chamou a jovem de lado e disse: — Milly, escute. Sim, seus meninos têm que estar firmes e fortes quando crescerem, mas minha mãe sempre me dizia: seu filho é seu filho até se casar, mas sua filha é sua filha a vida toda. E acho isso muito verdadeiro. Você ainda ajuda sua mãe, não é? E ela ajuda você. Portanto, compartilhar de modo justo a alimentação da menina é a coisa certa a fazer. Por favor.

Depois, porque a cenoura, ou neste caso o leite materno, por vezes precisava de ser acompanhada pelo porrete, acrescentou ela severamente, o chapéu pontudo fazendo-a parecer mais velha e mais sábia do que de outra forma aparentaria. — Cuidarei dos interesses dela. — Um pouco de ameaça muitas vezes funcionava, ela tinha aprendido. E, claro, ela ficaria vigilante.

E então só havia outra pessoa com quem ela queria conversar e a chuva estava ficando ainda mais forte enquanto sua vassoura descia em direção ao monte Feegle na colina; Rob e os outros Feegles saltaram conforme ela se aproximava. Wullie Doido fez uma aterrissagem espetacularmente ruim, caindo de cabeça em um arbusto de tojo, e um grupo de jovens Feegles correu alegremente para desparafusá-lo.

Havia alguns filhos mais velhos de Rob descansando do lado de fora da entrada. Eles eram esqueléticos, mesmo para os padrões dos Feegle; com apenas uma mecha de barba entre eles e os spogs impraticavelmente baixos batendo nos joelhos, com os kilts pendurados na altura dos quadris magros. Para surpresa de Tiffany, ela pôde ver as faixas superiores das calças coloridas subindo bem acima deles. Calças? Em um Feegle? Os tempos estavam de fato mudando.

— Levantem os kilts, rapazes! — Rob murmurou enquanto eles passavam.

A Kelda estava em sua câmara, cercada por bebês Feegle, todos rolando no chão coberto com lã de ovelhas que foram desta para melhor. E as primeiras palavras que ela disse foram: — Eu sei... — Ela suspirou e acrescentou: — estou de luto, mas a roda leva tudo a seu tempo. — Seu rosto se enrugou em um enorme sorriso. — Fico feliz em ver você como líder das bruxas, Tiffan.

— Bem, obrigada —, disse Tiffany. Como Jeannie sabia? Ela se perguntou, por um momento. Mas cada Kelda usava o caminho dos *esconderosos* para ver as coisas do passado, do presente e do futuro. E era um segredo conhecido apenas pelas Keldas, transmitido de uma para a outra.

Ela também sabia que Jeannie, pequenina como era, era também alguém a quem se podia contar todos os segredos, na certeza de que nunca seriam transmitidos a ninguém. E naquele momento ela desabafou, hesitante: — Jeannie, acho que nunca conseguirei ocupar o lugar dela.

— Sério? — A Kelda replicou bruscamente. — Cê num acha que Esmerelda Cera-do-Tempo talvez tivesse a mesma dúvida quando a posição lhe foi concedida? Cê acha qu' aquela bruaca então disse: num é pra mim, num consigo. Num sô boa o bastante? — A pequena e sábia pictsie estava olhando para Tiffany como se ela fosse algum tipo de espécime, talvez uma planta nova, e então baixou a voz e disse: — Sei muito bem que você será uma boa líder e guia.

— Embora seja apenas a primeira entre iguais e não líder —, acrescentou Tiffany. — Pelo menos, tenho certeza de que é isso que as outras bruxas pensam... — Sua voz sumiu, com suas dúvidas pairando no ar.

— É isso, então? — A Kelda disse. Ela ficou quieta por um momento, depois disse suavemente: — Você, que beijou o espírito do inverno e o mandou embora, é isso? No entanto, sei que pr' agora cê tem diante de si algo menos fácil, Tiffan. Há uma mudança chegando nos céus e você precisará estar lá. — Sua voz ficou ainda mais sombria e seus olhinhos estavam fixos em Tiffany agora. — Esteja ciente, Tir-far-thóinn; este é um momento de transição —, disse ela. — Madame Cera-

do-Tempo não está mais conosco, e sua partida deixou uma lacuna que outros não deixarão de notar. Temos que vigiar os portais e cê deve di tomar muito cuidado. Porqu' aqueles que cê num quer conhecer podem di estar procurando ocê.

Era bom estar em casa, pensou Tiffany, quando finalmente chegou lá. Na fazenda de seus pais – que até se chamava Fazenda-da-Casa – onde sua mãe preparava um jantar quente todas as noites. De volta para onde ela poderia sentar-se à grande mesa de madeira da cozinha, marcada por gerações de Doloridas, e voltar a ser uma garotinha.

Mas ela não era mais uma garotinha. Ela era uma bruxa. Uma com duas herdades para cuidar. E durante a semana seguinte, enquanto ela voava de um lado para o outro do, Giz para Lancre, de Lancre para o Giz, num clima que parecia estar em uma competição para ser o mais chuvoso de todos os tempos para aquela época do ano, pareceu-lhe que ela estava sempre chegando atrasada, molhada e cansada. As pessoas eram quase sempre educadas, pelo menos na cara dela e certamente para o chapéu pontudo, mas ela percebia, pelo que não diziam, que de alguma forma indefinida, o que quer que ela fizesse não era o suficiente. Ela acordava ainda mais cedo todos os dias e ia dormir mais tarde, mas ainda não era suficiente.

Ela precisava ser uma boa bruxa. Uma bruxa forte. E entre carregar e curar, ajudar e ouvir, ela podia sentir súbitas pontadas de alarme percorrendo seu corpo. Jeannie a tinha avisado que algo terrível poderia estar por vir. Ela estaria à altura do trabalho? Achava que nem nas coisas rotineiras estava se saindo muito bem.

Ela não poderia ser Vovó Cera-do-Tempo para eles em Lancre.

E estava ficando cada vez mais difícil ser Tiffany Dolorida para o Giz.

Mesmo em casa. Mesmo ali. Certa noite ela regressou cansada, ansiando por comida, paz e cama, e enquanto sua mãe tirava uma enorme panela do grande forno preto e a colocava no centro da mesa, uma briga familiar estava apenas começando.

— Encontrei Sid Pombo hoje em frente ao Braços-do-Barão —, dizia seu irmão Wentworth, um rapaz robusto que ainda não tinha idade suficiente para ir ao pub, mas certamente tinha idade suficiente para ficar lá fora.

— Sid Pombo? — Perguntou a senhora Dolorida.

— O mais novo dos dois irmãos Pombo —, disse o pai. O mais novo, pensou Tiffany. Isto contava muito em uma fazenda do interior. Significava que o irmão mais velho assumiria a fazenda. Muito embora, se não lhe falhava a memória, a fazenda dos Pombos era um lugar muito pobre, não muito bem administrado. O senhor Pombo não era frequentador assíduo do Braços-do-Barão? Ela tentou se lembrar da senhora Pombo e não conseguiu. Mas sim, ela se lembrava de Sid. Ela o tinha visto há apenas algumas semanas, perto de Duascamisas; um garotinho que aparentemente mereceu o sobrenome que tinha quando alguém lhe deu um quepe e um apito para pendurar no pescoço.

— Ele estava me contando sobre os empregos ferroviários —, Wentworth continuou com entusiasmo. — Ele está ganhando um bom dinheiro, Sid. Disse que eles precisam de mais homens. É o futuro, papai. Ferrovias, não ovelhas!

— Não tenha ideias idiotas, rapaz —, advertiu o pai. — As ferrovias são para aqueles que não tem terras para trabalhar. Não como

nós, os Dolorida. Não como você. E Você sabe o que o seu futuro reserva para você. E é bem aqui, como sempre foi para qualquer rapaz Dolorida.

— Mas... —, Wentworth não estava feliz. Tiffany lançou-lhe um olhar. Ela sabia como ele se sentia. E, afinal, ela mesma não estava fazendo o que se esperava dela, estava? Se tivesse, estaria se casando agora, como suas irmãs fizeram, preparando-se para gerar mais alguns netos para sua mãe cuidar.

Sua mãe parecia estar pensando a mesma coisa. — Você sempre parece estar em qualquer outro lugar hoje em dia, menos aqui —, disse ela, mudando o assunto de Wentworth para Tiffany, tentando ao máximo não soar como se estivesse reclamando. — Gostaria que você pudesse ficar mais tempo conosco, Tiff —, acrescentou ela com um pouco de tristeza.

— Não incomode a garota. Ela é uma espécie de bruxa importante agora, você sabe. Não pode estar em todos os lugares —, disse o pai.

Sentindo-se como uma garotinha, Tiffany disse: — Tento estar por aqui o máximo possível, mas não temos bruxas suficientes para fazer o trabalho necessário.

A mãe dela sorriu nervosamente e disse: — Eu sei que você trabalha duro, querida. Muitas pessoas me param no caminho para dizer que minha filha ajudou o filho ou o pai. Todo mundo vê que você se esforça como ninguém. E você sabe o que as pessoas estão dizendo? Elas estão me dizendo que você está ficando igual a sua avó. Afinal, ela dizia ao Barão o que fazer. E você faz o mesmo.

— Bem, Vovó Dolorida não era uma bruxa —, disse Tiffany.

— Isso depende —, disse o pai, afastando-se de Wentworth, que saiu pisando duro e bateu a porta da cozinha atrás de si. Joe Dolorida

olhou para ele por um momento, depois suspirou e piscou para Tiffany. — Certamente existem diferentes tipos de bruxas. Você se lembra de como sua avó queria que a cabana do pastor fosse incendiada quando ela morresse? — Queime tudo —, ela me disse. — Ele sorriu e disse: — Quase fiz o que me mandou. Mas tinha uma coisa que ela tinha e não era para queimar, então embrulhei e agora, vendo você, minha menina, aqui vai uma pequena lembrança de Vovó Dolorida.

Para surpresa de Tiffany, seu pai chorava, sob seu sorriso, enquanto lhe entregava um pacotinho embrulhado em papel amassado e amarrado com um pedaço de lã velha. Ela abriu e virou o pequeno objeto estriado em sua mão.

— É uma coroa de pastor —, disse ela. — Já as vi antes; são muito fáceis de encontrar.

Joe Dolorida riu e disse: — Esta não. Sua avó disse que era especial... a coroa das coroas. E se o Pastor dos Pastores a pegasse, ela se transformaria em ouro. Veja, por baixo do cinza você pode ver lampejos dourados.

Tiffany olhou para o pequeno objeto enquanto comia seu ensopado, feito como só sua mãe sabia fazer, e pensou nos dias em que Vovó Dolorida descia à fazenda para comer.

Para alguns parecia que a velha vivia do tabaco Marujo Feliz; e não havia dúvidas, quando se tratava de ovelhas, Vovó Dolorida sabia tudo. E sua mente começou a funcionar sozinha e Tiffany pensou em todas as coisas que Vovó tinha feito e nas coisas que Vovó disse. Então as lembranças vieram como uma cavalgada, quer ela as quisesse ou não, caindo sobre ela como neve.

Tiffany pensou nas vezes em que passeava com a avó.

Principalmente em silêncio, às vezes com Trovão e Relâmpago, os cães pastores de Vovó Dolorida, em seus calcanhares. Ela aprendeu muito com a velha.

Ela me ensinou muito, disse para si mesma. Ela me ser o que sou enquanto caminhávamos atrás das ovelhas e ela me contava todas aquelas coisas que eu precisava saber; e a primeira coisa era cuidar das pessoas. Claro, a outra coisa era cuidar das ovelhas.

E tudo o que alguma vez pediu foram sua cabana de pastor e um tabaco horrível.

Tiffany deixou cair a colher. Não havia problema em chorar naquela cozinha familiar, como fazia quando era menina.

Imediatamente, seu pai estava a seu lado. — Você pode fazer muito, Jiggit, mas ninguém pode fazer tudo.

— Sim —, disse sua mãe. — E mantemos sua cama pronta todos os dias. E sabemos que você está fazendo o seu melhor e fico orgulhosa quando vejo você voando por aí. Mas você não pode fazer tudo por todos. Não saia novamente esta noite. Por favor.

— Gostamos de ver a nossa filha; mas seria bom vê-la direito e nem sempre como um borrão que vai e vem —, acrescentou o pai, colocando o braço em volta dela.

Eles terminaram o jantar em silêncio, um silêncio caloroso. E enquanto Tiffany se preparava para subir as escadas para o quarto de sua infância, a senhora Dolorida levantou-se e tirou um envelope de onde o havia guardado na cômoda, entre os potes azuis e brancos que, surpreendentemente numa cozinha de fazenda ativa, eram simplesmente para exibição. — Há uma carta aqui para você. De

Preston, eu espero. — Seu tom era muito maternal agora; ela só precisava dizer "Preston" e havia uma pergunta ali.

E Tiffany subiu as escadas, sentindo o cuidado e o amor de seus pais fluindo a seu redor, e entrou em seu quarto, saboreando o ranger familiar das tábuas. Ela colocou a coroa do pastor na prateleira ao lado de seus poucos livros – um novo tesouro – e vestiu a camisola, cansada. Esta noite, ela decidiu, tentaria esquecer seus medos e permitir-se ser apenas Tiffany Dolorida por um tempo. Não Tiffany Dolorida, a bruxa do Giz.

Então, enquanto ainda havia luz para ver, ela leu a carta de Preston, e o cansaço desapareceu por um momento, substituído por uma onda de pura felicidade. A carta de Preston era maravilhosa. Cheia de nova linguagem, novas palavras. Nesta ele havia escrito sobre pegar um bisturi – "uma palavra tão afiada e forte" – e de como ele aprendeu uma nova forma de suturar.

— Sutura —, disse Tiffany calmamente para si mesma. Uma palavra suave, muito mais suave que "bisturi", quase curativa. E de certa forma ela precisava de cura. Cura pela perda de Vovó Cera-do-Tempo, cura da tensão de ter muito que fazer e cura do esforço de tentar corresponder às expectativas das outras bruxas.

Ela leu cuidadosamente cada palavra, duas vezes, depois dobrou a carta e guardou-a em uma pequena caixa de madeira onde guardava todas as cartas dele, bem como o lindo pingente de lebre dourado que ele uma vez lhe dera. Não fazia sentido lacrá-la novamente: ela não conseguia esconder nada dos Feegles e preferia não ter a caixa cheia da gosma de caracol que eles usavam para colar novamente tudo o que tinham aberto.

Depois ela dormiu no quarto de sua infância. E ao lado dela estava Você, a gata.

E Tiffany era criança novamente. Uma criança com pais que a amavam muito.

Mas também uma garota. Uma garota com um garoto que lhe mandava cartas. E uma bruxa. Uma bruxa com uma gata que era muito. especial.

Enquanto isso os pais dela estavam deitados na cama, conversando sobre a filha.

— Estou muito orgulhoso de nossa garota —, começou Joe Dolorida.

— E é claro que ela é uma excelente parteira —, disse a senhora Dolorida, acrescentando com certa tristeza: — Mas me pergunto se algum dia ela poderá ter seus próprios filhos. Ela não fala sobre Preston comigo, você sabe, e não gosto muito de perguntar. Não como acontecia com as irmãs. — Ela suspirou. — Mas muita coisa está mudando. Até mesmo Wentworth, esta noite...

— Oh, não se preocupe com ele —, disse o senhor Dolorida. — É certo que um rapaz queira andar com os próprios pés; e muito provavelmente ele vai gritar um pouco, gritar e discutir, mas ele estará aqui quando partirmos, cuidando da terra Dolorida, ouça o que eu digo. Não há nada que supere a terra. — Ele fungou. — E certamente nem as ferrovias.

— Mas Tiffany é diferente —, continuou sua esposa. — O que ela vai fazer eu realmente não sei, mas espero que, com o tempo, ela e Preston possam se estabelecer por aqui. Se ele é médico e ela é bruxa, não há razão para que eles não possam ficar juntos, não é? Tiffany

também poderia ter filhos, como Hannah e Fastidia... — eles pensaram nas outras filhas, nos netos.

Joe suspirou. — Ela não é como nossas outras filhas, amor. Acredito que Tiffany pode até superar a avó, — disse ele.

Ele então apagou as velas e eles dormiram, pensando na sua Tiffany, uma cotovia entre os pardais.

Capítulo SEIS

A RONDA DAS CASAS



CAMINHANDO FIRMEMENTE pela estrada para Lancre, com Mefistófeles trotando ao seu lado e sua pequena carroça chacoalhando atrás, e andorinhas voando sobre suas cabeças, Geoffrey percebeu que sua antiga casa parecia agora muito distante. Fazia apenas uma semana ou mais, mas à medida que subiam mais alto nas Ramtops ele começou a entender o que "geografia" significava na realidade e não aquela nos livros que o senhor Agastado lhe deixara ler. Lancre e as aldeias vizinhas tinham muita geografia.

No final de um dia longo, mas satisfatório, de caminhada tanto para o menino quanto para o bode, eles chegaram em frente a um pub da vila que proclamava seu nome como A Estrela, a placa prometendo excelentes cervejas e comida. Bem, vamos ver se é excelente, pensou

Geoffrey. Ele desatrelou a carroça e entrou no pub com o bode logo atrás.

O pub estava cheio de trabalhadores que agora não estavam trabalhando, mas saboreando uma ou duas cervejas antes do jantar. Estava bastante abafado lá dentro, com o habitual tom rural de axila agrícola. Os frequentadores estavam acostumados com as pessoas trazendo consigo um cachorro de trabalho, mas ficaram surpresos ao ver um rapaz empoeirado, mas bem-vestido, trazendo um bode para o pub.

O taverneiro bastante magro disse: — só permitimos cães aqui, senhor.

Todos os olhares no bar agora estavam voltados para Mefistófeles e Geoffrey disse: — meu bode é mais limpo e mais experiente do que qualquer cachorro. Ele sabe contar até vinte e, quando chegar a hora, sairá para fazer seus negócios. Na verdade, senhor, se eu puder mostrar a ele sua privada agora, ele a usará quando precisar.

Um trabalhador pareceu ficar ofendido neste momento. — Você acha que só porque trabalhamos na terra não sabemos de nada? Tenho aqui uma cerveja que diz que o bode não consegue fazer isso.

Inocentemente, Geoffrey disse: — Você tem uma cerveja experiente aí, senhor. — E todos no pub riram. Agora todos os olhos estavam voltados para Geoffrey quando ele disse: — Mefistófeles, quantas pessoas há neste pub?

O bode olhou por cima do nariz – e era um nariz do qual uma viúva rica teria se orgulhado – para os homens ao redor do bar e começou a contar, batendo delicadamente com o casco no chão, sendo o barulho subitamente o único som no local.

Ele bateu no chão oito vezes. — Ele acertou! — Declarou o taverneiro. — Já vi algo assim antes —, disse um dos homens. — Foi num show ambulante. Você sabe, palhaços e equilibristas e pessoas sem braços e médicos viajantes.[25] Eles chamavam aquilo de carnaval. E eles tinham um cavalo que diziam que fazia contas. Mas era apenas um truque.

Geoffrey sorriu e disse: — Se alguns de vocês, cavalheiros, quiserem sair por um momento, pedirei ao meu bode que faça isso de novo, e vocês verão que não há nenhum truque envolvido.

Intrigados agora, vários homens saíram enquanto os outros começaram a fazer apostas entre si.

— Senhores, meu bode vai lhes dizer quantas pessoas ainda estão na sala —, disse Geoffrey.

Mais uma vez, delicadamente, Mefistófeles casqueou o número correto.

Ao ouvir os aplausos, os homens que haviam saído voltaram, parecendo curiosos... e o casco de Mefistófeles registrou cada um conforme saíam. O taverneiro riu. — Este truque merece uma refeição para você e seu notável bode, senhor. Do que é que ele gosta?

— Não é nenhum truque, garanto, mas obrigado. Mefistófeles come quase tudo... ele é um bode. Alguns restos seriam mais que aceitáveis. E para mim, apenas um pouco de pão seria bem-vindo.

Uma tigela com restos de cozinha foi entregue a Mefistófeles e Geoffrey sentou-se ao lado dele com sua cerveja e um pedaço de pão com manteiga, conversando com alguns dos homens que estavam

---

[25] Havia o habitual homem-que-punha-doninhas-nas-calças em ação também. Daí a necessidade de um médico. N.A.

interessados no bode. Interesse que só se aprofundou quando Mefistófeles saiu em direção à latrina e depois de algum tempo voltou.

— Você realmente conseguiu que ele fizesse isso? — Disse um deles, maravilhado.

— Sim —, disse Geoffrey. — Eu o treinei desde quando ele era muito pequeno.

Ele é bastante dócil, na verdade. Bem, se eu estiver por perto.

— O que você quer dizer?

— Isso significa que ele faz o que lhe mandam, mas também tem vontade própria. Não me separaria dele por nada.

Nesse momento, vozes se levantaram do outro lado do bar quando um bebedor, cheio da arrogância que a cerveja pode dar a um homem, começou uma briga com outra pessoa que acabara de entrar. As pessoas mais sensatas se afastaram quando os dois começaram a trocar golpes, aparentemente com a intenção de espancar um ao outro até a morte, enquanto o taverneiro gritava sobre os danos em seus móveis e ameaçava acertá-los com o *knokberrie*[26] de seu avô, uma lembrança da campanha klatchiana, se eles não parassem.

Mefistófeles ficou subitamente alerta ao lado de Geoffrey, e todo bebedor sóbrio compreendeu em sua alma que não era hora de ser desagradável com o rapaz. Eles não sabiam como sabiam, mas havia uma espécie de poder visceral esperando para ser liberado.

— Por que eles estão brigando? O que há de errado? — Geoffrey perguntou ao vizinho.

---

[26] um knokberrie é um cajado de madeira com uma saliência arredondada em uma das pontas, usado em ataques corpo a corpo. N.T.

— Um antigo ressentimento por causa de uma jovem —, disse o homem, revirando os olhos. — Coisa muito ruim para se fazer. Alguém pode se machucar, ouça o que eu digo.

Para espanto de todos, Geoffrey atravessou o bar, seu bode observando cada passo seu, se desviou dos golpes violentos e ficou entre os dois homens, dizendo: — Não há necessidade de brigar, vocês sabem.

O taverneiro franziu o rosto em uma careta... ele sabia o que acontecia com as pessoas que tentavam se colocar entre dois idiotas sentindo cheiro de sangue. E então ele mal pôde acreditar no que via, pois os dois homens pararam abruptamente de lutar e ficaram ali parados, parecendo bastante confusos.

— Por que vocês dois não vão até a jovem e veem o que ela pensa antes de começarem a se espancar até a morte? — Geoffrey disse suavemente.

Os homens se entreolharam e o maior dos dois disse: — Ele está certo, você sabe.

E o público do pub riu enquanto os dois olhavam para os destroços, aparentemente surpresos que isso pudesse ter algo a ver com eles.

— Pronto, foi fácil, não foi? — disse Geoffrey, voltando para a mesa.

— Ah —, disse o dono do pub, surpreso por não ter que recolher um Geoffrey machucado do chão. — Você não é um mago, é?

— Não —, disse Geoffrey. — É uma coisa minha que eu tenho. Acontece comigo o tempo todo, quando preciso. — Ele sorriu. — Principalmente com animais e às vezes com pessoas. — Mas, infelizmente, pensou consigo mesmo, não com meu pai, nunca com ele.

— Bem, você deve ser algum tipo de mago —, disse o taverneiro. — Você acabou com uma briga entre dois dos piores brutamontes que temos por aqui. — Ele olhou para os dois patifes. — Quanto a vocês dois —, disse ele, — não voltem aqui até que estejam sóbrios. Vejam a bagunça que você fizeram. — Ele agarrou os dois e os empurrou porta afora.

O resto dos bebedores voltou às suas cervejas.

O taverneiro voltou-se para Geoffrey e olhou-o com perspicácia.

— Você quer trabalho, rapaz? Não há pagamento, mas você fica com o seu sustento.

— Não posso aceitar um emprego, mas ficaria feliz em ficar alguns dias —, disse Geoffrey com entusiasmo. — Se você puder me arrumar algumas frutas e legumes para mim... eu não como carne. E quem sabe um lugar também para Mefistófeles? Ele não fede muito.

— Provavelmente não será pior do que as pessoas que temos aqui —, disse o taverneiro, rindo. — Vou dizer o que vamos fazer. Você e seu bode podem ficar no celeiro e eu lhes darei o jantar e o café da manhã, e depois disso veremos. — Temos um acordo?

— Ah, sim, obrigado. Meu nome é Geoffrey.

O homem hesitou. — Meu nome é Querido. Querido Pombinho. — Ele olhou para Geoffrey com tristeza e disse: — Vai, você está quase dando uma risada, não está? Todo mundo sempre está. É melhor acabar logo com isso.

— Por que? — Disse Geoffrey. — Querido é um nome agradável e Pombinho também. Como isso pode ser algo com que se preocupar?

Naquela noite, o senhor Pombinho disse à esposa: — Consegui um novo balconista para nós. E engraçado ele, também. Mas ele parece, bem, inofensivo. Um tipo que dá para se conversar.

— Podemos pagar, querido? — Perguntou sua esposa.

‘— Ah, — disse Querido Pombinho —, ele só quer comida... e nem mesmo quer carne, e um lugar para dormir. E ele tem um bode. Um bode muito esperto, realmente. Faz truques e tudo mais. Talvez traga mais clientes.

— Bem, querido, se você acha que é uma boa ideia. Como são as roupas dele? — Perguntou a senhora Pombinho.

— Muito boas—, disse o senhor Pombinho. — E ele fala como um janota. Eu me pergunto se ele está fugindo de alguma coisa. Melhor não fazer perguntas, eu acho. E vou lhe dizer uma coisa: com ele e seu bode, não teremos problemas no bar.

E, de fato, Geoffrey ficou n'A Estrela por dois dias, simplesmente porque o senhor Pombinho gostava dele por lá. E a senhora Pombinho disse que ficou triste quando ele disse ao marido que precisava seguir em frente. — Um rapaz estranho, o jovem Geoffrey. Ele meio que me dá a ideia de que está tudo bem, mesmo que eu não saiba o que é que está certo. Uma espécie de retidão, flutuando no ar. Lamento muito que ele esteja indo —, disse ela.

— Sim, querida —, disse o senhor Pombinho. — Pedi-lhe que ficasse, pedi mesmo, mas ele disse que precisava ir para Lancre.

— É lá que estão as bruxas —, disse a esposa, franzindo o rosto.

— Bem —, disse o senhor Pombinho —, é para lá que ele quer ir. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Ele disse que o vento o está soprando para lá.

Lutando contra um forte vento contrário em sua longa jornada de volta à fazenda de seus pais, Tiffany sentiu que havia vento demais dentro e ao redor de Lancre. Mesmo assim, pelo menos não estava chovendo, disse a si mesma. A chuva de ontem tinha sido horrível; o tipo de chuva alegre em que todas as nuvens decidiram juntar-se à festa assim que uma nuvem abriu o primeiro dilúvio.

Ela se sentiu orgulhosa de ter as duas herdades no início, voando entre Lancre e o Giz a cada poucos dias; mas as vassouras não eram muito rápidas. Ou quentes.[27] Era bom que ela pudesse voltar para casa onde sua mãe cozinhava, mas mesmo em casa não havia tempo para descansar; e estar ausente em Lancre durante metade da semana significava que ela enfrentaria uma infinidade de demandas no Giz. As pessoas não estavam ficando desagradáveis com isso; afinal, ela era uma bruxa e Lancre tinha mais gente do que Giz, mas havia pequenas tensões começando a se desenvolver. Alguns murmúrios. E ela tinha a horrível sensação de que alguns dos murmúrios vinham de outras bruxas; bruxas que encontravam filas em suas portas de pessoas que tinham ido procurar Vovó Cera-do-Tempo e acabaram por encontrar um chalé vazio.

Parte do problema em ambas as herdades residia nos velhos deixados para trás quando suas esposas morriam; muitos deles não sabiam cozinhar. Ocasionalmente, algumas senhoras idosas ajudavam e você as via carregando uma panela de ensopado para o velho vizinho.

---

[27] Faz muito frio lá em cima; e nenhuma bruxa sensata jamais subia ao céu sem várias camadas de flanela entre ela e a vassoura. N.A.

Mas a parte bruxa de Tiffany não podia deixar de notar que isso acontecia com mais frequência se a velha fosse viúva e o velho tivesse um belo chalé e algum dinheiro guardado.

Sempre havia algo que precisava ser feito; e em alguns dias parecia ser principalmente as unhas dos pés. Havia um velho em Lancre, um velho decente; cujas unhas eram tão afiadas quanto uma arma letal e Tiffany teve que pedir a Jason Ogg, um ferreiro, que lhe fizesse uma tesoura resistente o suficiente para quebrá-las. Ela sempre fechava os olhos até ouvir o barulho das lascas de unhas se soltando dos pés dele e batendo no teto. O velho, porém, a chamava de sua adorável dama e tentava lhe dar dinheiro. E pelo menos ela agora sabia que os Feegles tinham uma utilidade para as unhas cortadas.

As bruxas gostam de coisas úteis, pensou Tiffany, enquanto tentava afastar sua mente do vento frio que soprava ao seu redor. Uma bruxa nunca teria que pedir nada (ah, não, ninguém queria dever nada a uma bruxa) e não aceitava dinheiro. Em vez disso, ela aceitava coisas de que poderia usar: comida, roupas velhas, pedaços de pano para fazer curativos e botas sobressalentes.

Botas. Ela havia tropeçado novamente nas botas de Vovó Cera-do-Tempo naquele mesmo dia. Ela as havia colocado no canto da sala e lá estavam elas, quase olhando para ela quando estava cansada demais para pensar. Você ainda não é boa o suficiente para calçar essas botas, pareciam dizer. Você terá que fazer muito mais antes.

Claro, sempre havia muito o que fazer. Muitas pessoas pareciam nunca pensar nas consequências de suas ações cotidianas. E então uma bruxa em sua vassoura teria que sair de sua cama na chuva, na calada da noite, por causa do "eu só queria" e seus amiguinhos "eu não sabia" e "não é minha culpa".

Eu só queria ver se a panela estava quente... eu não sabia que uma panela fervendo era perigosa... não é minha culpa; ninguém me disse que os cães que ladram também podem morder.

E, o favorito dela, eu não sabia que iria explodir, mesmo quando estava escrito "pode explodir" na embalagem; então explodiu. E aconteceu quando o pequeno Ted Cooper colocou um fogo-de-artifício explosivo[28] na carcaça de uma galinha depois da festa de aniversário de sua mãe e quase matou todo mundo ao redor da mesa. Sim, ela havia feito curativos e tratado todo mundo, até mesmo o palhaço, mas esperava muito que o pai dele tivesse dado uma surra nele depois.

E se a bruxa não estivesse ali na hora, bem, que mal havia em experimentar algumas coisas por si mesmo? A maioria das pessoas achava que sabia sobre o uso de plantas medicinais. Estavam certas disso. Mas o problema das plantas é que muitas delas se parecem com todas as outras e por isso a senhora Holland, esposa do moleiro de Giz, tratou o infeliz problema de pele do marido com *Amarantos Escorredores* em vez de *Raiz de Belodia* e agora a pele dele tinha ficado roxa.

Tiffany tratou o homem, mas então chegou a hora de ela voltar para Lancre e ela partiu; partiu e agora voltava novamente em sua vassoura, esperando que ambos tivessem aprendido a lição.

Ela era muito grata por Tia Ogg não morar muito longe do chalé de Vovó... não, seu chalé. Tiffany era boa em muitas coisas, mas a culinária não era uma delas; e assim como ela contava com a mãe e o pai para as refeições no Giz, era com Tia Ogg que ela contava no Lancre. A rigor, isso significava que ela contava com o exército de noras de Tia

---

[28] Outra pequena pista. N.A.

Ogg, que sabiam que nunca conseguiriam fazer o suficiente para merecer sua velha sogra.[29]

Mas onde quer que as duas fizessem as refeições, fosse no pequeno chalé de Tiffany na floresta ou em Tir Nani Ogg, a casa superlotada, mas muito confortável, onde Tia Ogg governava, parecia que Você também estava lá. Nenhum gato conseguia se mover tão rápido quanto ela, mas você nunca a via se mover rápido; ela sempre estava acabando de chegar. Era desconcertante.

O que também era desconcertante era como Greebo, o velho gato da Tia que entendia um pequeno arranhão no globo ocular como um alô amigável, escapulia tão logo Você aparecia.

A gata branca claramente tomara sua decisão e era uma presença constante na vida de Tiffany em Lancre. Agora, quando se preparava para uma tarde de ronda pelas casas, Você pulava na vassoura antes mesmo de Tiffany olhar para ela, o que fazia Tia Ogg rir, dizendo: — Ela te pegou de jeito, garota. Talvez ela mesma devesse percorrer as casas sozinha!

Tia Ogg tinha ficado bastante impressionada com o desempenho Tiffany. Mas também preocupada. — Sério —, ela disse a ela um dia enquanto compartilhavam uma refeição rápida, — você sabe que é boa no que faz, Tiff. Eu sei que você é boa. Vovó, onde quer que ela esteja agora, sabia que você era boa, mas não precisa ficar tentando fazer tudo sozinha, garota. Deixe que algumas das meninas daqui, as aprendizes, ajudem um pouco com o esforço. — Ela fez uma pausa enquanto mastigava um grande pedaço de ensopado e depois acrescentou: — Sabe

---

[29] "Suficiente" não era realmente uma palavra longa o suficiente para descrever as inúmeras pequenas tarefas que qualquer jovem dama que se casasse com alguém da família Ogg estava destinada. N.A.

aquele jovem lenhador nas montanhas, o que Esmê costurou no dia anterior a sua morte? Bem, a jovem Harrieta Bilk foi até lá para cuidar dele; e fez um bom trabalho, também. Tiff, você tem que fazer do seu jeito, eu sei, mas você não é a única bruxa em Lancre. Às vezes você precisa sair para o lado e deixar o desfile passar.

Tiffany mal teve tempo de ouvir antes de voltar à vassoura e descer novamente para o Giz. Não havia descanso para a bruxa ocupada com duas herdades! Mas enquanto o vento soprava, hipnótico, ela refletiu sobre o que Tia Ogg havia dito. Era verdade que havia outras bruxas em Lancre, mas no Giz (a menos que Letícia decidisse deixar de ser apenas uma baronesa) Tiffany era a única bruxa. E se seus pressentimentos estivessem certos, se as palavras de Jeannie se tornassem realidade, então uma só bruxa para o Giz poderia não estar nem perto do suficiente.

Ela estremeceu. Ela estava ansiosa para sair do vento gelado e entrar no calor da cozinha de sua mãe. Mas havia uma pessoa que ela precisava ver primeiro.

Demorou muito para Tiffany encontrar o Senhorita Umaturga, mas finalmente ela pousou em um pequeno bosque nos arredores de Ham-on-Rye, onde a bruxa viajante e caçadora de bruxas, havia parado sua carroça-e-casa para tomar o chá. Uma pequeno burro estava amarrado ali perto, aproveitando o conteúdo de seu embornal. Olhou para Tiffany quando ela se aproximou e relinchou.

— O nome dele é Joseph —, disse a Senhorita Umaturga. — Um legítimo burro de bruxa.

Começou a chover novamente e a Senhorita Umaturga rapidamente acenou para Tiffany subir os degraus de madeira de sua casa ambulante. Tiffany ficou feliz ao ver que havia uma chaleira

borbulhando num pequeno fogão. Ela sentou-se na beirada de um banco colocado logo atrás da porta, de frente para o fogão, e agradecida aceitou a xícara de chá oferecida.

Dentro da carroça, tudo aconteceu exatamente como Tiffany esperava. Senhorita Umaturga tinha tudo na mais perfeita ordem que se poderia almejar sem ser aquilo um navio. Nas paredes havia vários pequenos nichos, cheios de muitas coisas cuidadosamente arrumadas; e todas anotados com a cuidadosa caligrafia de professora da Senhorita Umaturga. Tiffany olhou mais de perto e, sim, eles estavam em ordem alfabética. Em outro lugar havia potinhos sem rótulos, para que você nunca soubesse o que havia dentro deles, e ao lado da cama havia um gráfico mostrando uma variedade de nós... a escapologia era um hobby útil para uma bruxa.

— Ficarei grata se não tocar nos meus potinhos —, disse a Senhorita Umaturga. — Algumas dessas misturas podem não funcionar corretamente e os resultados são muitas vezes imprevisíveis. Mas, você sabe, é preciso continuar experimentando.

Então era isso que havia em todos os potinhos, pensou Tiffany, tomando um gole de chá. Experimentos.

— Fico feliz em vê-la —, continuou a Senhorita Umaturga. — Ando ouvindo falar de você o tempo todo. Você sabe, quase todas as garotas que conheço querem ser você. Elas veem você zunindo por todo lado em sua vassoura e todas querem ser você, Madame Dolorida. De repente, ser bruxa se tornou uma escolha profissional!

— Ah, sim —, disse Tiffany. — É assim que tudo começa; e então você diz a elas exatamente o que eles passariam a vida fazendo e algumas delas decidem ir para a cidade grande e ser cabeleireiras ou algo assim.

— Bem, não escondo isso —, disse a Senhorita Umaturga com firmeza. — Eu digo a elas para pensarem bem; que nem tudo é magia, agitar varinhas e toda aquela coisa boba. É só sujeira e fuligem.

Tiffany suspirou. — Ser bruxa é trabalho de homem; e é por isso que se precisa de mulheres para fazê-lo.

A Senhorita Umaturga riu e continuou: — Bem, lembro-me de uma menina que não tinha certeza de si mesma e eu disse a ela que lhe daria lições que ela nunca esqueceria tão rapidamente.

Tiffany sorriu. Eu me lembro. E agora estou passando sempre com pressa em todos os lugares, atualmente. Mas, Senhorita Umaturga — , ela fez uma pausa e sua voz ficou um pouco baixa, — Tenho a sensação de que algumas das bruxas mais velhas estão começando a pensar que talvez eu não seja capaz de lidar com a situação. — Ela engoliu em seco. — Em Lancre, principalmente. E isso significa que tenho que passar muito tempo lá. — Ela mordeu o lábio. Ela odiava pedir ajuda.

Ela estava dizendo que não estava realmente à altura do trabalho? Decepcionando Vovó Cera-do-Tempo, já que fora Vovó quem elegera seu nome como sucessora. Ela não conseguia se lembrar de Vovó alguma vez pedindo ajuda. — Aqui embaixo, no Giz —, disse ela, — acho que talvez precise... Mmm... treinar uma aprendiz. Ter alguma ajuda.

Os céus não se abriram. Não houve nenhum suspiro de horror da outra bruxa com esse pedido. A senhorita Umaturga simplesmente cruzou os braços com firmeza. — Suponho que tenha sido Letícia Lacrainha quem colocou essas dúvidas na cabeça das pessoas. Ela acha que as coisas sempre têm que ser feitas da mesma maneira; então isso significa que ela assumiria o controle, suponho? Ela é uma bruxa sênior que acredita conhecer toda e qualquer bendita coisa deste mundo; mas

no final tudo não passa de berloques brilhando e tremeluzindo. A estúpida que escreveu *Minhas Amigas Fadas* deveria ter vergonha de se chamar de bruxa, e certamente não deveria esperar seguir os passos de Vovó Cera-do-Tempo. Rá, Letícia Lacrainha com certeza não conseguiria administrar duas herdades ao mesmo tempo. Ela realmente não consegue lidar nem com uma. — Ela bufou com escárnio. — Não se esqueça, Tiffany, que sou professora.[30] E nós, professores, podemos ser realmente desagradáveis quando se trata disso. *Dez Passos para a Bruxaria* e *O Romance da Vassoura* não são o que eu chamaria de livros propriamente ditos. Ah, certamente procurarei uma ou duas garotas para você; é uma ideia muito boa. Mas não precisa se preocupar com o que a Senhora Lacrainha pode dizer, ah, não...

[30] Dito de uma forma que fazia com que qualquer um que estivesse ouvindo soubesse disso instantaneamente. N.A.

Capítulo SETE

UMA FORÇA DA NATUREZA



Letícia Lacrainha não era alguém que aceitasse uma derrota em seu território. Nem em qualquer outro território, por falar nisso. Ela era, de fato, uma força da natureza e odiava recuar em qualquer coisa.

Não demorou muito para ela saber que por aqueles dias houvera uma fila em frente à casa de Tia Ogg. Tiffany Dolorida, decidiu a Senhora Lacrainha, não estava aguentando. E se fazia necessário uma bruxa de estatura sênior para fazer algo a respeito. Na opinião de Letícia Lacrainha (opinião sempre a ser levada em conta, em sua opinião), ela era de fato a única bruxa que tinha estatura para atuar, até porque aquele velho fóssil de Tia Ogg nada fazia.

A Senhora Lacrainha havia se casado muitos anos antes com um velho mago aposentado. — Os magos não podem se casar —, Tia Ogg dissera a Tiffany com desdém. — Em todo caso, aquele homem bobo

conseguiu o que merecia. Em vez de laureado, ele foi lacraiado. Ela gastou todo o dinheiro dele, é o que dizem!

Tiffany sabiamente não chegou a tanto; era bem provável que o "dizem" fosse na verdade o que Tia Ogg dizia, uma vez que odiava a Senhora Lacrainha com uma determinação implacável.

E foi por isso que ficou aliviada que Tia Ogg não estivesse ali quando a senhora Lacrainha chegou ao chalé de Vovó, uma manhã, mais ou menos uma semana depois, para o que ela chamava de "uma das suas conversinhas". Teria sido melhor, pensando bem, se a Senhora Lacrainha não a tivesse encontrado no jardim, cheia de espuma até aos cotovelos enquanto lavava roupa para o velho senhor Price.

O coração de Tiffany afundou quando viu a mulher chegando,[31] mas enxugou as mãos em uma toalha e recebeu a visitante no chalé com toda a educação que pôde reunir. A Senhora Lacrainha tinha tendência a tratar Tiffany como uma criança; e tinha também maus modos, como sentar-se sem ser convidada. A senhora Lacrainha, de fato, sentou-se na velha cadeira de balanço de Vovó e deu a Tiffany um sorriso de flagrante insinceridade, depois piorou a situação dizendo: — Minha querida menina!

— Mulher —, disse Tiffany calmamente enquanto a Senhora Lacrainha a olhava de cima a baixo. Ela estava profundamente consciente da espuma ainda grudada em seu avental e em seu cabelo desgrenhado.

— Bem, não importa —, disse a senhora Lacrainha, como se de fato não importasse. — Agora, pensei que deveria vir, como amiga e

---

[31] E pelo que ouviu, também, pois a quantidade de joias da Senhora Lacrainha anunciava a bruxa com um som tão alegre que era como se ela tivesse ambições de deixar de ser uma coleção de amuletos para se tornar uma fanfarra instrumental. N.A.

como uma das bruxas mais antigas desta área, para ver como as coisas estavam indo e oferecer alguns conselhos construtivos. — Ela olhou ao redor da cozinha com um ar superior, com um olhar particularmente penetrante para a poeira que brincava alegremente consigo mesma sobre as lajes de pedra, e Tiffany de repente ficou muito consciente das aranhas que permaneceram na residência na copa. E, como havia muitos pequeninos aumentando a colônia, ela não teve coragem de movê-los.

— Você não acha que está sobrecarregada tentando cuidar de duas herdades, minha querida? — acrescentou a senhora Lacrainha com um sorriso meloso.

— Sim, minha querida Senhora Lacrainha —, respondeu Tiffany, de forma bastante ríspida. — Estou sobrecarregada porque há muito o que fazer em ambos os lugares e não há muito tempo. — Que, aliás, você está ocupando, ela pensou. Mas dois podem jogar o seu jogo. — Se tiver algum conselho —, acrescentou com um sorriso que combinava com o da senhora Lacrainha, — ficarei feliz em ouvi-lo.

A Senhora Lacrainha nunca foi de ignorar um convite. Não que ela precisasse de um, já que imediatamente começou um discurso preparado.

— Não estou dizendo que você é uma pessoa má, minha querida. É que você não consegue lidar com isso e as pessoas estão falando sobre isso.

— Talvez estejam —, disse Tiffany. — E muitas vezes eles me agradecem, mas eu sou apenas uma mulher – isto é, uma mulher, não uma menina – então não posso fazer tudo de uma vez. É uma pena não haver maior quantidade de bruxas mais velhas por aí... — Sua voz sumiu,

a lembrança de Vovó Cera-do-Tempo deitada em seu caixão de salgueiro ainda estava muito fresca em sua mente.

— Compreendo —, disse a senhora Lacrainha. — Não é sua culpa. — Agora sua voz era suave como a seda, mas com um tom um pouco além de paternalista e caminhando para a grosseria total. — Você realmente foi jogada em áreas que não consegue administrar e, na verdade, é muito jovem, querida Tiffany. Para dar os passos certos no caminho *Mágiko*, você certamente precisa do conselho de uma bruxa mais velha. — Uma bruxa mais velha e séria que tenha a atitude mais adequada para abordar à questão. Não... laços familiares. — E ficou claro que ela não considerava Tia Ogg uma candidata para esta tarefa.

Tiffany se conteve. Se havia uma coisa que ela odiava mais do que "minha querida menina", era "querida Tiffany". E lembrava-se bem dos "conselhos" que a Senhora Lacrainha dera à sua protegida Annagramma Hawkin, que assumira a casa de uma bruxa sabendo tudo o que era possível sobre runas e feitiços, mas nada mais de útil. Ela precisara da ajuda de Tiffany. Quanto a sugerir que Tia Ogg não seria uma boa mentora.

— Bem, minha querida —, continuou a Senhora Lacrainha, — portanto, como uma das bruxas mais antigas desta área, sinto que devo ocupar o lugar de Vovó Cera-do-Tempo. É assim que sempre foi feito e por uma boa razão: as pessoas precisam de uma bruxa sênior a quem possam respeitar; alguém que possam admirar. Afinal, minha querida menina, uma bruxa de alto nível nunca seria vista lavando roupa.

— Sério? — disse Tiffany, cerrando os dentes. Um segundo "minha querida menina"? Mais uma e ela quereria não só atirar a senhora Lacrainha para a espuma, mas também manter a cabeça debaixo dela durante algum tempo.

— Vovó Cera-do-Tempo sempre disse: “Faça o bem que está na sua frente”, e não me importa quem me vê lavando roupa de velho. Há muita coisa para fazer e muita coisa suja, Senhora Lacrainha.

A Senhora Lacrainha irritou-se e disse: — La-cra-iiinia, minha querida menina.

— Não "minha querida menina" — Tiffany retrucou. — Senhora Lacrainha —, e ela fez questão de evitar qualquer semelhança com la-cra-iii-nia, — seu último livro chamava-se *Montar uma Vassoura de Ouro*. Pode dizer-me, Senhora Lacrainha, como é possível que voe? O ouro é bastante pesado. Poderíamos dizer, na verdade, que é extremamente pesado.

A Senhora Lacrainha rosnou. Tiffany nunca a tinha ouvido rosnar antes, mas este era um rosnado forte. — É uma metáfora —, ela disse bruscamente.

— Mesmo? — Disse Tiffany. Agora ela estava com raiva. — Para o que é que isto é metáfora, Senhora Lacrainha? Estou no limite da bruxaria, o que significa fazer o que deve ser feito da melhor maneira possível. O que importa são as pessoas, Senhora Lacrainha, não os livros. Já fez a Ronda das Casas, Senhora Lacrainha? Ajudou um garoto com a bunda meio para fora das calças? Você vê as crianças descalças? Os armários sem comida? As esposas que têm um bebê todo ano e um homem no pub? Você teve a gentileza de oferecer alguns conselhos. Se eu puder lhe oferecer alguns conselhos em troca, você me impressionará se também visitar as casas; e não antes. Sou a sucessora reconhecida de Vovó Cera-do-Tempo, que foi criada como bruxa por Tia Gripes, que aprendeu isso com outras bruxas desde Black Aliss, e isso não muda, não importa o que você pense. — Ela se levantou e abriu a porta da frente. — Obrigado por reservar um tempo para vir me ver. Agora,

como você destacou, tenho muitas coisas por fazer. À minha maneira. E, claramente, você não tem.

Uma coisa a reconhecer sobre a senhora Lacrainha, pensou Tiffany, era que ela conseguia excelentes indignações teatrais.. Ela se "indignou" tanto que quase doeu. As coisas em torno dela tilintaram jovialmente em despedida e um talismã até fez uma tentativa corajosa de ficar, enganchando-se na maçaneta quando a Senhora Lacrainha se virou após cruzar a soleira.

A última coisa que ela disse a Tiffany enquanto desembaraçava o pequeno pingente foi: — Eu tentei, realmente tentei. Convidei você a aproveitar tudo o que sei sobre bruxaria. Mas não. Você jogou minha boa vontade bem em minha face. Sabe, poderíamos realmente ter sido amigas, se você não fosse tão teimosa. Adeus, minha querida menina. — Depois de ter dito a última palavra, a Senhora Lacrainha bateu a porta ao sair.

E olhando para ela, disse para si mesma: eu faço o que é preciso, senhora Lacrainha, não o que quero fazer.

Mas a batida da porta que marcou a partida da visitante fez Tiffany pensar, e de repente ela disse para si mesma: Quero fazer do meu jeito. Não como as outras bruxas acham que deveria ser feito. Não posso ser Vovó Cera-do-Tempo para elas. Só posso ser eu mesma, Tiffany Dolorida. Mas percebeu outra coisa também. — A senhora Lacrainha tinha razão em pelo menos numa coisa —, disse ela em voz alta. — Estou tentando fazer demasiado. E se Jeannie estiver certa e houver algo terrível por vir—, ela estremeceu, — com o qual eu terei que lidar, bem, eu realmente espero que o Senhorita Umaturga possa me encontrar uma garota que possa ser de alguma utilidade. Eu preciso de ajuda.

— É, parece qu' é isso mesmo —, disse a voz de Rob Qualquerum.

Tiffany quase explodiu. — Você está sempre cuidando de mim, Rob Qualquerum?

— Iiiich, claro. Se lembre, temos um *Geas* sobre nóis de cuidar de você dia e noite, e é um grande *Geas*.

Um *Geas*. Apoiada pela tradição e pela magia, Tiffany sabia que um *Geas* era uma obrigação que nenhum Feegle deixaria de cumprir. Exceto Wullie Doido, é claro, que muitas vezes confundia seus "*Geas*" com um bando de grandes pássaros. Ela entendia tudo aquilo, mas ainda incomodava. — Você me vigia o tempo todo? Mesmo quando estou tomando banho? — Ela disse cansada. Era uma discussão antiga. Tiffany, sem nenhuma razão que Rob pudesse entender, parecia se opor ao fato de os Feegles estarem perto dela em todos os lugares. Eles já haviam chegado a um acordo sobre a privada.[32]

— Ah, tá, isso nós fazemos. Mas num olhamos, cê sabe.

— Bem —, disse Tiffany, — você poderia me fazer um favor?

— Só pedir — , disse Rob. — Gostaria qu' aquela carcaça véia Lacrainha fosse jogada numa lagoa ou algo assim?

Tiffany suspirou. — infelizmente, não. Não sou este tipo de pessoa.

— Ah, mas nós é —, disse Rob Qualquerum jovialmente. — E de qualquer jeito, é coisa tradicional, cê sabe. E nós é guiados pela tradição, cê sabe, sendo parte do folclore como nós é. — Ele sorriu esperançosamente.

---

[32] O problema era que um Feegle mentiam alegremente sobre quase tudo; então Tiffany ainda entrava em qualquer banheiro com os olhos abertos à procura de qualquer vislumbre de um Feegle; ela até teve um pesadelo uma vez com um Feegle surgindo de um buraco do banheiro de dois buracos da casa de seus pais. N.A.

— Uma ideia muito boa —, disse Tiffany. — Mas não, e novamente, não. A Senhora Lacrainha não tem mal coração. — E é verdade, pensou ela. Estúpida, às vezes autoritária, insensível e, se você pegar bem leve, vai dizer que não é uma bruxa muito boa. Mas havia aço no fundo daquilo tudo.

Tiffany sabia que Tia Ogg raramente lavava roupa... para que serviam as noras? E percebeu de repente que também nunca tinha visto Vovó Cera-do-Tempo lavando roupa para os senhores idosos, e esse pensamento a deteve por um momento. Preciso de tempo para resolver isso, pensou ela, olhando para o Grande Homem dos Nac Mac Feegles parado na sua frente, pronto para qualquer coisa. Esta seria uma tarefa difícil para eles, ela sabia.

— Tenho um *Geas* piquininho para deitar n' ocêis —, disse ela.

— Ichh, é mesmo?

— Rob, você já ouviu falar em lavagem de roupas?

— Ah, sim, sabemu qu' isso acontece —, disse Rob Qualquerum. Ele cascaveou no spog e uma mistura de insetos mortos, ossos de pés de galinha meio roídos e coisas do gênero foram derramadas.

— Bem, então —, disse Tiffany, — eu consideraria um favor se você pudesse passar algum tempo em minha copa enquanto estou cuidando de meus negócios. Você estaria ajudando um velho, de fato. Ele gosta de estar limpo e de ter roupas limpas. Ela olhou para ele. — Uma preferência, Rob, que você deveria considerar em adotar.

Ela se aproximou da porta da copa, apreensiva, quando voltou de suas visitas. Tudo estava limpo e brilhante, e entre as árvores do lado de fora estavam os imencionáveis[33] do velho senhor Price, tão brancos quanto o branco poderia ser. E só então Tiffany respirou fundo.

— Excelente —, disse ela a Rob Qualquerum.

Ele sorriu e disse: — Sim, nóis bem qui sabia que seria um trabái complicado.

— E ainda bem qu' eu tava co'cêis desta vez —, disse uma voz. Era Arthur Piquininho Loco, um Feegle que não se importava em lavar-se por ter sido criado por um bando de gnomos sapateiros, e depois se tornar policial na cidade grande. Arthur Piquininho Loco, Tiffany sempre pensava, travava uma batalha dentro de si entre sua metade Feegle e a metade Cidade Grande, mas como todo Feegle gostava de uma boa briga, bem, uma briga dentro de si era apenas um prazer extra.

Yan Grande empurrou Arthur Piquininho Loco para o lado e disse: — Num se importamos em ajudar velhos grandãozis e deixá eles limpim, mas nóis é Feegles e valorizamos nossa sujeira. Lavar faz um Feegle murchar todim. Num toleramo o sabão, cê sabe.

— Menos eu, Rob. Menos eu —, chegou ali uma voz feliz e Wullie Doido caiu do muro do pasto de cabras. Bolhas flutuavam no ar enquanto ele rolava pela grama.

— Já falei procê sobr' isso, Wullie —, Rob retrucou. — Isso só faz sair bolhas dos seus ouvidos.'

Tiffany riu. — Bem, você poderia fazer seu próprio sabonete, Wullie. Faça alguns para Jeannie. Leve um piquininho dum presente

[33] Imencionáveis. "Unmentionables" no original. Gíria vitoriana para referir-se às roupas íntimas e, por vezes, à genitália. N.T.

para sua Kelda. É fácil de fazer; você só precisa de um pouco de soda cáustica e sebo.

— Achhhh, é co' a gente, nós somo uns bons sebosos, somos mesmo —, Rob acrescentou com orgulho. — Famosos por isso, cê sabe.

Bem, eu tentei, pensou Tiffany. E de qualquer forma, seus espíritos são puros, se não particularmente limpos.

No Giz, à beira de uma floresta escura no topo de uma colina com vista para Duascamisas; uma pequena cidade com aspirações crescentes de ser um pouco mais do que uma loja, uma estalagem e uma oficina de ferreiro, a Rainha dos Elfos sorria com satisfação.

Era uma noite quente e o ar cheirava como sempre cheirava e o céu parecia com o que sempre parecia. Parecia haver uma nova estrada ou riacho para a cidade que brilhava ao luar, mas fora isso as coisas pareciam exatamente como estavam em sua última visita.

Ela se virou para olhar para seu prisioneiro trasgo que estava empoleirado com as mãos amarradas na sela, atrás de um de seus guardas. Ela sorriu, e não era um sorriso agradável. Ela o entregaria a Lorde Lankin, pensou. O elfo adoraria rasgar o miserável trasgo, membro por membro; depois de ter tido o prazer de brincar com sua presa, é claro.

Mas antes, essa sujeira trasgo os trouxera até ali, para aquela encosta. A Rainha e seu grupo de ataque olharam para o vale adormecido à frente. Seus guerreiros usavam pedaços de pele e couro,

penas enfiadas em bandanas e penduradas no pescoço. Também carregavam arcos com as flechas já preparadas.

O portão entre os mundos acabara lhes dando poucos problemas no final. Não foi preciso muito esforço para os elfos mais fortes avançarem; a barreira estava, de fato, muito fraca agora. Fosse antes, a velha bruxa certamente os teriam reforçados e os mantido afastados, atenta como sempre fora a qualquer movimento do povo das fadas.

Os animais também os notaram. No exato momento em que a Rainha pisou no Giz, as lebres nas colinas viraram-se e congelaram, enquanto as corujas que caçavam subiram mais alto, sentindo a presença indesejável de outro predador.

Os humanos, entretanto, geralmente eram os últimos a notar alguma coisa. O que os tornava muito mais divertidos.

Além de um brilho acima de um monte na encosta e um barulho distante de agitação que a Rainha reconheceu como sendo os sons habituais do Nac Mac Feegle, não houvera nada até o momento que perturbasse a primeira incursão dos elfos no Mundo-Disco em muitos anos; eles, então, começaram a se divertir. Eles já haviam farreado por algumas aldeias, soltando vacas, virando carroças, azedando o leite nas batedeiras, estragando um barril de cerveja e geralmente se divertindo com essas ninharias. Mas a pequena cidade em crescimento prometia todo tipo de entretenimento para elfos que haviam sido privados dos prazeres de um ataque por muito tempo.

Além do tilintar delicado de uma miríade de sinos presos aos arreios dos cavalos pretos do grupo de ataque, houve silêncio enquanto os elfos esperavam que a Rainha desse o sinal.

Ela ergueu o braço.

Mas antes que ela pudesse fazer qualquer coisa mais, de repente, gritando no ar, ouviu-se um barulho como se alguém estivesse matando um porco gigante.

Foi um som que envolveu todo o Giz. Um apito estridente que ecoou pelas colinas, deixando todos nervosos. Lá embaixo, no vale, o ar agora parecia cheio de fogo enquanto um enorme monstro de ferro avançava pela trilha prateada em direção à cidade, nuvens de vapor marcando seu caminho.

Os elfos cambalearam, o pânico se espalhando rapidamente de elfo para elfo enquanto eles se encolhiam ante o barulho. Ante aquele som. E ante aquele inegável cheiro de ferro no ar.

Impassível, Do Torno, a Limalha saltou da sela, usou os dentes para roubar a faca de pedra do guarda, cujas mãos agora cobriam suas orelhas pontudas em um esforço para bloquear o som, e rapidamente cortou suas amarras.

— Falei pra vocês. Cavalo de Ferro, é o que isso é —, disse ele dando-se ares de importância. — Último trem pra Duascamisas, é o que isso é. É nisso que os trasgos trabalham. Com ferro e aço.

A rainha não vacilou. Estava ciente disso. Alguns dos outros tinham, mas ela poderia lidar com eles mais tarde; nenhum elfo deveria demonstrar medo na frente de sua rainha. Mas na privacidade de sua mente pensou: Trem? Era grande. É de ferro e não sabíamos disso. E o que não conhecemos pode nos matar.

— Como podemos domesticá-lo? — Ela exigiu saber. — E mais importante, podemos torná-lo nosso? Quanto terror poderíamos causar com algo assim!

Flor-de-Ervilha (um Lorde Flor-de-Ervilha calmo, aparentemente imune ao sentimento geral de terror entre os elfos) estava ao seu lado e sorria; um sorriso que a rainha não gostou. Isso cortava o estilo dramático do rosto que ele escolhera usar, os olhos frios e impiedosos.

— Podemos atormentar os trasgos até que nos digam como controlá-lo. — Disse ele. — E então eles poderão fazer isso por nós, a nosso mando.

— Não vão —, disse Do Torno, a Limalha, lançando um olhar de reprovação a Flor-de-Ervilha. — Por que deveriam?

Flor-de-Ervilha estendeu a mão para agarrar o trasgo e Do Torno, a Limalha reagiu rapidamente, enfiando as pequenas mãos nos bolsos e atirando uma chuva de restos prateados sobre o elfo. Flor-de-Ervilha gritava de dor ao cair do cavalo.

O trasgo ria enquanto os outros elfos recuavam apressadamente. — Esqueceu o que tenho nos bolsos, senhor Flor-do-Pipi? Falei sobre as limalhas, falei sim. Parte do meu nome. Dói, não dói? Toque em um trasgo inteligente hoje em dia e coisas desagradáveis acontecem. Principalmente aos elfos... e apontou para Flor-de-Ervilha, cujo glamour o abandonara por completo sob o ataque da chuva de limalhas de ferro.

O elfo estava deitado e se contorcendo na grama; uma criatura pequena, fraca e patética, chorando de dor.

— Engraçado, não? — Disse o trasgo. — Neste novo mundo, pequenas coisas como limalhas... e trasgos... importam.

Capítulo OITO

OS BRAÇOS DO BARÃO



OS BRAÇOS DO BARÃO era o tipo de pub onde John Salsinha, proprietário hereditário e taverneiro atendente, ficava feliz se os fregueses habituais cuidassem das bombas das torneiras de cerveja quando havia muito movimento ou quando ele precisava atender ao chamado da natureza.

O tipo de pub onde os homens chegavam orgulhosamente carregando um pepino enorme ou qualquer outro vegetal da horta com formato humorístico ou sugestivo só para exibi-lo a todos os amigos.

Muitas vezes haveria discussões, mas discussões para se estabelecer uma verdade e não pela luta em si. Ocasionalmente, alguém tentava apostar dinheiro, mas isso era desaprovado por John Salsinha. Embora fosse permitido fumar (e fumar muito), cuspir não era tolerado. E, claro, havia palavrões, com uma linguagem tão crua quanto os

legumes humorísticos. Afinal de contas, não havia mulheres lá, exceto a senhora Salsinha, que fazia vista grossa e certamente iria tolerar linguajares como "foder"; sendo considerada como nada mais do que uma expressão colorida, usada abundantemente neste contexto como em "Fudeu! Como é que é?" e, mais cuidadosamente, "Quer me fuder?".

Os Barões, conhecendo o valor de um pub próspero ao qual não hesitavam em aparecer de vez em quando, ao longo das gerações acrescentaram melhorias para o entretenimento de seus inquilinos. Logo após seu casamento, por exemplo, o novo e jovem Barão deu ao pub tudo o que era necessário para se jogar dardos. Não havia sido um sucesso total; numa partida entusiasmada, Agite Bemdevagar, amplamente reconhecido como o melhor lavrador do Giz, mas não conhecido pela sua perspicácia intelectual, quase perdeu um olho. Os dardos eram agora, portanto, considerados mortais por todos os habitantes locais e o tabuleiro de gamão foi sensatamente trazido de volta.

Depois de um longo dia de trabalho nos campos ou nos galpões, o pub era um refúgio bem-vindo para muitos. Joe Dolorida, arrendatário da Fazenda-da-Casa, vinha prometendo a si mesmo uma cerveja tranquila durante um dia marcado por animais barulhentos e equipamentos quebrados. Uma cerveja, ele disse a si mesmo, o deixaria em melhor estado de espírito para a discussão que ele sabia que o aguardava durante o jantar sobre seu aniversário de casamento e que, para sua consternação, ele havia esquecido.

Por longa experiência, ele sabia que isso significava pelo menos uma semana de jantares frios e ombros frios e até mesmo o risco de uma cama fria.

Era sábado, uma noite quente de fim de verão, uma noite clara. O pub estava cheio, embora não tão cheio quanto John Salsinha gostaria. Joe sentou-se à longa mesa de carvalho do lado de fora do pub com seu cachorro Bobo enrolado em seus tornozelos.

Vindo de uma longa linhagem de Doloridas sempre lidando com fazendas no Giz, Joe Dolorida conhecia todos os homens que viviam na área e suas famílias; ele sabia quem trabalhava e quem não trabalhava muito, e sabia quem era bobo e quem era esperto. O próprio Joe não era esperto, mas era sábio e um bom fazendeiro e, acima de tudo, todos os sábados à noite, onde quer que se sentasse, ocupava a Cadeira do Pub. Ali ele era a fonte de todo o conhecimento.

Numa mesa menor do lado de fora da porta, ele ouviu dois homens locais discutindo sobre a diferença entre as pegadas de um gato e as de uma raposa. Um deles moveu as mãos lentamente e disse: — Olha, vou explicar de novo; o gato, ele anda assim, seu fodido velho, mas quando é a *Risoleta*, ela anda assim. — E mais uma vez os andares da raposa e do gato foram demonstrados pelo outro homem. Eu me pergunto, pensou Joe, se seríamos uma das últimas gerações a pensar em uma raposa como Risoleta[34].

Tinha sido um longo dia para todos os homens, trabalhando como estiveram trabalhando, com cavalos, porcos e ovelhas, sem falar nas inúmeras tarefas que esperavam qualquer outro da terra. Eles tinham um dialeto que rangia e sabiam os nomes de todos os pássaros canoros dos vales, de cada cobra e de cada raposa e onde podiam ser encontradas; e de todos os lugares onde os homens do Barão geralmente

---

[34] No original, "Reynard". Um forma antiga para se referir a uma raposa originada do francês "renard". Optamos por Risoleta, o nome dado por Guimarães Rosa ao pequeno animal que narrou indiretamente a história contida em *Conversa de Bois*. Aliás, o animalzinho era uma irara que, infelizmente, não é uma raposa, mas poderia ser. N.T.

não iam. Em suma, eles sabiam um grande número de coisas desconhecidas pelos estudiosos das universidades. Geralmente, quando um deles falava, isso era feito depois de alguma reflexão e muito lentamente; e nesse interlúdio eles colocavam o mundo em ordem até que um garoto fosse enviado para avisar aos homens que seus jantares iriam esfriar se eles não se apressassem.

Então Dick Mãozinha, um homem gordo com uma barba rala que deveria ter vergonha de chamar de barba naquele lugar, disse abruptamente: — Esta cerveja é tão fraca quanto água-de-donzela!

— Do que você está chamando minha cerveja? —, disse John Salsinha, abrindo uma clareira entre as garrafas vazias da mesa. Não pode haver cerveja melhor. Abri o tonel hoje de manhã.

Dick Mãozinha disse: — Não estou dizendo que a água da donzela esteja tão ruim assim. — Isso provocou algumas risadas, mesmo que não muitas. Pois todos se lembravam da época em que o velho rabugento senhor Tidder, depositando sua fé numa cura tradicional, pediu à filha que guardasse um pouco de seu pipi para derramar sobre sua perna dolorida. E a jovem Maisie; uma menina doce, mas com certa falta de inteligência, entendeu mal o pedido e serviu ao pai uma bebida com um sabor muito incomum Surpreendentemente, sua perna melhorou de modo considerável.

Em todo caso, outra cerveja foi tirada de um barril novo e Dick Mãozinha considerou-a satisfatória. E John Salsinha se perguntou, embora com muita pouca veemência, o que era uma cerveja a mais ou a menos entre amigos.

O taverneiro foi então sentar-se com seus clientes e perguntou a Joe: — Como você acha que o jovem Barão está se saindo?

O relacionamento entre o Barão e o senhor Dolorida, seu arrendatário, não era tão incomum no campo. O Barão era dono da terra. Todo mundo sabia disso. Ele também era dono de todas as fazendas da vizinhança; e os agricultores, seus arrendatários, cultivavam as terras para ele, pagando aluguel trimestralmente. Ele poderia, se quisesse, tomar de volta uma fazenda, expulsando o fazendeiro e sua família. No passado, houve barões que ocasionalmente se entregavam a demonstrações de autoridade, como incendiar casas e expulsar famílias inteiras, às vezes apenas por capricho, mas principalmente como uma forma estúpida de mostrar quem tinha o verdadeiro poder. Eles logo aprenderam. O poder não significava nada sem uma colheita decente no celeiro e um rebanho de jantares de domingo pastando nas colinas.

Roland, o jovem barão, teve um começo difícil; piorado, é preciso dizer, por sua nova sogra, uma duquesa que fazia questão de que todos soubessem que era uma duquesa. Mas ele logo aprendeu. Sabendo que ainda não tinha experiência no trato da terra, ele seguiu a prática geral de seu pai de deixar sabiamente que seus fazendeiros administrassem suas fazendas e seus trabalhadores como bem entendessem. Agora todos estavam felizes.

Também sabiamente, Roland de vez em quando conversava com Joe Dolorida, assim como seu pai antes dele; e Joe, um homem gentil, se oferecia para falar sobre as coisas que o corretor de terras e os cobradores de aluguel do Barão poderiam não ver: como uma viúva que passava por momentos difíceis ou uma mãe lutando para levar a vida adiante, depois que seu marido foi pisoteado por um touro mal-humorado. Joe Dolorida salientaria que uma certa quantidade de caridade seria uma coisa boa e, dando ao jovem Barão o crédito que lhe era devido, ele acataria a sugestão de uma forma original: a viúva descobriria que de alguma forma ela tinha conseguido como pagar o

aluguel adiantado; então não devia nada por enquanto; ao mesmo tempo, um jovem prestativo da propriedade que precisava aprender agricultura poderia aparecer de repente na pequena propriedade da jovem mãe.

— Não gosto de julgar cedo demais —, disse Joe, — recostando-se no banco e mirando solene de uma forma que só um homem que tinha direito à Cadeira aos sábados tinha o direito de olhar. — Mas, para dizer a verdade, ele está indo muito bem. Você poderia dizer que ele vai aprendendo à medida que avança.

— Isso é bom, então —, disse Thomas Gramaverde. — Parece que ele vai seguir os passos do velho.

— Tivemos sorte então. O velho Barão era um bom homem, duro por fora, mas sabia como as coisas são por baixo de tudo.

Salsinha sorriu. — Sua jovem senhora, a Baronesa, aprendeu um monte de coisas sem que lhes tivessem sido ensinadas; vocês notaram? Ela está sempre por aí conversando com as pessoas, sem se dar ares de grandeza. A mulher gosta dela —, acrescentou com um aceno de cabeça sábio. E se a esposa aprovasse, bem, isso era bom. Significava paz em casa e todo homem da terra queria isso depois de um dia de trabalho duro. — Ouvi dizer que ela sempre está por perto para dar os parabéns quando a esposa de um homem dá a luz.

Sobre esse assunto, Robert Carnudo disse: — Minha Josephine terá outro em breve.

Alguém riu e disse: — Então, cê sabe, é cerveja para todo mundo.

— Então não deixe de conversar com a Tiffany do Joe aqui —, disse Thomas Gramaverde. — Quando se trata de dar à luz uma criança, nunca vi algo melhor.

Enquanto bebia a cerveja, Thomas acrescentou: — Eu a vi passando zunindo ontem. Isso me deixou muito orgulhoso, realmente, uma garota do Giz. Tenho certeza de que você deve estar igualmente orgulhoso, Joe.

Todo mundo conhecia Tiffany Dolorida desde muito pequena, é claro; uma criança brincando com outras crianças, seus próprios filhos. Eles não gostavam muito de bruxas no Giz, mas Tiffany era a bruxa deles. E uma boa bruxa ainda por cima. Mas muito mais importante ainda: ela era uma garota do Giz. Ela sabia o valor das ovelhas; e eles a tinham visto correndo por todo lado em sua camisolinha quando era ainda uma criança. Então estava tudo bem.

O pai de Tiffany tentou sorrir enquanto se abaixava e dava uma tira carne de porco para seu cachorro. — Um presente para você, Bobo. — Ele ergueu os olhos. — É claro que a mãe de Tiffany gostaria de vê-la aqui com mais frequência, embora ela esteja orgulhosa dela; não consegue parar de contar às pessoas o que ela faz e eu também não. — Ele olhou para o taverneiro. — Outra cerveja para mim quando tiver tempo, por favor, John.

— Claro, Joe —, disse John Salsinha, entrando no bar e voltando com a caneca espumosa na mão.

Quando a cerveja foi entregue ao seu destino, Joe disse: — é estranho, sabem, quando penso em quanto tempo nossa Tiffany passa em Lancre atualmente.

— Seria uma pena se ela se mudasse para lá —, comentou Dick Mãozinha. E o pensamento ficou ali, flutuando no ar, embora ninguém dissesse mais nada. Não para Joe Dolorida, nem num sábado.

— Bem, ela está sempre muito ocupada —, disse Joe lentamente, guardando o comentário de Dick na cabeça para pensar mais tarde. — E há sempre muitos bebês por aqui, rapazes! — Isso trouxe alguns sorrisos.

— Mas não é só pelos partos. Ela foi até minha velha mãe quando ela estava indo embora —, disse Jim Cordeiro. — Esteve com ela a noite toda. E ela tirou a dor! Sabiam que ela faz isso?

— Sim — , disse Joe. — E não é só para barões, mas foi assim que o velho partiu, vocês sabem; ele tinha uma enfermeira, mas foi Tiffany quem resolveu tudo no fim das contas. Certificando-se de que ele não sentisse dor.

Houve um silêncio repentino na mesa enquanto os bebedores refletiam sobre as muitas vezes em que Tiffany Dolorida cruzara em seus caminhos. Então Noddy Andejomanso disse, quase sem fôlego: — Bem, Joe, todos nós esperamos que sua Tiffany fique por aqui, você sabe. Você teve muita sorte ali, sem nenhuma dúvida. Lembre-se de dizer isso a ela quando a vir.

— Não é nem preciso me dizer isso, Noddy —, disse Joe. — A mãe de Tiffany gostaria que ela se estabelecesse, é claro, no Giz com aquele rapaz dela; vocês sabem, o jovem Preston, que foi aprender a ser um médico de verdade na cidade grande. Mas acho que ela não vai, pelo menos não por enquanto. A meu ver, há muitos Doloridas por aqui, mas nossa Tiff está seguindo os passos de sua avó, só que com um pensamento mais moderno, não sei se me fiz entender. Acho que ela quer mudar o mundo; e se não o mundo, então esse pedacinho chamado Giz.

— Ela é uma bruxa muito boa para nós, pastores —, acrescentou Thomas Gramaverde, e houve um murmúrio de concordância.

— Vocês se lembram, rapazes, de quando todos os pastores apareciam por aqui e lutavam no Desafio? — Disse Dick Mãozinha após uma pausa para esvaziar o copo. — Não tínhamos bruxas naquela época.

— Sim —, disse Joe Dolorida. — Aqueles velhos pastores não lutavam com cajados, vejam bem. Eles lutavam com os pulsos, na queda-de-braço. E o vencedor era nomeado pastor-chefe.

Todos riram disso. E a maioria deles pensou em Vovó Dolorida, pois Vovó Dolorida tinha sido realmente o último pastor-chefe. Um aceno de Vovó Dolorida e um pastor caminharia como um rei durante o dia, com Desafio ou sem Desafio.

— Bem, não temos nenhum pastor-chefe hoje em dia. Temos uma bruxa, em vez disso. Sua Tiffany —, disse Robert Carnudo depois de outro longo silêncio em que beberam mais cerveja e acenderam cachimbos.

— Então, se nós temos uma bruxa em vez de um pastor-chefe. vocês acham que algum de vocês deveria tentar uma queda-de-braço com ela? — Perguntou John Salsinha com um grande sorriso... e um olhar de soslaio para o pai de Tiffany.

Robert Carnudo disse: — com uma bruxa? Não mesmo. E ainda teria cuidado com o que dissesse. — Joe riu enquanto os outros concordavam com a cabeça.

Então eles olharam para cima quando uma sombra passou sobre eles e a garota em sua vassoura gritou: — Boa noite, pai! Boa noite a todos. Não posso parar. Tem uma aqui que vai ter gêmeos.

Roland de Chumsfanleigh,[35] também o jovem Barão do Giz, queria ser como seu pai em muitos aspectos. Ele sabia que o velho era popular (no que era conhecido como um "barão da velha escola"), o que significava que todos sabiam o que esperar dele; então os guardas poliam suas armaduras e o saudavam e faziam o que se esperava deles, enquanto o Barão fazia o que se esperava dele, o que na prática significava que os deixava em paz.

Mas às vezes seu pai também era um valentão mal-humorado. E era essa parte que Roland gostaria de esquecer. Assim, queria sobretudo usar o tom certo quando foi ver Tiffany Dolorida na Fazenda-da-Casa. Pois eles já haviam sido bons amigos e, para alarme de Roland, Tiffany era considerada uma boa amiga por sua esposa, Letícia. Qualquer homem com bom senso seria sábio em ter receio das melhores amigas de uma esposa. Pois quem sabe que... bem, pequenos segredos poderiam ser compartilhados.

Roland, tendo sido educado em casa e com conhecimento limitado do mundo fora do Giz, temia que "pequenos" fosse exatamente o tipo de comentário que Letícia compartilharia com Tiffany.

Ele escolheu o momento em que viu sua vassoura descer cedo naquela noite de sábado; num momento em que sabia que Joe Dolorida estaria no pub.

— Olá, Roland —, disse Tiffany, sem sequer se virar enquanto ele entrava no pátio da fazenda e desmontava do cavalo.

---

[35] Pronunciado como "Chuffley" sob aquela estranha regra de que quanto mais enobrecida ficar uma família, mais peculiar se torna a pronúncia de seu nome. Certa vez, Tiffany ouviu um visitante nobre chamado Ponsonby-Macklewright (Pwt) referir-se a Roland como Chf. Ela se perguntou como eles se saíram no jantar quando Pwt apresentou Chf a Wm ou Hmpfh. Certamente isso não poderia levar a mal-entendidos? N.A.

Roland estremeceu. Ele era o barão. A fazenda do pai dela era dele. E enquanto pensava isso, percebeu o quão estúpido era esse pensamento. Como Barão, ele tinha os pedaços de papel que comprovavam sua propriedade. Mas esta fazenda era dos Doloridas. Sempre foi e sempre seria.

E ele sabia que Tiffany sabia exatamente o que ele acabara de pensar, então ficou um pouco corado quando ela se virou.

— É... bem, Tiffany —, ele começou, — eu só queria ver você e... hmmm... bem, é isso.   .

— Ah, vamos lá, Roland —, insistiu ela. — Continue com o que você veio dizer; foi um dia agitado e ainda preciso voltar para Lancre esta noite.

Era a abertura que ele precisava. — Bem, é sobre isso que eu queria falar, Tiffany. Tem havido... reclamações. — Não era a palavra certa e ele sabia disso.

Tiffany vacilou ante a palavra. — O quê? — Disse bruscamente.

— Bem, você nunca está aqui, Tiffany. Você deveria ser nossa bruxa, estar aqui para nós. Mas você vai para as Ramtops quase dia sim, dia não. Ele se endireitou, com uma vassoura metafórica subindo pela sua espinha. Ele precisava soar oficial, não bajulador. — Eu sou seu barão —, disse ele, — e peço que você cuide de suas responsabilidades, cumpra seu dever.

— Cumprir meu dever? — Tiffany repetiu fracamente. O que ele achava que ela vinha fazendo nas últimas semanas, enfaixando as pernas e tratando feridas, trazendo bebês ao mundo e aliviando a dor daqueles que estavam chegando ao fim de seus dias, e visitando os idosos e ficando de olho nos bebês, e... sim, cortando unhas dos pés. O que

Roland estava fazendo? Oferecendo jantares? Admirando as tentativas de Letícia com as aquarelas? Seria muito melhor se ele pudesse ter oferecido a ajuda de Letícia. Pois Roland sabia, assim como Tiffany, que Letícia tinha as habilidades naturais de uma bruxa. Ela poderia ser útil no Giz.

E então ela percebeu que estava sendo injusta. Pois sabia que Letícia visitava cada novo bebê. Conversava com as mulheres.

Mas ela estava com raiva de Roland.

— Vou pensar no que você falou —, disse ela com uma polidez exagerada que o fez corar ainda mais.

Com a vassoura imaginária ainda rigidamente presa às costas, Roland foi até o cavalo, montou novamente e partiu.

Bem, eu tentei, ele disse a si mesmo. Mas ele não pôde deixar de sentir que tinha feito uma bagunça.

Houve um pandemônio quando a Rainha e seus seguidores voltaram pelo círculo de pedras.

O reluzente palácio em Feéria havia desaparecido e o conselho estava sendo realizado em uma clareira nas profundezas do que poderia ter sido um bosque mágico se a Rainha tivesse se preocupado em colocar os detalhes necessários, como borboletas, margaridas e cogumelos. Mesmo agora, as árvores friccionavam freneticamente galhos e folhas enquanto ela passava; e partes do chão pareciam estar correndo para criar talos de grama de cada lado dela.

Ela estava furiosa. Um trasgo – um pedaço de sujeira – ousara atacar um de seus Lordes. O qual caíra diante daquele trasgo; um trasgo de pés sujos tão velozes que conseguira fugir da ira dela. E muito embora tenha sido Flor-de-Ervilha quem caíra, (e secretamente a Rainha estava satisfeita por ter sido ele e não outro dos seus Lordes) ela sabia que os seus elfos a culpariam pela vergonha. Sua falha. Pois fora ela que liderara o grupo de ataque e fizera levar o trasgo com eles.

Apesar das suas ordens, Flor-de-Ervilha ainda estava ali. Ele estava pálido e cambaleante no começo, mas seu glamour estava quase de volta à força normal depois que o terrível ferro havia sido removido de seu corpo. Atrás dele estavam seus guardas e ela podia sentir o desafio fluindo deles.

Ela olhou para Flor-de-Ervilha com desdém e disse a um dos guardas: — tire esta coisa fraca daqui. Tire-o da minha vista!

O guarda, porém, não se mexeu. Em vez disso, ele sorriu insolentemente e manipulou a besta em suas mãos, encaixando casualmente uma flecha emplumada e ousando apontá-la na direção dela.

— Minha senhora —, disse Flor-de-Ervilha com um desdém velado, — estamos nos perdendo. Nosso domínio sobre o mundo humano é fraco. Até os trasgos estão rindo de nós agora. Por que só agora sabemos, e através de um deles, que os humanos cercaram seu mundo com ferro? Por que você não fez nada para impedir isso? Por que não saímos para caçar? Por que você não nos permitiu a que fôssemos verdadeiros elfos? Não é como nos velhos tempos.

Seu glamour era agora quase poderoso novamente para se igualar ao dela, mas sua vontade era ainda mais forte. Como deixei que isso me

escapasse? A Rainha pensou; embora seu rosto não mostrasse nada do que estava sentindo.

Ele ousa me desafiar? Eu sou a rainha. O rei pode estar em outro mundo, descansando em seu túmulo, deleitando-se com seus prazeres, mas ainda sou sua rainha. Sempre será uma rainha a governar. Nunca um lorde. Ela se levantou e olhou para seu Lorde traiçoeiro, forçando seu glamour ao máximo.

Havia, porém, um coro de concordância com Flor-de-Ervilha por parte de vários elfos. Na verdade, era raro o dia em que um elfo concordava com outro elfo, – a discordância era um estado de ser muito mais normal – porém a massa de guerreiros parecia estar se aproximando agora, seus olhos frios examinando sua rainha. Impiedosamente. Perigosamente. Ferozes.

A Rainha olhou para cada um antes de voltar-se para Flor-de-Ervilha. — Sua pequena aberração —, ela sibilou. — Eu poderia arrancar seus olhos em um só instante.

— Ah, sim, madame —, continuou Flor-de-Ervilha à medida que a pressão aumentava. — Mas quem foi que permitiu aos Feegles entrarem em frenesi? Agora que a velha se foi, as bruxas estão fracas. Assim como a porta de entrada entre nossos mundos. Mas você, apesar de tudo isso, parece ainda ter medo da garota Dolorida. Ela quase matou você antes, segundo todos os relatos.

— Ela não fez isso —, disse a Rainha.

Os outros elfos, porém, estavam olhando para ela agora; olhando para ela como um gato olha para sua presa. E ele dissera a verdade. Tiffany Dolorida a tinha derrotado. A Rainha sentiu seu glamour tremeluzir e desaparecer.

— Você é fraca, madame —, disse Flor-de-Ervilha.

A Rainha se sentiu fraca. E pequena, e cansada. As árvores estavam se aproximando. A luz parecia esvanecer-se. Ela olhou para os rostos ao seu redor, então se recuperou e convocou o poder que lhe restava. Ela ainda era a rainha. A rainha deles. Eles iriam ouvi-la.

— Os tempos estão mudando —, disse ela, levantando-se ao máximo. — Ferro ou não, trasgo ou não, esse mundo não é mais o mesmo.

— Então escondemo-nos, a seu pedido —, disse Flor-de-Ervilha, com a voz cheia de desprezo. — Se o mundo está mudando, deveremos ser nós os que o vão mudar. Nós é que devemos decidir como será. É assim que sempre foi. E como deverá ser de novo.

Os elfos ao seu redor brilhavam em aprovação, seus trajes deslumbrantes, seus rostos estreitos e frios cercados pelo brilho de seu glamour.

A Rainha se sentiu perdida. — Você não entendem —, ela tentou. — Entendemos esse mundo lá, como para nosso prazer. Mas se tentarmos agir como sempre foi, bem, seremos atropelados pelo tempo. Seremos apenas... fadas. Isto é o que o ferro daquele mundo nos diz. Não há futuro para nós lá.

Flor-de-Ervilha zombou e disse: — Isto é lixo. Esta conversa de não haver futuro. Nós fazemos nossos próprios futuros. Não nos importamos com humanos ou trasgos. Mas você... você parece ser bastante branda com eles. Poderia a grande Rainha estar com medo? Você não tem certeza nem de si mesma, senhora. Isso nos deixa inseguros quanto a você.

A lealdade dos elfos é fina como uma teia de aranha e a moeda de Feéria é o glamour. A Rainha podia sentir seu glamour se esvaindo cada vez mais enquanto seu adversário falava.

E então ele atacou.

— Você ficou muito mole, senhora —, ele rugiu. — Tudo começou com aquela... garota. E vai terminar... comigo!

Flor-de-Ervilha apontou para a Rainha, vendo uma miríade de rostos e fisionomias cintilarem nas suas feições... cabelos dourados, cabelos escuros, cabelos longos, cabelos curtos, cabelos ralos. Careca, cabelo de bebê. Alta, forte. Débil, infantil. Ereta, curvada. choramingando.

— Os trasgos não atendem mais às suas ordens hoje em dia —, ele sibilou. — E Feéria não pode sobreviver sem um líder forte. Nós, elfos, precisamos de alguém que prevaleça... sobre os trasgos, sobre os humanos e sobre todos os outros. O que precisamos agora, o que nosso rei no túmulo precisa, é de um guerreiro.

Flor-de-Ervilha era agora como uma cobra; seu olhar perfurando sua vítima, mesmo quando ela se encolhia ainda mais e chorava pela perda do seu encanto.

— Não podemos ser governados por uma coisa como isso —, concluiu ele com desdém. Ele se virou para os outros elfos e disse: — O que vocês acham?

E no vazio dos seus olhos, a Rainha viu o seu futuro desaparecer.

— O que devemos fazer com ela, Lorde Flor-de-Ervilha? — Era Semente-de-Mostarda, avançando para apoiar o seu novo líder.

— Ela deve abandonar o trono! — Um outro elfo gritou.

Flor-de-Ervilha olhou com desdém para a sua antiga rainha. — Levem-na embora, brinquem com ela como quiserem; e depois arranquem suas asas —, ele ordenou. — Esta será a punição para aqueles que falharem. Agora —, continuou ele, — onde estão meus músicos? Vamos dançar sobre a vergonha daquela que já foi nossa rainha. Escorracem ela e sua memória, por assim dizer, para fora de Feéria; e tomara ela nunca mais volte.

— Para onde ela deverá ir? — Gritou Semente-de-Mostarda, agarrando a rainha por um de seus agora débeis braços, semelhando a bastõezinhos.

Mas Flor-de-Ervilha já estava saindo, serpenteando entre a multidão de cortesãos que agora dançavam nos seus passos.

Enquanto a pequena elfa indefesa que outrora fora rainha era arrastada de sua vista, Semente-de-Mostarda a ouviu sussurrar algumas palavras em seu desespero: — Trovão... e Relâmpago... que sintas a força de Trovão e Relâmpago, Flor-de-Ervilha, e depois a ira de Tiffany Dolorida, que lhe vai doer até os ossos...

E a chuva começou e virou granizo.

Capítulo NOVE

BOM COM AS CABRAS



O RAPAZ PARADO na chuva olhando para Tiffany na porta dos fundos do chalé que agora era dela (não mais de Vovó) não era como seus visitantes habituais. Ele estava sujo, sim, mas era mais a sujeira da estrada do que pobreza; e ele tinha um bode com ele, o que não era comum. Mas ele não parecia necessitado. Ela olhou mais de perto. Suas roupas já foram caras e de alta classe. Carente, porém, ela pensou. Alguns anos mais novo que ela também.

— Você é Madame Dolorida, a bruxa? — Ele perguntou, nervoso, quando ela abriu a porta.

— Sim —, disse Tiffany, pensando consigo mesma: Bom, pelo menos ele fez o dever de casa e não veio pedir Vovó Cera-do-Tempo; e bateu na porta dos fundos como deveria; e acabei de fazer um pouco de sopa e vai esfriar.

— O que posso fazer por você? Precisa de alguma coisa? — Ela continuou, porque uma bruxa não mandava ninguém embora.

— Não, madame e com sua licença, apenas acontece que ouvi pessoas falando sobre você enquanto eu caminhava pela estrada. Dizem que você é a melhor bruxa.

— Bem, as pessoas podem dizer qualquer coisa —, disse Tiffany, — mas o que importa é o que as outras bruxas pensam. Como posso ajudá-lo?

— Eu quero ser uma bruxa! — A última palavra ressoou no ar como se ele estivesse vivo, mas o menino parecia sério e infeliz, e continuou obstinadamente, dizendo: — O senhor Agastado, meu tutor, me contou sobre uma bruxa que se tornou um mago; então certamente, madame, o conceito talvez possa funcionar em ambos os sentidos? Dizem que o que é bom para a gansa é bom para o ganso, não dizem?

— Bem, sim —, disse Tiffany, incerta de si mesma. — Mas muitas senhoras não gostam de lidar com um homem desconhecido, por assim dizer, em circunstâncias privadas. Muito do nosso trabalho envolve sermos parteiras, você sabe; e faço ênfase na palavra "parto".

O pomo de Adão do rapaz tremia, mas ele conseguiu dizer: — Sei que na cidade grande o Hospital Gratuito Lady Sybil ajuda mulheres e homens. Não há dúvida, senhora, de que quando se trata de cirurgia, há senhoras que às vezes ficam felizes em ver o cirurgião. — O rapaz pareceu se animar por um momento e disse: — Eu realmente sinto que posso ser uma bruxa. Conheço muito as coisas do campo e tenho dedos pequenos e muito úteis que foram de grande utilidade há algum tempo na estrada, quando tive que lidar com uma cabra em trabalho de parto e ela estava com problemas. Tive que arregaçar as mangas e mexer com cuidado para guiar o cabrito para deixar a mãe. Foi uma bagunça, é

claro, mas o cabrito estava vivo e o velho dono da cabra chorava de gratidão.

— Sério? — Disse Tiffany friamente, perguntando-se quando "bom com cabras" se tornou uma qualificação para ser uma bruxa. Mas o menino parecia uma alma perdida; então ela cedeu e o convidou para tomar uma xícara de chá. O bode viu um pedaço coberto de vegetação de *Minnie Rastejadora* sob a macieira, ao abrigo da chuva, e parecia contente por ser deixado do lado de fora, embora Tiffany não pudesse deixar de notar (como qualquer bruxa notaria) que ele deu a ela um olhar estranho de um tipo raramente visto nos olhos fendidos de um caprino. O tipo de olhar que deixa você com medo de virar as costas, definitivamente, e... de alguma coisa... a mais do que isso também.

Ao acenar para o menino entrar, ela viu Você passar pela macieira e parar de repente, com as costas arqueadas e o rabo arrepiado até um tamanho notável quando avistou o bode. Houve uma pausa significativa enquanto os dois se entreolhavam, e Tiffany poderia jurar que viu um rápido lampejo de luz fluorescente, amarelo-esverdeado-roxo, e então tudo ficou subitamente calmo, como se um acordo tivesse sido assinado e selado. O bode voltou a mordiscar e Você voltou ao tamanho normal e passou, quase roçando as pernas do bode. Tiffany ficou surpresa. Ela já tinha visto o gato de Tia Ogg, Greebo, fugir de Você! Que tipo de bode é esse?

Talvez, pensou ela com interesse, esse rapaz também seja mais do que parece.

Enquanto estavam sentados à pequena mesa da cozinha, ela soube que o nome do menino era Geoffrey e que estava muito longe de casa. Ela percebeu que ele parecia não querer falar sobre sua família, então tentou outra abordagem.

— Estou intrigada, Geoffrey —, disse ela. — Por que você quer ser uma bruxa em vez de um mago, que é algo tradicionalmente considerado como trabalho de homem?

— Nunca me considerei um homem, Madame Tiffany. Eu não acho que seja alguma coisa. Eu sou apenas eu —, ele disse calmamente.

Boa resposta! Tiffany disse para si mesma. Então ela se perguntou, não pela primeira vez, sobre as diferenças entre magos e bruxas. A principal diferença, pensou ela, era que os magos usavam livros e cajados para criar feitiços, grandes feitiços sobre coisas importantes, e eles eram homens. Enquanto as bruxas, sempre mulheres, lidavam com coisas do dia a dia. Coisas grandes também, ela lembrou a si mesma com firmeza. O que poderia ser maior do que nascimentos e mortes? Mas por outro lado: por que esse garoto não poderia querer ser uma bruxa? Ela escolheu ser bruxa, então por que ele não poderia fazer a mesma escolha?

Com um sobressalto, ela percebeu que era sua escolha que contava aqui também. Se ela fosse ser uma espécie de bruxa-chefe, ela deveria ser capaz de decidir sobre isso. Ela não tinha que perguntar a nenhuma outra bruxa. Poderia ser uma decisão só dela. Sob sua responsabilidade. Talvez um primeiro passo para fazer coisas de forma diferente?

Ela olhou para Geoffrey. Há algo nesse rapaz e não sei o que é, ela decidiu. Mas ele parece inofensivo e parece também ter sido bastante oprimido, então eu decidirei e escolho tentar. Quanto ao bode.

— Bem —, ela disse, — posso lhe dar um pouco de roupa de cama para te ajeitar no alpendre e um pouco de comida e bebida para hoje. Seu bode é sua responsabilidade. Mas já está ficando tarde, então conversaremos novamente amanhã.

Na manhã seguinte, enquanto esperava a chegada de Tia Ogg, Tiffany foi até o alpendre com um pouco de comida. O rapaz estava dormindo. Ela tossiu com cuidado e o rapaz deu um pulo ao ouvir o som.

— Muito bem, Geoffrey, agora me diga a verdade. Você está fugindo de alguém? Pais, talvez?

— Não, não estou —, disse Geoffrey, comendo um bocado do pão que Tiffany trouxe, mas empurrando uma fatia de presunto para o lado.

Seu farsantezinho, pensou Tiffany, na qualidade de bruxa boa em detectar mentiras.[36] Ela suspirou. — Você está apenas fugindo de casa então?

— Bem, você poderia dizer isso, madame, mas tenho dezesseis anos e só queria ir embora, nada mais.

— Não se dá bem com seu pai, não é? — Disse Tiffany e viu o menino pular metaforicamente, como se tivesse atingido um ponto nevrálgico.

— Como você pôde ver isso, senhora!

Tiffany suspirou. — Está escrito bruxa na porta, não é? Posso não ser muito mais velha que você, mas você não é o primeiro fugitivo com quem lidei e tenho certeza de que haverá muitos mais.

Embora —, acrescentou — nunca alguém tão bem-nascido como o senhor, senhor Geoffrey. Bom casaco, o seu. Bem, que utilidade você pode ter para mim e para minha herdade, Geoffrey?

— Ah, bastante, madame —, disse ele, tentando parecer definitivo, mas parecendo apenas esperançoso.

---

[36] Detectar verdades era muito mais difícil. N.A.

E naquele momento Tia Ogg apareceu na esquina do chalé; não estava lá um minuto antes e de repente lá estava, o que era, Tiffany sabia, o estilo de Tia Ogg. Ela olhou para Geoffrey, fez um julgamento instantâneo, depois piscou para Tiffany e disse: — Alguma coisa acontecendo, Tiff? — Tiffany viu um sorriso sugestivo no rosto enrugado de Tia Ogg, como se de repente uma maçã estivesse olhando maliciosamente para ela. Geoffrey parecia prestes a correr dali.

— Está tudo bem, Tia. Este é Geoffrey —, disse Tiffany firme. — Ele quer ser uma bruxa.

— Sério? — Tia Ogg riu. — Você quer dizer que ele quer fazer mágica. Mande-o para os magos!

Agora Geoffrey parecia um pequeno cervo prestes a fugir. Tia Ogg podia afetar as pessoas deste jeito.

— Não, ele quer ser uma bruxa, Tia. Entendeu?

Tiffany viu um brilho travesso nos olhos Tia Ogg quando disse: — Então, ele quer ser uma bruxa, não é? Talvez ele devesse aprender o que nós, bruxas, temos que suportar antes de decidir o que fazer. Quero dizer, ele ainda pode querer dar uma chance a eles, magos, se tiver alguma magia nele. Já sei, faça dele um moço-de-quarto. Um moço-de-quarto era como uma ajudante de cozinha masculino, fazendo todos os trabalhos estranhos, e geralmente sujos, na casa. Coisas como matar galinhas e amarrar faisões, limpar sapatos, descascar batatas e qualquer outra tarefa que fosse confusa e ocasionalmente perigosa. Geralmente havia um na Fazenda-da-Casa, aprendendo aos poucos o que era o trabalho de fazenda. — Vou dizer o que vamos fazer —, continuou a Tia, olhando para o garoto trêmulo, — vamos testá-lo com o senhor Banal. Você sabe como são as unhas dos pés dele.

Sim, como todas as unhas dos pés dos velhos, pensou Tiffany. Ela olhou para o rapaz, tão ansioso para ser útil, e teve pena dele. — Ser bruxa é muito mais do que você pensa, Geoffrey; mas se quiser ser meu garoto-de-quarto, vamos ver como você se sai. E antes de tudo, gostaria que você fizesse algo a respeito das horríveis unhas dos pés de um velho.

— Você pode precisar de um escudo —, disse Tia Ogg. O rapaz olhou para Tiffany interrogativamente.

— Ai, rapaz —, exclamou Tiffany. — As unhas dos pés do senhor Banal tendem a ser grossas e fortes e muito, muito difíceis de tratar. Você vai precisar de tesouras de podar bem afiadas e, mesmo assim, as malditas coisas disparam pela sala. Você também precisa ter cuidado com os olhos. — Ela estudou o rosto do rapaz; ele parecia determinado a enfrentar qualquer obstáculo, até mesmo unhas de pés voadoras. Tia Ogg estava sorrindo, então Tiffany disse: — Tenho um parto para cuidar. Tia, poderia fazer a gentileza de levar Geoffrey ao senhor Banal e ver como ele se sai. Ah, e diga a ele para lembrar de coletar pedaços; Rob Qualquerum tem um uso útil para eles, tem mesmo.

— Posso levar Mefistófeles comigo? — Perguntou Geoffrey. Tia Ogg girou nos calcanhares. — Mefisquê? — Disse ela lentamente.

— Meu bode —, disse Geoffrey, apontando para o pasto onde Mefistófeles investigava os restos de um canteiro de dente-de-leão. — Ou melhor, ele é bode dele mesmo, mas viajamos juntos. Ele é um companheiro muito inteligente.

Tia Ogg bufou.

— Veja — Geoffrey acrescentou orgulhoso enquanto observavam Mefistófeles atravessar graciosamente o pasto e abrir com o nariz a porta do pequeno galpão perto da faia. — Ele até aprendeu a usar o banheiro.

E Tia Ogg, pela primeira vez na vida, ficou sem palavras.

Capítulo DEZ

TESOURO



NO FUNDO DO CORAÇÃO DE FEÉRIA, O triunfante Flor-de-Ervilha perscrutava a sua corte.

Lorde Lankin, alto, elegante, com uma túnica de musgo e tojo pendurada casualmente sobre a pele escura, descansava ao seu lado, brincando com uma adaga de bronze.

— Sou o seu rei, agora —, declarou Flor-de-Ervilha.

Houve silêncio no grande salão enquanto os elfos consideravam esse acontecimento e suas chances. E um elfo ousado disse: — E o que dizer do próprio rei? Aquele lá embaixo, no túmulo? O que acha que ele dirá?

— Alguma coisa assim —, disse Flor-de-Ervilha, atirando uma flecha emplumada no elfo e o derrubando. Ferido, mas não morto. Bom,

pensou Flor-de-Ervilha. Mais diversão para mim mais tarde. Ele gesticulou para seus guerreiros e o elfo ferido foi arrastado para longe. — Para o inferno com o rei! — Ele disse e desta vez não houve discussão.

Todos os elfos sabiam que Flor-de-Ervilha queria um confronto com o mundo dos humanos, dos anões e dos trasgos e de todos os outros povos; e queria que os elfos corressem livres e ferozes por aquele mundo mais uma vez.

— Somos elfos desde a aurora dos tempos —, trovejou Flor-de-Ervilha. — E há muito tempo que os humanos têm a vantagem. Os novos trasgos sentirão nossa ira! Os uivos do lixo mecânico serão varridos! Recuperaremos o mundo que nos foi negado! — Ele sorriu e acrescentou suavemente: — E aqueles que não estiverem conosco sofrerão.

No mundo do trem e da limalha, o ferro poderia matar elfos. Mas nenhum elfo queria ser aquele a sentir o temperamento terrível de Flor-de-Ervilha ao contradizê-lo. E tinham plena consciência de que ele sabia exatamente como fazer com que uma palavra curta como "sofrimento" se transformasse numa experiência muito longa.

E à medida que o glamour de seu novo rei crescia e ele se erguia alto e forte acima deles, eles sentiram a sensação de seu mundo despertando mais uma vez.

— Que tolos são estes mortais! — Rugiu Flor-de-Ervilha. — Eles acham que podem nos impedir? Eles precisam de nós. Eles nos chamam. E atenderemos ao chamado. Faremos com que eles queiram o que não podem ter e não lhes daremos nada além de nossas risadas. Nós tomaremos tudo!

E os elfos aplaudiram.

Becky Pardon e Nancy Upright, vestidas com suas melhores roupas, ficaram apreensivas diante da Senhorita Umaturga, que disse: — Nem tudo são feitiços e vassouras. É um trabalho árduo, às vezes. Às vezes bastante desagradável. Sim, Becky?

— Eu estava lá quando meu avô morreu —, disse Becky, — e observei todas as coisas que precisavam ser feitas. Meu pai disse que eu não deveria, mas minha mãe disse: "Deixe a menina ver. Ela descobrirá mais cedo ou mais tarde como são as coisas no mundo."

— O que eu quero saber, garotas, é se vocês sabem lidar com magia. Vocês duas deveriam ter alguma magia básica, como apagar uma vela apenas com o pensamento. O que vocês acham que fazemos com a magia?

Becky disse: — Você pode curar verrugas. Essa eu conheço. Minha avó podia fazer isso. A magia pode deixar você bonita. — Seu tom era melancólico e a Senhorita Umaturga olhou para ela um pouco mais de perto. Ah, uma marca de nascença bastante desagradável em uma bochecha.

— Você pode magicar alguém para ser seu melhor amigo —, acrescentou Nancy. — Ou —, com um pouco de rubor, — fazer um garoto gostar de você.

A Senhorita Umaturga riu. — Meninas, posso dizer a vocês uma coisa: a magia não vai deixar vocês bonitas se não forem. E certamente não as tornará populares. Magia não é um brinquedo.

Com o rosto ainda mais vermelho, Nancy disse: — Mas sobre os meninos. .

O rosto da Senhorita Umaturga não moveu um músculo e então ela disse: — O que tem eles? — O rubor de Nancy era agora impressionante; se ela ficasse mais vermelha, pensou a Senhorita Umaturga, pareceria uma lagosta. A Senhorita Umaturga continuou: — Você não precisa usar feitiços para conseguir garotos, Nancy; e se quiser saber mais sobre isso, atrevo-me a dizer que a Madame Tiffany irá indicar-lhe Tia Ogg ou possivelmente sua avó.

— Você tem um galante, madame? — Perguntou Nancy.

— Não —, disse a Senhorita Umaturga. — Eles atrapalham. Agora vamos ver se vocês conseguem fazer um Emaranhado. Se não puderem fazer isso, será muito improvável que vocês sejam bruxas. Um Emaranhado vai te dar foco. — Ela ergueu a mão e algo estava lá. O próprio ar parecia estar fervendo.

Dançando, vibrando... vivo. E a Senhorita Umaturga disse: — Vejam como o ar se move, como espera... é o lugar onde o meu Emaranhado pode estar. Onde ele poderia me aconselhar. — De repente, ela produziu um ovo em sua mão, com alguns fios, galhos e uma pequena noz. — Esses itens que eu tenho comigo poderiam fazer aquele Emaranhado —, disse ela. Ela olhou para as carinhas sérias, suspirou e disse: — mas agora chegou a hora de cada uma de vocês fazer o seu Emaranhado; e deve haver alguma coisa viva nele. Bem, fechem os olhos e façam um Emaranhado com tudo o que tiverem com vocês.

Ela as observou, seus rostos tão solenes quanto uma canção fúnebre enquanto tiravam coisas dos bolsos. A Senhorita Umaturga conhecia suas bruxas, sabia que essas meninas tinham um talento mágico inato; mas decidir treinar para ser bruxa era o tipo de decisão

que exigia mais do que apenas um pouco de talento. O trabalho duro também teria que entrar nisso. Um monte de trabalho duro. Mesmo assim não seria nada fácil, ela sabia. Além de tudo, elas precisavam ter pais que apoiassem sua escolha. Uma garota pode ser útil em casa, ajudando com os filhos mais novos ou trabalhando num negócio familiar, por exemplo. E isso bem antes de surgir a questão dos netos. E sempre surgia, ah, sim, sempre.

A Senhorita Umaturga também sabia que se pode descobrir muito sobre alguém através do que tem no bolso e, por vezes, muito sobre alguém através do que não tem. Ela mesma geralmente tinha um pequeno queijo em um dos bolsos; não era possível fazer uma boa magia sem um lanche. Em voz alta, ela disse: — Até um verme está vivo; então manter um em uma caixinha com algumas folhas molhadas vai ajudar.

Nancy tirou uma das botas e disse: — Tenho uma lagarta aqui.

— Muito bem —, a Senhorita Umaturga disse. — Você teve sorte, mas ter sorte é apenas parte de ser uma bruxa.

Becky parecia bastante taciturna. — Eu tenho um grampo de cabelo... posso usá-lo?

A Senhorita Umaturga suspirou. — No seu Emaranhado? Claro, mas você deve ainda ter alguma coisa viva. Borboletas ou formigas ou coisas assim, mas lembre-se: você não deve matá-las. Deixe-as voar livremente.

— Ah, tudo bem —, disse Becky. Ela vasculhou os arbustos atrás delas por um momento, depois ergueu uma grande lagarta verde e peluda.

— Imitadora! — Disse Nancy.

A Senhorita Umaturga riu. — Parte de ser uma bruxa é ser inteligente. Usando seus olhos e aprendendo com o que você vê. Muito bem, Becky. — Pois Becky agora tinha a lagarta cuidadosamente amarrada em um pedaço de barbante velho; que também parecia estar amarrado de alguma forma em torno de um de seus dedos. Seus outros dedos lutavam para empurrar o grampo no Emaranhado.

Nancy fez beicinho e ergueu sua lagarta, que parecia estar tentando se enterrar em um tufo de lã de ovelha.

Houve um estrondo de trovão e um raio e as duas meninas disseram: — Isso fui eu, com meu pequeno Emaranhado.

Senhorita Umaturga sorriu novamente. Por que as pessoas estavam tão interessadas em olhar para o nascer do sol, para um arco-íris, para um relâmpago ou para uma nuvem escura e se sentirem responsáveis por isso? Ela sabia que se qualquer uma das meninas realmente acreditasse que poderia controlar uma tempestade nos céus, elas estariam correndo para casa, gritando de terror; e suas mães provavelmente teriam que lavar a roupa de baixo das meninas. Ainda assim, um pouco de autoconfiança em uma bruxa sempre era um bom começo.

— Senhorita, senhorita! — Falou Beck e apontou. Havia um grampo agora flutuando no ar ao lado de sua lagarta.

— Muito bem —, a Senhorita Umaturga disse. — Muito bem-feito, de fato.

— Bem, e isso então? — Disse Nancy, enquanto seu próprio Emaranhado desabava e a lã da ovelha flutuava no chão, a pequena lagarta ficou empoleirada no topo como uma bruxa em uma vassoura. Ela ergueu o dedo e fogo pareceu sair da ponta.

— Excelente —, a Senhorita Umaturga exclamou. — Vocês duas pegaram o jeito.

Depois disso, é só uma questão de aprender, aprender todos os dias —, disse ela com severidade.

Mas o que ela pensou foi: Bem, madame Tiffany vai querer ver vocês duas e não há dúvida.

A música tocava em Feéria; uma melodia harmoniosa, notas espiralando no ar vazio, onde um elfo preguiçoso empoleirado num ramo fino perto do topo de uma árvore em flor se permitia o prazer de transformar cada nota numa cor; para que dançassem acima das cabeças de todos, deliciando a corte. Não é preciso muita coisa para deliciar um elfo. Ferir alguma coisa geralmente está no topo da lista, mas a música vem em segundo lugar.

O músico era um humano, atraído para a floresta pelo encanto da harpa de um elfo e depois arrebatado para tocar, tocar, tocar para Lorde Flor-de-Ervilha. Os elfos eram hábeis em manter seus brinquedos vivos, às vezes por semanas, e o homem com a flauta era um brinquedo novo e encantador. Flor-de-Ervilha perguntava-se preguiçosamente quanto tempo duraria aquele homem.

Ele estava satisfeito, porém. Seus guerreiros estavam fazendo pequenas incursões no mundo humano, trazendo-lhe presentes como este. E ele sabia que a cada incursão bem-sucedida a confiança deles aumentava.

Logo eles estariam prontos para agir.

Ele franziu a testa. Ele tinha que falar com Semente-de-Mostarda. Ele precisava saber se o elfo realmente havia enxotado de Feéria os miseráveis restos da Rainha. Ele não queria... complicações.

Assim como adorava observar a vida selvagem, Geoffrey também o fazia em relação às pessoas. Ele as achava fascinantes e as observava atentamente o tempo todo, aprendendo cada vez mais com o que via.

Uma coisa que ele viu foi que os velhos pareciam, de alguma forma, ser um peso a atrapalhar suas casas. Era muito diferente da casa de Geoffrey, onde seu pai decididamente governava. Aqui, onde havia mulheres na vida dos homens mais velhos, as mulheres detinham todo o poder dentro de casa (como fizeram durante os anos em que os seus homens trabalharam fora) e não tinham intenção de ceder em nada disso.

Esse pensamento estava em sua mente quando ele foi aparar os pelos das narinas do marinheiro Façapaz, uma tarefa que nem mesmo Tia Ogg gostava. Agora, a senhora Sally Façapaz, míope demais para que lhe confiassem uma tesoura perto do nariz do marido, como uma tentativa anterior provou, parecia ser uma boa mulher. Geoffrey, porém, percebeu que ela tratava o marido quase como parte da mobília. E Geoffrey se entristecia por isso; um marinheiro que havia visto tantas coisas interessantes agora passava a maior parte do tempo no pub porque sua esposa estava sempre lavando roupa, limpando, polindo e quando não havia alternativa, tirando o pó. E se o marido se sentasse

quieto por algum tempo, ela mal conseguia evitar lavá-lo, esfregá-lo e espaná-lo.

Aos poucos, Geoffrey percebeu que o pub era ao mesmo tempo um entretenimento e um refúgio para os mais velhos. Ele se juntou a eles lá um dia e comprou uma cerveja para todos, o que chamou a atenção deles. Então ele fez Mefistófeles fazer seu truque de contagem. Aí pela segunda rodada, os rapazes já tinham se tornado bastante avunculares e Geoffrey abordou um assunto que estava em sua mente há alguns dias.

— Com sua licença, posso perguntar o que vocês fazem, cavalheiros?

Isto lhe valeu algumas risadas e Reserva Decaindo, um homem cujo sorriso, ao contrário de seu nome, nunca decaía, disse: — Que pergunta essa sua, senhor! Mas pode nos chamar de cavalheiros ociosos.

— Somos algo assim como reis —, disse Risonho Aolado.

— Mas sem os castelos —, acrescentou Reserva Decaindo. — Exceto um que tive uma vez, mas acabei perdendo em algum lugar.

— E vocês gostam do seu ócio, cavalheiros? — Perguntou Geoffrey.

— Na verdade não —, disse Tabefe Tremido. — Eu odeio isso, na verdade. Não desde que minha Judy morreu. — Também nunca tivemos filhos. — Havia uma lágrima em seus olhos e uma falha em sua voz, que ele disfarçou tomando outro gole de sua caneca.

— Mas ela tinha uma tartaruga, não tinha? — Interveio Joe Enrugado, que tinha sido construído em um tamanho grande o suficiente para levantar vacas.

— Isso mesmo —, disse Tabefe. — Ela disse que gostava do bicho porque não andava mais rápido que ela. Ainda tenho a tartaruga, mas não é mais o mesmo. Não muito boa nesse negócio de conversar. Minha Judy tagarelava o dia todo sobre isso e aquilo. Agora, a tartaruga é muito boa nesse negócio de escutar, vejam vocês, o que nem sempre eu poderia dizer de Judy. — Isso provocou risadas.

— É um governo das anáguas quando você envelhece —, disse Jim "Fedorento" Jones.

Geoffrey, agora satisfeito por ter dado o pontapé inicial, disse: — O que você quer dizer com isso?

Houve então uma espécie de resmungo por parte de cada homem.

— É assim, moço-de-quarto —, disse Joe Enrugado. — Minha Betsy me diz o que devo comer, quando e onde; e se estivermos juntos, ela fica toda agitada ao meu redor como uma galinha velha. É como voltar a ser uma criança.

— Ah, sei bem disso —, disse o Capitão Façapaz. — Minha Sally é maravilhosa e eu sei que estaria perdido sem ela, mas, bem, vamos colocar assim: Eu já fui um homem encarregado de muitos outros homens e se o tempo estivesse muito ruim, eu estaria lá em cima no convés para garantir que não naufragássemos porque era meu trabalho e porque eu era o capitão. — Ele olhou em volta, vendo os sinais de assentimento dos outros, e então disse diretamente a Geoffrey —, e o melhor de tudo, meu jovem, eu era um homem. E agora? Meu trabalho é levantar meus pés enquanto ela me rodeia. É a nossa casa e eu amo minha esposa, mas de alguma forma estou sempre no caminho.

— Eu sei o que você quer dizer —, disse Jim "Fedorento". — Você me conhece, ainda sou um bom carpinteiro, bem conhecido na Guilda,

mas minha Milly se preocupa se eu manuseio todas as ferramentas e assim por diante; e eu lhe digo, quando ela põe aqueles olhos em mim, minhas mãos tremem.

— Você gostaria que elas parassem de tremer? — Perguntou Geoffrey, muito embora e na verdade, tivesse visto Jim "Fedorento" levar uma caneca aos lábios com uma mão firme como rocha. — Porque vocês, cavalheiros, me deram uma ideia. — Ele fez uma pausa, esperando que eles ouvissem. — Meu tio materno veio de Uberwald e seu nome era Heimlich Galponhausen... Ele foi o primeiro homem conhecido a ter um "galpão".

Jim "Fedorento" disse: — Eu tenho um galpão.

— Sem ofensa, você pode até pensar que sim —, disse Geoffrey, — mas o que tem dentro dele? Existem galpões para cabras, galpões para galinhas e galpões para vacas; mas esses galpões que proponho são para homens. Acho que o que precisamos por aqui é de galpões para homens. Galpões de homens.

E agora ele tinha a atenção deles. Especialmente quando chamou ao taverneiro com um — Vamos brindar a isso, cavalheiros! Mais uma rodada, por favor!

As senhoras das aldeias também tinham levado Geoffrey a sério. Era assombroso. Havia algo em sua disposição para parar e conversar, em seu sorriso gentil e em seus modos agradáveis, que as tornava imediatamente afetuosas para com ele.

— O senhor Geoffrey é tão calmo o tempo todo. Ele nunca fica nervoso, ah, não, e ele fala maravilhosamente bem! Um homem muito educado —, disse certo dia a velha Betsy Funil a Tiffany.

— E aquele bode dele! — Acrescentou a senhora Sibilante, cruzando os braços impressionantes sob o peito ainda mais impressionante. — Parecia-me antes um animal irritadiço, mas Geoffrey o faz trotar de modo tão tranquilo.

— Gostaria que ele pudesse fazer o mesmo com meu Joe! — Betsy gargalhou e ela e a senhora Sibilante ainda riam juntas enquanto desciam a rua.

Tiffany as observou partir e começou a pensar em seu moço-de-quarto. E perguntou-se como ele conseguia fazer as coisas se acalmarem tão bem e pensou: Já vi pessoas como essa antes; aquelas que parecem conhecer todo mundo. Aquelas que aparteiam às disputas e fazem parar às lutas. Acho que vou deixá-lo fazer a Ronda das Casas comigo agora e ver como ele se sai.

E então Geoffrey saiu no dia seguinte com Tiffany, pendurado atrás dela na vassoura. Seu rosto estava iluminado de pura alegria, enquanto Tiffany dirigia desajeitadamente o bastão muito mais pesado para as montanhas. E as casas se iluminavam assim que ele entrava, tão alegre e tão vivo. Ele sabia ser engraçado, cantava músicas e, de alguma forma, fazia tudo... um pouco melhor. Bebês chorões começavam a gorgolejar em vez de uivar; adultos paravam de discutir e as mães se punham mais tranquilas e seguiam seu conselho.

Ele também era bom com animais. Uma jovem novilha ficaria do seu lado, em vez de sair correndo assustada frente a um estranho; já os gatos entravam e imediatamente decidiam que o colo de Geoffrey era o lugar para estar. Certa vez, Tiffany o viu encostado na parede de um chalé na floresta com uma família de coelhos descansando a seus pés, com o cachorro da fazenda a seu lado.

— O coração dele está no lugar certo, posso sentir o cheiro —, disse Tia Ogg, depois de ver Geoffrey com Tiffany um dia. E eu conheço homens, você sabe. — Ela riu. — E vi muitos em minha época, em todos os tipos de circunstâncias, acredite em mim. Não vou dizer ainda que ele é um diamante bruto e algumas das outras bruxas podem não gostar de um garoto entrando no negócio mas, Tiff, nunca deixe ninguém vir com a conversa de que Vovó Cera-do-Tempo não gostaria disso. Lembre-se, ela escolheu você para ser sua sucessora e a nenhuma delas. E você também tem que fazer do seu jeito. Não do delas. Então, se você quiser treinar esse rapaz, bem, vá e faça isso.

A própria Tiffany estava ficando fascinada pelo bode de Geoffrey.

Mefistófeles ia e vinha mas, a menos que ela e Geoffrey estivessem na vassoura, ele geralmente estaria em algum lugar perto de Geoffrey; e Tiffany tinha a impressão de que o bode cuidava do rapaz. Eles tinham um código. Era como se o bode pudesse falar apenas batendo com o casco; e ocasionalmente havia um staccato de batidas de casco complicadas. Se Mefistófeles fosse um cachorro teria sido um apontador, um perdigueiro, pensou ela. Seu dono era seu amigo; e ai de quem se aproveitasse da boa natureza de Geoffrey... os cascos de Mefistófeles eram extremamente afiados.

Frequentemente, quando Geoffrey estava fora, o bode não era visto em lugar nenhum. Ele logo conseguiu que as cabras do chalé de Vovó obedecessem às suas ordens. Tia Ogg dissera uma vez que tinha visto ao que ela chamava de "aquele bode do diabo" sentado no meio de um círculo de cabras selvagens nas colinas. Ela também o nomeou de "A Unha-de-Talha das Trevas" por causa de seus cascos pequenos e brilhantes; e acrescentara: — Não que eu não goste dele, por mais

fedorento que seja. Sempre gostei de chifres, como você poderia dizer. As cabras são inteligentes. Ovelhas não. Sem ofensa, minha querida.

O triunfo de Mefistófeles, provando que Tia Ogg tinha razão em ambos os aspectos, aconteceu na orla do bosque que rodeava ao chalé, perto do sopé da montanha mais próxima, quando Geoffrey tinha levado a carroça para ver um menino que precisava de remédios.

Nesta casa, neste dia específico, a mãe estava observando Geoffrey. Na agitação de preocupação com o filho, ela deixou aberto o portão do curral das ovelhas. E as ovelhas, como todas as ovelhas, ficaram histéricas e logo estavam saindo e fugindo antes que ela olhasse pela janela e percebesse.

— Meu marido não vai gostar disso. Demora muito para que elas se acalmem —, lamentou a jovem mãe. — Olhe para elas, correndo por toda parte!

Geoffrey colocou a cabeça para fora da janela e com os lábios fez um som de clique para Mefistófeles, que ele havia desengatado da carroça e deixado pastar. O bode parou de comer a grama... e então o que aconteceu a seguir se espalhou por Lancre. E o que se ouviu foi que o bode Mefistófeles reuniu aquelas ovelhas como o melhor dos pastores. As ovelhas o superavam em número, é claro, mas com cuidado, uma após a outra, ele as conduziu de volta pelo portão.

Mais tarde, quando a mãe contou ao marido que o bode não só tinha colocado as ovelhas no curral, mas também havia fechado o portão atrás delas; ele achou que isso era um pouco exagerado, mas ainda assim rendeu uma boa história no pub e a lenda de Mefistófeles se espalhou rapidamente.

Geoffrey e Tia Ogg contaram a história a Tiffany. Junto com o trabalho de Geoffrey para com o menino, isso havia tornado o dia especial. Tiffany, porém, não pôde deixar de olhar para os olhos esbugalhados de Mefistófeles. Ela conhecia caprinos. Mas este caprino, este bode, tinha um propósito, ela tinha certeza. E ele a estava observando, ela notou; e observando Você, que estava observando ao bode enquanto, é claro, fingia olhar para qualquer outro lugar. Todo mundo estava observando todo mundo, ao que parecia. Ela sorriu.

E tomou uma decisão.

Na manhã seguinte, ela chamou Geoffrey de lado e disse-lhe que tinha algo especial para lhe dizer.

— Tem algo... — disse ela. — alguns. pequenos amigos que quero apresentar a você. — Ela fez uma pausa. — Rob —, ela chamou. — Sei que cê tá aí e peço que saia agora. — Ela fez outra pausa. — Tem um pouquin de removedor-di-tinta aqui pr'ocê. — Ela colocou no chão um copo com algumas gotas de bebida.

Houve um movimento no ar, um brilho de cabelo ruivo e Rob Qualquerum estava lá, com uma claymore brilhante na mão.

— Rob, gostaria de lhe apresentar... Geoffrey —, disse Tiffany lenta e cuidadosamente, virando-se para ver como Geoffrey estava lidando com a visão de seu primeiro Feegle, mas Rob a pegou de surpresa.

— Ochhh, o rapaz piquininho, nóis já conhecemo —, informou.

Geoffrey corou. — Bem, tenho dormido no velho alpendre —, disse ele. — E esses cavalheiros tiveram a gentileza de me permitir compartilhar seu espaço de dormir.

Tiffany estava pasma. Geoffrey já havia conhecido aos Feegles!

Como ela não sabia! Ela era a bruxa. Ela devia saber.

— Mas... — ela começou, quando outros Feegles começaram a aparecer; um se balançando em uma corda pendurada nas vigas do teto, outro saindo de trás de um balde e um grupo se aproximando para formar um semicírculo em torno do "removedor-de-tinta" no chão.

— Sem problema —, disse Rob, balançando a mão no ar. — Tivemo as discussões mais interessantes, cê sabe, quando cê tava de camisola e dormindo.

— Mas ainda cuidamos d'ocê... mmf, mmf. — Rob tapou a boca de Wullie Doido com a mão.

— De camisola? — Tiffany começou, mas depois desistiu. De que serviria? Os Feegles sempre estariam cuidando dela. E se ela tivesse que escolher entre ter ou não Feegles em sua vida, bem, seria uma decisão fácil.

— Você se importa, madame? — Rob acrescentou, arrastando os pés como sempre fazia quando tinha que se explicar. — Jeannie diss' qui cê tem ess' rapazim aqui e qui el' é um tesouro. E cê sabe como nóis, Feegles, somo com os tesouros: temo que roubar eles.

Como um só, os Nac Mac Feegles suspiraram de felicidade.

E Tiffany empurrou o copo na direção deles, dizendo: — Bem, este tesouro vocês não vão roubar. Mas eu sei... eu acho... que talvez seja hora de levar Geoffrey comigo para conhecer a Kelda.

Chovia muito e eles se secaram sentados em frente à grande fogueira no interior do monte. Geoffrey ficou exultante após a viagem e parecia completamente imperturbável por ter que se espremer entre os arbustos e descer até o monte Feegle.

Involuntariamente, ele se contorceu um pouco,[37] pois todos os olhos de Feegle estavam sobre ele. Especialmente os de Maggie, a filha mais velha de Jeannie, que tinha acabado de se espremer corajosamente para ver a Bruaca Piquininha Grandona e seu amigo. Ela passou as mãos pelos cabelos de fogo e fez seu melhor beicinho.

Jeannie suspirou. Logo chegaria a hora de sua filha partir.

Só poderia haver uma Kelda.

E justo no momento em que pensava isso, Rob estendeu os braços e Maggie atravessou a câmara para se sentar ao seu lado. — Minha filha, Maggie —, disse Rob com orgulho a Geoffrey. — Em breve partirá para o clã dela, sabe, agora qu' é uma mocinha grande e crescida.

Maggie refreou-se. — Mas não posso ficar aqui? — Ela insistiu, fazendo sua melhor voz de menininha para o pai. — Eu gosto daqui, sabe, e não quero ter um marido — E ela disse a palavra como se fosse uma abominação — e bebês. Eu quero ser uma guerreira.

Rob sorriu. — Mas cê é uma mocinha, Maggie —, disse ele, com um olhar preocupado para Jeannie. Ela não havia ensinado os "*esconderosos*" para Maggie? Ensinou-lhe o que ela precisava saber para ser uma Kelda em seu próprio clã?

— Mas eu sei lutar —, disse Maggie, mal-humorada. — Pergunte ao Duggie Narigão Piquininho; eu dei um chute nele quando nóis tivemos uma briguinha, cê sabe.

Duggie Narigão Piquininho, um dos filhos adolescentes mais magricelas de Rob, arrastou os pés desajeitadamente no canto e baixou

---

[37] Era realmente um homem corajoso o que conseguisse olhar para um clã de Feegles e não querer amarrar a barra das calças bem apertada nos tornozelos. N.A.

a cabeça de modo que apenas o nariz ficou visível enquanto as contas em suas tranças batiam em seu queixo.

— E eu falei com o Sapo[38] —, continuou Maggie. — Ele disse que eu não deveria seguir a tradição, sabe. Ele disse qu' eram meus Dereitus humanus.

— Bem, cê num é humana —, retrucou Jeannie. — E num vamu ter mais dessas bobagens. Vai agora e trais pro nossu convidado um belo pedaço de carneiro, com um pouco du temperu especial.

Tiffany conhecia o tempero especial dos Feegles. O caracol era um dos principais ingredientes.

— Caracóis —, ela murmurou para Geoffrey baixinho enquanto Maggie se afastava indignada. Para espanto de Tiffany, a jovem Feegle se indignava exatamente da mesma forma que a Senhora Lacrainha. Excetuando, claro, o fato óbvio de que Maggie tinha apenas quinze centímetros de altura, enquanto a Senhora Lacrainha era tão alta como o pai de Tiffany.

Jeannie tinha ouvidos aguçados para uma mulher tão pequena. — Sim, é incrível o qui meus meninos consegue fazer com os caracóis, sabe. — Disse ela. — Eles conseguem fazer até uísque de caracol.

Geoffrey sorriu educadamente. — Agradeço a gentileza, Kelda — , disse ele suavemente, — mas não como nada que tenha corrido, nadado ou rastejado. E isso inclui os caracóis. Prefiro deixá-los vivos.

— Na verdade, os Feegles cultivam caracóis —, disse Tiffany. — Todo mundo precisa viver de alguma coisa, Geoffrey, não há como fugir disso.

---

[38] O Sapo era o advogado dos Feegles, e seu corpo de sapo foi resultado de um mal-entendido com uma fada madrinha. N.A.

— De fato —, disse Geoffrey. — Mas não às custas de outros. Jeannie inclinou-se para a frente, os olhos brilhantes, e pousou uma pequena mão castanha no braço dele. O ar parou e agora Geoffrey e Jeannie se olhavam nos olhos.

— Houve muitos como você —, Jeannie finalmente disse baixinho. — Eu estava certa. Vi ocê em meu caldeirão e vejo que cê é um daqueles que podem parar uma briga, trazer a paz. ela virou-se para Tiffany. — Valorize-o, ao tesouro, Tir-far-thóinn.

Enquanto iam à fazenda para o chá, Tiffany ponderou sobre as palavras da Kelda. Fazer parar a uma luta. Trazer a paz. Ela podia precisar exatamente dessas habilidades. E enquanto ela pensava nisso, um arrepio percorreu sua espinha; um daqueles pequenos arrepios desagradáveis que são como uma mensagem de que algo terrível pode estar para acontecer; algo difícil de ignorar. Por outro lado, pensou ela, talvez fosse apenas o seu corpo lhe dizendo que, se estivesse tudo bem para ela, da próxima vez talvez devesse dizer não ao tempero de caracol. Ela fez o possível para afastar a sensação perturbadora, concentrando-se em Geoffrey. Valorize-o. Jeannie estava certa quanto a ele, concluiu. Podia haver algumas coisas em que um garoto como aquele seria apenas o melhor.

E ali mesmo, ela tomou uma decisão. Ela iria para Ankh-Morpork; e levaria Geoffrey com ela. De qualquer forma, já era hora, na qualidade de uma espécie de bruxa-chefe, de fazer uma viagem para a cidade. E se todas as bruxas da cidade tivessem ouvido falar dela e estivessem falando dela como se ela fosse uma novata? Ela deveria saber. E, uma vozinha sussurrou em sua cabeça, e talvez eu também possa ver Preston. Ela tentou afastar o pensamento. Aquela viagem não era para ela, Tiffany. Tratava-se de ser uma bruxa, de fazer o que devia fazer; e era

isso que ela informaria a Tia Ogg quando lhe dissesse que ficaria ausente por alguns dias. Mas a ideia de ver Preston novamente ainda voltava à sua mente e a fazia sentir um certo. formigamento.

Geoffrey já havia avançado um pouco no caminho, mas quando Tiffany o chamou, voltou-se com uma pergunta nos olhos.

— Geoffrey —, ela disse, — amanhã iremos buscar sua primeira vassoura.

Capítulo ONZE

A GRANDE CIDADE



FOI UMA LONGA viagem até Ankh-Morpork. No caminho Tiffany e Geoffrey tiveram que ficar uma noite no chalé de uma bruxa local e outra em um celeiro onde o fazendeiro ficou encantado com a habilidade de Geoffrey em ajudá-lo com uma cabra problemática. Mas agora eles estavam lá, na grande cidade; e Tiffany viu Geoffrey boquiaberto enquanto voavam cuidadosamente ao longo da rota do rio Ankh até o coração da capital. Bem, ela pensou consigo mesma, Geoffrey disse que queria conhecer o mundo. Ankh-Morpork seria um ótimo começo.

Mas também ela ficou surpresa quando foram até o local da antiga oficina de vassouras e dali direcionados para um novo local. A ferrovia ainda estava em sua infância, e já lá estavam as arcadas.

Existia uma espécie de magia nos espaços cavernosos sob os arcos ferroviários e um mistério, conhecido apenas por quem trabalhava lá. E sempre havia poças, mesmo que não chovesse há semanas; e eram poças brilhantes e viscosas, com o ar acima cheio de cheiro de óleo e de axila de trabalhador.

Era fácil reconhecer um habitué do arco ferroviário. Ele (raramente uma mulher) era o tipo de homem que guardava pregos úteis em velhos potes de geleia e podia passar um tempo considerável falando sobre os méritos de diferentes tipos de graxa ou roda dentada. "Posso comprá-los para você na próxima semana", ocasionalmente um espectador podia ouvir ser dito, em voz baixa, de um lojista de ferragens. Também às vezes acompanhado de um olhar conhecedor e de um toque de dedo na lateral do nariz.

E se alguém viesse e pedisse alguma coisa, bem, sempre haveria alguém, muitas vezes um anão, que saberia onde tudo estava; quase sempre bem no fundo do galpão, numa escuridão de proporções infernais. E quando a peça certa era encontrada e trazida para fora, bem, algumas pessoas a chamariam de lixo, mas no arco o lixo de alguma forma se metamorfoseava exatamente no item que o comprador realmente desejava, ninguém sabia bem por quê. É como se aquela peça estivesse apenas esperando a pessoa certa aparecer.

Os anões Shrucker e Dave haviam transferido seu negócio de vassouras para o segundo arco da fileira; logo após um arco onde os ouvidos de um transeunte eram agredidos pelos estranhos ruídos de instrumentos musicais; e antes de um outro onde o cheiro forte do couro fresco de um fabricante de arreios fazia seu próprio ataque feliz ao nariz.

Foi Dave quem correu em direção a Tiffany quando ela chegou com Geoffrey a reboque. Ele a reconheceu imediatamente: ele tivera um

momento ruim quando ela requisitou seus serviços havia um ou dois anos e deixara escapar que conhecia aos Feegles.[39] E uma vez que uma oficina de anões recebesse Feegles, bem, eles podiam muito bem fazer as malas e voltar para as montanhas.

Dave trazia consigo um grande machado.

Tiffany percebeu que seus olhos estavam por toda parte. — Fique despreocupado, não trouxe nenhum Nac Mac Feegles comigo —, disse ela, embora soubesse que isso poderia não ser muito preciso, pois embora ela tivesse dito a Rob Qualquerum que isso era assunto de bruxa e que ela e os Feegles tinha um *Geas* para que não a seguissem, não havia como saber se um deles não havia se infiltrado entre as cerdas de sua vassoura e de repente aparecesse agitando um grande bastão e gritando "Disgraça!" Mas quando ela disse que eles não estavam com ela, ouviu um suspiro do anão e ele quase sorriu. Tiffany se esquivou de uma gota que caía alegremente do topo do arco e acrescentou: — Este é Geoffrey e viemos buscar uma vassoura para ele. — Demorei um pouco para encontrar você, na verdade. Sua nova loja.

Dave estava olhando Geoffrey de cima a baixo. — Aqui é melhor para nós —, ele disse. — Conseguimos nossos suprimentos mais rápido. E é mais fácil para ver minha velha mãe. Mas a viagem é longa. — Um arroto de fumaça de um trem que passava pelos arcos quase envolveu o anão e Geoffrey e quando Tiffany pôde vê-los novamente, Dave, que agora tinha pedaços de sujeira grudados em seu rosto, já havia decidido o que exatamente o rapaz precisaria. — Uma número três, eu acho —, disse ele. — Acho que só temos uma dessas em estoque. Top de linha, sabe. Madeira original, vinda direto das Ramtops. Madeira mágica

---

[39] Os Feegles, de fato, incendiaram acidentalmente a vassoura de Tiffany, criando a necessidade de reposição com novas cerdas. N.A.

especial. — Ele acariciou a barba, sacudiu as cinzas do nariz e deu uma volta em torno de Geoffrey. — Treinando para ser um mago, então, rapaz?

Geoffrey não sabia bem o que dizer. Ele olhou para Tiffany.

Ele deveria dizer a esses homens que queria ser bruxo?

— Não —, disse Tiffany, a bruxa dentro dela respondendo por Geoffrey. — Meu amigo aqui é um tecelão da calma.

O anão olhou para Geoffrey, suas unhas arranhando seu elmo, e disse: — Ah, e o que eles fazem, senhorita?

Tiffany pensou e disse: — No momento, Geoffrey apenas me ajuda. E para isso, senhores, ele precisa de uma vassoura. — Ela estava segurando duas vassouras, a dela e outra; então estendeu a sobressalente ao anão. — Mas não queremos uma nova vassoura —, disse ela. — Você sabe como nós, bruxas, passamos nossas vassouras umas para as outras. Bem, eu tenho esta e acho que serviria muito bem a meu amigo com alguns reparos.

Ao ouvir a palavra “reparos”, Shrucker saiu da oficina. Ele parecia quase ofendido. — Reparar? — Ele gemeu, como se qualquer pessoa que escolhesse rejeitar os novos gravetos em oferta estivesse perdendo a oportunidade de uma vida. — Você quer que o rapaz comece sua carreira em uma vassoura usada? — E então ele viu a vassoura e cambaleou para trás, fazendo uma careta e se agarrando às costas. — Esta é... a vassoura de Vovó Cera-do-Tempo —, ele disse. — Ela é famosa, se é.

— Um desafio, então —, disse Tiffany espertamente. — Ou vocês, cavalheiros, não estão à altura da tarefa? Espero não ter que procurar outra pessoa...

— Ah, não há necessidade de pressa —, disse Shrucker, tirando o capacete e enxugando a testa com um pano de lã. Acendeu então o cachimbo, dando-se tempo para pensar e examinando a vassoura à sua frente.

— Eu ficaria muito grata —, disse Tiffany.

Shrucker fez o habitual barulho de sucção entre os dentes. — Bem —, ele disse lenta e finalmente, — eu poderia tirar a casca. Talvez um novo cabo?

— Um de nosso cabos para cavalheiros? — Dave ajuntou. Ele bateu no nariz. — Você sabe, com um... recorte especial para as... partes delicadas. Uma viagem muito mais tranquila para o rapaz.

— Sempre quis colocar as mãos nesta vassoura —, disse Shrucker. — Trabalhar nela como é devidamente apropriado. Bem, de acordo com os anões da montanha, a Senhora Cera-do-Tempo sempre pedia... uh....

Alguns remendos —, finalizou David, cuja testa se enrugava como se a palavra lhe causasse dor real.

— Bem —, disse Tiffany, — eu não sou aquela bruxa, mas é sempre útil ser amiga de qualquer bruxa. — Ela sorriu docemente e acrescentou: — Estou me sentindo amigável no momento... mas talvez não mais tarde.

Isso caiu em uma pausa muito útil quando um rugido todo-poderoso anunciou outro trem disparando acima, com fumaça e sujeira subindo no ar.

— Madame Cera-do-Tempo era realmente uma senhora de muito poder —, disse Shrucker cuidadosamente assim que o barulho cessou.

— E ouvi dizer que ela nunca pagava suas contas —, Dave acrescentou mal-humorado.

— Eu tenho o dinheiro —, disse Geoffrey. Ele estivera em silêncio até agora, permitindo que Tiffany falasse por ele; mas afinal, aquela seria sua vassoura.

Tiffany viu os anões erguerem os olhos com um sorriso, Shrucker mal conseguindo parar de esfregar as mãos.

— Algum dinheiro —, ela disse bruscamente, — mas não quero que meu amigo tenha que usá-lo; e prometi que providenciaria isso para ele. Agora vou lhe dizer o que farei. Pagarei em obs. — Obs era a moeda tácita dos anões. Por que desperdiçar ouro? Os humanos chamariam isso de favores e a moeda era negociável. A obrigação de uma bruxa era particularmente valiosa e Tiffany sabia disso. — Veja —, ela acrescentou, — a vassoura não está tão ruim assim.

Shrucker sentou-se pesadamente sobre um baú repleto de cerdas.[40] — É engraçado que você tenha sugerido obs —, ele disse lentamente. — Meu lumbago está me matando. Vem com o trabalho, você sabe. Pode fazer algo sobre isso?

— Tudo bem, então —, disse Tiffany. — Apenas fique aí. — E ela caminhou até atrás dele. Ele se mexeu um pouco e depois se endireitou com uma expressão de espanto no rosto.

— Minha nossa, como você fez isso?

— Eu tirei sua dor —, explicou Tiffany. — Então, agora é minha dor. E tenho que parabenizá-lo por lidar com isso, pois é, devo dizer,

[40] Existem algumas vantagens em usar roupas em camadas que precisam de dois dígitos para serem contadas. Os anões gostam de muitas camadas de cota de malha, jaquetas e, claro, o tradicional colete de lã, que na verdade torna a cota de malha desnecessária. N.A.

muito ruim. E agora ela está pairando no ar, como um cachorro na coleira. — Os anões olharam automaticamente por cima da cabeça dela, para o caso de haver algum tipo de bolha grande lá em cima marcada como "dor", mas tudo o que aconteceu foi que uma grande gota de alguma substância oleosa caiu direto na barba de Dave.

— Tem algum pedreiro nesses arcos? — Perguntou Tiffany, observando o anão tirar o capacete e vasculhar a barba. — Se ele precisar quebrar algumas pedras, posso usar essa dor para quebrá-las! — Ela olhou apreciativamente para o elmo. — Mas isso serviria —, acrescentou ela e quando Dave o colocou no chão, ela atirou a dor no ferro que, para horror do anão, realmente dobrou, com o vapor subindo para se misturar com o vapor das ferrovias acima.

Os obs foram pagos. Então, sem a dor, Shrucker – um novo Shrucker, ereto e animado – agora estava sacando suas medidas. Ele olhou para Geoffrey e para a velha vassoura enquanto trabalhava em sua própria forma de magia.

— Como você se veste, senhor? — Ele perguntou a certa altura.

Geoffrey ficou intrigado. — Normalmente me visto olhando pela janela —, disse ele.

Houve um pequeno hiato enquanto os anões contavam a Geoffrey o que "vestir-se" significava naquelas circunstâncias.

— Ah, sim —, ele disse. — Nunca pensei nisso antes.

Shrucker riu e disse: — Bem, é isso. Tudo depende de mim agora, mas ouso dizer que se você voltar amanhã, tudo vai funcionar muito bem.

Eles deixaram os anões e Tiffany disse a Geoffrey que agora visitariam a Sra. Proust, uma bruxa que adorava viver na cidade. Ela

então se dirigiu à loja da velha bruxa, o Empório Boffo Novidades e Brincadeiras, no número dez da Rua do Ovo. De qualquer forma, seria toda uma experiência para Geoffrey, pensou Tiffany. Se ele se decidisse a seguir o caminho da bruxaria, bem, também poderia precisar do Boffo em algum momento; muitas das bruxas mais jovens gostavam dos crânios, caldeirões e verrugas artificiais da Sra. Proust para lhes dar a imagem certa para o trabalho. Aos olhos de alguém muito necessitado, alguém tão deprimido que sequer acreditasse que poderia se levantar de novo, uma bruxa com a aparência certa poderia fazer toda a diferença. Aquilo os ajudaria a acreditar.

A Senhora Proust, uma bruxa que não precisava adicionar acessórios de bruxa desagradáveis ao seu visual diário (dado que fora naturalmente abençoada com o tipo certo de nariz adunco, cabelo bagunçado e dentes escurecidos) ouviu o Gemido de Cemitério que fazia as vezes de campainha e os foi receber.

Tiffany riu. — Esse é novo —, disse ela.

— Ah, sim, — disse a Senhora Proust. — Têm boa saída, nem consigo mantê-los nas prateleiras. Prazer em vê-la, Madame Dolorida, e quem é esse jovem, posso perguntar?

— Este é Geoffrey, Senhora Proust, e estamos na cidade para que ele tenha sua vassoura de bruxa.

— Está mesmo? Um garoto? Uma bruxa? Em uma vassoura?

— Bem —, disse Tiffany, — o arqui-reitor às vezes usa uma vassoura.

— Eu sei —, disse a senhora Proust, — mas pode haver problemas.

— Bem, se houver —, disse Tiffany, — o problema virá até mim. Sou a sucessora escolhida de Vovó Cera-do-Tempo e acho que talvez seja hora de algumas pequenas mudanças.

— Muito bem —, disse a senhora Proust. — Esse é o espírito! — Ela olhou para Geoffrey, que olhava absorto ao mostruário com a novidade "cocôs-de-cachorrinhos-travessos".

E ali mesmo ela se aproximou dele, colocou uma mão com garras em seu ombro e disse: — Então você quer ser uma bruxa, não é?

Geoffrey se manteve firme e Tiffany ficou impressionada. Assim como também a Senhora Proust.

— Bem, senhora —, disse ele, — acho que posso ajudar as bruxas de alguma maneira.

— Você acha? — Disse a Sra. Proust com um brilho nos olhos. — Isso veremos, jovem, não veremos? — Ela se virou para Tiffany. — Tenho certeza de que algumas bruxas vão odiar a ideia —, disse ela, — mas é o seu jeito, Tiffany, e a sua hora. E Esmê Cera-do-Tempo não era tola. Ela podia ver o futuro chegando.

— Ficaremos em Ankh-Morpork até que os anões terminem com a vassoura de Geoffrey —, disse Tiffany. — Podemos ficar por aqui? Talvez precisemos passar a noite.

A Senhora Proust sorriu. — Bem, há muito espaço no meu quarto de hóspedes e seria bom conversarmos enquanto você estiver aqui. — Ela olhou para Geoffrey. — Você já esteve na cidade antes, meu jovem?

— Não, senhora Proust —, ele respondeu calmamente. — Morávamos nos Distritos e meu pai era o único a viajar.

— Bem, então meu filho Derek vai lhe mostrar o lugar —, disse a senhora Proust, parecendo satisfeita. E ato contínuo gritou o nome rapaz e Derek – o tipo de rapaz que você não notaria em uma multidão de dois, o que significa que ele tinha muito pouco em comum com a aparência de sua mãe – subiu cambaleando as escadas da oficina abaixo.

Ankh-Morpork, pensou Tiffany, seria definitivamente uma experiência.

Quando os dois rapazes saíram, a Senhora Proust disse: — Então, como vão as coisas com o seu rapaz, Tiffany?

Tiffany suspirou. Por que as bruxas idosas eram tão intrometidas? Mas então ela pensou: Na verdade, todas as bruxas são intrometidas. Isto era parte de ser uma bruxa. Então, relaxou. Pelo menos a Senhora Proust não estava tentando empurrar seu Derek para ela novamente.

— Bem —, ela disse, — eu gosto de Preston e ele gosta de mim – ele é meu melhor amigo – mas não tenho certeza se algum de nós está pronto para, bem. Alguma coisa mais. Veja bem, ele faz um trabalho maravilhoso no hospital e nós trocamos cartas e até nos encontramos de vez em quando. — Acho que estamos casados com nossos trabalhos. — Ela engoliu em seco, um nó aparecendo de repente em sua garganta. — Não é que não queiramos ficar juntos... quer dizer, eu... mas... — As palavras foram sumindo e Tiffany parecia totalmente infeliz agora.

A senhora Proust fez o possível para parecer simpática. — Você não é a primeira bruxa a ter esse problema, minha querida —, disse ela. — E nem vai ser a última.

Tiffany podia sentir as lágrimas chegando. — Mas por que me sinto assim? — Disse. Eu sei que uma parte de mim quer estar com Preston; e isso deixaria minha família muito feliz!

— Mas eu também quero ser uma bruxa. E sou boa nisso; sei que é uma coisa terrível de se dizer, mas me comparo com as outras bruxas e sei que sou melhor do que a maioria delas quando se trata de bruxaria. Não posso deixar de fazer isso. — Uma lágrima ameaçou escorrer por seu rosto. — Assim como Preston não pode deixar de ser médico —, ela concluiu com tristeza.

— Ah, entendo tudo isso —, disse a senhora Proust. — Mas isso é hoje. Em breve será amanhã e as coisas podem mudar. As coisas estão mudando, especialmente para vocês, jovens, quando ambos querem fazer coisas diferentes. Basta fazer o trabalho que encontrar pela frente e se divertir. Afinal, vocês dois ainda são jovens, então ainda têm opções para o futuro. Assim como meu Derek.

— Mas essa é a dificuldade —, disse Tiffany. — Eu realmente não quero opções. Eu sei o que quero fazer. Gosto do meu trabalho, gosto mesmo. — Estas últimas palavras saíram como um grito. — Eu só queria que Preston pudesse estar comigo —, ela acrescentou calmamente. — Não aqui na cidade.

— Mas você me diz que ele está estudando para ser médico —, disse a senhora Proust. — E ele adora seu trabalho. Você não gostaria que ele desistisse disso por você, não é? Então não se preocupe tanto. Pense que você tem sorte e não corra à frente do mundo. Há um ditado: Não empurre o rio. Embora, é claro, em Ankh-Morpork você teria que se esforçar muito —, ela acrescentou com uma gargalhada.[41] Mais encorajadoramente, ela continuou: — Talvez dentro de um ou dois anos

---

[41] "Rio" como termo não descreve exatamente o atoleiro que é o rio Ankh em seu curso pela cidade; embora se transforme, obviamente, em uma corredeira decente em Lancre. N.A.

o seu jovem possa ser médico no mesmo lugar onde você é bruxa. Eu tive meu Sr. Proust. Você pode ter o seu Preston. Mas não ainda.

— Quando eu faço a Ronda das Casas —, Tiffany disse suavemente, — também vejo como alguns dos casamentos, bem, eles não são realmente... — a frase ficou no ar, não finalizada.

— Existem casamentos felizes —, disse a Senhora Proust. — Pense em seus pais, talvez? Não é um casamento feliz? Agora, deixe sua tia Eunice te ajudar. Vá ver seu garoto e converse com ele. — Ela fez uma pausa e acrescentou astutamente: — ele não está interessado em mais ninguém, está?

— Ah, não —, disse Tiffany. — Ele está trabalhando com os Igors[42] e disse que não gosta das meninas Igor porque prefere uma garota que permaneça na mesma forma todos os dias. As Igorinas gostam de experimentar.

Geoffrey voltou tarde com Derek, cantando uma música digna de Tia Ogg; mesmo assim Tiffany teve uma boa noite de sono, um raro prazer! E depois um café da manhã com presunto e ovos, cortesia da Senhora Proust. E enquanto Geoffrey e Derek ainda dormiam, Tiffany decidiu visitar Preston. As palavras da senhora Proust a fizeram pensar.

Ela foi até o Hospital Lady Sybil no Portão do Gando, mas hesitou à entrada, estranhamente indecisa. Ela não disse a Preston que estaria na cidade. A visita dela era uma ideia boa ou. .?

---

[42] Servos de Uberwald, geralmente trabalhando como médicos ou assistentes de cientistas malucos, que acreditam que um ponto de sutura feito na hora evita muitos problemas mais tarde. Eles gostam de trocar partes do corpo desde cedo, muitas vezes dentro da mesma família, de modo que um Igor dizendo "Ele tem o nariz do tio" realmente significa alguma coisa. N.A.

Era um hospital gratuito, então havia uma fila de pessoas aguardando; todas esperando a feliz ocasião de consultar um médico antes que o velho ossudo aparecesse com sua foice. Parecia que ninguém ali se mexeria por algum tempo, então Tiffany fez algo que sabia que não deveria.

Ela saiu de seu corpo, deixando-o recatadamente perto dos portões de entrada. Era um truque fácil para uma bruxa, mas ainda assim perigoso, e ela não tinha motivos reais para correr o risco. Exceto. as garotas Igor? Elas eram bonitas. uma vez que você olhasse além dos discretos pontos de sutura, é claro.

Ela deslizou silenciosamente pela multidão, fazendo o possível para ignorar seus Primeiros Pensamentos, Segundos Pensamentos, até mesmo seus Terceiros Pensamentos e entrou no próprio hospital, flutuando pelos corredores até encontrar Preston.

Ele estava em seu elemento, seu olhar focado em um paciente com um buraco bastante perturbador no estômago. E quando Preston olhava para qualquer coisa, a coisa saberia que estava sendo olhada e até era possível que se pusesse de pé e cumprimentasse. Este último caso era particularmente verdadeiro em relação a algumas das peças sobressalentes que os Igors usavam — uma experiência muito perturbadora — e, de fato, Preston estava cercado por Igors. E sim, isso incluía garotas. Mas, felizmente, ele não estava prestando atenção nelas.

Tiffany suspirou de alívio; permitindo-se então em ouvir a seus Segundos Pensamentos, que a repreendiam em um estilo desconfortavelmente parecido com a voz de Vovó Cera-do-Tempo. Voltou rapidamente para seu corpo, que oscilou ligeiramente enquanto ela tomava controle novamente.

A fila havia se movido alguns centímetros. Mas o chapéu pontudo levou-a até seu final e o porteiro deixou-a passar imediatamente. Ela dispensou a oferta de instruções e marchou confiante pelo corredor, deixando o porteiro murmurar: — Nem precisei dizer a ela onde ele estava. Bruxa de verdade, essa aí, sem dúvida. — Pois no hospital era muito fácil partir com confiança para um lugar, mas acabar no porão; que por esses dias, aliás, era o lar de trasgos, que faziam a manutenção das enormes caldeiras e haviam montado uma oficina que produzia aos melhores instrumentos cirúrgicos. A maioria das pessoas conseguia sair vivas do hospital e o histórico parecia estar melhorando.

Preston ficou muito feliz em ver Tiffany. — Ouvi falar de Vovó Cera-do-Tempo. — Falou. Parabéns por ser a bruxa-chefe, isso não poderia acontecer com pessoa melhor; você tem permissão para dizer a todas as outras bruxas o que fazer agora?

— O quê! — Tiffany riu. — Seria como pastorear trasgos. Não! Trasgos são mais fáceis. De qualquer forma, funciona assim: eu não digo a elas o que fazer e elas me permitem trabalhar duro; exatamente como eu gosto.

— Assim como eu e os Igors —, disse Preston. — Mas também tenho boas novas, também. O doutor Gramado está se aposentando agora e me promoveu a cirurgião; normalmente apenas Igors podem ser cirurgiões, então isso é uma verdadeira honra para mim.

Tiffany o beijou. — Essas são boas notícias; estou tão orgulhosa de você! Mas eu gostaria que ele lhe desse mais tempo de folga ; para que você pudesse vir me ver. Cartas não podem dizer... — sua voz lhe faltou. — Embora eu ame demais o jeito que você escreve.

— Eu também eu gosto de suas cartas —, disse Preston, — e gostaria de poder ir para casa mais vezes. Mas gosto do trabalho aqui,

Tiffany. E as pessoas precisam de mim. Todo dia. Tenho talento e seria um crime não usá-lo.

— Sim, eu sei —, disse Tiffany. — Essa é a história da minha vida também. Nossas habilidades, você descobrirá, podem ser nossas carcereiras. — E ocorreu-lhe que assim como Preston tinha sua maneira de olhar para o interior das pessoas, sabendo os nomes de todos os ossos agora e até podendo dizer olá para alguns deles, ela estava aprendendo a olhar para as pessoas de outra maneira: em suas cabeças e mentes. — Mas eu não poderia fazer qualquer outra coisa mais —, ela concluiu, com um toque melancólico.

— E nem eu. — Preston disse.

Então o tempo de conversa acabou, e eram apenas Tiffany e Preston, juntos, aproveitando o momento e dizendo mais com os olhos do que qualquer palavra poderia transmitir.

E foi mágico; um tipo diferente de magia.

A Senhora Proust foi com eles buscar a vassoura de Geoffrey; a de Vovó Cera-do-Tempo era uma lenda e ela estava curiosa para ver se os anões tinham conseguido fazê-la funcionar.

Dave os cumprimentou e disse: — Bem, aqui está. É uma boa vassoura, de verdade. Acho que madame Cera-do-Tempo nunca cuidou muito dela, não importa o que nós, anões, tínhamos que fazer para consertá-la.

— Tudo o que ela fez foi amaldiçoá-la — Shrucker interveio com um pouco de amargura. Ficou claro que para ele uma vassoura era quase como uma criatura viva.

A vassoura brilhava. Reluzia. Parecia quase viva e as cerdas eram elegantes. Era quase a velha vassoura de Vovó Cera-do-Tempo, se você descontasse a nova braçadeira do cabo e as cerdas novas.[43] Tiffany e Geoffrey olharam para ele com espanto enquanto os dois anões retornavam ao olhar, sorrindo.

— É a melhor que já fizemos; digo, reparamos —, acrescentou Shrucker. — Mas, por favor, use-a com cuidado e a mantenha oleada. Nada além do melhor para madame Dolorida. — Ele se endireitou orgulhosamente; um anão que conseguia erguer-se em todos os seus um metro e vinte novamente.

A senhora Proust passou os dedos pela madeira e assentiu. — Esta é uma excelente vassoura —, disse ela. — Olha, tem até um copinho para a bebida.

Shrucker lançou-lhe um olhar divertido. — E somente hoje, para nossos bons fregueses —, e não disse o que se esperaria como mais provável, — que não trazem... problemas —, e aí houve um olhar de soslaio para Tiffany, — temos um pequeno bônus como presente. — Ele orgulhosamente presenteou Geoffrey com dois cubos peludos, brancos e cobertos de pontos pretos variando em cada face. — Você pode amarrá-los na alça —, disse ele. — Muito populares entre os rapazes para enfeitar suas carruagens. Alguns rapazes também mantêm pássaros em uma pequena gaiola para cantarem enquanto avançam. Chamam isso de Aparelho de Som Carrumotivo.

[43] Quer dizer, uma vassoura nova, é certo. De qualquer forma, tão nova quanto o famoso Machado de Mineiro, mantido em família há novecentos anos e de propriedade do Rei dos Anões. N.A.

Geoffrey estremeceu com o pensamento. Um pássaro, em uma gaiola? Seu coração sentiu tristeza por eles. Mas a vassoura, bem, ele mal podia esperar para experimentá-la.

Dave fungou e disse: — Aí está ela, meu jovem. Então, você quer fazer um test drive? Ele entregou-lhe a vassoura e disse: — Vá em frente. Vá até o final dos arcos e dê uma volta.

Tiffany estava prestes a falar, mas Geoffrey já estava brilhando de excitação. Ela olhou para os olhos brilhantes dele e disse: — tudo certo, Geoffrey. Você já esteve na minha vassoura e observou outras passando por cima. Suba devagar, só um pouquinho de cada vez.

Ela poderia muito bem ter falado com a parede. Geoffrey montou na vassoura, passou veloz pelo arco vizinho, saltou... e subiu para o céu ainda mais rápido. Uma série de pesadelos passou pela mente de Tiffany. Houve um som de explosão distante! Então um pontinho no céu ficou maior, e lá estava Geoffrey, descendo, sorrindo de orelha a orelha.

Tiffany quase gritou. — Veja, Senhora Proust. Ele já pegou o jeito. Levei séculos para aprender a voar.

— Mas é claro —, disse a Senhora Proust. — O que temos aqui é tecnologia.

— Uau! — Shrucker exclamou. — Ele é um piloto nato. Nem mesmo os trasgos podem fazer isso. — Pois Geoffrey tinha acabado de fazer um loop dentro do loop e depois desceu da vassoura, deixando-a pairando alguns metros acima das pedras do calçamento.

— Como você fez isso? Perguntou Tiffany, genuinamente impressionada. — Eu não sei —, disse Geoffrey. — Apenas um dom para a coisa —, suponho.

E Tiffany pensou: Quando Geoffrey não está ansioso, ele irradia calma, o que provavelmente significava que ele via mais coisas e encontrava mais coisas do que as outras pessoas. Isso o tornava aberto a coisas novas também. Sim, é um dom, com certeza.

Acenando um adeus aos anões e à Senhora Proust, Tiffany e Geoffrey partiram juntos e flutuaram de volta em direção a Lancre e às montanhas distantes; de imediato, Geoffrey pegou as manhas de sua vassoura e desapareceu no céu à frente de Tiffany.

Ela o alcançou já afastado das cercanias de Ankh-Morpork; subindo e descendo em louca velocidade. — Você sabe que suas calças estão fumegantes, não sabe? — Ela disse rindo.

Geoffrey afastou a fumaça com uma ansiedade repentina que fez a vassoura balançar, dizendo: — Por favor, não conte isso a Tia Ogg quando voltarmos! Ela vai rir de mim.

Mas depois da viagem de volta para Lancre, um pouco mais rápido do que a viagem de ida e antes dela voltar para o Giz, Tiffany, é claro, contou tudo a Tia Ogg. E a bruxa mais velha realmente riu.

— Mas foi incrível —, disse Tiffany. — Voar parece tão natural para ele.

— Rá!, disse a Tia. — Todo homem tem uma vassoura em casa; o que acontece é que nem sempre sabem como usá-la!

Capítulo DOZE

UM ELFO ENTRE OS FEEGLES



HOUVE TROVÃO e houve relâmpagos. Estava chovendo e havia água por toda parte, escorrendo pelas colinas do Giz.

A Rainha gritou ao ser lançada para fora de Feéria, com as asas arrancadas do corpo e o sangue manchando os ombros. Um grito com vida própria, que terminou em um lago de orvalho[44] no Giz, surpreendendo um arminho à espreita.

E Tiffany Dolorida acordou.

[44] Um lago de orvalho, "dew pond" no original, é um lago artificial geralmente situado no topo de uma colina, destinado a dar de beber ao gado. Lagoas de orvalho são usadas em áreas onde um suprimento natural de água superficial pode não estar prontamente disponível. Apesar do nome, acredita-se que sua principal fonte de água seja a chuva, e não o orvalho ou a neblina. N.T.

Seu coração batia forte e um calafrio repentino a fez estremecer na escuridão da noite. Ela olhou para a janela. O que a tinha feito acordar? Onde ela era necessária?

Ela se sentou e pegou cansadamente suas roupas.

Nas colinas, o monte Feegle ainda era a habitual colmeia de atividade e canto; um monte Feegle que era muito parecido com uma colmeia, mas sem o mel, sendo que um Feegle podia picar muito mais do que uma abelha.

Mas quando algo estava sendo comemorado, e eles não precisavam de muito para escolher um motivo para uma comemoração, os Nac Mac Feegles sempre faziam questão de que tudo continuasse feliz por muito tempo.

Pouco depois da meia-noite, no entanto, as folias daquela noite foram interrompidas por Yan Grande, o vigia noturno dos Feegle, correndo direto desde a tempestade que assolava lá fora.[45]

Ele chutou o capacete de seu chefe, o Grande Homem do clã, e gritou: — tem elfos aqui! Posso sentir o cheiro, cê sabe!

E de cada buraco, o clã dos Nac Mac Feegle saiu às centenas para lidar com o antigo inimigo, agitando claymores e outras espadas, entoando seus gritos de guerra:

— Uuuuch, vam' furá cêis tudim seus élfios!

— D' um Feegle heroico o brado retumbante!

---

[45] O Barão havia dado aos Feegles suas próprias terras e a promessa de que nenhum metal afiado além de uma faca chegaria perto deles, mas os Feegles mentiam o tempo todo, então gostavam de estar prontos com botas, cabeça e punho caso algum outro mentiroso aparecesse. N.A.

— Simbora, assombração!

— Vamu chutar suas bolas!

— Fora Reizi! Sem Raínia! Num vamu sê bobo otra veis!

Existe um conceito conhecido como agitação, e os Feegles eram muito bons nisso, alegremente atrapalhando uns aos outros na tentativa de serem os primeiros na batalha. E parecia que cada pequeno guerreiro tinha um grito de guerra próprio; e que estava pronto para lutar contra qualquer um que tentasse tirá-lo dele.

— Quantos elfos? — Perguntou Rob Qualquerum, tentando ajustar seu spog. Houve uma pausa.

— Um —, disse Yan Grande timidamente.

— Tem certeza? — Perguntou Rob Qualquerum, enquanto seus filhos e irmãos o rodeavam e passavam apressados até a entrada do monte. Ichhh, que embaraçoso. Toda a colônia Feegle repleta de armas, cheia de álcool e bravatas e aparentemente ninguém para com que usar isso. Claro, eles estavam sempre coçando o tempo todo por uma briga, mas a maioria dos Feegles sentia coceira o tempo todo, especialmente no spog.

Eles correram pelo topo da colina encharcada em busca do inimigo, enquanto Yan Grande conduzia Rob até o lago de orvalho no topo da colina. A tempestade havia passado e a água brilhava sob as estrelas. Ali, meio dentro, meio fora do lago, o corpo machucado de uma elfa jazia gemendo.

E de fato era, aparentemente, uma elfa solitária. Quase se podia ouvir aos Feegles pensando: Um elfo? Feegles adoravam uma briga com elfos, mas... só um? como podia ser isso?

— Disgraça, já faz muito tempo que não temos uma briga boa. — Rob suspirou e, por um momento ficou, para um Feegle, bastante sombrio.

— Certo, mas onde houver um, com certeza Vair ter um monte deles, uma praga deles —, murmurou Yan Grande.

Rob cheirou o ar. A elfa ficou ali deitada e não fez qualquer movimento. — Num tem mais nenhum elfo por aqui. Nós ia sentir o cheiro deles se tivesse —, declarou ele. Ele chegou a uma decisão. — Yan Grande, você e Spike Piquininho Perigoso, segurem essa escória. Cê sabe o que fazer s' isso ficar agitado. Billy Piquininho Queixudo — ele procurou o gonnagle do clã, que era o menos propenso a desvirtuar os fatos. — Vai lá pra Kelda e conta pr' ela o que nós achamu aqui fora. E que nós tamos levando pr'o monte. — Então ele gritou para que o resto do clã pudesse ouvi-lo: — Esta elfa é nossa prisioneira. Uma refém, cêis sabe. Isso quer dizer que cêis não deve de matá ela até que lhe digam. — Ele ignorou os resmungos do clã. — Quanto ao resto d'ocêis, fiquem de guarda em volta daquelas pedras. E se chegar mais deles, cês mostra pr' eles o que os Feegles podem fazer!

Wullie Doido disse: — Eu sei tocar harmônica.

Rob Qualquerum suspirou: — Sim, bem, eu suponho que se isso me deixa arrepiado, então é provável que os manteria bem afastados.

De volta ao monte ou mais exatamente, fora dele, note-se, pois nenhum elfo encontraria por muito tempo um lugar para ficar dentro de um monte Nac Mac Feegle, a Kelda olhava para a elfa ferida e depois de volta para Rob Qualquerum.

— Apenas um? — Ela perguntou. — Bem, um elfo sozinho num é um desafio nem p'rum jovem Feegle. E esta elfa foi espancada, sim, e suas asas foram arrancadas das costas. Seus rapazes fizeram isto?

— Nóis não —, disse Rob. — Yan Grande diss' que caiu do céu no velho lago de orvalho perto das pedras, sabe. Estava maltratado assim antes de chegar lá. — Ele olhou ansiosamente para sua esposa, que estava com a testa franzida. — Nóis é guerreiro, Jeannie, não açougueiros. Os rapazes tavam ansiosos pr' uma briga; é claro, e se este elfo tivesse frente a frente pra uma, minha claymore falaria alto; mas quando uma coisa parecendo um diabim vagabundo aparece, num tem honra em matá ela.

— Bravas palavras, Rob —, disse a Kelda enquanto considerava a criatura inconsciente. — Mas, um só? Cêis tem certeza?

Houve um gemido do elfo, que se mexeu. A claymore de Rob saltou em sua mão, mas a Kelda a segurou gentilmente. A elfa enlameada gemeu novamente e sussurrou algo, com voz fraca e hesitante. A Kelda aguçou os ouvidos e ouviu atentamente antes de se virar para o marido com alguma surpresa.

— Isso falou “Trovão e Relâmpago”! — Ela disse.

A elfa sussurrou novamente e desta vez Rob também pôde ouvir as palavras: "Trovão e Relâmpago".

Todos no Giz conheciam aos famosos cães de Vovó Dolorida, Trovão e Relâmpago, há muito desaparecidos; mas, como acreditavam todos os agricultores locais, ainda vagando pelas colinas em espírito. Vários anos antes, a jovem Tiffany Dolorida os convocara para ajudar a livrar o Giz da Rainha de Feéria. Agora, aqui estava uma elfa, bem na entrada de um monte Feegle, invocando seus nomes.

— Tem alguma coisa aqui qu' eu num tô gostando —, a Kelda resmoneou. — Mas num vou conseguir decidir o qu' isso significa sem nossa bruaca. Pode mandar trazer ela, Rob?

— Sim, Hamish vai fazer isso. Devo de voltar pr'as pedras onde tá o clã. — Ele olhou para a esposa ansiosamente. — Cê vai ficar bem aqui co' essa coisa?

— Sim, vou levá ela para dentro, sabe, pra secar perto do fogo. Tá muita fraca para me fazer qualquer coisa. E os meninos podem cuidar de mim. — Jeannie acenou para um grupo feliz de jovens Feegles, que saltavam às cambalhotas do monte, agitando no ar seus porretes em forma de meia-lua.

— Sim, será um bom treino para eles —, disse Rob, olhando para eles com orgulho. E então se abaixou quando um dos Feegles soltou sua clava e ela disparou pelo ar, quase acertando sua orelha.

Para sua surpresa, a arma girou no ar e disparou de volta para o jovem Feegle que a havia arremessado, dando-lhe um golpe na cabeça, poupando Rob do trabalho.

— Ei, rapazes — gritou Rob. — Essa coisa vai e volta! É uma arma no jeito para qualquer Feegle. Diversão em dobro, sabe.

Tiffany tinha começado a se vestir quando ouviu um assobio lá fora, seguido pelo baque de algo caindo, quebrando galhos alegremente; e depois uma batida na janela.

Ela abriu a janela e viu um emaranhado de algodão e tecido lá embaixo, que depois de umas boas repicadas caiu para revelar Hamish, o aviador Feegle.[46]

Com a janela aberta, de repente ficou muito frio no quarto; Tiffany suspirou e disse: — Sim, Hamish, agora me diga para que você precisa de mim.

Hamish, ajustando os óculos, pulou no parapeito e entrou na sala. — Nossa Kelda mandou te chamar, bruaca das colinas. Devo levá ocê pr'o monte assim que puder.

Tinha sido um longo dia, mas Tiffany sabia que se a Kelda a quisesse lá, mesmo depois da meia-noite, então era onde ela precisava estar. Então ela vestiu suas resistentes calças de viagem, deixou um pires de leite na lareira e arrancou com a vassoura.

E mais uma vez Você estava olhando para ela; a gata branca que agora parecia estar em toda parte.

O fogo dentro do monte parecia uma fornalha.

Os jovens Feegles que tinham sido deixados para proteger sua Kelda olhavam carrancudos para a odiada adversária. Quando Rob Qualquerum retornou, cada Feegle queria dar a parecer que fora ele quem impediu a escória de causar qualquer problema. Especialmente agora que ela estava dentro do monte.

Mas a elfa parecia estar chorando.

---

[46] O falcão treinado por Hamish, Morag, é quem fazia de verdade o trabalho de voar. Em todo caso, dominar a arte da pilotagem não foi problema para Hamish. O problema era a aterrisagem. N.A.

A Kelda mudou de posição e disse suavemente: — Então agora, elfa, você vem até mim. Com que propósito? Por que não devemo matar ocê agora?

Isso causou um sussurro de expectativa entre os Feegles, cada um dos quais esperava matar um elfo em breve, e receio por parte da elfa.

A Kelda virou-se e disse baixinho: — Conheço os segredos dos *Esconderosos*; e o que vejo é que tudo o que fazemos hoje foi ordenado antes da criação dos mares. Não há como voltar atrás. Mas tem uma névoa no que tá diante de mim. Num consigo ver com certeza além deste dia, sabe.

A elfa teve um arrepio.

— É melhor ir dando serviço pra língua, elfa —, murmurou Jeannie. — Pois me pergunto qual seria a minha posição se as coisas fossem de outra forma. Ess' teu povo é muito... inventivo.

Isso fez com que os jovens Feegles brandissem suas armas de brincadeira; e a Kelda se voltou para a elfa e continuou: — Você foi enviada para mim pelo chamado de Trovão e Relâmpago. E eu sei qu' aqueles dois cães espirituais, sim, e sua dona, estarão conosco em breve.

— Agora mesmo, elfa trêmula, diga-me sob qual *Geas* você está? Por que cê tá aqui? Quem está aqui? Qual o seu nome? E num mentir para mim, elfa. Porque eu tenh' um jeito de saber. — A Kelda olhou para a elfa; minúscula, enrugada, em farrapos e com sangue seco pelo corpo; algo que poderia ter sido chutado por dias antes de ser deixado para acabar morrendo em um lago de orvalho.

— Não posso pedir nada, Kelda. Estou vazia para o seu prazer ou para a sua ira. — A voz da Rainha era muito baixa. — Mas eu era, até pouco tempo, a Rainha dos Elfos.

Os jovens Feegles pararam de sacudir as armas e começaram a se aproximar. *Poderia essa coisica piquininha ser a temível Raínia de quem eles ouviru o Grande Homem falar?* Duggie Narigão Piquininho inclinou-se e cutucou corajosamente o elfo com o dedo, o efeito um pouco prejudicado pelo capacete de caveira de coelho caindo sobre seus olhos e fazendo-o cambalear para frente ao ficar preso no nariz.

— Afastem-se, rapazes —, disse a Kelda bruscamente, dando com o punho no capacete de Duggie e o arremessando girando-o para longe da elfa. Ela se voltou para a Rainha. — Então parece que cê teve um infortúnio, majestade —, ela disse secamente. E já que estamos nisso, gostaria de mencionar que parece haver muitas rainhas dos elfos. E eu me pergunto: qual delas temos aqui? Qual o seu nome, madame? E tenha cuidado: se cê me der um nome que num seja o seu, Vossa Majestade vai me pôr num humor um tanto ácido.

— Meu nome, Kelda, é Beladona. — Respondeu a elfa.

A Kelda lançou um olhar de soslaio para Rob Qualquerum que dizia, "O que temos aqui? A Raínia de verdade?" Pois ela sabia que embora houvesse muitos líderes entre os elfos de Feéria, sempre existiram apenas um Rei e uma Rainha. O Rei, é claro, havia partido há alguns anos, criando um mundo separado apenas para ele e seus prazeres, abandonando a Rainha. E embora raramente fosse usado, a Rainha tinha seu próprio nome. Nome conhecido pelos Feegles quando de sua estada em Feéria. Um nome agora a ser passado de cada Kelda para sua sucessora. E o nome era Beladona.

Ela disse calmamente: — Somos os Nac Mac Feegle e não nos curvamos diante de rainhas.

Rob Qualquerum ficou em silêncio, mas o som dele afiando sua claymore contra a pedra era uma canção, um convite à morte. Então ele

olhou para cima e seu olhar era assustador. — Nós somos os Nac Mac Feegle! Os Pequenos Homens Livres! Sem Rei! Sem Rainha! Sem Senhor! Sem Mestre! E não seremos enganados novamente! — Ele trovejou. — Sua vida, elfo, está no fio da minha lâmina.

Houve um barulho atrás deles e Tiffany rastejou para dentro, seguida por Hamish, com mais Feegles se empurrando atrás deles. — Estou feliz em vê ocê, Bruaca das Colinas —, Jeannie saudou. — Temos entre nós... uma elfa. Diga-nos, o que faremos com isso? — E ao som daquela palavra todas as armas cantaram.

Tiffany olhou para a elfa. Estava em péssimo estado e ela disse: — Não somos o tipo de pessoa que mata quem está desarmado.

Rob Qualquerum levantou a mão. — Desculpe-me, madame, mas alguns de nós o fazemos, ou somos.

Perplexa, Tiffany pensou: Bom, eu sou a Bruaca Piquininha Grandona deles e a Kelda pediu minha ajuda. E então, apesar de seu estado deplorável, ela reconheceu a prisioneira dos Feegles. Afinal, como ela poderia esquecer?

— Eu conheço você, elfa, e disse a você nunca mais vir aqui —, disse ela, franzindo o cenho. — Lembra-se? Você era uma grande rainha élfica e eu era uma garotinha. Com Trovão e Relâmpago eu a expulsei.

Ela observou o rosto da elfa quando disse isso. Tinha ficado lívido. — Sim —, disse a elfa debilmente. — Estivemos invadindo o seu mundo, mas isso foi antes da época do... ferro.

Seu rosto se contorceu de medo e Tiffany sentiu uma mudança no mundo, uma sensação de que ela estava entre dois cursos de ação e de que o que ela fizesse a seguir teria importância. E percebeu que isso era o que ela suspeitava estar vindo em sua direção; e sobre o qual Jeannie a

alertara. Uma bruxa está sempre no limite, entre a luz e a escuridão, o bem e o mal, fazendo escolhas todos os dias, julgando o tempo todo. Era o que a tornava humana. Mas... o que tornava alguém um elfo? Ela se perguntou.

— Ouvi dizer que os trasgos acreditam que as locomotivas têm alma, elfa —, disse ela suavemente. — Diga-me, que tipo de alma você tem? Você corre ao longo de seus próprios trilhos élficos? Sem hora nem lugar dar meia volta? — Ela olhou para a Kelda e disse: — Vovó Dolorida me disse para alimentar aos famintos e vestir aos que estão nus e ajudar aos dignos de piedade. Bem, esta elfa veio para a minha terra, faminta, nua, lamentável; você vê?

As sobrancelhas da Kelda se ergueram. — Essa criatura é um elfo! Não se importaria o mínimo por você! Ela não se importa com ninguém... nem mesmo se importa com outros elfos!

— Você acha que é impossível existir um elfo bom? — Você acha que é possível que exista um elfo bom?

— Não, mas estou sugerindo que existe uma possibilidade de que possa

haver um. — Tiffany virou-se para a elfa encolhida. — Você não é mais rainha. Você tem um nome?

— Beladona, minha senhora.

— Sim —, disse a Kelda. — Um veneno.

— Uma palavra, Tiffany disse, firme.

— Bem, essa palavra foi descartada como se a vida não fosse mais do que um jogo de xadrez; e agora ela se volta para moça que ela tentou destruir anos atrás —, disse a Kelda. — Ela foi espancada muito

severamente, mas aí vem ela, até sua herdade, pedindo refúgio. — Havia um brilho em seus olhos quando ela disse: — E agora, Tiffan? Depende d'ocê. Só ocê pode decidir. Esta elfa quase te matou antes, e ainda assim cê quer ajudá ela. . — O rosto da Kelda se tornou grave. — Num se pode fiar nas fadas, nóis, Nac Mac Feegle, sabemos disso! Mas cê é a garota que fez o Artesão-do-Inverno cuidar de seus modos. Num se inquiete pela Raínia, mas através dela pode se seguir uma guerra. .

Tiffany se inclinou sobre a elfa encolhida e trêmula. Cara a cara com ela, disse calmamente: — A última vez que nos encontramos, Beladona, eu era uma menina pequena, dificilmente capaz de qualquer tipo de magia. — Você não imagina o quanto eu sou muito melhor em magia agora! Eu sou a sucessora de Vovó Cera-do-Tempo e sim, vocês elfos estavam certos em temer o nome dela. E agora você pode dizer que a vida dos elfos depende de você. E se você me decepcionar, vou mandá-la de volta para os Feegles. Eles não amam os elfos. — A Kelda atraiu o seu olhar e Tiffany disse: — Está bem para você, Kelda?

— Achhhh, está bem —, disse a Kelda, — alguém teve que provar o primeiro caracol.

— Sim —, disse Tiffany. — E os trasgos eram tratados como ninguém até que alguém pensasse neles. Não dê à Senhora Beladona nenhuma razão para odiá-los; mas se ela quebrar as regras, então eu prometo a você, e você sabe bem que uma promessa da Bruaca das Colinas é realmente um assunto sério – isso será o fim de tudo.

Olhos feegle ainda observavam Beladona com imperturbável desprezo. Pareceu a Tiffany que o ar entre eles e a elfa fervilhava de ódio, em ambas as direções.

Rob Qualquerum disse: — Você, elfa, sabe que sua espécie não vai nos enganar novamente. Então é por conta de Madame Dolorida que

estamos deixando cê viver. Mas é bom saber; a bruxa das colinas fica um pouco inquieta quando nos vê matando pessoas; e se ela não estivesse aqui, você estaria sangrando de novo.

Houve um coro de ameaças dos Feegles; estava claro que se eles tivessem opção, Beladona seria um pedacinho de carne úmida no chão agora.

Rob Qualquerum bateu sua claymore no chão. — Ouçam a Bruaca Piquininha Grandona, seus sarnentos. Sim, vocês, Batedor Piquininho e Brigador Piquininho, Fungo Piquininho e Tápramim Tiaguim Piquininho. Ela fez uma trégua com a véia Raínia e acredita que aquele traste pode de ter um pouquim de bondade nela.

Yan Grande tossiu e disse: — Num quero ser do contráriu com a bruaca, mas o único elfo bom é um elfo morto.

— Sugiro que cê não siga esse caminho, irmão. Como gonnagle, eu digo para deixar um espaço para o bem entrar, como é dito na *Balada de Johnnie Latidor* —, disse o gonnagle Billy Piquininho Queixudo, um Feegle culto.

— É aquele moço qu' equilibrou um dedal no cheirador durante uma semana e depois ficou com uma voz maravilhosa pra cantar? —, perguntou Wullie Doido.

— Não, seu tontim.

— Por que cê tá tão irritado com isso? Num fique preocupadu.

A primeira vez que aquel' elfa tocar em alguém, vai ser uma elfa morto, e é assim que vamo ficar sabendo —, disse Spike Piquininho Perigoso.

— Tudo bem, agora —, disse Rob Qualquerum, — isso é o que a bruxa quer e é o que eu tô dizendo, isso é tudo.

— E vou lhe dizer mais uma coisa, Rob Qualquerum —, disse Tiffany. — Vou levar essa elfa comigo. Eu sei que você virá comigo, mas precisarei de um ou dois Feegle para ficar ao lado dela e vigiá-la por mim. Arthur Piquininho Loco? Você estava na Vigilância... eu escolhi você para um. — Ela olhou em volta. — E você, Yan Grande. Não deixe essa pequena elfa levar a melhor sobre você. Quero dizer a vocês dois que esta elfa é uma cativa. E os cativos precisam ser cuidados. Como policial, você, Arthur Piquininho Loco, sabe que as pessoas não caem em poços a menos que sejam empurradas. Eu sugiro que você pense sobre isso. E, de modo geral, eles também não caem escada abaixo, a menos que sejam empurrados. Não deve haver pequenas coisas como: "Ah, bem, nós a deixamos passear e ela fugiu e foi derrubada por um arminho furioso" ou "Ela morreu resistindo à prisão por quinze Feegles". E nenhum grande enxame de abelhas para picá-la muito. Nenhum grande pássaro a deixando cair num lago. Nenhum grande vento que surge do nada e leva tudo embora. E não "Ela caiu na toca do coelho e ninguém mais a viu". Ela olhou em volta com severidade. — Eu sou a bruxa das colinas e saberei como aconteceu. E então haveria um. acerto de contas. Me compreendem?

— Aidinóis, aidinóis, vai haver um acerto de contas —, Wullie Doido gemeu,

e houve um arrastar de pés envergonhado enquanto os Feegles reconsideravam seus planos. Yan Grande distraidamente enfiou o dedo no nariz e examinou atentamente o que encontrou lá antes de enfiá-lo em seu spog para inspeção posterior.

— Certo, bem, então está resolvido —, disse Tiffany. — Mas não tolerarei que elfos problemáticos entrem em meu território, senhores.

Capítulo TREZE

TRAVESSURAS... E COISAS PIORES



OS ELFOS GOSTAVAM DE ser problemáticos. Quando os elfos chegam, eles caçam furtivamente. Há pequenas mudanças no mundo, a princípio apenas travessuras.

Como na adega dos Braços do Barão, onde algo aconteceu com a cerveja. Não importa quantas vezes ou quão minuciosamente John Salsinha limpasse e trocasse torneiras e barris, a cerveja subitamente ficava cheia de grumos, erupções, excrementos e coisas do género, e o dono do pub arrancava os cabelos; dos quais ele tinha pouco para começar.

E então, no bar, alguém disse: — São os elfos de novo. O tipo de piada deles.

— Bem, isso não me faz rir —, disse Thomas Gramaverde, enquanto John Salsinha estava quase a chorar. E como acontece num pub, todos os outros aderiram, e falou-se em elfos mas ninguém acreditou; embora mais tarde, em casa, mais de uma ferradura nova tenha sido subitamente pregada no batente da porta.

As pessoas riram e disseram: — De qualquer forma, temos nossa própria bruxa aqui. — Bem —, disse Jack Tropeço, — sem ofensa, mas ela nunca está aqui ultimamente. Parece que ela está passando mais tempo em Lancre.

— Ah, vamos lá – disse Joe. — Minha Tiffany está fazendo um trabalho de homem todos os dias. — Ele pensou por um momento (especialmente porque sabia que o que ele dissesse poderia facilmente chegar à sua esposa através da senhora Salsinha). — Melhor do que isso, ela está fazendo um trabalho de mulher —, acrescentou.

— Bem, como você explica a cerveja?

— Má conservada? —, disse Jack Tropeço. — Sem ofensa, John. É um negócio difícil, esse de cerveja.

— O que...? Meus canos estão limpos como a chuva e lavo as mãos quando troco um barril.

— Então o que é?

Alguém teve que repetir, expressar sua conclusão e foi dito: — Então só podem ser as fadas.

— Ah, vamos lá —, disse Joe. — Minha Tiffany teria lidado com eles em dois tempos.

Mas a cerveja continuou azeda...

Enquanto estavam em Lancre, no alto das florestas das montanhas Ramtops, Martin Merenda e Frank Serrador estavam ansiosos. Eles haviam caminhado durante dias desde a última cidade, Longepraporrra, para chegar até ali e haviam deixado a trilha principal horas antes. Os estômagos vazios e as sombras do fim da tarde os apressavam, mas era difícil percorrer as trilhas tênues da encosta íngreme. Se não encontrassem o acampamento madeireiro logo, esta provavelmente seria a segunda noite sem abrigo. Eles tinham ouvido lobos uivando ao longe na noite anterior. E agora, com a temperatura caindo, começou a nevar.

— Acho que estamos perdidos, Frank —, disse Martin ansiosamente.

Mas Frank estava ocupado ouvindo com atenção e agora percebera um estrondo ao longe. — Por aqui —, ele disse com confiança.

E, de fato, em menos de cinco minutos eles estavam perto o suficiente para ouvir o som de pessoas conversando e, logo depois, o aroma de algo cozinhando, o que parecia um bom sinal. Então, num intervalo entre as árvores, puderam avistar o acampamento. Havia vários homens grandes e peludos se movimentando, enquanto outros estavam sentados em tocos de árvores e um deles mexia algo que borbulhava em um fogão portátil quase em brasa.

Quando os rapazes emergiram das árvores, os homens olharam para cima. Um ou dois pousaram a mão nos grandes e práticos machados, nunca mantidos muito longe, e depois relaxaram ao ver como eram jovens. Um lenhador idoso, com uma grande jaqueta xadrez e capuz forrado de pele – o tipo de homem com quem você não conversaria a menos que o ouvisse falar primeiro – foi até eles.

— O que vocês, rapazes, estão fazendo por aqui? O que querem? — Ele olhou para eles: Frank, pequeno e magro, mas de aparência forte; e Martin, mais musculoso, mas arrastando os pés desajeitadamente atrás do amigo; como, aliás, costuma acontecer com um rapaz musculoso, mas não muito mais, que pode se sentir desconfortável quando questionado sobre algo mais exigente do que seu nome.

Frank disse: — Precisamos de trabalho, senhor. Eu sou Frank, e este é Martin, e queremos trabalhar nas calhas.

O velho lançou-lhes um olhar avaliador e depois estendeu a mão enorme e calejada. — Meu nome é Indolente; senhor Indolente para vocês dois. Então, calhas, não é? O que vocês sabem sobre guiar madeira em canais, então?

— Não muito —, disse Frank, — mas meu avô já trabalhou nas calhas e disse que a vida era boa. — Ouvimos dizer que há um bom dinheiro para se ganhar —, acrescentou ele com otimismo.

O problema para os lenhadores que trabalhavam no alto das montanhas era a distância entre os acampamentos remotos e a trilha principal das carroças. Simplesmente não era prático ter as enormes e pesadas toras arrastadas para fora da floresta a cavalo, e a solução era enviar as toras montanha abaixo em um canal de água em alta velocidade até o depósito nas colinas abaixo. De lá, as toras podiam ser transportadas para as vilas e cidades em carroças puxadas por mulas.

Foi uma ideia maravilhosa e assim que a primeira calha começou a funcionar, a ideia se espalhou. Os homens que se tornavam condutores de toras nas calhas viviam em pequenos barracões precariamente empoleirados em saliências perigosamente próximas dos pontos de viragem das calhas, e precisavam de força para conseguirem lidar com os bloqueios à medida que várias toneladas de madeira desciam pela

água em direção a eles. Não faltavam jovens que se dirigiam às montanhas, determinados a percorrer as calhas, nem que fosse para dizer que tinham ido! Alguns, é claro, nunca mais tiveram a chance de dizer nada a ninguém depois de um erro de principiante com as toras; cada acampamento, porém, tinha um Igor na equipe, então algumas partes deles poderiam muito bem ter uma segunda chance. Ocasionalmente se podia encontrar um velho condutor de toras que já fazia aquilo há muito tempo e que podia de fato estar ostentando os braços de um jovem em seu corpo velho e magro.

— As calhas não são para bebês —, disse o senhor Indolente. — É um trabalho para homens e não admite erros. Vejo que você tem músculos, ambos tem, aliás; mas eu não dou a mínima. Existem muitos garotos como vocês, musculosos. O que precisamos é de meninos com músculos na cabeça. Você nunca sabe o que as calhas farão com você em uma curva traidora. — Ele franziu a testa para eles. — Você conhece o jovem Jack Abbott? Um Jovem lenhador que vive montanha abaixo com sua boa mãe e irmã mais nova? Quase cortou seu próprio pé há apenas uma semana ou mais. Só agora está melhorando; e isso graças a uma moça estrábica que as bruxas enviaram para ajudar. Pensem nisso, rapazes, se vocês acham que conseguem lidar com correr riscos aqui. A condução de toras é um trabalho muito mais perigoso que o de lenhador.

Os rapazes pareciam abatidos.

— E é madeira mágica, um pouco disso aqui —, continuou Indolente. — Para os magos. É por isso que eles precisam de nós, rapazes; não podemos levá-lo nos trens, mesmo que já estejam nos armazéns lá de baixo. Conseguem aguentar isso? A magia pode fazer coisas engraçadas com os homens aqui em cima. — Ele apontou para as

árvores nevadas que os rodeavam e disse, — estes não são pinheiros comuns, são Pinheiros Preditivos. Eles conhecem o futuro. E me dane se eu sei por que ou como. Qual a vantagem em predizer o futuro para um pinheiro? Eles podem prever quando serão cortados; mas são cortados do mesmo jeito. Rá! Se eles ao menos pudessem fugir, eu entenderia. Mas se você tocar em um deles e ele gostar de você, então você verá o que está prestes a acontecer. Então, rapazes, interessados?

Martin não era do tipo que falava muito, então disse simplesmente: — Só preciso do dinheiro, chefe. E da comida, é claro.

— Ah, é um bom dinheiro. E você pode comprar de tudo e mandar para cá —, disse o senhor Indolente. Ele enfiou a mão no bolso da jaqueta xadrez e tirou um livro bem manuseado. O catálogo Arvon.[47] — Todos nós juramos sobre ele. E você pode conseguir o que quiser, com ele.

Frank deu uma olhada na capa do catálogo. — Diz aqui que você pode encomendar uma noiva —, disse ele, maravilhado. — Chega por trem.

— Bem, não há nenhum trem que venha até aqui em cima; Não há nenhum ferro perto desta floresta. A estação ferroviária mais próxima fica em Longepraporrra. Perto o bastante. E isso aí de esposas é novo. Bem a tempo para vocês, rapazes. Diz aí que você pode encomendar uma jovem; e que há muitas garotas elegantes à procura de homens. Encontre uma garota e com o que você puder se virar para conseguir por aqui, ela poderá ter até um banheiro interno, sem bagunça e com todas as roupas que quiser. Essa é a coisa boa do

[47] No original: "Biggerwoods". Mais uma brincadeira de Pratchett: na Grã-Bretanha, a Littlewoods é uma popular empresa de venda por correspondência especializada em roupas femininas, desde lingerie até agasalhos. E claro, também muito popular é o seu catálogo. Algo como Avon ou L´Oreal. N.T.

dinheiro. — Ele fez uma pausa e enfiou o catálogo de volta no bolso, depois acrescentou: — Roupas femininas são maravilhosas, não acham? Ainda outro dia conheci um homem que disse viajar de lingerie feminina. .

— Tem certeza de que ele estava bem? — perguntou Martin ao senhor Indolente, um tanto duvidoso. Ele tinha ouvido falar de um acampamento muito remoto onde os lenhadores fortes e durões aparentemente escolheram se vestir com roupas femininas enquanto cantavam canções sobre seus grandes machados, mas ele não acreditou. Até agora, pelo menos.

O lenhador não respondeu à pergunta. — Bem, Martin, você é um ótimo garoto, não é? — Ele disse e depois se virou para Frank. — Você, rapaz, por que quer se arriscar aqui?

— Bem, senhor Indolente, eu estava saindo com uma moça, mas havia um outro rapaz, sabe. ele hesitou.

O senhor Indolente colocou a mão diante do rosto. — Não me conte mais nada, garoto. Essas colinas estão cheias de pessoas que realmente queriam estar em outro lugar. E me parece que você pode querer dar uma olhada no Arvon, quando tiver algum dinheiro no bolso.

Bem, vocês dois parecem fortes o suficiente. Basta assinarem aqui e não diremos mais nada. Vocês podem começar de manhã e depois veremos. Se não forem estúpidos, vão acabar conseguindo bons salários. E se vocês fizerem coisas estúpidas nas calhas, mandarei seus salários às suas queridas e velhas mães, para que elas tenham o suficiente para enterrá-los.

Ele cuspiu no polegar e os garotos cruzaram os seus com o dele para selar o acordo, no gesto, de resto, tão comum no mundo entre homens.

— E agora lhes direi o que vai acontecer com vocês nos próximos trinta minutos —, disse o Sr. Indolente com um largo sorriso. — Você vão ficar onde as toras vão para as calhas, observando e aprendendo. E não preciso que nenhum Pinheiro Preditivo me diga isso! — Ele riu e deu um tapinha no pinheiro mais próximo.

Mas quando seus dedos tocaram a casca, seu queixo caiu e seu capuz deslizou para trás, deixando um rosto congelado de medo.

— Rapazes—, ele gaguejou, – e isso por si só era assustador, que um homem tão grisalho pudesse gaguejar daquele jeito — saiam daqui. Agora! Desçam a montanha. Temos uma luta vindo em nossa direção... em cerca de cinco minutos! E só preciso de homens que saibam o que fazer com um machado aqui. — E ele se virou e correu para o acampamento, gritando para os lenhadores.

Martin e Frank se entreolharam, chocados; Frank então estendeu a mão hesitantemente e tocou a árvore com o dedo. Um súbito flash de imagens surgiu em sua mente: criaturas gloriosamente coloridas, vestidas de veludo e penas, com os corpos pintados em azul-índigo, desciam das árvores. Mas não havia nada de glorioso na dor e na morte que traziam consigo. Depois viu um capuz forrado de pele flutuando nas águas de uma calha, capuz que emoldurava a cabeça do senhor Indolente. Um senhor Indolente que parecia de alguma forma ter sido suficientemente descuidado para perder o resto de seu corpo.

Os dois rapazes tropeçaram entre os lenhadores, indo em direção às árvores e ao chão nevado que oferecia uma chance de fuga.

Mas não com rapidez suficiente. Pois, com um assobio repentino, uma tempestade de elfos veio dançando das árvores; elfos grandes e desagradáveis, cujas penas e veludos de suas túnicas faziam com que parecessem pássaros predadores voando das alturas sombrias. Os dois garotos recuaram, paralisados no lugar.

E por alguns minutos foi lenhador contra elfo, ajudados pelo Igor do acampamento dizendo: — Continuem tocando no pinheiro, isso os incomoda e eles não saberão que dia é hoje. E enquanto eles descobrem, vocês você podem dar uma boa surra neles.

Os lenhadores não eram homens que fugiriam de uma luta e o terrível metal de seus machados destruiu mais de um elfo. Mas cada vez mais elfos invadiam o acampamento, derrubando os pequenos barracões, chutando os troncos para que caíssem nas calhas em qualquer direção, com mais elfos balançando no alto das árvores e rindo do acampamento. E havia algo encantador neles.   algo que se infiltrava por trás do exterior duro dos lenhadores e os fazia cair de joelhos, soluçando por suas mães e deixando cair seus machados, presas fáceis para o povo das fadas vitorioso.

— Eu avisei a vocês. Afastem-se, vão para as calhas, rapazes —, gritou o senhor Indolente, golpeando com o machado um elfo que se aproximava por trás dele. — Essas calhas são mais rápidas que os elfos. Eu vou ficar bem.

Martin acreditou na sua palavra - embora Frank tivesse visto o futuro e soubesse que "bem" não era o que iria realmente acontecer com o senhor Indolente - e saltou para a primeiro jangada de tora, Frank logo atrás, e o senhor Indolente empurrou uma alavanca...e a jangada se soltou! Descendo pela calha e serpenteando pela encosta íngreme da montanha; curvas tão terríveis que eles tiveram que se inclinar de um

lado para o outro para evitar cair. Encharcados até a pele, e com uma confusão de troncos à frente deles, atrás deles e ao lado deles, eles avançaram por desfiladeiros profundos, esquivando-se das flechas dos elfos que chegavam e que subiam a montanha como um enxame mortal de insetos.

Foi selvagem, foi extenuante, estar quase a ponto de ser morto... e o quase é o que tornou aquilo algo sobre o qual eles se sentiriam capazes de conversar mais tarde, embora o muito claro "ser morto" calasse a boca da maioria das pessoas.

Também foi assustador; a coisa mais terrível que já acontecera com qualquer um dos garotos. Mesmo com o barulho da água, eles podiam ouvir os gritos dos lenhadores atrás deles. E havia. coisas caindo perto eles na água que ninguém gostaria de olhar muito de perto.

A viagem terminou em uma pilha de toras. E o depósito tinha muitos homens, homens grandes e fortes com metal nas mãos, furiosos com os danos causados à madeira; mas quando se reuniram para marchar montanha acima ouviram-se risos e gritos lá vindos lá de cima... e depois silêncio. Os elfos tinham ido embora.

O moleiro de Fedida[48] era um homem piedosamente devoto e o moinho em si era complicado, com rodas girando o tempo todo em várias direções; seu pesadelo, que ele esperava nunca se tornar realidade,

---

[48] Você pode pensar que um nome como Fedida desanimaria as pessoas. Mas, na verdade, a aldeia montanhosa de Fedida já foi um local muito popular para turistas. Eles gostavam de enviar postais para casa dizendo: "Estamos fedendo em Fedida". E voltar para casa com presentes para seus entes queridos, como túnicas com "Estive em Fedida e tudo que trouxe para casa foi esta túnica fedorenta com isso escrito". Infelizmente para eles, com a chegada das ferrovias – ou, no caso de Fedida, a não chegada das ferrovias – os turistas começaram a ir para outros lugares e Fedida estava agora desaparecendo gradualmente na lama, sobrevivendo principalmente de "lavar para fora". N.A.

seria o dia em que o moinho quebrasse e todas aquelas rodas complicadas girassem por toda parte. Mas enquanto continuassem a girar, bem, o moleiro era um homem feliz, pois afinal de contas todos precisavam de pão.

Então, uma noite os elfos chegaram e, ah, começaram a interferir na farinha dele, fazendo buracos nos sacos e jogando um formigueiro nos grãos, rindo dele.

Mas eles cometeram um grande erro.

O moleiro rezou para Om, mas como não obteve resposta – ou melhor, ele colocou na cabeça a resposta que queria que Om lhe desse – ele deixou os elfos ficarem com tudo e quando as rodas complicadas entraram em ação, eles foram cercados por metal; metal maravilhoso, metal frio, girando como um relógio.

E o moleiro trancou todas as portas para que não pudessem sair. Ele pode ouvir os gritos a noite toda e quando seus amigos lhe perguntaram como ele conseguira fazer aquilo, ele apenas disse: — bem, os moinhos de Fedida moem muito lentamente, mas moem bem fininho, muito fininho.

Na aldeia de Buraco Liso, a Velha Mãe Griggs acordou com o cabelo num terrível emaranhado; e uma cama cheia de cardos, rasgando a sua pele envelhecida, enquanto um elfo ria de alegria enquanto sua montaria, uma jovem novilha, caía de joelhos, exausta das folias noturnas.

E um velho comerciante de Fatia empurrou o seu carrinho, o seu único meio de sobrevivência, para a praça do mercado, cantando: "Um

repolho por dia deixa o trasgo arredio". E uma cebola por dia deixa o elfo... aaaai!

E ao pé das Ramtops, uma flor fez cócegas no queixo de uma jovem donzela chamada Elsie que de repente soltou a mão de sua irmã mais nova, deixando a menina vagar pelo rio, enquanto olhava amorosamente os olhos do jumento de propriedade de seu pai.

E isso enquanto um viajante incauto saltava cada vez mais fundo na floresta, dançando ao som de uma música élfica que nunca parava, com os elfos saltitando ao lado dele, rindo de sua angústia.

E Herne, o Caçado, deus dos pequenos e peludos destinados a serem comidos, rastejou para baixo de um arbusto e se escondeu enquanto três elfos descobriam a diversão sangrenta que poderiam ter com uma família de jovens coelhos.

Capítulo QUATORZE

UM CONTO DE DUAS RAINHAS



TIFFANY LEVOU Beladona, uma criatura muito pequena e patética no momento, para a fazenda de seu pai, colocando-a sob a capa para a viagem e depois acomodando-a e aos Feegles em um dos antigos celeiros de feno.

— É limpo e quente aqui —, disse ela, — sem metal. E vou trazer um pouco de comida para você. — Ela olhou severamente para os Feegles. Eles tinham uma aparência faminta. Havia um elfa ali, e sozinha. O que não fariam eles com ela? — Rob, Arthur Piquininho Loco, Yan Grande —, disse ela, — só vou pegar uma loção para Beladona, para ajudar a curar seus ferimentos, e não quero que vocês toquem nela enquanto eu estiver fora. Ficou claro?

— Ah, sim, madame —, disse Rob alegremente. — Pode dá um perdido e deixá essa sarnenta co' a genti. E voltou um olhar fixo para Beladona. — Se'ssa elfa dé qualquer problema, cê sabe, nós temu nossa armas. — Ele sacudiu sua claymore de uma forma que mostrou claramente que estava ansioso para tirá-la para brincar.

Tiffany se voltou para Beladona. — Eu sou a Bruaca das Colinas —, disse ela, — e esses Feegles obedecerão às minhas ordens. Mas eles não gostam de você e de sua espécie; então sugiro que você melhore seus modos, senhora, e jogue o jogo. Ou haverá um acerto de contas.

E então, de fato, ela deu um perdido. Mas foi um "perdido" muito rápido, pois ela confiava muito pouco na elfa e menos ainda nos Feegles.

Quando Tiffany voltou, Beladona recebeu a pomada curativa e parecia que a cada passada suave a pequena elfa desabrochava, ficando cada vez mais bonita. Havia um brilho nela, como uma calda que cobria tudo. E aquilo exclamou: Eu não sou linda? E tão esperta? Eu sou a Rainha das Rainhas!

Então pareceu a Tiffany que seu senso de identidade estava mudando; mas ela estava esperando por isso e pensou: não vou permitir isso, minha amiga. — Você não vai tentar suas artimanhas élficas comigo, senhora! — Ela disse.

Mas ainda assim ela sentiu a magia da elfa estendendo-se para ela, como o rastejar do nascer do sol.

Ela gritou: — Você não vai colocar seu glamour em mim, elfa! — E as palavras da antiga linguagem de contar dos pastores que Vovó Dolorida havia usado estavam em sua mente. — *Yan tan tethera* —, ela cantou repetidamente; o canto das palavras ajudando sua mente a se tornar ela mesma novamente.

E funcionou. Beladona começou a diminuir o tom e agora parecia uma camponesa, uma leiteira. Ela havia conjurado um vestido de leiteira para si mesma; embora fosse um vestido que nenhuma leiteira de verdade jamais usaria, visto que era adornado com pequenas fitas e laços e um delicado pé calçado de sandália aparecia por baixo da bainha. Quando um lindo chapéu de palha tomou forma, Tiffany recuou. A elfa convocara um eco do traje que ela conhecia muito bem; um usado por uma pastora de porcelana que ela certa vez dera à avó. E ao se lembrar de Vovó Dolorida ela ficou incrivelmente irritada.

Como essa elfa ousava tentar isso com ela, aqui, em seu próprio território!

— Eu exijo... — Beladona tentou, e então viu a expressão de Tiffany. — Eu espero...

Uma garota do campo! O elfo está saindo de cena, disse Tiphaine para si mesma, encantada. Mesmo assim ela ainda cruzou os braços e olhou para a elfa. — Eu ajudei você— disse ela, — mas também estou ocupada ajudando outras pessoas, que teriam uma vida melhor se você não estivesse aqui. — Ela estreitou os olhos. — Especialmente se o seu povo faz travessuras; coisas como estragar a nossa cerveja. Sim, eu sei disso; e conheço você, elfa, e sei o que você quer. Você quer seu reino de volta, não é, Beladona?

Houve um grunhido dos Feegles reunidos e Yan Grande disse esperançosamente: — Num podemos chutá ela de volta pra lá, madame?

— Certo —, disse Rob. — E nus livrá desta praga.

— Bem, Rob —, disse Tiffany, — lamento dizer-lhe, mas há algumas pessoas que acham que os Feegles são uma praga.

Yan Grande ficou em silêncio e depois disse lentamente: — Bem, podemos ser uma praga, cê sabe, mas uma pobre criancinha num tem motivo para temer Feegles. — Ele se ergueu em todos os seus dezoito centímetros de altura – Yan Grande era muito alto para um Feegle, com cicatrizes na testa típicas dos mais altos que a média e que podem achar as portas um tanto desafiadoras. – e mirou à elfa desde as vigas.

Tiffany o ignorou, voltando-se para Beladona. — Estou certa? — Exigiu. — Você quer voltar para Feéria? O que você diz?

A astúcia brilhou no rostinho afilado de Beladona. — Somos como abelhas —, disse ela finalmente. — A Rainha tem todo o poder. até que ela fique mais velha e então uma nova rainha a mata para tomar a colmeia. — Uma onda de raiva tornou-se subitamente visível. — Flor-de-Ervilha —, sibilou ela. — Ele não acredita que o mundo mudou. Foi ele quem me expulsou do meu povo. — Um sorriso de desprezo cruzou seus lábios. — Ele, que é tão poderoso que pode estragar a cerveja. Quando uma vez já pudemos destruir mundos inteiros...

— Eu poderia te ajudar com seu amiguinho Flor-de-Ervilha —, disse Tiffany lentamente. — Eu assentaria você como Rainha dos Elfos novamente se você pudesse fazer todos os elfos voltarem mais uma vez para suas próprias terras e ficarem lá. Mas se você e sua raça vierem aqui com o propósito de tornar os humanos seus escravos; bem, você pode pensar que me viu com raiva, mas não então você saberá o verdadeiro significado da palavra "cólera".

E enquanto dizia isso, tudo à volta dela pareceu cintilar em chamas. E ela se lembrou de ter enfrentado a Rainha antes. Terra sob as ondas. Sabendo de onde ela vinha e para onde estava indo. E que ela não poderia mais ser enganada. Sabendo que por mais que as pessoas

sonhassem, convidassem os elfos para virem ao mundo, ela estaria ali, desperta e se mantendo firme.

— Se você quebrar seu voto, as últimas coisas que verá será Trovão e Relâmpago —, ela ameaçou. — Trovão e Relâmpago em sua cabeça e você morrerá sob o trovão. Isto é uma promessa, elfa.

Pela expressão de terror que brilhou no rosto de Beladona, Tiffany soube que a elfa entendia.

Ela trouxe um pouco de mingau para Beladona pela manhã.

A elfa olhou para Tiffany enquanto pegava a tigela e disse: — Você poderia ter me matado ontem. Eu teria me matado. Por que não fez isso? Você sabe que sou um elfo; e que nós somos impiedosos.

— Sim —, disse Tiffany, — mas somos humanos e conhecemos a misericórdia. Também sei que sou uma bruxa e estou fazendo meu trabalho.

— Você é inteligente, Tiffany Dolorida, a garotinha que quase matei na colina quando Trovão e Relâmpago se tornaram sólidos e dolorosos, só dentes e mordidas. — Beladona ficou intrigada. — O que sou eu agora senão uma pobre esfarrapada? Sem amigos, mas você, uma garota, me acolheu quando não tinha motivo para isso.

— Eu tive um motivo —, disse Tiffany. — Sou uma bruxa e pensei que isso fosse possível. — Ela sentou-se numa batedeira de leite e disse: — Você deve entender que os elfos são vistos como vingativos, insensíveis, rancorosos, indignos de confiança, egocêntricos, indignos e incômodos indesejáveis... e isso é ser gentil. Já ouvi linguagem muito pior sobre eles, especialmente de pessoas cujos filhos foram levados, posso garantir. Mas nada permanece igual... o nosso mundo, o nosso ferro, a sua corte, o seu glamour. Você sabia, Beladona, que em Ankh-

Morpork os trasgos têm empregos e são considerados membros úteis da comunidade?

— O que? Disse a Rainha. — Trasgos? Mas vocês, humanos, odeiam os trasgos; e o fedor deles! Achei que aquele que capturamos estava mentindo!

— Bem, talvez eles cheirem um pouco, mas seus senhores também, porque para alguns deles fedor é dinheiro —, disse Tiffany, — e um trasgo que consegue consertar uma locomotiva pode feder tanto quanto quiser. O que vocês elfos têm a nos oferecer? Vocês são apenas. folclore, agora. Na verdade, vocês perderam o trem e só lhes restou travessuras e truques bobos.

— Eu poderia matar você só com um pensamento —, disse Beladona com um olhar malicioso.

— Ai... minha mãe! — Disse Tiffany, erguendo a mão para impedir os Feegles, cada um dos quais querendo ser o autor do primeiro soco. — Espero que você não faça isso. Seria o seu último pensamento. — Ela olhou para a elfa, seu rostinho afilado tremendo desconcertado ao se ver cercada por pessoas que não entendia. — Ah, por favor, não chore. Uma elfa que já foi rainha, uma elfa que quer ser rainha novamente, certamente não deveria chorar.

— Uma rainha não deveria, mas sou um remanescente de uma rainha, perdida no deserto.

— Não, você está em um celeiro de feno. Você entende o significado do trabalho manual, senhora?

Beladona pareceu confusa. — Não. O que isso significa?

— Significa ganhar a vida trabalhando. Como é você com uma pá?
— Não sei. O que é uma pá?

— Ah, minha mãe —, disse Tiffany novamente. — Olha, você pode ficar aqui até melhorar, mas precisa trabalhar duro em alguma coisa. Você poderia tentar.

Uma bota ricocheteou no chão ao lado dela, uma de seu pai; com um buraco na ponta e outra tentando, por simpatia, juntar-se a ela no calcanhar. — Não suporto botas nos pés, sabe —, disse Arthur Piquininho Loco, — mas se cê lembra, fui criado por sapateiros, e eles me contaram uma história sobre os elfos. A sarnenta aí sua pode di ter um talento pra isso.

Beladona virou a bota cuidadosamente nas mãos. — O que é isso? — Ela disse.

— Uma bota —, disse Tiffany.

— E cê vai levar um chute no traseiro se eu tiver alguma coisa para fazer co' ela —, rosnou Yan Grande.

Tiffany pegou a bota da elfa e a colocou no chão. — Conversaremos mais tarde, Beladona —, disse ela. — Obrigado pela sua sugestão, Arthur Piquininho Loco, e sim, eu conheço a história,[49] mas acho que é apenas isso, uma história.

— Bem, eu te disse, Arthur Piquininho Loco, você não deveria ter dado ouvidos àquele bando de sapateiros velhos —, disse Rob.

Foi um dia de lençóis velhos e botas velhas e de “fazer e consertar”. E, minha nossa, pensou Tiffany, ela tinha que dar uma olhada na bebê Tiffany e visitar Becky Pardon e Nancy Upright; a Senhorita Umaturga achava que as duas meninas poderiam ser úteis se ela precisasse de

---

[49] Estava no *Livro de Contos de Fhadas das Boas Creanças* e contava como dois pequenos elfos ajudaram secretamente um pobre sapateiro; mas infelizmente a experiência ensinou a Tiffany que muito do que estava naquele livro não tinha qualquer relação com o verdadeiro País das Fadas. N.A.

aprendizes para o Giz. Mas ela não poderia pedir às meninas que se mudassem enquanto ela estivesse com Beladona na fazenda, a não ser que desse a cada uma delas um colar de ferradura para que ficassem protegidas pelo ferro. Isso teria que esperar.

Ela ia e voltava da fazenda o dia todo, entre as visitas. A última visita da tarde foi para o senhor Holland, o moleiro. Havia apenas algumas manchas roxas em sua pele agora e ela deixou a senhora Holland com um segundo pote de loção Raiz de Belodia, mordendo a língua ao ouvir a mensagem clara da boa senhora: — Se ao menos você estivesse aqui, eu não teria usado a erva errada.

Quando ela voltou encontrou Beladona empoleirada no canto do celeiro, seus olhos impiedosos fixos em Você, que havia entrado e estava arqueando as costas e sibilando para a elfa. Os Feegles a instigavam, com gritos de — Uchhhhhhhhhh, vai lá, gatinha, dê p'a sarnenta um presentinho dos Nac Mac Feegle — , interrompidos por um repentino, — Disgraça, mininus, a Bruaca Piquininha Grandona tá de volta!

Tiffany ficou na porta batendo o pé e Rob recuou.

— Ah, não —, ele lamentou. — Não us batimentu de pé, madame. — Tiffany cruzou os braços.

— Ah, madame, é uma coisa muito da pesada estar sob o comando dum *Geas* — Rob gemeu. E Tiffany riu.

Mas Beladona tinha perguntas para ela. Ela tinha visto pessoas vindo para a fazenda durante o dia, buscando remédios, conselhos, um ouvido para ouvir e, infelizmente, às vezes um olho para que se lhe vissem aos hematomas.

— Por que você ajuda esses estranhos? — Ela perguntou a Tiffany agora. — Eles não são do seu clã. Você não deve nada a eles.

— Bem —, disse Tiffany, — embora sejam estranhos, simplesmente penso neles como pessoas. Todo eles. E você ajuda outras pessoas; é assim que fazemos.

— Todo mundo faz isso? — Perguntou Beladona.

— Não — , Tiffany disse. — Triste, mas verdadeiro. Mas muitas pessoas ajudarão outras pessoas só porque, bem, porque são outras pessoas. E é assim que é. Vocês, elfos, não entendem isso?

— Podemos dizer que estou tentando aprender? — Disse Beladona. — E o que você descobriu? — Perguntou Tiffany, sorrindo.

— Você se tornou uma espécie de serva. — Beladona fungou, franzindo o nariz delicado.

— Bem, sim —, disse Tiffany. — Mas isso não importa, porque um dia posso precisar dessa pessoa e então ela muito provavelmente me ajudará. Funciona para nós; sempre funcionou.

— Mas vocês tem batalhas —, disse Beladona. Eu sei disso.

— Sim, mas nem sempre. E estamos melhorando nisso. — Mas você é poderosa. Você poderia dominar ao mundo —, Beladona disse.

— Mesmo? — Disse Tiffany. — E por que eu quereria fazer isso? Eu sou uma bruxa, gosto de ser bruxa e gosto de pessoas também. Para cada pessoa desagradável, há uma boa, na maioria das vezes. Há um ditado que diz: "O que vai, volta" e significa que mais cedo ou mais tarde você se encontrará no topo, pelo menos por um tempo. E de outra vez, a roda gira e você não estará no topo, mas terá que aguentar.

Ela tentou olhar nos olhos de Beladona, ver o que a elfa estava pensando, mas poderia muito bem ter olhado para uma parede. Os olhos da elfa não passavam emoção.

— E eu me lembro da escuridão, da chuva, dos trovões e dos relâmpagos —, acrescentou ela, — e que bem aquilo lhe fez? Você, uma elfa, encontrado em uma vala?

Pela primeira vez Beladona pareceu perdida e olhou cuidadosamente para Tiffany antes de dizer: — seu jeito de fazer. Poderá não funcionar para elfos. Qualquer outro elfo é um somente desafio. Matamos as nossas rainhas; todas as outras rainhas são rivais e lutamos pela colmeia. — Ela fez uma pausa quando um novo pensamento lhe ocorreu. — No entanto, vocês tem suas rainhas da sabedoria... e assim houve Vovó Dolorida, e Vovó Cera-do-Tempo, e sim, é claro, Tiffany Dolorida. Você envelhece, a sabedoria floresce e é transmitida.

— E vocês nunca prosperam porque vivem em um ciclo de decadência —, disse Tiffany suavemente. — Vocês não são abelhas. Eles são produtivas, mas morrem jovens e nunca, jamais, têm um só pensamento...

Havia uma expressão estranha no rosto da elfa. Ela estava tendo que pensar. Realmente pensar. Tiffany podia ver isso. Beladona tinha o rosto de alguém que já havia começado a pensar em um mundo que havia mudado. Um mundo com ferro que era menos acolhedor para o povo das fadas, um mundo que gostava bastante deles nas histórias, mas não acreditava realmente neles e que não lhes dava nenhuma chance de entrada nele. Ela estava agora olhando mais de perto e descobrindo um novo mundo no qual nunca havia pensado antes, e estava tentando conciliá-lo com tudo o mais que conhecia.

E Tiffany podia ver a batalha em seu rosto.

Em Lancre, a Rainha Magrat tinha ouvido falar dos problemas ocorridos nas Ramtops: o ataque aos lenhadores, as mortes e a madeira perdida.

Elfos, ela pensou. Eles se livraram deles da última vez, mas não foi fácil, e já fazia muito tempo que ela não colocava guardas (bem, Shawn Ogg, mais exatamente) perto do círculo de pedras conhecido como os Dançarinos; ou certificar-se de que o castelo tivesse ferraduras suficientes à mão.

Ela sabia como a memória prega peças e as histórias antigas tinham poder. E assim, todos se esqueciam de como "fantástico" na verdade significava "traz terror". Seu povo só lembraria que os elfos cantavam lindamente.

Mas haviam esquecido sobre o que tratava sua música.

Magrat não era apenas uma rainha, mas também uma bruxa, é claro. E embora ela fosse principalmente uma rainha atualmente, a parte bruxa dela sabia que o equilíbrio estava em ruptura; e que Vovó Cera-do-Tempo havia deixado um vazio atrás de si; e por mais que Tiffany Dolorida estivesse trabalhando para preenchê-lo, (e aquele simpático moço-de-quarto que ela agora tinha) Vovó Cera-do-Tempo era um exemplo difícil de acompanhar; ela guardara a barreira entre os mundos e a manteve firme.

E se a barreira enfraquecesse... Magrat tremeu.

Qualquer pessoa que já tivesse conhecido os elfos sabia que "terror" era absolutamente a reação a se ter quanto a eles; a única reação. Pois os elfos eram uma praga que poderia se espalhar rapidamente, destruindo, prejudicando, ferindo e envenenando tudo o que tocassem. Ela não queria elfos em Lancre.

Naquela noite, a rainha Magrat foi até seu guarda-roupa e pegou sua adorada vassoura, sentou-se nela e tentou com muito cuidado fazê-la subir e, um pouco contra suas expectativas, ela decolou suavemente, ascendendo lentamente sobre o castelo. Ela voou alegremente por alguns minutos. — É verdade; uma vez bruxa, sempre bruxa. — Disse a si mesma.

Sendo uma esposa diligente, quando queria, ela mencionou suas intenções ao marido naquela noite e para sua surpresa o rei Verence disse: — de volta à velha vassoura, meu amor? Fico muito feliz em ouvir isso. Já vi seu rosto quando uma bruxa passa voando; e nenhum homem consegue manter um pássaro acorrentado.

Magrat sorriu e disse: — Não me sinto como um pássaro numa gaiola, meu querido, mas agora que não temos Vovó, sinto que devo ajudar.

— Muito bem —, disse Verence. — Estamos todos ainda tentando aceitar o que aconteceu, mas tenho certeza de que madame Dolorida seguirá os passos de Vovó.

— Não será bem assim, creio —, disse a Rainha Magrat. — Acho que ela está seguindo seus próprios passos. — Ela suspirou. — Mas há elfos chegando —, disse ela. — E acredito que Tiffany estará na casa de Vovó... não, na casa dela... mais tarde hoje, então devo ir vê-la e oferecer meu apoio. — Seu marido estremeceu com a menção de elfos. — É claro —, continuou Magrat com firmeza, — que também pretendo ser um bom modelo para os nossos filhos. A jovem Esmê está crescendo rápido e eu quero que ela veja que ser uma rainha é mais do que apenas ficar acenando; não queremos que ela comece a beijar sapos, não é? Todos

nós sabemos como isso pode acabar![50] Ela se virou na porta e jogou para o marido um canguru de bebê. — Tenho certeza —, ela disse docemente, — de que você pode cuidar muito bem de nossos filhos sozinho por um tempo.

Verence sorriu fracamente.

Magrat fez uma cara que só uma bruxa notaria. Ele os segura de cabeça para baixo às vezes, ela pensou consigo mesma. Ele é um homem muito inteligente, mas dê-lhe um filho e ele não saberá realmente o que fazer.

Ela sorriu. Ele vai aprender. E quando ela lhe pediu para trocar uma fralda, quando Millie estava ajudando na cozinha, ele fez uma careta, mas tentou mesmo assim.

— Eu quero ajudar —, disse Magrat com firmeza a Tiffany, pousando a vassoura do lado de fora do que ambas ainda consideravam ser o chalé de Vovó, menos de uma hora depois que a própria Tiffany chegou e a notícia havia chegado rapidamente ao castelo desde que Magrat deixara claro que queria ser mantida informada. — Eu sou a Rainha, mas também sou uma bruxa muito boa.

Tiffany olhou nos olhos de Magrat e viu que ela desejava ser bruxa mais uma vez, só por um tempinho, e então Magrat disse: — Tivemos elfos aqui, Tiffany. Elfos! — E Tiffany lembrou-se de Vovó Cera-do-Tempo contando-lhe como Magrat já havia lutado contra os elfos antes... acertou um deles bem no olho com uma besta!

— Tenho experiência, Tiffany —, continuou Magrat. — E você vai precisar de todos que puder se os elfos começarem a chegar. — Ela fez

[50] A maioria das princesas nunca tentou beijar sapos, o que foi uma fonte de tristeza para o advogado sapo dos Feegles por muitos anos. N.A.

uma pausa para pensar. — Mesmo aprendizes. Você falou com o Senhorita Umaturga?

— Sim — , disse Tiffany. — Ela diz que encontrou uma ou duas garotas com potencial; mas nem todas podem ser bruxas, mesmo que queiram ser. E no momento não é... possível receber uma garota na minha herdade no Giz.

— Por que não? E quanto à sua amiga Petúlia, aquela que cuida dos porcos?

— Bem, ela tem as habilidades —, disse Tiffany, ignorando a primeira pergunta de Magrat. — Mas Petúlia ajuda o marido a administrar a fazenda; diz que passa todo o tempo entre criaturas que "grunhem", e isso às vezes inclui os velhos criadores de porcos! E você tem que admitir que chatear porcos é bom para todos, até mesmo para os porcos. É terrível ouvir os gritos quando ela não está lá.

— Bem, talvez ainda precisemos dela aqui, porcos ou não. E botas impermeáveis pesadas podem aguentar uma flecha —, disse Magrat. — Então, algum sinal de elfos no Giz?

Tiffany corou, sem saber como Magrat reagiria às notícias sobre Beladona, mas pensando com um pouco de culpa que pelo menos isso a pouparia de ter que contar ela mesma a Tia Ogg. Ela contou primeiro sobre a cerveja, depois sobre Beladona. Como a elfa estava hospedada na fazenda dos pais, vigiada por Feegles. Tornando impossível aceitar qualquer outra ajuda.

Magrat sabia que os Feegles evitariam que o elfo causasse problemas, mas ficou surpresa com o que Tiffany lhe contou. — Você está me dizendo que acha que pode confiar em um elfo?— Ela disse. Sua face estava lívida. — Nenhum elfo é confiável —, ela acrescentou. — Eles

nem saberiam o significado da palavra. E mesmo assim confia nesta elfa? Por que?

— Não — , Tiffany disse. — Eu não confio nela. Mas acredito que esse elfo quer viver. Beladona já viu por si mesma que o nosso mundo está mudando. O ferro, você sabe. E agora ela encontrou ideias desconhecidas para ela. Podemos estar fazendo algum progresso e acho que vale a pena tentar. Talvez ela pudesse então voltar para Feéria e. persuadir outros elfos a pensarem como ela? Nos deixar em paz. — Ela fez uma pausa. — A Kelda dos Feegles me avisou, Magrat. Ela disse que a partida de Vovó deixaria um... vazio. Que precisávamos tomar muito cuidado. Eram os elfos! Tinha que ser. Então, se essa elfa puder ajudar, bem, devo tentar. .

— Mmm, mas se esses outros começarem a chegar, você vai precisar de ajuda, Tiffany —, disse Magrat. Ela pensou por um momento. — Eu entendi corretamente que o Barão do Giz tem uma esposa que é bruxa...?

— Sim — , disse Tiffany. — Letícia Keepsake. Mas ela não tem treinamento e o marido é um pouco... como posso dizer? — Esnobe.

Magrat disse: — Bem, minha querida, se você quiser, um dia vou até lá para o chá. E sugerir, de forma sutil, que a ideia de ser uma bruxa para o povo em geral pode ser uma boa ideia. Meu Verence, sabe, gosta de ser considerado um rei do povo e, na verdade, tenho certeza de que ele pensa que estou sendo um bom exemplo para a população ao trabalhar como bruxa agora. Ele fala assim, às vezes, mas eu o amo mesmo assim. A ideia dessa Letícia ser amiga de uma rainha pode impedir a interferência do marido.

Tiffany disse: — estou surpresa. Simples assim?

— Confie em mim —, disse a Rainha Magrat. — Coroas são importantes, você sabe.

Tiffany voou de volta para o Giz sentindo-se um pouco mais feliz. Magrat seria uma aliada útil e talvez Letícia também pudesse ajudar. Mas ainda temos falta de bruxas e por isso devemos nos esforçar para conseguir mais, pensou ela. Nos esforçar furiosamente. Isso significa atrair todas as bruxas e provavelmente bruxas para aprender pelo menos um pouco do ofício e como lidar com o glamour dos elfos.

Elfos! Maldade pelo simples fato de querer à maldade. Como lhe havia dito Vovó Dolorida, tirariam o bastão de um homem sem pernas.

Maldosos, desagradáveis, estúpidos, irritantes; confusão e discórdia apenas pelo prazer. E pior. Eles traziam horror real, terror e dor. E eles riam, o que já era bastante ruim, porque a risada deles era na verdade musical e se poderia se perguntar como uma música tão maravilhosa poderia vir de criaturas tão desagradáveis. Eles não se importavam com ninguém além de si mesmos e possivelmente nem com isso.

Beladona, porém... talvez houvesse uma elfa para a qual a roda girasse. Principalmente as rodas de ferro.

Capítulo QUINZE

O DEUS NO TÚMULO



NA ESCURIDÃO da noite, abaixo no Giz, a roda estava definitivamente presa aos velhos tempos; exatamente do jeito que três elfos dançando na escuridão da floresta gostavam. Este mundo estava aqui para o prazer deles, para entretê-los, encantá-los. E as criaturas dentro dele não passavam de brinquedos; brinquedos que às vezes guinchavam, corriam e gritavam enquanto os elfos riam e cantavam.

Agora eles avistaram uma pequena casa, uma habitação de aparência pobre, com uma janela entreaberta. De dentro vinha o som de bebês gorgolejando alegremente durante o sono, com a barriga cheia do leite materno, enroscados sob as cobertas dos berços.

Os elfos sorriram um para o outro e lamberam os lábios em antecipação. Bebês!

Rostos agora na janela. Rostos predatórios, com olhos de caçadores.

Então uma mão estendeu a mão e fez cócegas sob o queixo da criança mais próxima, a menina acordando e olhando com alegria para a criatura gloriosa inclinada sobre ela, seu encanto brilhando radiantemente no quarto escuro. Seus dedinhos se esticaram para tocar uma linda pena.

A felicidade de Tiffany durou até pouco depois de ela ir para a cama, quando sentiu uma súbita cócega em sua mente e em seu olho interior ela viu a jovem Tiffany Robinson; o bebê que ela ainda não tivera tempo de ver esta semana, a menininha na qual havia colocado um feitiço de rastreamento.

Mas isso não foi apenas negligência da mãe e do pai da bebê Tiffany. Os elfos a haviam levado!

A vassoura de Tiffany não conseguia ir rápido o suficiente. Num pedaço de mata ela encontrou um grupo de três elfos brincando com a menina e o que se instalou dentro dela não era raiva. Era algo mais forense do que isso, como um desejo de matar; e à medida que a vassoura avançava, Tiffany permitiu que seus sentimentos se incendiassem em fúria. E os liberou.

Os elfos ainda estavam rindo, mas quando Tiffany desceu, ela sentiu o fogo ardendo nas pontas dos dedos e entrando neles e os viu queimar. Ela estava estremecendo com sua cólera; uma fúria tão intensa que ameaçava dominá-la. Se encontrasse mais elfos naquela noite, eles também estariam mortos.

E ali ela teve que deter a si mesma, atentando de repente para o que tinha feito. Somente uma bruxa que fosse para a escuridão mataria, ela gritou consigo mesma dentro de sua mente.

E outra voz disse: Mas eles eram apenas elfos. E estavam machucando o bebê.

A primeira voz voltou sorrateiramente: Mas Beladona também é apenas uma elfa.

E Tiffany sabia que se uma bruxa começasse a pensar em alguém como "apenas" qualquer coisa, esse seria o primeiro passo em um caminho desgastado que poderia levar a... até maçãs envenenadas, rocas giratórias e um forno pequeno demais... e à dor, ao terror, ao horror e à escuridão.

Mas estava feito. E uma bruxa tinha que ser prática; Tiffany então enrolou seu xale em volta do bebê e voou lentamente para a casa dos Robinsons... "barraco", sendo, de fato, uma palavra mais veraz para a pequena moradia. O jovem senhor Robinson abriu a porta quando ela bateu. Ele pareceu surpreso, especialmente quando Tiffany lhe mostrou sua filhinha, envolta em seu xale de bruxa.

Ela passou por ele e confrontou sua esposa, pensando: Eles são jovens, sim, mas isso não significa que você tenha que ser estúpido. Deixar as janelas abertas nesta época do ano? Certamente todo mundo conhecia aos elfos. Minha mãe disse que eu nunca deveria... brincar com as fadas na floresta.

— Bem —, disse Milly, — eu verifiquei os meninos. Eles pareciam estar bem. — Ela corou quando Tiffany lhe entregou o bebê e Tiffany percebeu.

— Deixe-me contar-lhe uma coisa, Milly. Sua garota tem um grande futuro pela frente. Eu sou uma bruxa, então eu sei disso. Como você me deixou dar um nome a ela, vou providenciar para que minha homônima tenha o que ela precisa; e lembre-se, é da sua garota que estou falando. De alguma forma, ela é um pouco minha. Esses seus garotões cuidarão de si mesmos. Agora, não deixe as janelas abertas em noites como esta! Sempre há alguém observando. Você sabe! Não permita que nenhum mal chegue até ela.

Tiffany quase gritou a última parte. Esta família precisava de um pequeno empurrão de vez em quando, e ela cuidaria disso. Ah, sim, ela cuidaria. E se negligenciassem o seu dever, bem, haveria um acerto de contas. Talvez apenas um pequeno acerto de contas, para fazê-los entender.

Mas agora, voltando para casa, ela sabia que precisava falar com outra bruxa.

Ela pegou uma capa quente em seu quarto e então viu o brilho da coroa do pastor na prateleira; num impulso súbito ela o colocou em seu bolso. Seus dedos se curvaram ao redor da pequena pedra de formato estranho, traçando suas cinco cristas e, de alguma forma, ela sentiu uma força fluir dentro dela; a dureza da pederneira em seu coração lembrando-a de quem ela era. Preciso manter um pedaço do Giz comigo, ela percebeu.

Minha terra me dá força, me apoia. Ela me lembra quem eu sou. E eu não sou uma assassina. Eu sou Tiffany Dolorida, bruxa do Giz. E preciso da minha terra comigo.

Ela acelerou pelo céu noturno, de volta a Lancre, o ar fresco passando rapidamente, os olhos das corujas observando-a ao luar.

Já era quase aurora quando ela chegou na casa de Tia Ogg.

Tia Ogg já estava acordada, ou melhor, ainda não havia se recolhido, pois passara a noite velando junto a um leito de morte. Ela abriu a porta e empalideceu um pouco ao ver o rosto de Tiffany.

— Elfos? — Ela perguntou severamente. — Magrat me contou, sabe. Você teve problemas no Giz?

Tiffany assentiu, qualquer calma a abandonando enquanto as lágrimas de repente sufocavam sua voz. E, enquanto tomava a necessária xícara de chá na cozinha aquecida Tia Ogg, ela contou-lhe o que havia acontecido.

Então ela chegou à parte da história que ela relutava para contar. Tudo o que ela conseguiu dizer foi: — os elfos. Com a pequena Tiffany. Eles a estavam levando.   Ela engasgou um pouco e então: — eu matei os três —, ela lamentou. Ela olhou desesperadamente para Tia Ogg.

— Bom — , disse Tia Ogg. — Muito bem-feito. Não se preocupe, Tiff. Se eles estavam machucando aquele bebê, bem, o que mais você poderia fazer? Você não.   gostou? — Ela perguntou cuidadosamente, com olhos perspicazes em seu rosto enrugado.

— Claro que não! — Tiffany gritou. — Mas, Tia, eu... fiz aquilo quase sem pensar.

— Bem, talvez você tenha que fazer isso de novo em breve, se os elfos continuarem chegando —, disse Tia Ogg, com veemência. — Nós somos bruxas, Tiffany. E temos o poder por uma razão. E tudo o que queremos é ter certeza de que foi pelo motivo certo; e se houver um elfo vindo para ferir um bebê, acredite em mim, esse é o motivo certo. — Ela fez uma pausa. — Se as pessoas fazem coisas erradas, bem, por que elas

ficariam surpresas se coisas ruins acontecessem com elas? A maioria deles sabe disso, sabe. Lembro-me de Esmê me dizer uma vez que ela estava em algum vilarejo desses, Espinha, Espátula, alguma coisa assim; e as pessoas estavam tentando amarrar esse homem por matar duas crianças e ela disse que ele sabia que merecia; parece que ele disse, “Eu bebi e fiquei fora de mim". — Ela sentou-se cansada, permitindo que Greebo subisse em seu amplo colo.

— Realidade, Tiff —, ela acrescentou. Vida e morte. Você sabe disso. — Ela coçou o gato atrás do que poderia ser descrito como uma orelha por alguém com visão muito fraca. — A criança está bem?

— Sim, eu a levei de volta para seus pais, mas eles... não podem... não querem... tomar conta dela como é devido.

— Algumas pessoas simplesmente não querem ver a verdade, mesmo quando você a mostra para elas. Esse é o problema dos elfos e eles continuarão vindo. — Tia Ogg suspirou profundamente. — As pessoas contam histórias sobre eles, Tiff —, disse ela. — Elas fazem com que pareçam divertidos; é como se o glamour deles permanecesse por aí depois que eles partem. Permanecendo na cabeça das pessoas, dizendo-lhes que elfos não são problema. Só um pouco de travessura. — Tia Ogg afundou ainda mais na cadeira, derrubando uma pequena bugiganga familiar da mesa ao lado dela. — Feegles —, ela disse. — Eles fazem travessuras. Mas elfos? Elfos são diferentes. Você se lembra de como o Homem Astuto entrava na cabeça das pessoas, Tiff? Como ele fazia as pessoas fazerem coisas... coisas horríveis?

Tiffany assentiu, sua mente repassando imagens horríveis conquanto seus olhos ainda estivessem focados na bugiganga no chão. Um presente de Quirm de uma de suas noras e Tia Ogg nem percebeu que o havia derrubado. Tia Ogg. Que valorizava cada pequeno objeto

que sua família lhe dava. Que nunca deixaria de notar se algo estivesse danificado.

— Bem, isso não é nada comparado ao que os elfos poderiam fazer, Tiff —, continuou Tia Ogg. — Não há nada que eles gostem mais do que observar a dor e o terror; nada que os faça rir mais. E eles adoram roubar bebês. Você fez bem em detê-los desta vez. Mas eles voltarão.

— Bem, então eles terão que morrer de novo —, disse Tiffany categoricamente.

— Se você estiver lá. — Disse Tia Ogg, cuidadosamente.

Tiffany desabou. — O que mais podemos fazer? Não podemos estar em todos os lugares.

— Bem —, disse Tia Ogg, — nós já nos livramos deles antes. Foi duro, claro. mas podemos fazer novamente. Aquela elfa não pode ajudar?

— Beladona? — Tiffany disse. — Eles não vão ouvi-la de qualquer modo, do jeito que as coisas estão agora! Eles a enxotaram de Feéria.

Tia Ogg ponderou um pouco e depois pareceu tomar uma decisão.

— Há alguém que eles podem ouvir... ou pelo menos eles costumavam ouvi-lo. Se ele puder ser persuadido a se interessar pelo caso. — Ela olhou para Tiffany avaliativamente. — Ele não gosta de ser incomodado. Embora eu já o tenha visitado antes, uma vez, com um amigo. — E seus olhos ficaram turvos com a lembrança.[51] — E acredito que Vovó e ele podem ter conversado no passado. Ele gosta de mulheres,

[51] O amigo Tia Ogg naquela ocasião era o conde Casanunda, o salteador; um salteador de estrada que carregava uma escada para subir no cavalo, por ser anão, e era muito galante com as damas que encontrava. N.A.

no entanto. Uma coisinha jovem como você pode bem ser exatamente o tipo dele.

Tiffany se irritou. — Tia, você não pode estar sugerindo...

— Senhor, não! Nada nesta linha. Talvez apenas um pouco. de persuasão. Você é boa em persuadir pessoas, não é, Tiff?

— Posso... persuadir —, disse Tiffany, relaxando um pouco. — Mas de quem você está falando e para onde eu devo ir?

O Homem Comprido. Tiffany tinha ouvido falar muito sobre o Homem Comprido, o túmulo que levava à casa do Rei dos Elfos; principalmente por Tia Ogg, que havia entrado no túmulo e conhecido o Rei uma vez, quando os elfos estavam ficando indisciplinados.

Os eruditos teriam dito que o rei vivia num longo túmulo desde os tempos antigos, quando as pessoas não usavam roupas e não havia tantos deuses; e, de certa forma, o próprio rei era uma espécie de deus; um deus da vida e da morte e, segundo parecia a Tiffany, da sujeira e das roupas esfarrapadas. E às vezes os homens ainda vinham dançar perto do túmulo, com chifres na cabeça e, geralmente, uma bebida forte nas mãos. Não era de surpreender que achassem difícil convencer as jovens a irem até lá com eles.

Havia três montes no túmulo, três montes muito sugestivos que nenhuma camponesa que tivesse observado ovelhas e vacas em ação poderia deixar de reconhecer; sempre houve muitas risadas das meninas treinando para serem bruxas quando elas sobrevoavam o local pela primeira vez e o viam do ar.

Tiffany seguiu pelo caminho coberto de mato, abrindo caminho entre espinhos e árvores, desembaraçando seu chapéu de bruxa de um arbusto particularmente insistente em determinado momento e

parando na entrada em forma de caverna. Ela estava estranhamente relutante em passar por baixo do lintel; em passar pelo desenho tosco do homem com chifres e descer os degraus que sabia que encontraria depois de afastar a pedra da entrada.

Não posso enfrentá-lo sozinha, pensou ela com terror. Preciso de alguém que possa pelo menos contar às pessoas como morri.

— Disgraça! — Uma vozinha disse.

— Rob Qualquerum?

— Ah, isso. Nóis seguimo ocê todo o tempo, cê já sabe. Bem, cê é a Bruaca das Colinas e o Homem Comprido é uma grande colina.

Mas então, — Espere no portão, por favor, Rob, devo fazer isso sozinha —, disse ela, subitamente cheia de certeza de que esta era a escolha certa. Ela havia matado aos três elfos; agora ela enfrentaria seu rei. — Iss' é coisa de bruaca, cê sabe.

— Mas conhecemo o rei —, disse Rob. — Se a gente continuar co' cê, poderemos lutar contr' aquele vigarista em seu próprio mundo.

— Ah, certim —, ajuntou Spike Piquininho Perigoso. — Um rapaz grandãozi, cê sabe, mas vou dar ao papão uma cara feia de Feegle que ele num vai esquecer tão cedo. — Ele experimentalmente acertou uma das pedras da entrada, batendo a cabeça na pedra com um baque satisfatório.

Tiffany suspirou. — É disso que tenho medo, quero dizer, me deixa receosa —, disse ela. — Quero pedir ajuda ao rei. Não deixá-lo com raiva. E eu sei que vocês Feegles têm uma história com ele...

— Verdade, nós temu —, disse Rob com orgulho. — Nós é a história.

— Sem Reizi, sem Raínia, sem Senhor! — Rugiram os Feegles reunidos.

— Sem Feegles —, disse Tiffany firmemente. Uma súbita explosão de inspiração a atingiu. — Preciso de vocês aqui, Rob Qualquerum —, ela disse a ele. — Tenho que cuidar do meu negócio de bruxa com o rei sem que ninguém me perturbe. — Ela fez uma pausa. — E há elfos por aqui. Então, se alguém vier procurar seu rei, quero que vocês, Rob Qualquerum, Spike Piquininho Perigoso, todos vocês, impeçam que eles venham atrás de mim. Preciso que você façam isso por mim. É importante. Isso está entendido?

Houve alguns resmungos, mas Rob se animou. — Então, que dizer que a gente pode encher de porrada us sarnento se eles aparecê por aqui? — Perguntou ele.

— Sim —, disse Tiffany, cansada.

Isso foi recebido com alegria. — D´um Feegle heroico o brado retumbante! Avanti!

Ela os deixou lá, discutindo sobre quem deveria guardar qual parte do Homem Comprido e com Spike Piquininho Perigoso batendo novamente a cabeça com entusiasmo nas pedras da entrada como uma espécie de aquecimento para o que esperava que estivesse por vir. E prosseguiu, caminhando pela escuridão fedorenta, segurando o pequeno pé-de-cabra que trouxera consigo, junto com uma ferradura. Ela colocou uma mão no bolso e segurou com força a coroa do pastor; seu chão, sua terra. Vamos ver se sou mesmo a Bruaca das Colinas, pensou ela, e agarrou a grande pedra que bloqueava a entrada.

Ela se ergueu suavemente, sem necessidade de pé de cabra e estalou enquanto Tiffany a elevava cada vez mais alto, revelando os

degraus além. O caminho para dentro a levou cada vez mais fundo e mais escuro, dando voltas e mais voltas, levando-a até o coração do túmulo.

Em um caminho entre os mundos.

Para o mundo do rei élfico, onde ele flutuava entre o tempo e o espaço em sua terra de prazer. Estava sufocante, embora não houvesse fogo; o calor parecia sair da terra.

E fedia. Fedia a masculinidade e roupas sujas, pés e suor. Havia garrafas por todo lado e no final do corredor homens nus lutavam, grunhindo e gemendo enquanto se enroscavam e se contorciam com os seus adversários, os seus corpos oleados como se estivessem sido untados com o conteúdo de um balde de banha de porco. Não havia mulheres à vista; esta era uma terra onde os homens se entregavam sem pensar no outro sexo. Mas quando viram Tiffany pararam e colocaram as mãos sobre seus essenciais, como teria dito Tia Ogg; e Tiffany pensou: Então, marmanjos, com sua salsicha e duas batatas penduradas; estão com medo, não é? Eu sou a donzela; e também sou a bruaca.

Ela podia ver o Rei das Raças Élficas. Ele era tal como Tia Ogg tinha descrito; ainda fedorento, claro, mas de alguma forma extremamente atraente. Ela manteve os olhos nos chifres da cabeça dele, tentando não olhar para a salsicha e as batatas, que eram enormes.

O Rei suspirou, esticando as pernas e batendo os cascos na parede. Saía dele um cheiro animal como o de um texugo no cio que fluiu em direção a ela. , — Você, jovem dama —, ele disse preguiçosamente com uma voz que era um convite ao romance, à maldade, aos prazeres que você não sabia que queria até aquele momento. — Você entrou no meu mundo. Em meio a meus entretenimentos. Você é uma bruxa, não é?

— Sou, de fato —, disse Tiffany, — e estou aqui para pedir ao Rei dos Elfos que seja um rei de verdade.

Ele se aproximou e Tiffany tentou não empalidecer enquanto o fedor dele aumentava. Ele sorriu lascivamente, fazendo-a pensar, eu sei quem você é e o que você é; e acho que Tia Ogg deve ter gostado de você.

— Quem é você? — Ele perguntou. — Pelo seu traje, você realmente parece ser uma bruxa, mas as bruxas são velhas e um tanto enrugadas. Você, por outro lado: uma garota...

Fico tão farta às vezes de ser jovem, pensou Tiffany.[52] Minha juventude atraiu sua atenção, mas o que preciso é de seu respeito.

— Posso ser jovem, meu Lorde —, disse ela com firmeza, — mas como você vê, sou uma brua... uma bruxa. E venho para dizer-lhe que matei três do seu povo.

Isso deveria bastar, ela pensou, mas o rei apenas riu. — Você me interessa, minha garota — disse ele, espreguiçando-se languidamente. — Não faço mal nenhum —, acrescentou ele preguiçosamente. — Eu simplesmente sonho, mas meu povo, ah meu povo, o que posso fazer? Devo permitir-lhes as suas delícias, como eu mesmo faço.

— Mas suas delícias não são do nosso agrado —, disse Tiffany. — Não em meu mundo.

— Meu mundo? — Riu o rei. — Oh, você tem orgulho, garotinha. Talvez você gostasse de ser uma das minhas damas. Uma rainha precisa de orgulho.

— A Dama Beladona é sua rainha —, disse Tiffany com firmeza, as pernas tremendo com o convite nas palavras do rei. Para ficar aqui?

---

[52] Um pensamento ao qual ela certamente superaria, presumindo que sobrevivesse o suficiente. N.A.

Com ele? Sua mente gritou. Ela agarrou a coroa do pastor com mais firmeza. Sou Tiffany Dolorida, do Giz, disse para si mesma, e tenho pederneira em minha alma. — Beladona é minha... hóspede —, ela aduziu. — Talvez você não soubesse, meu Lorde, que a sua rainha foi expulsa de Feéria por Lorde Flor-de-Ervilha?

Um sorriso preguiçoso se espalhou pelo rosto do rei. — Beladona. ele murmurou. — Bem, espero que você goste da companhia dela. — Ele abriu as pernas, fazendo Tiffany engolir em seco, e se inclinou para frente. — Você começa a me cansar agora, garota. O que você quer de mim?

— Faça com que seus elfos tenham bom senso —, disse Tiffany. — Ou haverá um acerto de contas. — A voz dela quase vacilou na última frase, mas era preciso dizer, ah, sim.

Houve um grande suspiro e o rei bocejou enquanto se deitava novamente. — Você vem à minha casa e me ameaça? — Sua voz era acariciante. — Diga-me, madame, por que devo me importar com aqueles elfos que brincam em suas terras? Por que devo me impostar... até mesmo com a Senhora Beladona? Existem outros mundos. Sempre existem outros mundos.

— Bem, o meu nunca foi um lugar para elfos —, disse Tiffany. — Nunca foi de vocês. Vocês simplesmente se agarram a ele, como parasitas, e pegam o que podem. Mas mais uma vez eu tenho que dizer-lhes que estes são os dias do ferro; não apenas ferraduras, mas ferro e aço forjados juntos em grandes linhas por toda a terra. Chama-se ferrovia, meu Lorde, e está se espalhando por todo o Disco. As pessoas estão interessadas em coisas mecânicas, porque as coisas mecânicas funcionam, enquanto as histórias de velhas comadres, na melhor das hipóteses, não as matam. E assim as pessoas riem das fadas. E enquanto

elas riem, vocês diminuem, minguam. Veja bem, ninguém se importa mais com vocês. Elas têm os clacks, as ferrovias e é um novo mundo. Você, e sua espécie, não tem futuro aqui a não ser nas histórias. — Ela disse a última palavra com desdém.

— Histórias? — O rei devaneou. — Um caminho para a mente de seu povo, madame. E eu posso esperar... as histórias sobreviverão quando essa "ferrovia" de que você fala já tiver desaparecido.

— Mas não ficaremos mais parados vendo crianças pequenas serem usadas como brinquedos para os elfos —, disse Tiffany. — Eu e outras queimaremos aqueles que as pegarem. Isto é um aviso; gostaria que fosse amigável, mas, infelizmente, parece que isso não é possível. Você está vivendo na época das ferrovias e deveria nos deixar em paz.

O rei suspirou novamente. — Talvez... talvez —, ele disse. — Novas terras para descobrir podem ser divertidas. Mas eu já lhe disse que não tenho nenhum desejo de visitar sua terra nesta época de ferro. Afinal, eu tenho todo o tempo que desejo...

— E os elfos que já passaram?

— Oh, mate-os se quiser. — O rei sorriu novamente. — Posso permanecer aqui até o fim dos tempos e não acho que você gostaria de estar lá. Mas sempre gostei das mulheres, por isso direi que se os elfos são estúpidos, merecem a minha censura e a sua ira. Minha querida Madame Dolorida, e sim, eu sei quem você é, você tem boas intenções como uma mãe que se agarra seus filhos. Agora, devo deixar você ir embora? Quando estou procurando... entretenimento. — Ele suspirou. — Às vezes desejo novas diversões; talvez mexer em alguma coisa, descobrir novos interesses comuns. E um novo interesse poderia ser você. — Você acha que vou deixar você sair de minha casa? — Seus olhos de pálpebras pesadas a acariciaram.

Tiffany engoliu em seco. — Sim, Vossa Majestade. Você vai me deixar ir embora.

— Tem tanta certeza, assim?

— Sim. — Tiffany envolveu a mão na coroa do pastor mais uma vez e sentiu a pederneira em seu centro lhe dando força, trazendo-a de volta para sua própria terra, para sua terra acima da ondas. Ela deu um passo para trás lentamente. E quase tropeçou em alguma coisa no chão atrás dela. O rei também estava olhando. Era uma gata branca e ela ouviu a voz do Rei, surpreso pela primeira vez: — Você!

E então terminou. Tiffany e Você voltaram pelo caminho por onde vieram e os Feegles estavam lá fora, patrulhando para cima e para baixo. E também aproveitando a feliz oportunidade para lutar contra uma ou duas árvores, já que nenhum elfo havia aparecido. Mas essas árvores, bem, eram umas perfeitas cretinas, enfiando suas farpas como fizeram nos cabelos e barbas dos Feegles. Elas bem que mereciam um monte de chutes bem dados.

— Bem, não tenho certeza se isso ajudou em alguma coisa —, disse Tiffany a Rob ao sair do túnel.

— Beeem —, disse Rob Qualquerum, — deix' les vir. Você sempre terá seus Feegles. Nós, Feegles, somos eternos.

— Eternos se houver o suficiente para beber! — Acrescentou Spike Piquininho Perigoso.

— Rob —, disse Tiffany com firmeza. — Neste momento, nenhum de vocês precisa de uma bebida. Precisamos de um plano. — Ela pensou por um momento. — O rei não vai ajudar... ainda. Mas ele está em busca de novos entretenimentos. Talvez se oferecermos a ele algo desse tipo, ele pensará mais gentilmente sobre nós e pelo menos nos deixará em

paz? — E deixar-nos matar a seus elfos, ela pensou consigo mesma. Ele disse que não se importaria. Ele mudaria de ideia?

— Ah, num tem problema —, disse Rob com orgulho, confiante em sua capacidade de pensar em um PLN.[53] — Aquele Rei dos Elfos precisa de fazê alguma coisa, como cê disse.

— Como os homens de Lancre! — Disse Tiffany de repente. — Rob, você sabe que Geoffrey fez com que todos eles construíssem galpões. Bem, você construiu um pub uma vez. Quão difícil seria um galpão?

— Sem nenhum problema, certo, mininus? – Disse Rob, feliz agora. Pois agora ele tinha o seu PLN. — Vamos dar um perdido... — Ele olhou para Você. — Como é que a sua gatinha segue você por toda parte, madame?

— Não sei —, disse Tiffany. — Ela é uma gata. Eles podem ir a qualquer lugar.

E afinal ela era a gata de Vovó Cera-do-Tempo e isso quer dizer muita coisa.

Mas Rob já não estava ouvindo. Não agora. Ele estava pensando no seu PLN. E no dia seguinte, na boca de entrada do Homem Comprido, havia um galpão repleto de tudo que um cavalheiro poderia precisar; inclusive linha de pesca e todas as ferramentas que se podia imaginar, tudo feito de madeira ou pedra. Tiffany pensou que isso talvez poderia deixar o Rei dos Elfos feliz. Mesmo assim não achava que conseguiria a ajuda dele.

---

[53] Os Feegles são econômicos ao escreverem. Então, um PLN em vez de plano. N.T.

Lorde Flor-de-Ervilha estava recostado num sofá forrado de veludo em Feéria, dedilhando preguiçosamente o tufo de penas que levava ao pescoço e bebendo de um cálice de um vinho encorpado.

Lorde Lankin acabara de entrar em sua câmara. Ele se curvou diante de seu novo rei com uma esplêndida e longa cauda vermelha jogada ao acaso em volta do pescoço; lembrança de um ataque recente. — Acredito, meu Lorde —, disse ele preguiçosamente, suavemente, — que nossos guerreiros em breve desejarão... maiores prazeres no mundo humano. As barreiras parecem fracas e aqueles de nós que escapam para caçar não encontram oposição digna do nome.

Flor-de-Ervilha sorriu. Ele sabia que seus elfos estavam testando os portais, alguns atravessando através das pedras vermelhas de Lancre enquanto outros divertiam-se perto das aldeias do Giz. Cautelosos, porém, apenas com os homenzinhos ruivos que gostavam, mais do que qualquer coisa, de lutar com um elfo. Os elfos eram como os Feegles num aspecto... se não houvesse ninguém com quem lutar, eles lutariam entre si. E brigar era obrigatório em Feéria; nem os gatos eram tão maus.[54]

Os elfos se ressentiam facilmente. Eles adoravam o ressentimento e, quanto ao mau humor, isso era uma grande diversão. Mas em todos os lugares onde estivessem criaram um monte variado de problemas, sendo um incômodo e causando danos somente pelo prazer de causar danos. Roubariam ovelhas, vacas e até mesmo um cachorro ocasional. Ainda ontem Semente-de-Mostarda tinha arrebatado alegremente um carneiro ao seu rebanho nas colinas e depois soltou-o numa pequena

---

[54] Na verdade, já foi dito que os elfos são como os gatos; mas os gatos trabalham juntos – por exemplo, quando partilham uma caça – enquanto os elfos discutem e lutam de modo que um terceiro não envolvido acaba indo para casa levando a comida. N.A.

loja de porcelanas, rindo enquanto ele abaixava os chifres e, claro, investia contra as prateleiras.

Mas não havia rima nem razão para aquilo. Apenas uma necessidade de mostrar o que realmente podiam fazer. Talvez, pensou Flor-de-Ervilha, fosse chegado o momento de liderar os seus elfos num ataque sobre o qual todos os elfos cantariam durante muito tempo.

Um sorriso brilhou em seu rosto fino e afilado. Ele acenou com a mão no ar, mudando instantaneamente sua túnica para uma de couro e pele, com uma besta enfiada no cinto.

— Vamos colocar um aro de glamour ao redor do mundo deles — , ele riu. — Vão, meus elfos, façam suas travessuras. Mas quando esta lua ainda minguada crescer em toda a sua glória, iremos juntos em força. Essa terra será nossa mais uma vez!

No celeiro de seu pai, Tiffany observava Beladona acordar. Ela havia preparado um novo tônico para ela ontem: uma dose boa e forte de verduras recíprocas[55] que fez a elfa dormir profundamente durante um dia inteiro, dando ao seu corpo a chance de recuperar as forças.

E, aliás, dar a Tiffany a oportunidade de fazer a Ronda das Casas

sem se preocupar com o que os Feegles poderiam fazer na sua ausência. Se fizesse isso mais uma vez talvez até tivesse tempo de voar até Lancre e ver como Geoffrey estava se saindo, pensou ela. Ela sabia que os Feegles nunca machucariam um elfa adormecido mas... e uma elfa acordada? Bem, seus instintos poderiam assumir o controle se

---

[55] Parecia um verde bastante venenoso antes de ser aquecido, mas na maioria dos casos o fim certamente justificava os verdes. N.A.

Beladona fizesse um único gesto impensado com seus dedos delicados. E, claro, ela também não confiava na elfa.

— Hora de dar um passeio —, disse ela enquanto Beladona esticava os membros e olhava ao redor ao acordar. — Acho que é hora de você ver mais alguns humanos. — Pois de que outra forma ela poderia ensinar Beladona sobre como este mundo funcionava se Beladona só via o interior do celeiro e alguns Feegles sempre em ponto de fervura?

Levou então Beladona para a aldeia: passando pelo pub onde homens sentados olhavam melancolicamente para a cerveja, de vez quando abrindo ao barril para repor a dose; passando pelas pequenas lojas, abrindo caminho com cuidado sobre os restos do lado de fora do Pratos para Todas as Ocasiões da senhora Tropeço e daí descendo a estrada e voltando para as colinas. Tiffany pediu a seu pai que dissesse às pessoas que ela estava testando uma garota para ajudá-la a preparar seus remédios; então ninguém olhou diretamente para ela, mas Tiffany não tinha dúvidas de que todos estariam escrutinando cada pequeno detalhe enquanto ela passava. Fora por isso que insistira que o vestido de leiteira de Beladona fosse moderado; então agora não havia laços, nem fitas, nem fivelas e em vez de chinelos delicados, um par de botas decentes.

— Tenho observado aos humanos —, disse Beladona enquanto elas voltavam pela estrada. — E não consigo entendê-los. Eu vi uma mulher dando alguns centavos a um velho vagabundo. Ele não tinha nada a ver com ela, então por que ela fez isso? Como isso a ajuda? Eu não compreendo.

— É o que fazemos —, disse Tiffany. — Os magos chamam isso de empatia. Isso significa se colocar no lugar da outra pessoa e ver o mundo

do ponto de vista dela. Suponho que seja porque antigamente, quando os humanos tinham que lutar por si mesmos todos os dias, eles precisavam encontrar pessoas que lutassem junto a eles também. E juntos vivemos... e sim, prosperamos. Os humanos precisam de outros humanos; é simples assim."

— Sim, mas que benefício a velha senhora teria em doar seu dinheiro?

— Bem —, disse Tiffany, — ela provavelmente sentirá o que chamamos de um pequeno brilho, porque ajudou alguém que precisava de ajuda. E isso fará com que ela fique feliz por não estar na mesma situação dele. Você poderia dizer que ela pode ver como é o mundo dele e... o que mais posso dizer? Ela sairá dali esperançosa.

— Mas o vagabundo parecia capaz de fazer algum tipo de trabalho para ganhar seus próprios centavos, e mesmo assim ela lhe deu os dela. — Beladona ainda estava lutando para entender o conceito humano de dinheiro. Os elfos, é claro, poderiam simplesmente fazê-lo aparecer sempre que quisessem.[56]

— Bem, sim —, disse Tiffany, — esse tipo de coisa acontece, mas nem sempre; e a velha senhora ainda sentirá que fez a coisa certa. Ele pode ser um pouco malandro, mas ela diz a si mesma que é uma boa pessoa.

— Já vi um rei em sua terra antes, Verence, – e observei que ele não dizia às pessoas o que fazer —, continuou Beladona.

---

[56] Ele também desaparecia rapidamente, como qualquer pessoa que recebesse ouro das fadas logo descobriria. Geralmente pela manhã, o que muitas vezes significava uma noite animada no pub. E uma noite ainda mais animada na noite seguinte se visitasse o mesmo estabelecimento. N.A.

— Bem, ele tem uma esposa que lhe diz o que fazer —, riu Tiffany. — É como os humanos são. Até nossos reis e rainhas, nossos barões e senhores. Os nossos governantes governam por consentimento, o que significa que gostamos de tê-los como governantes se fizerem o que queremos que façam. Houve muitas batalhas há muito tempo mas, mais uma vez, todos finalmente perceberam que era melhor trabalhar pacificamente com todos os outros. Uma pessoa sozinha não pode sobreviver. Nós, humanos, definitivamente precisamos de outras pessoas para nos manter humanos.

— Percebi que você também não usa muita magia —, aduziu Beladona. — Mesmo assim você é uma bruxa. Você são poderosas.

— Bem, o que nós, bruxas, descobrimos é que é melhor deixar o poder em casa. De qualquer forma, a magia é complicada e pode se virar e torcer e fazer as coisas erradas. Mas se você se cercar de outros humanos, terá o que chamamos de amigos; pessoas que gostam de você e de quem você gosta.

— Amigos. — Beladona rolou com a palavra e a ideia em sua cabeça e então perguntou: — Sou sua amiga?

— Sim — , disse Tiffany. — Você poderia ser. — Ela olhou para as pessoas que passavam e disse a Beladona: — Olha, tente isso. Há uma velha tentando carregar uma cesta muito pesada colina acima. Vá ajudá-la, por favor, e veja o que acontece.

A elfa parecia horrorizada. — O que eu digo a ela?

— Você diz: “Posso ajudá-la, senhora?”

Beladona engoliu em seco, mas atravessou a rua e falou com a velha e Tiffany prestou atenção e ouviu a velha dizer: — Que garota

gentil você é, muito obrigada. Abençoada seja por ajudar uma senhora idosa.

Para surpresa de Tiffany, Beladona carregou a cesta não apenas colina acima, mas também ao longo do trecho seguinte da estrada e a ouviu perguntar: — Como você vive, senhora?

A velha suspirou. — Um dia de cada vez. Meu marido morreu há anos, mas sou boa com agulha e por isso faço coisas. Eu não preciso de caridade. Eu me dou bem e ainda tenho minha casa. Como dizemos, coisas piores acontecem no mar.

Enquanto Beladona observava a mulher ir embora, ela disse a Tiffany: — Você pode me dar algum dinheiro, por favor?

— Bem —, disse Tiffany, — as bruxas raramente têm dinheiro consigo; não vivemos nesse tipo de mundo.

Beladona se animou. — Posso ajudar então —, disse ela. — Sou um elfo e tenho certeza de que poderia entrar em um lugar onde o dinheiro está.

— Por favor, não tente isso —, disse Tiffany. — Haveria muitos problemas.

Ela ignorou um resmungo na beira da estrada: — Não, se você não for pego.

— Somos feitos para entrar em lugares, você sabe —, outro Feegle murmurou.[57]

---

[57] É verdade, embora sair de novo às vezes fosse mais complicado, especialmente se houvesse bebida forte por perto. N.A.

Beladona não prestou atenção aos Feegles. Ela ainda estava intrigada. Aquela velha não tinha absolutamente nada, mas ainda estava alegre. Por que ela tinha que estar alegre?

— Por estar viva —, disse Tiffany. — O que você está vendo, Beladona, é alguém fazendo o melhor que pode; o que é outra coisa que os humanos fazem. E às vezes o melhor é bom. — Ela fez uma pausa. — Como você se sentiu? — Ela perguntou. — Carregando aquela cesta.

Beladona pareceu confusa. — Não estou certa —, ela disse. — Mas não tenho certeza se me senti como um elfo deveria. Isso é uma coisa boa?

— Veja —, disse Tiffany, — os magos nos dizem que, antigamente, os humanos eram mais parecidos com macacos e ser macaco era uma coisa muito inteligente de se ser, já que macacos gostam de saber de tudo. E então os macacos perceberam que se um macaco tentasse matar um lobo grande, ele logo seria um macaco morto; mas se dois macacos pudessem ficar juntos seriam macacos muito felizes. E macacos felizes criam mais macacos felizes, e então eles tiveram muitos macacos que conversavam e tagarelavam e falavam o tempo todo até que, no final, eles se tornaram "nós". O mesmo poderia acontecer com um elfo.

— Quando eu recuperar meu reino... — Beladona começou.

— Pare aí —, disse Tiffany. — Por que você quer seu reino de volta? Que bem aquilo lhe fez? Pense nisso, pois eu sou a humana que cuidou de você, a única pessoa que você pode chamar de amiga. — Ela olhou séria para a elfa. — Eu lhe disse que eu, nós, ficaríamos felizes se você fosse a Rainha dos Elfos novamente; mas apenas se você pudesse realmente aprender com o tempo que passou aqui. Esteja preparado para viver em paz, ensine aos seus elfos que o mundo mudou e que não há espaço para eles aqui.

Havia esperança em sua voz agora, uma esperança de que humanos e elfos pudessem ser capazes de mudar as histórias de humanos e elfos.

Uma princesa não precisava ser loira, ter olhos azuis e ter um tamanho de sapato menor que sua idade, pensou ela.

As pessoas podem confiar nas bruxas e não temer a velha da floresta, a pobre velha cujo único crime foi não ter dentes e falar sozinha.

E talvez um elfo pudesse aprender a conhecer a misericórdia, a descobrir a humanidade.

— Se você aprender coisas —, ela concluiu suavemente, — você poderá acabar construindo um tipo diferente de reino.

Capítulo DEZESSEIS

SENHOR AOLADO



OS VELHOS GAROTÕES das aldeias ao redor do chalé de Vovó Cera-do-Tempo rapidamente gostaram de Geoffrey. Eles respeitavam Tia Ogg e Tiffany, é claro, mas gostavam mesmo era de Geoffrey.

Eles zombavam dele às vezes; afinal, ele fazia trabalho de mulher, mas quando ele subia na vassoura – às vezes até com o bode empoleirado atrás dele, em vez de atrelado à pequena carroça – e zunia para o horizonte, eles ficavam sem palavras.

Mesmo quando estava muito ocupado, sempre tinha tempo para parar e conversar e sempre havia uma bebida pronta em qualquer galpão quando ele passava; e um biscoito quebrado para Mefistófeles. Os velhos ficaram fascinados pelo bode, mas cautelosos mesmo assim; principalmente depois do dia em que alguém lhe deu um gole de cerveja só para ver o que aconteceria e, para sua surpresa, Mefistófeles dançou

como uma bailarina e depois chutou uma árvore jovem com tanta força que seu tronco se partiu em dois.

— É como aquelas pessoas que fazem tofu —, disse Jim Fedorento.

— Não creio que seja a palavra certa —, disse Tabefe Tremido. — Tofu não é algo que se come? No... estrangeiro.

— Você quer dizer um-homem-sobe, um-homem-desce —, disse o capitão Façapaz. — Um tipo de luta.

— É isso! — Disse Jim Fedorento. — Havia um sujeito no mercado de Fatia que fazia isso.

— Há muitas pessoas em Fatia que fazem esse tipo de coisa —, acrescentou Tabefe Tremido com um arrepio. — Lugar estranho, Fatia.[58]

Eles sentaram e pensaram em Fatia por um momento. Você poderia encontrar qualquer coisa no mercado de Fatia se procurasse bastante. É famoso o caso de um homem que certa vez vendeu sua esposa lá, onde a frase "compra, venda e troca" era interpretada literalmente; e ele foi para casa com um carrinho de mão de segunda mão e com a certeza de que havia levado o melhor na barganha. Depois examinaram os restos da árvore e concordaram que Mefistófeles era de fato um bode notável, mas talvez fosse melhor deixar que ele mesmo cuidasse do que bebia e comia.

Aquele incrível bode continuara mascando estoicamente a grama alta perto da cerca do pub, como se nada de desagradável tivesse acontecido e então saiu trotando para encontrar Geoffrey.

Naquela manhã particularmente bela Geoffrey estava na casa de Menino Risonho Aolado. Tiffany estivera tratando de um joanete

---

[58] Muito correto. Como diz a conhecida piada, a maioria dos habitantes de Fatia está a menos de grão de uma fatia de pão. N.A.

particularmente problemático que resistiu aos seus cuidados por semanas. E chegara mesmo a considerar em quebrar sua regra e usar magia na coisa, só para acabar com aquilo, quando Geoffrey decidiu aparecer para ver o senhor Aolado em um dia em que ela estava no Giz. Encontrou o velho na porta dos fundos de sua casa, prestes a descer mancando o caminho até o velho celeiro. Em vez de voltar para o chalé como teria feito se fosse Tiffany que tivesse chegado, o senhor Aolado fez sinal a Geoffrey para que o seguisse pelo caminho em direção ao velho celeiro. E foi enquanto Geoffrey observava o velho lutando dolorosamente com suas velhas botas militares que percebeu algo muito errado.

— Que eu me dane todo, se eu não tô bem, agora! — Disse o senhor Aolado quando Geoffrey tirou o prego que causava a dor em sua bota esquerda. — Se eu soubesse que era esse o problema, eu mesmo teria resolvido essa merda toda! — Ele olhou para Geoffrey com olhos brilhantes. — 'brigado, rapaz.

O velho senhor Aolado morava sozinho e assim vivia desde que alguém se lembrava. Ele estava sempre cuidadosamente trajado e na cidade poderia ser descrito como "janota". A parte seu macacão de trabalho, que embora regularmente lavado apresentava contínuas manchas de tinta e óleo, ele estava sempre impecável. Assim como seu pequeno chalé. A sala, que ele mantinha imaculadamente arrumada, tinha pinturas de pessoas em trajes antigos na parede; Geoffrey presumiu que se tratava de retratos dos pais do senhor Aolado, embora ele nunca tenha falado deles. Tudo o que o homem fazia, ele o fazia diligentemente. Geoffrey gostava dele e, embora fosse um homem muito reservado, ele também gostava de Geoffrey.

O galpão que o senhor Aolado construiu ao lado do velho celeiro também estava imaculado. Cada prateleira estava cuidadosamente provida com velhas latas e potes de tabaco cuidadosamente etiquetados. Suas ferramentas estavam penduradas nas paredes, ordenadamente classificadas por tamanho. Todas limpas e afiadas, também. Tiffany nunca fora autorizada a ir além da sala de estar do senhor Aolado, mas Geoffrey logo foi recebido para compartilhar uma caneca de chá e um biscoito no galpão ao lado do celeiro.

Cada um dos galpões que Geoffrey visitava em suas rondas com os mais velhos era distinto, expressando a personalidade do ocupante, livres de intervenções femininas. Alguns eram caóticos, com pilhas de sucata e objetos incompletos espalhados; outros eram mais arrumados, como o galpão do Capitão Façapaz, sempre cheio de tintas, pincéis e telas, mas ainda com um claro senso de ordem.

Mas nenhum era tão organizado quanto o do senhor Aolado. Mas então Geoffrey percebeu que faltava alguma coisa. Todos os outros galpões tinham pelo menos uma obra em andamento visível, fosse um comedouro de pássaros ainda não terminado ou um carrinho de mão desmontado com uma haste nova; mas não havia nada parecido no galpão do senhor Aolado. E ele passou por alto quando Geoffrey perguntou no que ele estava trabalhando.

— O que está pensando em fazer, senhor Aolado? — O senhor parece um homem que andou pensando e sei que é um homem muito bom nisso de pensar.

O senhor Aolado limpou a garganta.

— Bem, veja você, rapaz; eu estou construindo uma máquina. Não interesse em comedouros ou suportes para canecas, essas coisas. Agora máquinas... — ele fez uma pausa e então olhou cautelosamente para

Geoffrey. — Tenho pensado que poderia ser útil, tendo em conta os problemas que as pessoas estão enfrentando.

Geoffrey sentou-se calmamente, esperando que o velho terminasse o chá e chegasse a uma conclusão. Por fim, o Sr. Aolado largou a caneca e levantou-se, sacudindo as migalhas do colo. Ele os varreu com uma escova para uma pequena panela que claramente guardava apenas para esse propósito, depois lavou as canecas, as secou e empilhou cuidadosamente numa prateleira, e então abriu a porta.

— Gostaria de ver, rapaz?

Enquanto Geoffrey bebia sua xícara de chá com o senhor Aolado em Lancre, lá no Giz Letícia, a Baronesa, tomava delicadamente seu chá com Magrat, a Rainha de Lancre, que chegara inesperadamente em sua vassoura. Uma vassoura ostentando a flâmula com os dois ursos em preto e dourado de Lancre, só para garantir que ninguém tivesse dúvidas de que se tratava de uma visita real. Ela havia chegado trazendo um ramo de rosas do castelo, deixando Letícia e criados num paroxismo de ansiedade, com a própria Letícia se debatendo com as teias de aranha, algumas das quais ela até conseguiu que ficassem emaranharadas em seu cabelo.

Magrat sorriu para Letícia, um tanto trêmula, e disse: — Não estou aqui como rainha, querida. Estou aqui como bruxa. Eu sempre fui uma e sempre serei. Eu sei como as coisas funcionam, então vamos parar com a pompa e as aparências. Um pouco de poeira aqui e ali não quer dizer nada. Algumas partes do meu castelo estão cheias de poeira, sinto dizer. Você também sabe como é.

Letícia concordou. Ela realmente sabia como era. E quanto ao encanamento. Bem, ela não queria nem pensar no quão velho era o castelo. As latrinas antigas tinham o hábito de gorgolejar na hora errada; e Roland dizia que se tivesse tempo poderia criar uma orquestra a partir dos estrondos, gorgolejos e tinidos que às vezes se seguiam às suas visitas matinais.

Ela havia posto as tropas para trabalhar, porém, e agora as duas senhoras estavam sentadas lado a lado no salão do castelo, respirando a fumaça de turfa da lareira. E lá estava sempre, sempre frio, mesmo no verão e por isso as lareiras eram tão grandes e comiam tantas árvores pequenas ao mesmo tempo. O pessoal da cozinha trouxe uma bandeja apressada com chá e pequenos lanches, e claro, os sanduíches tiveram a casca cortada para torná-los adequadamente delicados para as duas nobres damas.

Magrat suspirou; esperava pelo menos que Letícia pedisse que as cascas fossem entregues aos pássaros.

Havia também um prato de cupcakes bastante vacilantes.[59]

— Esses fui que fiz —, disse Letícia com orgulho. — Ontem. De uma receita do novo livro de receitas de Tia Ogg, sabe. Muito do que você gosta faz você engordar. — Ela corou um pouco e sua mão subiu com constrangimento até o corpete, onde ficou claro que quando as curvas estavam sendo distribuídas, Letícia estava no fim da fila.

Magrat pegou um bolo pela forminha de papel com muito cuidado. Algumas das receitas de Tia Ogg podiam incluir. ingredientes incomuns; e ela já tinha três filhos. Ela mordiscou o bolo e as duas senhoras trocaram as gentilezas habituais, com Magrat

---

[59] Parece ser um fato da vida que, se duas ou mais senhoras bem-nascidas se reúnem, os cupcakes são essenciais. Caso contrário, o teto poderá cair sobre elas. N.A.

admirando uma aquarela que Letícia havia pintado do gigante do Giz na baixada. Era surpreendentemente detalhado, especialmente na área Sem Calças. Tia Ogg certamente teria aprovado, pensou Magrat.

Então ela voltou para os negócios. — Bem —, disse ela, — tenho certeza de que não preciso te contar, Letícia, mas lá em Lancre já estamos fartos dos elfos. Alguma coisa tem que ser feita.

— Ah, querida, lamento dizer que Roland está prestes a escrever para Madame Dolorida sobre a onda de ataques dos elfos e perguntar o que ela pretende fazer a respeito. Tem havido muita reclamação, sabe, e ele está inspecionando aos estragos. — Letícia suspirou. Ela entendia que a atenção do marido para os danos era mais do que apenas inspecionar as consequências e dizer "puxa, vida" e "Há quanto tempo isso está acontecendo?". Era necessário incluir outras coisas para que seus arrendatários sentissem que alguém estava fazendo algo a respeito.

A esposa de Roland o convenceu de que não era apenas uma questão de ser visto, mas de fazer um esforço e que lutar ao lado dos seus homens fazia bem ao moral. Melhor ainda se ele pagasse uma rodada no bar quando o dia de trabalho terminasse e se tornasse não apenas o chefe, mas quase um amigo.

— Temos homens suficientes aqui, não há dúvida disso —, acrescentou ela, — mas na maior parte do tempo eles trabalham nas fazendas. Agradeceríamos se outras bruxas pudessem ajudar.

— E, infelizmente, isso significa nós —, disse Magrat espertamente, com ênfase na parte do "nós".

Letícia parecia embaraçada. — Eu não propriamente uma bruxa, você sabe.

Magrat olhou para a baronesa. Havia algo terrivelmente encharcado em Letícia, como se você pudesse pegá-la e torcê-la. Mas as bruxas vinham em todas as formas e tamanhos. Tanto Tia Ogg quanto Agnes Nitt, por exemplo, eram decididamente gordinhas,[60] enquanto Sally Pequena Grandona Baixinha e Gorda subia e descia de acordo com as marés e não havia dúvida de que a água poderia ser bastante poderosa. — Minha querida, você está se vendendo muito por baixo. — Ela disse. — E eu sei como é isso. Acredito, minha querida, que você está com medo de não conseguir ser uma bruxa. Todas nós passamos por isso... as garotas normalmente passam. Tiffany me contou tudo sobre você, sabe. Quanto a mim, não sei o que faria numa casa com um esqueleto gritando. Não foi você a garota que deu uma abóbora a um fantasma sem cabeça para carregar? E entregou um ursinho de pelúcia para um esqueleto gritando em busca de conforto? Você pensa que não é uma bruxa, mas cada parte da minha alma diz que você é. Eu gostaria de ter tido as suas oportunidades quando era uma menina.

— Mas eu sou a Baronesa. Sou uma dama da nobreza. Eu não posso ser uma bruxa.

Magrat fez um som como "hummmf" e disse: — Bem, eu sou uma rainha. Isso não me impede de ser uma bruxa quando necessário. Este é o momento, minha querida, em que paramos de pensar em nós mesmas e em quem somos e começamos a sujar as mãos. Tiffany não pode lutar contra os elfos sozinha, e esta é uma guerra; e continuará a ser uma guerra a menos que todos contribuam.

Suas palavras fluíram e preencheram Letícia. — Você está certa, é claro —, disse a jovem Baronesa. — Naturalmente Roland concordará comigo, como sempre faz. Conte comigo.

---

[60] Um termo muito gentil para Agnes, usado apenas por seus amigos. N.A.

— Bom — , disse Magrat. — Tenho uma cota de malha que acho que é do seu tamanho. E agora, quando poderá partir para Lancre? Acredito que estaremos nos reunindo para discutir a situação. Você sabe voar de vassoura ou precisa de carona?

Tiffany montou em sua vassoura. Ela tinha ouvido falar na aldeia que a velha senhora Pigeon estava perto de seu tempo e uma onda de culpa a inundou. Sim, ela tinha duas herdades. Sim, ela tinha que decidir o que fazer com Beladona. Sim, ela não tinha tempo para descansar. Mas ela não via a velha há mais de uma semana; e em uma semana uma velha poderia cair por entre as fendas da vida.

Beladona estava empoleirada atrás dela, seus olhos penetrantes notando tudo. Observando como a família Pigeon tinha apenas um pequeno pedaço de terra, com um solo tão pobre que era de admirar que conseguissem obter alguma colheita; com sua sorte dependendo principalmente do pequeno rebanho de ovelhas que tinham no seu campo junto ao riacho.

Sid Pigeon, o filho mais novo, estava lá, parecendo de alguma forma muito menor sem seu brilhante uniforme ferroviário. Para surpresa de Tiffany, ele trouxe consigo um novo amigo de trabalho para casa.

Beladona recuou. — Um trasgo! Nesta casa. E fedendo... — ela disse enojada.

Tiffany sentiu vontade de chutá-la. — Um trasgo muito respeitável —, acudiu com presteza, embora fosse verdade que ela pode sentir o cheiro do trasgo assim que entrou na casa; mesmo acima das camadas de outros cheiros que viviam felizes naquela casa muito suja. Ela acenou

com a cabeça para o trasgo, que estava sentado com os pés em cima da mesa e comendo o que parecia ser uma coxa de frango que outros, possivelmente os gatos, comeram antes dele. — Um amigo de Sid.

— Do Pistão, o Vapor, madamesss —, disse o trasgo alegremente. — Trabalho com ferro e aço, eu messsmo...

— Tiffany — disse Sid com urgência —, você veio ver a vovó? Ela está na cama lá em cima.

A velha senhora. Pigeon estava de fato em sua cama, e não pareceu a Tiffany que fosse capaz de sair dela novamente. A velha senhora era pouco mais que um conjunto de ossos enrugados, com os dedos parecidos com gravetos agarrados às bordas de uma colcha de retalhos desbotada. Tiffany segurou uma de suas mãos e... fez o que pôde pela velha senhora, eliminando a dor do corpo encolhido...

E o inferno começou lá embaixo.

— Sid! Sid! São aquelas malditas fadas ou o que quer que sejam. Bem, me sujaram todo o riacho. Tá tudo amarelo lá! E tem peixes mortos boiando nele! Temos que mudar as ovelhas, agora! — O Sr. Pigeon parecia desesperado enquanto chamava seu filho.

Enquanto um estrondo de botas deixava a casa, Tiffany manteve a concentração, drenando mais dor na velha senhora Pigeon. E então Beladona estava ao seu lado.

— Eu não entendo —, ela disse. — Aquele trasgo foi com os humanos.

— Isso se chama ajudar —, respondeu Tiffany, ainda tentando lidar a dor que havia extraído da velha senhora Pigeon. — Lembra-se?

— Mas trasgos e humanos não gostam uns dos outros —, continuou Beladona, intrigada.

— Eu já disse a você, Do pistão o Vapor é amigo de Sid. — Mas não se trata aqui de gostar ou não gostar —, disse Tiffany. — Tem a ver com ajudar um ao outro. Se o acampamento dos trasgos estivesse pegando fogo ou algo assim, os humanos os ajudariam. — Ela olhou para a senhora Pigeon; a velha senhora estava adormecendo agora. — Olha, preciso sair um minutos —, disse ela. — Fique com a senhora Pigeon, sim? Avise-me se ela acordar de novo.

Beladona ficou horrorizada. — Mas eu não posso... eu sou um elfa! Já carreguei aquela cesta. Eu não posso... ajudar outro humano.

— Por que não? — Disse Tiffany, firme. — Do Pistão, o Vapor acabou de o fazer. Os elfos são menos que os trasgos? — Mas ela não tinha tempo a perder, então desceu as escadas e jogou a dor em uma pilha de pedras preparadas para serem parte da construção de uma parede.

Produziu um estrondo bastante infeliz - havia muita dor - e provavelmente foi por isso que quando voltou para cima, a senhora Pigeon estava acordada. Acordada e pedindo por um copo d'água.

A velha vovó estava olhando para Beladona, com um sorriso no rosto pegajoso enquanto estendia a mão para pegar a xícara. — Você é uma boa garota, é mesmo —, ela dizia fracamente. — Uma boa garota. .

Uma boa garota? Uma boa... elfa?

Beladona colocou as mãos na altura de seu estômago. — Acho que está começando. — Ela disse gentilmente, olhando para Tiffany. — Sinto uma espécie de calor, como um ponto quente. Aqui, em meu estômago. Como um pequenino fulgor.

Tiffany sorriu e colocou a mão gentilmente na senhora Pigeon; e então pegou Beladona pelo braço. — Preciso da sua ajuda —, disse. — Os elfos colocaram esse glamour no riacho e ele passa por diversas fazendas. Você pode consertar? — Ela fez uma pausa. — Como sua amiga, Beladona, peço sua ajuda. Os Feegles podem ajudar com as ovelhas, mas tirar o glamour... Isso é algo que apenas alguém da sua espécie pode fazer.

Beladona levantou-se. — Um glamour da Flor-de-Ervilha? — Perguntou. — Isso não será problema para remover. Esse elfo é fraco. E sim, vou ajudar você, Tiffany. Você é minha... amiga. — A palavra soou estranha em sua voz, mas não havia dúvida de que estava falando sério.

Então ela desceu para o campo com Tiffany, passou pelas ovelhas ariscas no quintal (algumas das quais estavam ali por cortesia dos sempre presentes Feegles, que tinham acabado de quebrar o recorde de tempo de caminhada distrital do córrego até o quintal com um cordeiro fazendo isso em uma perna só) e descendo até a água fervente.

Onde ela realmente colocou tudo em ordem.

E o pequeno fulgor dentro dela começou a arder.

O velho celeiro atrás do galpão do senhor Aolado estava cheio de armas de todos os tipos, lembranças de muitos conflitos, cuidadosamente lubrificadas e meticulosamente etiquetadas.

— Eu as venho colecionando —, disse o senhor Aolado com orgulho. — Todas as campanhas onde lutei e muito mais. Você deve sempre manter suas armas à mão. Quer dizer, eu não tenho nada contra trolls e anões, mas nós lutamos contra eles mais de uma vez e então eu digo, você sempre tem que ter certeza. Alguém diz alguma coisa que não

devia e antes que você perceba, estamos mergulhados em anões até os joelhos. E eles vão para cima de você por cima e por baixo. Você não pode confiar neles com os altos e baixos.

Geoffrey olhou surpreso para as paredes do celeiro. A maquinaria da morte estava por toda parte, se você olhasse bem. E lá estava ele, aquele velho sorridente com quem acabara de tomar uma xícara de chá; os olhos brilhando, pronto para enfrentar o inimigo, especialmente se não fosse humano. E ele era conhecido como Menino Risonho? Como ele seria se fosse conhecido como Menino Carrancudo?

— Posso manejar um torno tão bem quanto qualquer um —, disse Aolado.

— Um torno —, disse Geoffrey. — Você pode ser atingido por limalhas, não é?

— Ah, sim, é uma coisa terrível se entrar em contato com seus olhos. — Ele sorriu. — E pode ser útil para alguma coisa. Houve um momento em que ele quase levou Geoffrey de volta para fora, mas então ele não conseguiu mais se conter; ele teve que mostrar ao garoto no que estava trabalhando. — Venha, rapaz —, disse ele. — Dê uma olhada nisso. Era para ser um segredo até que fosse concluído, mas é claro que posso lhe contar.

Na parte de trás do celeiro havia uma enorme forma coberta com uma lona. O senhor Aolado conduziu Geoffrey até lá, estendeu a mão e puxou a lona e quando ela caiu, Geoffrey engasgou.

A máquina parecia um grande gafanhoto de metal, com um contrapeso numa extremidade e uma enorme tipoia de couro na outra. Ao olhar para a máquina, ainda pasmo, Geoffrey percebeu que tinha

visto algo semelhante nos livros que o Sr. Agastado lhe mostrara em casa. — Isso parece perigoso. — Ele disse.

— Espero que sim —, disse o senhor Aolado. — Sempre quis um desses, desde que os vi em ação. Os anões tinham uns parecidos com esse, que podiam derrubar um troll. Aqueles anões sabem uma coisa ou duas, vou te dizer; e sou um grande fã das táticas de defesa dos gnomos. — Ele tossiu. — Tive a ideia de construir um depois de observar os rapazes do pub dançando Pau e Balde.[61]

— Estou vendo —, disse Geoffrey.

— O capitão Façapaz ficou muito impressionado —, acrescentou Aolado. — Então eu e os rapazes vamos experimentar amanhã, mas em um lugar onde ninguém possa nos ver.

Esses velhos cavalheiros têm certas qualidades, pensou Geoffrey. Só porque são velhos não significa que não possam ser poderosos.

---

[61] Uma dança que só deve ser realizada quando não há mulheres por perto. Se você visse, saberia por quê. N.A.

Capítulo DEZESSETE

UMA DISCUSSÃO DE BRUXAS



PELA PORTA DESTRANCADA, Lorde Lankin entra sorrateiramente em uma velha mansão em ruínas. Subindo as escadas rangentes, apagando as velas das arandelas ao passar, ele abre uma porta desaferrolhada e entra em um berçário, onde uma jovem babá balançando um berço olha para cima e nos olhos dele e depois puxa uma agulha afiada de sua cesta.

Sentadas no Grande Salão do Castelo de Lancre com seus aliados e amigos, Tiffany e as bruxas de Lancre pensavam em como estabelecer um plano de batalha.

Foi necessário algum esforço para que todos chegassem lá e se acomodassem.

Geoffrey fez um trabalho maravilhoso reunindo reforços de todos os lugares, gastando horas de voo em todas as direções levando a mensagem de Tiffany a todas as bruxas que ela pudesse nomear.

Até a cega Senhora Happenstance e Sally Pequena Grandona Baixinha e Gorda tinham aparecido, juntamente com a Senhora Proust, vindas de Ankh-Morpork. E havia um grupo de bruxas mais jovens: Annagramma Hawkin, Petúlia Gristle, Dimity Hubbub, Harrieta Bilk e outras. Sob o olhar atento da Rainha Magrat, Letícia conferia e assinalava na lista de Tiffany assim que chegavam.

Ter uma rainha apoiando você foi uma coisa boa, pensou Tiffany, enquanto a senhora Lacrainha entrava e começava a mandar em todo mundo. Magrat rapidamente pôs fim a isso, pois até a Senhora Lacrainha descobriu que não podia discutir com a realeza. Entretanto, lidar com bruxas reunidas era como carregar uma bandeja cheia de bolinhas de gude. As bruxas eram muito boas em irritar umas às outras e pequenas rixas apareciam e iam embora, desapareciam e recomeçavam. Era bobagem e todas sabiam disso, mas não conseguiam evitar.

Geoffrey se destacava em ocasiões como esta. Sempre que ocorriam brigas, ele estava lá com a palavra perfeita ou um sorriso simpático. Ver sua tecelagem de calmaria fazendo seu trabalho sutil era uma alegria, pensou Tiffany. Quase se podia ver a calma saindo de suas orelhas.

— Senhoras —, disse Tiffany, dando início à reunião. — Aqui está o problema. Os elfos estão de volta e desta vez com força total. E se não os impedirmos logo, as coisas ficarão realmente muito ruins. Sei que algumas de vocês já encontraram elfos antes —, ela olhou para Tia Ogg e Magrat, — mas muitas de vocês não. Eles são um inimigo formidável.

Beladona estava parada na lateral do salão, quase recatada demais em seu vestido de leiteira. Ela não parecia muito formidável, mas algumas das bruxas mais velhas a estavam olhando como se tivessem acabado de sentir um cheiro ruim.

A senhora Lacrainha fez uma careta e parecia que ia dizer alguma coisa, mas Petúlia chegou primeiro. — Tiff, você tem certeza de que é sensato ter uma elfa aqui ouvindo isso? — Ela perguntou.

— Não se preocupe, garota —, disse Tia Ogg. — Se nossa amiguinha tentar alguma coisa, haverá fogos de artifício, sem dúvida. O que não haverá será uma elfa!

— A última vez que isso aconteceu, o Rei dos Elfos não interveio? — Annagramma Hawkin perguntou, olhando para Tia Ogg.

— Ele fez isso, de fato, mas também quase não o fez. Tiffany já foi vê-lo e parece que o Velho Cornudo não está interessado — respondeu Tia Ogg. — Não podemos confiar nele de qualquer maneira.

— O tempo se move de maneira diferente em seu reino —, explicou Tiffany. — Mesmo que ele decidisse fazer alguma coisa, poderia ser agora, ou no próximo mês ou no próximo ano.

— E quanto aos magos? — Perguntou outra bruxa. — Por que não estão aqui?

Tia Ogg bufou. — Rá! Esse bando. Até que tivessem um feitiço pronto, os elfos já estariam com as Ramtops dominadas e muito longe daqui. — Ela endireitou-se e fungou. — Não, isto é assunto de bruxas. Todos eles, magos, têm o traseiro nas cadeiras e o nariz enfiado nos livros. — Pronunciou esta última palavra olhando de soslaio para a

Senhora Lacrainha que era, claro, conhecida pelo seu amor pela escrita.[62]

Magrat interrompeu rapidamente. — Também teremos todo o apoio de Lancre que Verence e eu pudermos reunir.

— Bem, isso quer dizer o meu Shawn —, disse Tia Ogg com satisfação. Shawn Ogg era o exército de Lancre, assim como seu lavador de garrafas, mordomo, jardineiro, trompetista e – um cargo que Shawn não se importaria de perder – o homem que verificava as latrinas e removia todo o conteúdo noturno lá depositado. — E acho que nosso Jason pode nos fornecer algumas ferraduras. Sendo ele o ferreiro —, acrescentou a Tia para quem eventualmente não soubesse.

Geoffrey pigarreou. — Tenho trabalhado em algumas ideias com alguns dos cavalheiros mais velhos —, disse ele suavemente. — Nós temos... algo que acho que pode ser útil.

— E temos Hodgesaargh —, disse Magrat. Hodgesaargh, o falcoeiro real, era um trunfo surpreendente já que o glamour élfico não parecia funcionar com ele; provavelmente porque passava tanto tempo com seus amados pássaros que uma parte de seu cérebro era agora um falcão e, portanto, despreparado para compartilhar espaço com qualquer outro predador. Acreditava-se geralmente que isso também impedia os pássaros de bicarem seus olhos.

A Senhora Lacrainha riu, confiante. — Então qual é o problema, posso perguntar? Há muitas de nós aqui. Certamente mais do que suficiente para alguns elfos. — Ela olhou com desdém para Beladona.

---

[62] A maioria das bruxas que labutavam diariamente acreditava que o melhor uso para um livro era colocar em um prego na privada. N.A.

Tia Ogg explodiu. — Não, não somos suficientes! Quantas bruxas temos aqui? — Ela olhou ao redor da sala. — Dez, doze talvez, mais se você incluir Geoffrey e Letícia e as garotas aprendizes, mas apenas metade de nós somos bruxas seniores; as que têm muita e real experiência. Os elfos são sorrateiros. Eles terão o glamour sobre você antes que perceba. Eles virão silenciosamente; como um peido silencioso, mas mortal e pegarão você antes que possa apertar o nariz. Mesmo Esmê Cera-do-Tempo mal conseguia suportar o poder. Ela lutou duramente e todos vocês se lembram de como ela era. Eles não passaram por ela, mas foi por pouco. Senhoras, esses elfos são horríveis. Temos razão em ter medo. Eles fazem... coisas com você. Eles vêm até você.

— Aconteceu comigo também —, disse Magrat. — O glamour faz você se sentir pequeno e inútil. Aqueles de nós que já enfrentaram isso antes não conseguirão avisar o resto de vocês o suficiente.

— Receio que você esteja exagerando. Não há nada de glamoroso nisso —, disse a senhora Lacrainha com desdém, apontando para Beladona.

— Bem, você certamente nunca conheceu nenhuma fada. Se tivesse, teria cicatrizes —, cuspiu Tia Ogg. Ela ficou com uma cor interessante e Tiffany interveio rapidamente antes que as faíscas realmente começassem a voar.

— Senhoras, senhoras, creio que seria útil ter uma pequena demonstração do poder de um elfo. Beladona, você estaria preparada para nos dar um gostinho do seu glamour?

Houve um suspiro coletiva quando as bruxas reunidas perceberam o que Tiffany estava sugerindo.

— E tenha cuidado, Beladona. Muito cuidado. Aqueles de nós que já conheceram o glamour antes ficarão de olho em você. Espero sinceramente que não tenhamos problemas.

E Beladona sorriu; não um sorriso particularmente agradável, Tiffany notou.

— Senhoras —, disse Magrat às outras, tentando prepará-las. — Ser uma bruxa é estar cheia de si; e responsável por si mesma também. Seria uma boa ideia observarmos umas às outras quando o glamour começar a tomar conta.

— Baboseiras! — Disse a Senhora Lacrainha. — Eu sou eu mesma e sempre serei. Sou uma bruxa, independentemente do que você possa pensar; e não lido com contos de fadas.

— Que é justamente o que são seus escritos, senhora Lacrainha — , disse Tia Ogg com voz melosa.

— Mas nunca os apresentei como se tratassem de coisas reais —, disse a Senhora Lacrainha. — E Isso é permitido. — Tia Ogg olhou para o rosto dela e pensou: isto é o que vamos ver.

— Senhoras —, perguntou Tiffany, — estão prontas? — Houve alguns acenos de concordância e então ela disse: — Beladona, por favor, mostrem-nos seu glamour. — E ela agarrou a coroa do pastor em seu bolso; este era um momento em que ela sabia que precisaria manter um forte controle sobre seu senso de identidade. Yan tan tethera, ela cantou suavemente para si mesma. Yan tan tethera.

Beladona começou devagar, o rosto de sua pequena leiteira se enchendo de uma luz brilhante, de beleza, de estilo; e então, de repente, ela se tornou a coisa mais maravilhosa do salão.

Fantástica.

Maravilhosa.

Encantadora.

Terrível.

O ar estava carregado de glamour e Tiffany quase podia ouvir as bruxas lutando contra ele. As inexperientes – Annagramma, Petúlia e Letícia, Dimity e Harrieta – de repente pareciam flácidas, com rostos de bonecas.

Petúlia – como muitas das outras bruxas – teve uma sensação sedutora de que o mundo era todo dela, com tudo o que nele havia. E então, o sonho dela, assim como o das outras, se desfez. Quem ela pensava que era? Ninguém gostava dela, ninguém a queria. Ela não era digna de nada. Ninguém a queria. Todos sabiam que ela não tinha nenhuma habilidade. Seria muito melhor se ela estivesse morta. Talvez fosse melhor se ela simplesmente deixasse aos porcos jogá-la na lama, e mesmo isso não seria ruim o suficiente. Ela gritou.

Tiffany se moveu em direção a Beladona e, quase como uma bolha estourando, a elfa deixou aquilo fluir e seu glamour desapareceu. Mas todas no salão pareciam abalados. Exceto, Tiffany notou, a Senhora Lacrainha.

— Então, o que aconteceu? — A bruxa mais velha retrucou mandona. — O que vocês todas estão fazendo?

— Senhora Lacrainha, não se sentiu pequena, desagradável, uma existência que é um desperdício de espaço? Totalmente sem redenção?

O rosto de Letícia Lacrainha só continha perplexidade.

Beladona olhou para ela e de volta para Tiffany. — Foi como bater em uma pedra —, disse ela. — Esta aqui tem algo interessante. Falta-lhe

alguma coisa. — Ela virou-se para olhar novamente para a Senhora Lacrainha. — Tem certeza de que não é uma elfa? — Ela perguntou.

— Como se atreve? Sou apenas Letícia Lacrainha. E ninguém me impedirá de eu mesma!

— Onde é que vamos parar...! — Disse Tiffany. — Mas todos os outros foram afetados. E isso, senhoras, foi apenas um elfo. Imagine como será quando enfrentarmos uma horda deles.

— Foi como ver meu pai —, disse Geoffrey. — Ouvi uma voz me dizendo que eu não prestava para nada e que nunca seria nada. Um rato, um verme, por quem não valeria a pena sequer chorar. Ele nunca estava satisfeito com nada.

Suas palavras ecoaram pela sala, e os rostos das bruxas mostraram que cada uma sabia exatamente do que ele estava falando.

Com a demonstração terminada e Beladona de volta ao seu modesto disfarce de leiteira, as disputas estavam quase acabando.

— Bem, companheiras bruxas, aí está —, disse Tiffany. — Sabemos quem procuramos e o que temos que fazer, que é manter os elfos longe deste mundo. É muito improvável que consigamos matar todos eles. — Ela hesitou. — O que temos de fazer é fazê-los ver que lidar conosco não será fácil e que pode ser uma boa ideia voltar para o lugar de onde vieram.

— Então —, disse a rainha Magrat, — quanto tempo temos para nos preparar? Tiffany suspirou. — Não sabemos —, disse ela. — Mas eles virão em breve, eu acho. — Ela olhou para Beladona, que agora se mudara para o centro da sala.

— O quando —, disse a elfa, — certamente será na lua cheia. Um tempo de... finais.

— Esta noite, então. — Sussurrou Magrat.

— E se eu conheço Flor-de-Ervilha —, continuou a elfa, — o onde será em todas as frentes onde as barreiras possam estar fracas.

— O que você acha, Tiff? — Perguntou Tia Ogg. — Eles já estão entrando no Giz, certo? E eles estiveram aqui em Lancre, através dos Dançarinos.

Beladona assentiu. — Eles passarão por ambos os portões —, disse ela. — E depois vão se espalhar. — Ela estremeceu.

Tiffany estava assumindo o comando agora. — Bem, então precisaremos enfrentá-los em duas frentes. Aqui em Lancre e no Giz. — Ela olhou ao redor da sala. — Teremos que dividir nossas forças.

— Bem —, disse Tia Ogg —, você pode contar comigo. Sempre fui uma lutadora. Você tem que ser uma lutadora para ser uma bruxa. Não precisamos nos preocupar; eles sim, precisam. Se você conseguir derrubar um elfo e chutá-lo um pouco, ele não será tão glamoroso como antes. Acreditem em mim, até os elfos têm partes moles que não gostam de botas.

Tiffany olhou para as botas de Tia Ogg. Pareciam ter sido construídas por um ferreiro e, no caso de Tia Ogg, provavelmente tinham sido. Um chute de um desses e seria "Até logo, elfo!" Pode não matá-los, mas você certamente poderia dizer que todo o glamour teria sido eliminado.

— Eles sabem onde estão os círculos de pedra —, disse ela, — mas, por conta de Trovão e Relâmpago, é melhor manterem-se afastados. Afinal, também sabemos onde estão as pedras e nós, humanos, somos espertos e, às vezes, podemos ser muito desagradáveis. Sempre que

precisamos, eu suspeito. — Ela se virou para Beladona, que estava observando a todos com atenção. — O que você acha disso, Beladona?

A elfa sorriu e disse: — Vocês, humanos, são um povo estranho. Algumas vezes suave e estúpido, mas também surpreendentemente perigoso. Há muito poucas de vocês e muitos elfos estão a postos contra vocês. Ainda assim acredito que o traidor Flor-de-Ervilha não tem ideia do que irá enfrentar. E estou feliz com isso.

Tiffany assentiu. Magrat, Tia Ogg, a surpreendentemente forte Senhora Lacrainha, (havia mais em Letícia Lacrainha, ela percebeu, do que as joias ocultas e os trajes extravagantes sugeriam) as outras bruxas de Lancre, a Senhora Proust, Geoffrey e Mefistófeles. Teria que servir.

— Acho que Lancre será bem servido por todos vocês —, disse ela, olhando em volta. — Quanto a mim, devo voltar para o Giz. É minha terra.

— Quem você vai ter para te ajudar no Giz, posso perguntar? — Perguntou a senhora Lacrainha.

— Bem —, disse Tiffany, — tenho lá a Senhorita Umaturga, uma dama formidável, como tenho certeza de que todos vocês concordarão, que, aliás, lhes pede desculpas por sua ausência. — Ou o faria, ela pensou consigo mesma, se eu a tivesse encontrado novamente. — E Letícia. — Ela olhou para a jovem Baronesa, que tentava parecer corajosa. — E há a própria terra, é claro. Mas lembrem-se, tenho alguns outros admiráveis aliados. Não estaremos sozinhos. — E ela estava de olho na pilha de vassouras ao lado da porta e, embora não tivessem sido convidados, podia ver o rosto de Rob Qualquerum e, pela aparência, de um número significativo de seu clã. Ela riu; devem ter vindo com Magrat e Letícia, pensou.

— Senhoras —, anunciou ela, — por favor, permitam-me apresentar... aos Nac Mac Feegles!

Houve um sussurro entre as bruxas quando a sala começou a se encher com um mar de pele azul e tartans axadrezados; nem todas as bruxas haviam conhecido aos Feegles antes. Tiffany ouviu Tia Ogg sussurrar, não suficientemente baixo, para a rainha Magrat: — Coloque qualquer coisa que se possa beber no porão.

— Ah, você é uma bruaca cruel, é mesmo, ou meu nome não é Rob Qualquerum —, Rob gemeu.

Magrat riu. — Rob Qualquerum, você sozinho é uma guerra, moço! Bem-vindo ao palácio, mas por favor não beba tudo. Pelo menos, não até termos vencido a guerra.

— Agora cê está falando minha língua, mocinha... quer dizer, vossa rainheza. Onde há uma guerra, há um Nac Mac Feegle.

Houve uma enxurrada de gritos de "Disgraça" por parte do clã e Rob Qualquerum gritou, — Sim, vam' pegá eles e começar cum monte de chute.— Houve outra comemoração, com Yan Grande pulando e berrando: — É bom essis sarnentu tomar tento, cês vejam. Nunca que vamu dizer que seremos o Senhor Delicadeza; tudo o que vamu dizê é qu'eles podem contar co' as nossas porradas!

E Hamish acrescentou: — Quando Morag cair pra cima deles, o bico dela e suas garras vão tirar o fôlego deles. E ela é uma garota pesada.

— Fiquem felizes por eles estarem do nosso lado —, disse Tiffany. E olhou com ar de reprovação para a senhora Lacrainha, que tinha uma expressão arrogante no rosto. — É verdade que são diamantes brutos, mas não se encontram guerreiros melhores em nenhum lugar do Disco.

— E esperou que a Senhora Lacrainha não tivesse ouvido aos murmúrios.

— Que qu'é isso? — Wullie Doido. — Roubamos algum diamante?

— É uma maneira de falar, seu idiota. — Rob Qualquerum.

— Mas num temos boas maneiras. Nóis valorizamo iss' em nóis, cê sabe. — Wullie, novamente.

— É um idiomatismo.

— Tá me chamando de idiota ou de "ismo"?

Tiffany riu consigo mesma. Parecia que a Kelda estava aumentando a variedade de expressões do clã.

Rob acenou com sua claymore no ar, fazendo uma ou duas bruxas recuarem um ou dois passos, e então ele pulou sobre uma mesa e olhou para o salão. — Beem, tô vendu que a senhora Beladona está co'a gente agora — disse ele. — Eitcha, a Bruaca Piquininha Grandona e a Kelda parece di pensá que não devemo fazer nada co' essa elfa; pra deixá ela em paz.

— Muitim'embora —, continuou ele, olhando para Beladona — vamos vigiá ela com atenção, com muito cuidado, di verdade. Noss' Kelda é suave, nossa Kelda; tão suave quanto pedra, sabe; ela num é do tipo que deixa alguém quebrar sua promessa e fugir com isso!

— Caro senhor Feegle—, disse a senhora Lacrainha. — Este é um conselho de guerra, então deveríamos discutir estratégias e táticas.

— Ah, beeem, cê pode, se quiser, mas somos Feegles e não nus envolvemo com coisas assim. É tudo uma questão de saber usar a

claymore pra causar o maior rombo que puder. E se cê não acertar, seu último recurso é dar uma cabeçada neles.

Tiffany olhou para a Senhora Lacrainha e disse alegremente: — Você poderia fazer isso, Senhora Lacrainha?

Ela retornou ao olhar e disse: — Vou cabecear como achar melhor. — E para surpresa de Tiffany, as outras bruxas aplaudiram e pela primeira vez a Senhora Lacrainha estava envolta em sorrisos.

— Vou dizê procês, num cruzaria o caminho dessa véia —, disse Rob Qualquerum. — Nem eu — , disse Yan Grande. — El' é tão ruim quantu uma loba.

— Então, onde qui vai ser essa batalha, Bruaca das Colinas? — Perguntou Rob.

Houve outro rugido dos Feegles reunidos e uma floresta de pequenas espadas e porretes foi lançada ao ar.

— D´um Feegle heroico o brado retumbante! Avanti!

— Um grande monte de chute pr'esses sarnentos piquininhos!

— Fora Reizi! Sem Raínia! Num vamo ser feito di bobo dinovu!

Tiffany sorriu. — Se Beladona estiver certa, os elfos cavalgarão nesta noite que se aproxima; quando a lua cheia brilhar no céu. Senhoras... e Geoffrey —, ela se dirigiu às bruxas reunidas. — Vão e descansem um pouco. Devo voar de volta para minha herdade agora; então, boa noite e boa sorte.

— Deixemos que as runas da fortuna nos guiem e protejam a todos —, acrescentou a Senhora Lacrainha, sempre decidida a dar a última palavra.

Tiffany adorava o quartinho que era seu desde criança. Seus pais não haviam mudado nada e, a menos que estivesse chovendo ou ventando forte, ela dormia com a janela aberta.

Naquele momento, cansada da viagem de vassoura da volta e tensa com a expectativa do que a noite poderia trazer, mas esperando descansar algumas horas, ela saboreou a atmosfera do quartinho, encontrando força em sua familiaridade.

Uma força que vinha de sentir que ela estava exatamente onde deveria estar. Como uma Dolorida.

— Eu me levanto dolorida e vou para a cama dolorida —, ela sussurrou para si mesma, sorrindo. Uma das piadas de seu pai e ela revirava os olhos ao ouvi-la repetidas vezes quando criança; mas agora lhe propiciava um calor que envolvia seu corpo.

E lá estava a pastora de porcelana na prateleira. Vovó Dolorida.

E ao lado ela colocou a coroa do pastor. De Dolorida para Dolorida, ao longo das gerações.

Terra sob a onda, ela meditou. Era isso que o nome Tiffany significava na fala dos Feegles. Tir-far-thóinn, "Tiffan", como a Kelda a chamava. O som do nome dela era mágico; magia de verdade vinda desde o início dos tempos.

A noite estava agradável. Ela disse a si mesma que realmente deveria dormir um pouco; ela não estaria no seu melhor sem um pouco de descanso, mas ela ficou ali deitada. A gata Você se aconchegou no calor dela, ouvindo as corujas. O chirriar vinha de todos os lugares, como se a estivessem avisando.

Do lado de fora de sua janela, a lua estava nascendo; um orbe prateado gloriosamente cheio para iluminar os céus e para conduzir os elfos para aliada.

Tiffany fechou seus olhos.

E uma parte dela, a sua alma, estava num poço de Giz, a coroa do pastor na mão; as suas cinco cristas refletindo a luz da lua cheia e brilhando, como um aquário fora do tempo.

Agora ela podia ouvir o rugido do antigo mar abaixo dela, sua voz presa nos milhões de minúsculas conchas que constituíam o Giz.

E ela estava nadando.

Grandes peixes estranhos vinham em sua direção, enormes, de aparência pesada e com dentes.

Nesse ponto, o Dr. Alvoroço[63] flutuou em sua mente e aproveitou a deixa. — *Dunkleosteus* —, disse ele enquanto uma criatura do tamanho de uma casa passava flutuando. O *Carcharocles Megalodon* era enorme e carnívoro; mais dentes do que Tiffany já tinha visto de uma só vez. Depois, havia os escorpiões marinhos; horrores blindados e com garras. Mas nenhum deles prestou atenção nela. Era como se ela tivesse o direito de estar ali.

E então apareceu uma criatura menor, uma explosão de espinhos azuis que notou Tiffany.

— *Echinoidea* —, sussurrou Sensibilidade Alvoroço.

[63] Pelo menos parte dele: suas memórias foram transferidas para a mente de Tiffany após um episódio no início de sua carreira de bruxa. O conhecimento de mago, um tanto pedante, especialmente de línguas antigas, às vezes era muito útil, como quando ela queria ler um menu peculiar em Ankh-Morpork. N.A.

— Isso está correto —, disse a criatura. — E eu sou a coroa do pastor. No fundo do meu coração está a pederneira. E eu tenho muitos usos. Alguns me chamam de ouriço-do-mar, outros de pedra de raio, mas aqui, agora, neste lugar, me chamem de coroa de pastor. Procuro um verdadeiro pastor. Onde pode ser encontrado um verdadeiro pastor?

— Veremos—, Tiffany se ouviu dizendo. — Eu sou Tiffany Dolorida e meu pai é um rei entre os pastores.

— Nós o conhecemos. Ele é um bom pastor, mas não o melhor. Você deve encontrar o rei dos pastores.

— Bem —, disse Tiffany, — sou apenas uma bruxa, mas ajudarei você se puder. Eu trabalho duro, principalmente para outras pessoas.

— Sim —, disse o equinoide. — Nós sabemos.

Estou falando com uma criatura do fundo do mar, pensou Tiffany. *Está certo, isso?* Primeiros Pensamentos, não Segundos Pensamentos, sua mente a lembrou.

— Que estranho —, disse a voz do Dr. Alvoroço em sua cabeça. — Mas não é tão estranho quanto cair na toca de um coelho com um baralho de cartas.

Deixe-me pensar sobre isso, diziam seus Segundo e Terceiro Pensamentos. *Se criaturas falantes do mar aparecessem em todos os lugares, todos nós saberíamos disso, então isso deve ser algo só para mim.*

A voz veio do nada, como se fizesse parte daquele oceano do Tempo: — Tiffany Dolorida é a primeira entre os pastores, pois coloca os outros antes de si mesma.

E a coroa do pastor estava quente em sua mão, uma luz dourada brilhando em suas profundezas. Uma herança transmitida de geração em geração de Doloridas: para Vovó Dolorida, depois para Joe Dolorida e agora para a própria Tiffany.

Então o mar se foi e ela estava de volta ao poço, mas a magia ainda estava lá, pois lentamente, ah, tão lentamente, ela podia ver ossos se libertando do Giz, subindo para se unirem... e formarem duas figuras.

Trovão e Relâmpago. Os cães pastores de Vovó Dolorida. Os melhores cães que qualquer pastor poderia ter. Cães para o primeiro entre os pastores.

Agora eles estavam a seus pés, com as orelhas em pé, e Tiffany sentiu como se quase pudesse estender a mão para tocá-los. Quase. Mas não totalmente. Pois se ela os tocasse, se fizesse parte deles, ela também seria levada para o Giz, para ser ossos como eles...?

— Venha, Trovão. A mim, Relâmpago —, ela sussurrou, os comandos familiares enchendo-a de coragem.

Então ela acordou de repente, de volta ao seu quarto; Você estava deitada sobre os pés dela e os enormes olhos de uma coruja pendurados na escuridão das árvores lá fora.

E alguém estava batendo na janela.

Enquanto a lua brilhava gloriosamente sobre os círculos de pedra, iluminando um caminho para seus filhos rebeldes, que cavalgaram em seu esplendor.

Capítulo DEZOITO

A COROA DO PASTOR



E LÁ ESTAVA O rosto de Rob Qualquerum e ele disse: — Os sarnentos estão invadindo, Madame Tiffany. Começou!

— Então grite “Disgraça” e solte o clã Mac Feegle! — Ordenou Tiffany enquanto um pequeno grupo de Feegles saía de debaixo da cama, de onde a vigiavam. Um deles parecia ter estado escondido em suas botas.   e que agora estava socando os cadarços com um grito de "tomem isso, seus pequeno papões nojentos e contorcidos!"

Botas, pensou Tiffany. Queria ter trazido as botas de Vovó Cera-do-Tempo para usar nessa luta. Eles teriam me dado força.

E então ela segurou esse pensamento. Não. Esta é minha terra. Minha herdade. Meus pés. Minhas botas. Minha maneira.

Mas ainda se repreendeu enquanto lutava para pôr o vestido e pensou que deveria ter dormido com roupas de guerra. Afinal, que tipo de líder é você?

Ao tropeçar para calçar as botas, ela sentiu um peso no bolso fundo do seu lindo vestido preto... e de lá tirou a coroa do pastor, que ela pensava ter colocado na prateleira. Será que o havia colocado lá mais cedo naquela noite? Preparando-se para aquele momento?

E para a lua ela disse: — O que é a coroa do pastor? A quem serve a coroa do pastor?

E a resposta despencou em sua mente. — Tiffany Dolorida, Terra sob Ondas.

Ela torceu rapidamente uma tira de couro em volta da pederneira e pendurou-a no pescoço. Ela iria para a batalha com seu poder em seu coração, pensou. O poder de gerações de Doloridas. O poder de Vovó Dolorida. De todos os pastores de todos os tempos.

Ela desceu correndo as escadas escuras e saiu pela porta, trancando-a atrás de si. E não ficou surpresa ao ver Você, a gata, empoleirada na frente de sua vassoura, ronronando e parecendo presunçosa, enquanto Beladona saía cambaleando do celeiro, com Arthur Piquininho Loco ao seu lado.

Então ela estava voando pela noite prateada com a elfa Beladona agarrada à cintura, Feegles pendurados nas cerdas e as corujas seguindo atrás dela como um verdadeiro esquadrão de aliados emplumados.

Em Lancre, Tia Ogg dormia e seus roncos poderiam ter cortado madeira. Houve uma leve e súbita explosão, que poderia talvez ser chamada de resmungo e Greebo, o gato, acordou e cheirou o ar.

Tia Ogg estava dormindo com suas roupas de dia. Afinal, ela pensara, ninguém sabia ao certo quando os elfos chegariam.

— Greebo, toque o sino do castelo —, Ela berrou.

O gato de repente não estava mais lá, embora houvesse agora um borrão de gato viajando em alta velocidade até o castelo, deixando o cheiro inconfundível de Greebo pairando no ar atrás dele; e quando o guarda o divisou vindo em sua direção, correu atrás dele até a torre do sino.

E enquanto o grande sino dobrava, a luz floresceu por todo o castelo com velas sendo acesas em todas as janelas, seguidas logo depois pelo resto da cidade de Lancre. O sino! Alguma coisa perigosa estava por vir?

No câmara real a rainha Magrat cutucou o marido, que ainda esfregava os olhos: — Verence, pode me ajudar a afivelar meu escudo, querido?

O rei suspirou. — Escute, por que não posso ir com você? Isto vai ser perigoso.

Magrat sorriu. O sorriso que se dava aos maridos amorosos, mas às vezes irritantes. Era uma discussão antiga. — Bem, alguém tem que ficar em casa —, disse ela. — Isto é como o xadrez, sabe. A Rainha salva o rei.

— Sim, querida —, disse o rei e abriu o armário que continha a armadura da Rainha Ynci. Ynci foi a rainha guerreira mais temível que Lancre já teve. Bem, assim diziam as histórias, já que ela nunca existiu de fato. Mas o povo de Lancre não deixaria que uma coisa tão pequena como essa os impedisse de adicioná-la à sua história; e por isso um

conjunto de armadura foi feito para acompanhar uma pintura dela. Magrat usara a armadura na última vez que enfrentara aos elfos e lhe parecia adequado usá-la novamente.

Quando a porta se abriu, Magrat pensou ter ouvido um som sutil de um chamado às armas. A armadura da Rainha Ynci tinha vida própria e sempre brilhava, mesmo no escuro. Verence ajudou-a a afivelar a armadura de cota de malha (que ela secretamente pensava como *femeadura*); para então calçar as sandálias de sola grossa repleta de pontas e finalizando com o capacete alado. A última peça a ser colocada foi o talabarte de couro na cintura.

Verence quis abraçá-la, mas pensou melhor e não o fez. Havia muitas pontas afiadas ali, de qualquer maneira. Mas amava demais sua esposa, então tentou novamente se voluntariar para estar em algum lugar na luta que se aproximava.

— Magrat, meu amor — , murmurou, — parecerá tão vergonhoso se o rei não puder lutar também.

— Você é um rei muito bom, Verence —, disse a esposa com firmeza, — mas isso é trabalho de bruxa. E alguém tem que cuidar das pessoas e dos nossos filhos. — A Rainha – o que Magrat era, afinal – cambaleou sob o peso da armadura e sussurrou um pequeno encantamento. — Ynci, Rainha das Rainhas, deixa leve a armadura que tinhas. — E de repente ela se sentiu forte, mais forte do que nunca.

Ela pegou uma besta em uma mão, sua vassoura na outra e quase voou escada abaixo até o Salão Principal, onde as outras bruxas, em sua maior parte ainda terminando de se vestir, a receberam cada qual com uma suposição mais disparatada que a outra. Suposições disparatadas assumem muitas formas e cada bruxa, algumas ainda em roupas de

baixo, olhou para a Rainha e o que disparatadamente supôs ficou pendurado nas vigas do teto.

Na voz da Rainha Ynci, Magrat gritou: — De pé, meninas e vamos a eles.

— Já começou, senhoras; então vistam suas calcinhas mais resistentes e preparem suas vassouras! — Ela olhou para a única bruxa que estava completamente vestida e impecável em três minutos, para surpresa de todas. — E isso quer dizer você também, Senhora Lacrainha.

Houve uma pequena comoção no fundo do salão, depois um estrondo repentino e um grupo de bruxas estacou.

— O que está acontecendo? — Magrat gritou, ainda na voz da Rainha Ynci.

— É só a Sally Pequena Grandona Baixinha e Gorda: ela colocou os dois pés em uma só perna da calcinha! — A Senhora Proust esclareceu. Rodeada de bruxas, Sally Pequena Grandona Baixinha e Gorda – no momento pequena e atarracada, como uma trovoada baixa – foi rapidamente colocada de pé.

A Senhora Lacrainha parecia bastante presunçosa e disse: — Estive consultando às cartas. E os presságios são bons.

— Bem, os presságios custam dez por um centavo —, disse a senhora Proust. — Tenho um monte deles. E ao fim de tudo, somos todas bruxas.

Naquele momento o fantasma da Rainha Ynci tomou conta de Magrat, que disse: — Vamos voar.

No velho celeiro do senhor Aolado, Mefistófeles pousou suavemente o casco no corpo adormecido de Geoffrey. Pulhando do leito de palha Geoffrey descobriu que os velhos rapazes que estiveram se preparando para a batalha que se aproximava e estavam acampados com ele no celeiro, já estavam de pé e a postos.

Geoffrey olhou para os velhos. Eles passaram a maior parte da noite farreando e contando histórias dos dias em que eram todos jovens, bonitos e saudáveis e não precisavam beber água com tanta frequência.

Eles conseguiram fazer com que suas esposas lhes concedessem uma licença; e deram a entender que foram levadas a acreditar que seus maridos estavam no celeiro apenas para alguns drinques e reminiscências. E as esposas, como fazem as esposas, enfeitaram seus homens com grandes lenços, luvas com cordões e chapéus de lã com, ai deles, pompons no topo.

O capitão Façapaz – reconhecidamente o líder militar dos velhos – disse: — É hora de ir buscar a maldita engenhoca do Menino Risonho.

Geoffrey olhou para os guerreiros do capitão e suspirou internamente. Eles poderiam fazer aquilo? Eles eram velhos. E então ele pensou: é, eles são velhos. Mas tinham sido velhos por muito tempo, o que significava que aprenderam muitas coisas. Como mentir, ser astuto e, o mais importante, fingir.

— Vamos combatê-los nas montanhas. Lutaremos contra eles nas rochas. Lutaremos contra eles nas colinas e nos vales.[64] Jamais nos renderemos! — Rugiu o capitão Façapaz e houve aplausos em resposta.

---

[64] Havia muitos desses campos para escolher em Lancre, então ele tinha uma boa escolha de campos de batalha. Contanto que estivessem todos para cima e para baixo. N.A.

— Eles não vão gostar do que vai acontecer com eles! — Tabefe Tremido gritou, agitando no ar o que parecia ser uma baioneta enferrujada e, preocupantemente, fazendo jus ao seu nome. — Eles não vão gostar, ah, não, não vão!

Mefistófeles grunhiu quando Geoffrey o atrelou à sua carroça, que os velhos encheram de sacos misteriosos antes de beberem a noite toda. Depois, os dois seguiram os velhos para fora do celeiro.

O capitão Façapaz não precisou dizer aos seus homens para serem furtivos. Eles já eram. O problema estava em fazê-los correr e bem rápido. E furtivamente eles entraram na floresta e até mais adiante onde haviam escondido a engenhoca do senhor Aolado, camuflando-a com galhos.

Geoffrey observou-os levar o projeto do senhor Aolado para a clareira. E ele ficou lá parecendo ameaçador. Cercado pelos arbustos. Esperando seu momento. Como um enorme inseto.

Um com uma picada desagradável.

Perto do círculo de pedras chamado de Dançarinos, Lorde Lankin estava exultante. Seus elfos dançavam em volta das pedras, entrando e saindo e metaforicamente beliscando os narizes do Flautista, do Tocador de Tambor e do Saltimbanco, as pedras mais conhecidas. O poder do portão era fraco e o glamour dos elfos... assustador.

— Eles nem estão aqui, esperando por nós! — Lorde Lankin se regozijou. — Humanos estúpidos. Se descermos por aquela floresta, poderemos chegar ao centro de Lancre com uma só grande carga. E a lua está cheia e do nosso lado.

E sob o luar prateado, os elfos, alguns a cavalo, com os sinos tilintando e os arreios tilintando, desceram a colina em direção à floresta.

Mas quando se aproximaram da borda das árvores, Lankin viu um jovem humano sair para o caminho com um animal ao seu lado. Um bode.

— Quem é você, garoto? —, perguntei. — Saia da frente. Eu sou um príncipe dos elfos e você está no meu caminho. Mova-se ou mostrarei meu descontentamento.

— Bem —, disse Geoffrey, — não vejo por que deveria. Meu conselho para você é que dê meia-volta, senhor, e siga o caminho de volta; será ruim para você em caso contrário.

Lorde Lankin riu alto. — Vamos levar você embora, garoto, e as coisas que usaremos em você quando voltarmos para casa serão incrivelmente desagradáveis. Seu tormento, por denegar a um príncipe dos elfos.

— Mas por que, senhor? Não quero fazer mal a você. Eu não tenho armas. Não podemos nos acalmar em relação a isso? Parece que o deixei infeliz e lamento por isso. — Geoffrey fez uma pausa; ele estava tentando tecer a paz entre eles, mas era como tentar fazer uma pedra concordar com o vento. — Certamente nós dois somos pessoas civilizadas —, concluiu ele.

Lorde Lankin gritou: — Agora, jovem, você pisou no rabo da serpente.

Geoffrey disse calmamente: — Acredito que não seja esse o caso. Eu o conheço, senhor. Eu sei que tipo de coisa você é. Você é um

valentão. Eu sei sobre valentões, sim, eu sei! Eu os conheci durante toda a minha vida. E acredite, você não é o pior.

— Você não é nada, garoto. Nós vamos matar você de qualquer maneira. E por que um bode, posso perguntar? Eles são criaturas estúpidas.

Geoffrey percebeu que sua calma se esvaía. Ele não valia nada. Um verme. Um menos que nada. Ele se sentiu impotente, um bebê novamente. E enquanto o elfo falava, um eco surgiu na mente de Geoffrey. Mesmo se eu deixar você viver, você não valerá nada. Desta vez era a voz do pai e ele ficou ali, imobilizado.

O príncipe elfo disse suavemente: — Está chorando, bebezinho? — Não —, disse Geoffrey, — mas pode ser que em breve você possa estar.

Pois agora seus olhos captaram, balançando em sua tira de couro no peito do Lorde, o brilho da pele de raposa vermelha; e ele sentiu a raiva começando a crescer. — Não estamos aqui para ser sua... caça —, ele afirmou, expulsando o glamour de sua mente com um enorme esforço de vontade.

Ele estalou os dentes e Mefistófeles estava sobre o elfo.

E foi como um balé, mas acelerado. O Unha-de-Talha-das-Trevas executou uma cabriola toda ela cheia de efeitos perigosos. Ele usou os dentes primeiro, depois escoiceou forte com as pernas e terminou usando os chifres. Lorde Lankin girava, chutado e sendo jogado no ar em todas as direções; e os outros elfos recuaram para se manterem fora do alcance do turbilhão.

E Geoffrey disse ao príncipe espancado: — Você é apenas um trapaceiro. E descobri o seu truque. — Ele gritou: — Ele caiu, cavalheiros. É hora de os expulsar.

Os galhos se separaram e houve um som forte e vibrante, como o produzido pela corda de um arco que se solta, enquanto o senhor Aolado gritava:

— segurem seus chapéus, rapazes e cubram os olhos —, e a engenhoca cantou, balançando no ar, enchendo-o com um brilho de limalha e morte terrível que veio do nada para cair sobre os elfos.

Tabefe Tremido aplaudiu. — Eles não vão gostar disso caindo sobre eles! Ah, não vão mesmo!

— Limalha —, disse Tia Ogg com aprovação, de um lado da floresta, onde ela e algumas das outras bruxas estavam esperando; preparadas para o que o capitão Façapaz chamou de movimento de pinça, com a Senhora Lacrainha e demais bruxas do outro lado. — Pedacinhos de ferro —, disse Tia Ogg às bruxas que estavam com ela. — Muito pequenos. Muito esperto. Jogue isso sobre os elfos e eles ficarão em um mundo de dor. Pequenos pedaços de ferro por todos os lugares. E, enfatizo, em todos os lugares.

A *máquina do Pau e Balde de Lancre* cantou novamente. E de novo. E cada som repicado era seguido por gritos de guerra de batalhas antigas, rivalizando com os dos Feegles. Neste dia, os velhos garotões eram mais jovens do que pensavam.

Os elfos estavam verdadeiramente reduzidos a nada, gritando de dor por conta do terrível metal que lhes tirava o glamour e os deixava caídos, se contorcendo. Muitos se arrastaram colina acima em direção

aos Dançarinos, enquanto aqueles que haviam escapado da chuva de limalhas agora se viam imprensados pelas bruxas.

De um lado, Magrat atacou para tornar a vida virtualmente impossível para os restantes, sua armadura a protegendo do glamour enquanto sua besta disparava setas mortais contra eles; com fogo voando das pontas de seus dedos, forçando a queda daqueles que haviam cavalgado para a batalha em talos de mil-em-rama, seus caules consumidos pelas chamas.

Do outro lado, os elfos foram atacados pela Senhora Lacrainha. E eles realmente não sabiam como lidar com ela. Ela gritava com eles como uma terrível diretora de escola; e não eram capazes de chegar até ela, sendo ela era imune a seu glamour. Ela também tinha um guarda-chuva que havia aberto e era incrível como aquilo era um problema para os elfos, com seus raios de metal cutucando-os e atingindo pontos sensíveis.

— Esta senhora não é de recuar —, vociferou a senhora Lacrainha. Ela avançou entre eles como um redemoinho e como estivessem caídos pelo chão, Sally Pequena Grandona Baixinha e Gorda tornou-se muito gorda e pesada, saltando de cima para baixo e caindo sobre eles. Enquanto isso a Senhora Proust atirava as novidades de sua loja de brincadeiras – novidades que agora funcionavam como anunciadas – sobre os elfos, prendendo-os em cachos de feitiços que capturaram seu glamour e o tomavam para si.

As bruxas mais jovens entravam e saíam da confusão, mergulhando dos céus em suas vassouras, lançando feitiços em todos os elfos que viam: o fogo queimando-os onde estavam, o vento soprando poeira nos rostos dos cavalos e a loucura em suas mentes, de tal forma que os cavalos empinaram, jogando seus cavaleiros élficos no chão.

Depois houve o esmagamento quando Tia Ogg veio à baila com as suas grandes, grandes botas.

Aquelas com pregos por toda parte.

Petúlia estava cara a cara com um elfo e uma batalha diferente estava acontecendo: o elfo lançava seu glamour para ela, fragmentos de glamour cintilantes brilhando no ar entre eles; e Petúlia revidou com a sua voz suave e sua força de vontade, com suas palavras hipnóticas, irresistíveis, aborrecendo o elfo como aborrecia os seus queridos porcos, embalando-o até que caiu dramaticamente a seus pés.

— Rá! Mais fácil que com porcos! — Foi o comentário de Petúlia. — Menos inteligentes. — E voltou-se para o próximo oponente.

E em uma pausa, lá estava Hodgesaargh, com seu gerifalte favorito no pulso; a Dama Elizabeth, um falcão descendente da famosa Dama Jane. Ele tirou o capuz e o pássaro se lançou alegremente na briga, atingindo o elfo mais próximo entre os olhos com suas garras afiadas. E depois usando o bico, começou a trabalhar.

Quando tinha que ser, a batalha por Lancre terminou rapidamente. A Rainha Magrat trouxe todos os elfos sobreviventes diante dela.

— Até os trasgos são mais espertos do que vocês; eles trabalham conosco hoje em dia —, ela disse a eles, alta e forte em sua armadura de espinhos, as asas em seu capacete prateadas ao luar. — Já estamos fartos disto. Vocês poderiam ter tido tudo. Agora, vão para seus espaços abandonados. Voltem como bons vizinhos... ou não voltem.

Os elfos se encolheram. Mas Lorde Lankin, com seu traje de guerreiro agora apenas em farrapos e seu corpo ensanguentado pela terrível limalha, sibilou em desafio para eles enquanto se arrastava para

longe. — Vocês podem ter vencido esta batalha —, ele rosnou, — mas não a guerra. Pois o nosso Senhor Flor-de-Ervilha ainda fará com que este mundo se curve diante de nós.

E então eles se foram.

Tia Ogg disse seriamente: — Que me parecer, meninas, que a coisa é assim. Lutamos contra os elfos e, a cada vez, eles sempre voltam. Talvez possa ser uma coisa boa? Para nos manter alerta, para nos impedir de ficarmos preguiçosas. Para nos colocar na bigorna, para que nos lembremos de como lutar. E no fim das contas, viver é lutar contra tudo.

Ela riu, porém, quando ouviu os velhos cavalheiros subindo a colina cantando —, *Havia uma moça de Quirm, com coxas de puro cetim.* — E o resto da música sumiu enquanto o capitão se lembrou bem a tempo de como aquele verso terminava.

O Capitão Façapaz inclinou-se para Tia Ogg e disse: — Eles vieram através dos Dançarinos, certo? Vamos colocar um anel de limalha em volta das pedras. Isso seria o fim da diversão deles. Eles ficariam trancados do lado de dentro para sempre.

— Bem, acho que seria um bom começo —, disse Tia Ogg.

Mas Lorde Lankin tinha razão numa coisa. Os elfos poderiam ter perdido a batalha em Lancre, mas a guerra ainda não havia terminado. Pois, muitos quilómetros à frente em direção à borda do Disco, Lorde Flor-de-Ervilha estava de fato cavalgando através do círculo de pedras no Giz, com um bando de guerreiros de elite às costas.

No monte Feegle houve um grande tumulto enquanto os Nac Mac Feegles saíam de todos os cantos para lutar. Havia calor e barulho em todo o canto. Você poderia chamá-lo de algo como um cupinzeiro

crescido, não na frente dos Feegles, a menos que você gostasse de procurar seus dentes do chão, mas havia a mesma agitação. Poderíamos até dizer que a vanguarda estava avançando, mas sendo os Feegles o que eram, havia disputas nas fileiras que, como todos sabiam, eram apenas mais um hábito do clã.

Quando Tiffany chegou ao monte com Beladona, a multidão se espalhou na direção das pedras.

Os elfos haviam tomado ao portal.

E agora se dirigiam até eles; um glorioso grupo de senhores e damas, resplandecentes ao luar. O ar estava denso com seu glamour.

A Senhorita Umaturga estava esperando. Uma Senhorita Umaturga com uma tábua apoiada em algumas varas que ela habilmente amarrou para formar um cavalete. E no quadro estava escrito PLN. Com a determinação de uma professora de não deixar que nada a interrompesse no meio de qualquer tipo de aula, sua voz insistente exigia a atenção dos jovens Feegles enquanto ela amarrava uma estranha rede, um emaranhado de nós e laços intrincados e cuidadosamente tecidos, em sua vassoura.

— Lembrem-se, quero que você mantenham tudo em uma só peça —, ela dizia severamente.

Então, em poucos minutos, começou a confusão. Na verdade, a confusão das confusões.

Houve como que um comichão no ar e Tiffany reconheceu a onda de eletricidade estática. Como podiam os elfos ser tão estúpidos, pensou ela, a ponto de atacar no meio de uma tempestade? Eles não se lembravam de como ela havia usado Trovões e relâmpagos para derrotá-los antes? O céu estava estalando. Os cabelos de sua cabeça se

arrepiaram. Ela podia ver sinais de uma chuva torrencial acontecendo em todos os lugares e podia reconhecer a preparação para uma enorme tempestade.

Enquanto a gaita-de-foles de pelo de rato de Billy Piquininho Queixudo guinchava um hino de batalha, perfeitamente afinado para atacar os ouvidos dos elfos, ouviu-se um grito distante vindo de um trem em Duascamisas. Um rugido de ferro e aço, um berro que gritava: Este não é um mundo para elfos!

Feegles e elfos estavam lutando agora; uma luta sem quartel de nenhum dos lados. Tiffany percebeu que os Feegles estavam lidando com as coisas de uma maneira especial; o que incluía investir sob as roupas dos elfos e combatê-los por dentro. Se havia algo que um elfo realmente odiava, era ter suas roupas rasgadas, e um olho roxo também não ajudava muito na imagem. Você não pode ser gentil com um olho roxo, pensou Tiffany.

De repente ela começou a rir. Já fazia muito tempo que ela não via Horace, o Queijo,[65] mas agora ela o viu rolando pesadamente sobre cada elfo caído e depois que eram esmagados os Feegles mais jovens começaram a trabalhar também, principalmente com suas botas pesadas e com seus porretes curvos de diversão que se enrolavam no ar, batendo na cabeça dos elfos e depois voltando alegremente para outra tentativa. E sim, havia Maggie no meio deles; uma filha de Feegle lutando ao lado de seus irmãos! E, de fato, lutando ainda mais furiosamente que seus irmãos. Tiffany pensou: Ela é como uma pequena Ynci. A donzela Feegle estava esperando por algo assim para provar seu valor, então ai de qualquer elfo que ficasse em seu caminho. Era um

---

[65] Horace era um queijo canibal, membro adotivo do clã Feegle. N.A.

pequeno passo para uma moça Feegle... mas um passo gigantesco para todas as mulheres Feegle!

A Senhorita Umaturga estava agora sobrevoando com uma estranha rede de corda dependurada sob sua vassoura e cheia de jovens Feegles. Enquanto ela puxava um nó após o outro, os Pequeninos Homens Livres iam caindo e mergulhavam de cabeça nos elfos abaixo. Bong! Pam! Bum!

Seguidos de um monte de "aaai!" da parte dos elfos.

E a bruxa também tinha pequenas garrafas com ela; infusões misturadas em sua carroça-casa que ela agora esvaziava alegremente sobre as cabeças dos cavalos dos elfos enquanto voava sobre eles. Havia uma pausa momentânea enquanto cada cavalo absorvia a mistura, depois seus olhos se cruzaram, seguidos rapidamente pelos cascos e ele se estatelava ao solo, perdendo o equilíbrio e jogando seu cavaleiro no chão para ser rapidamente coberto por Feegles.

Convocada por Hamish, Letícia havia chegado agora e caía do cavalo, com determinação no rosto e cota de malha emprestada por cima do vestido. Ela de alguma forma fluía através dos elfos, havia uma certa magia nisso, como se ela fosse uma deusa da água, fluindo por toda parte: sem pensar nisso, mas também sem parar com a coisa. De repente, os cavalos élficos que ainda estavam de pé ficaram atolados em um pântano, e os Feegles estavam lá para mantê-los no lamaçal.

Mesmo assim, parecia que os Feegles, a Senhorita Umaturga e Letícia não estavam realmente levando a melhor sobre os elfos. Apesar dos Pequenos Homens Livres investirem nas roupas íntimas élficas e rasgá-las, Tiffany percebeu que os Nac Mac Feegles estavam realmente em perigo de perder.

Beladona apontou Flor-de-Ervilha montada num cavalo preto e Tiffany voou para enfrentar o líder dos elfos. Seus asseclas se espalharam quando ela chegou; eles tinham visto a expressão no rosto de Tiffany.

Flor-de-Ervilha estava rindo. — Ah, a garotinha do campo. Como estou feliz em ver você!

Ela sentiu o apelo do glamour dele, mas a raiva era uma ferramenta útil e ela odiava aquele rosto sorridente. Era tão egocêntrico. E amava a si mesmo além de qualquer outra coisa.

— Flor-de-Ervilha é um nome muito estúpido para um elfo do seu tamanho —, disse ela de forma algo infantil.

E então, de repente, o elfo saltou do cavalo para ficar diante dela com um sabre nas mãos; e sua risada havia desaparecido, restando apenas maldade em seus olhos.

Uma voz disse: — Não toque nela, Flor-de-Ervilha.

E Beladona estava dando um passo à frente, seu glamour totalmente restaurado e brilhando gloriosamente; seu cabelo com mechas prateadas ao luar, suas novas asas resplandecentes. Ela se punha como uma rainha novamente, seu olhar movendo-se lentamente sobre os guerreiros atrás de seu traiçoeiro Lorde; e tal era o poder da sua presença que até os Feegle fizeram uma pausa no silêncio gelado.

— Por que vocês seguem esse... elfo pérfido? — A Rainha exigiu saber dos outros elfos. — Eu sou sua rainha legítima e digo que vocês não precisam fazer isso. Existem... outras maneiras. — Ela girou sem sair do lugar, com suas vestes de veludo também girando em torno de seu corpo esbelto. — Eu aprendi isso. E essa garota — , ela apontou para Tiffany, — é minha amiga.

Tiffany não conseguiu impedir o que aconteceu a seguir.

— Amiga? —, cuspiu Flor-de-Ervilha. — Não há amigos para os elfos.

Ele ergueu o braço e seu sabre atravessou Beladona com um terrível som sibilante. A Rainha Élfica caiu no chão aos pés de Tiffany, onde ela se contorceu por um momento que pareceu durar uma vida inteira, uma miríade de rostos e formas aparecendo e desaparecendo, ganhando e perdendo substância, antes de finalmente ficar imóvel em uma confusão desamparada. Tiffany recuou em estado de choque. Flor-de-Ervilha matara a Rainha das Fadas!

Pior, ele havia matado sua amiga.

Flor-de-Ervilha, exultante, voltou para Tiffany seu rosto afilado e impiedoso. — Você não tem amiga agora!

De repente, o ar estava pleno de gelo. — Você matou um dos seus para chegar até mim, seu elfo amaldiçoado —, Tiffany disse, sua voz fria, uma raiva incandescente fervendo dentro dela. — Ela queria explorar um novo caminho, uma aliança entre humanos e elfos, e agora você a matou.

— Sua garota estúpida! — Provocou Flor-de-Ervilha. — Você acha que pode se pôr contra mim? Que tola você é! Nós, elfos, conhecíamos bem a bruxa que já andou pelos confins deste mundo... mas você, você é apenas uma criança, cheia de orgulho porque já teve sorte contra uma rainha fracassada. — Ele olhou com desprezo para o pequeno monte que outrora fora a Rainha de Feéria. — E agora verei você morta, ao lado de sua amiga. — Ele cuspiu a última palavra e seu glamour serpenteou em direção a ela, rastejando em sua mente, em seus pensamentos.

Veio repentinamente à memória de Tiffany a voz de Tia Ogg dizendo a ela: Vovó Cera-do-Tempo disse a mim que era você quem iria

cuidar do futuro. E sendo jovem, isto significa que você tem um monte de futuro pela frente. Bem, parecia que Vovó Cera-do-Tempo poderia estar errada. Ela não tinha muito futuro pela frente.

Ela havia falhado para com todos.

Ela havia tentado ser a bruxa de duas herdades. E havia decepcionado a todo mundo.

Ela tinha ido até o Rei dos Elfos. E ele a rejeitara.

Ela havia se feito amiga de Beladona. E agora a Rainha dos Elfos estava morta.

E estava enfrentando um poderoso lorde elfo que iria matá-la. Ela merecia morrer.

Ela estava sozinha.

E então ocorreu a ela. Ela não merecia morrer. E ela não estava sozinha. Ela nunca esteve. Não enquanto sua terra estivesse sob suas botas. A terra dela. A terra dos Dolorida.

E ela era Tiffany Dolorida. Não Vovó Cera-do-Tempo, mas uma bruxa por direito próprio. Uma bruxa que sabia exatamente quem ela era e como queria fazer as coisas. Da sua maneira. E ela não falhara, porque mal começara.

Ela se pôs alta. Glacial. Furiosa. — Você me chamou de garota do campo —, ela disse, — e eu cuidarei para que o campo veja você morrer.

A terra estava falando com ela agora, preenchendo seu interior, pondo a parte o glamour do lorde elfo como se não fosse nada e o ar crepitou como um relâmpago. Sim, ela pensou. Trovão e Relâmpago. Os dois cães já haviam partido há muito tempo, enterrados nas colinas ao lado de Vovó Dolorida; mas a força deles estava com ela.

E ela estava firme, seus pés sobre a turfa e o murmúrio do antigo oceano abaixo crescendo sob suas solas. Terra. Água.

Ela ergueu os braços. — Trovão e Relâmpago, eu os convoco. — Fogo e Ar. Enquanto ela canalizava o poder dos dois cães pastores, no ar cintilou um relâmpago e um estrondo de trovão. A coroa do pastor brilhou dourada em seu peito, – no coração de tudo, na alma e no centro de seu ser – com uma a luz dourada subindo desde o ápice para cercá-la, protegê-la, adicionar sua energia à dela.

E o céu partiu-se ao meio.

Nunca houve uma tempestade assim. Plena de vingança e logo os elfos estavam correndo, ou melhor, tentando fugir porque os Feegles estavam no caminho deles e os Pequenos Homens Livres não gostavam dos elfos. Em meio à carnificina e aos gritos, Tiffany teve a impressão de que ela não estava mais no comando. Ela era apenas um canal para a ira do Giz.

A terra sob seus pés tremia, tremendo como um animal ferido na coleira, ansiando por ser livre. E a coroa do pastor brilhava como uma coisa viva diante dela.

Uma coroa de pastor, não uma coroa real.

Uma coroa para a pessoa que sabia de onde ela veio. Uma coroa para a luz solitária que ziguezagueia pelo céu noturno, à caça de um único cordeiro perdido.

Uma coroa para a pastora que estava lá para afastar os predadores.

Uma coroa para a pastora que podia trabalhar com os melhores cães pastores que se poderia desejar.

Uma Coroa de Pastor.

E ela ouviu novamente aquela voz: Tiffany Dolorida é a primeira entre os pastores, pois coloca os outros antes de si mesma.

Um rei dos pastores. Não... uma rainha.

Ela sentiu que precisava se desculpar com a coroa. Desculpar-se por permitir a esses elfos virem até ali e ameaçarem a esta terra; e então ela disse num sussurro: — Eu sou Tiffany Dolorida e meus ossos estão no Giz. Que o Giz se purifique!

E o mundo mudou.

Na cidade de Ankh-Morpork, Hex cuspiu um cálculo para o mago Ponder Stibbons que o requerera; e ele viu que a resposta estava sublinhada.

Uma roda de orações girou no mosteiro de Oi Dong e os monges curvaram-se em gratidão.

Enquanto um garotinho tomava a mão da mãe no Agora Viajante[66] e dizia: — Mamãe, todos os grandes malvados se foram... Ele tinha um trenzinho de madeira em sua outra mão e uma pequena mochila de ferramentas pendurada no ombro. Talvez ele seja um engenheiro neste novo mundo quando crescer, pensou sua mãe.

---

[66] No original "travelling now". Uma dimensão fora do tempo-espaço onde habita a maga Eskarina Smith, personagem que apareceu em *Equal Rites* [Direitos Iguais, Rituais Iguais], de 1987 e *I Shall Wear Midnight* [Me Vestirei de Meia-Noite], de 2010, penúltimo romance da série Tiffany Dolorida. N.T.

E em Feéria houve um repentino som estalante, como se um fio que ligasse aos dois mundos tivesse se rompido de repente.

A luta ainda estava acontecendo – era difícil deter aos Feegles depois que eles começavam – e Tiffany passou por ela como se estivesse em um sonho. Os elfos estavam tentando fugir agora, mas o chão parecia segurá-los e ela sussurrou: — Peço ao Giz que me traga o Rei dos Elfos!

A dança pesada da terra tinha agora um ritmo diferente.

A poeira voou e de repente apareceu o Rei dos Elfos; o fedor e seus longos cabelos e chifres eram inconfundíveis. Ah, aquele fedor! Aquilo tinha vida própria. Mas de certa forma, pensou Tiffany, era um fedor masculino de vida.

O enorme corpo se inclinou ante ela.

— E aqui estamos, Madame Tiffany. Não que possa dizer que me alegre ao nos encontraremos novamente —, disse o rei. — Mas devo me confessar... surpreso. Você já me surpreendeu antes —, ele refletiu, — com o presente que me deixou. Um... galpão. O que vocês, humanos, fazem com esse lugar que vocês chamam de galpão? — Ele parecia intrigado.

— É um lugar para... interesses em comum. Onde o futuro pode ser moldado —, disse Tiffany. — E um lugar em aqueles que viveram muitos anos possam usar para se lembrar.

— Tenho muitas lembranças —, disse o Rei. — Mas eu não sabia que você tinha o poder de me oferecer novos entretenimentos, de me atrair para novos prazeres. Muito poucos neste mundo ou em outros são capazes de fazer isso.

E agora, pensou Tiffany, o Rei dos Elfos a via como mais do que uma garotinha. Com essa reunião ela obteve respeito. Mas ele também merecia respeito, então ela inclinou a cabeça na direção dele, mas só um pouquinho.

— Possa eu pedir desculpas pelos cabeças quentes do meu reino —, ele continuou preguiçosamente, sua voz suave e deliciosa. — Eu os considero um grande incômodo. E muito possivelmente, você também os considere assim. — Olhou para o trêmulo Flor-de-Ervilha e depois para o cadáver de Beladona. — Você, elfo, matou minha rainha, minha senhora Beladona, só por despeito —, ele rosnou. E o Rei dos Elfos levantou-se em toda sua altura e esbofeteou Flor-de-Ervilha com uma mão letal, deixando ali a carcaça; seu uso descuidado e casual de violência chocou Tiffany, apesar de tudo que ela sabia sobre elfos.

— Lamento ter que fazer isso —, disse ele, — mas eles não entendem outra linguagem. O universo gira, infelizmente; acontece e temos que nos acomodar a mudança ou deixá-lo. Este é um mundo bom que temos aqui, madame —, disse o Rei ainda. Deu um encolher de ombros. — É uma pena isso do ferro. Mas talvez, à medida que o universo gire, Madame Tiffany, possamos nos encontrar novamente, num rumo diferente e em circunstâncias mais felizes.

— Sim —, disse Tiffany, — Talvez possamos. Agora, saia da minha terra. — A voz dela era dura. E no ar ouviu-se o som agudo de um apito, com um guincho de resposta quando o trem matinal saiu da estação Duascamisas. — Ouça, Vossa Majestade. Essa é a canção do cinco vinte e cinco para Lancre; e esse é o seu futuro, meu Lorde. Uma vida inteira de metal se você ficar.

— Esses mecanismos são interessantes. Há ferramentas no meu galpão e me pergunto se tais "trens" poderiam ser feitos. sem ferro

—, disse o rei, acrescentando melancolicamente: — Sou um homem de magia, então deveria ser capaz de ter tudo o que quisesse.

— Mas você não pode —, disse Tiffany. — As ferrovias não são para você.

E pareceu-lhe, quando ele se foi, que o Rei dos Elfos estava pensativo.

E enquanto os últimos elfos deslizavam para voltar mancando a suas terras, ela se virou para Rob Qualquerum. — Rob, vamos enterrar a Senhora Beladona aqui, onde ela caiu —, disse ela calmamente. — Vou sinalizar o local com um marco de pedras. Vamos nos lembrar deste dia. Nós nos lembraremos dela. — Depois acrescentou suavemente, quase para si mesma: — Precisamos nos lembrar.

Capítulo DEZENOVE

PAZ



À MEDIDA QUE A MANHÃ AVANÇAVA para se tornar dia, os Feegles estavam se preparando para um banquete de bebidas, comidas e mais bebidas e histórias contadas, algumas das quais eram maiores do que os próprios Feegles.

Rob Qualquerum olhou para Tiffany e disse: — Beem, o campo é da gente di novu, madame! Dê uma passada lá no monte. Jeannie adoraria ver ess' seu rostinho.

E Tiffany deslizou para dentro do monte, que parecia maior do que quando o vira pela última vez. O grande salão estava cheio de figuras saltitantes e kilts voadores, enquanto os Feegles dançavam seus *reels*[67]. Feegles adoravam uma dança a qualquer momento; o impacto da bota na terra era como um desafio ao universo. Então, é claro, cada Feegle

---

[67] Dança escocesa. N.T.

queriam que todos os outros Feegles soubessem o quão bem haviam se comportado contra os elfos.

Cada um dos Feegles mais jovens queria que Tiffany – sua bruxa das colinas – soubesse o quão corajoso ele tinha sido. Enquanto eles se reuniam a sua volta, ela disse: — Quais são seus nomes, rapazes?

Callum Piquininho, um pouco sem palavras, disse: — Eu sou Callum, senhora.

— Prazer em conhecê-lo —, disse Tiffany.

— Eu também, madame; e este é meu irmão, Callum.

— Vocês dois? — Ela perguntou. — E Não causa confusão?

— Ah, não, eu sei quem eu sou e ele sabe quem ele é, assim como nosso outro irmão Callum.

— E você gostou da luta?

— Ah, sim, nós atacamo eles muito do bem o suficiente. O Grande Homem é um mestre em tarefas difíceis, cê sabe. Ele toma conta p'a que nóis aprenda manejar a maça, a lança e o machado. E, claro, os pés. E quando nós três pegava um dos sarnentu no chão, era para isso que servia as botas.

Os velhos estavam marchando pela rua.

E eles tinham uma nova canção agora, que começava: "Ao lado, de lado, uma vida de soldado!" E a cada verso e a cada passo, eles ficavam mais retos e mais fortes.

— Ao lado, de lado, uma vida de soldado!

— Pelo rei, pelo rei, pelo rei e a quem consigo, nóizinhos pequeninos, derrotamo o inimigo.

— E de cima sobre eles, e de cima sobre eles, de limalhas nós cobrimos!!

E aqueles que tinham esposas as beijaram – e as esposas não viam seus maridos tão ariscos há anos – e então foram até o pub para contar tudo aos amigos.

Com uma cerveja descansando alegremente na mão, o capitão Façapaz sentou-se em um marco do lado de fora do pub e declamou: — Povo de Lancre. Nós, poucos, e pouco felizes também, e talvez um pouco extremamente idosos, demos uma boa surra naqueles elfos horríveis. Dizem que os velhos esquecem, mas nós não esqueceremos. De jeito nenhum. Pensávamos que éramos velhos; mas hoje descobrimos que ainda somos jovens.

E então chegou a hora de mais uma rodada de bebidas. E outra, com todos querendo pagar uma rodada para os velhos, até que ficar de pé não fosse mais uma opção. E ainda assim o grito continuava: Será que tem tempo para mais uma?

Quando a lua surgiu para anunciar as horas de escuridão já próximas do dia seguinte, lá estava Geoffrey em sua vassoura, que mais uma vez pairava no ar. Tiffany gritou para ele: — Ainda não sei como você consegue fazer isso!

— Não faço ideia, Tiffany; todo mundo não pode? — Ele respondeu. — Vamos perguntar, pois aí vem todo mundo.

E de fato, agora chegavam as outras bruxas, lideradas por Tia Ogg e Magrat. Era hora de olhar para o futuro mais uma vez; um futuro que

não estivesse tão cheio de elfos. Mas o presente, bem, o presente foi preenchido com conversas e fofocas de bruxas enquanto as histórias das duas batalhas eram compartilhadas.

Rob Qualquerum ateou fogo a um farol e Tiffany observou as últimas bruxas circulando até que houvesse espaço, e então vindo para pousar uma após a outra. Nenhuma deixou a vassoura pairando, no entanto; parecia que Geoffrey era o único capaz de fazer isso com sua vassoura.

— Me pergunto se eles não vão voltar, sorrateiramente —, disse Tia Ogg depois de um tempo. — Não pode confiar muito no Velho cabeludo. Ele estava tentando encantar você, Tiff, pelo que você disse.

— Eu sei, mas não estou encantada —, disse Tiffany. — Não desde que o único elfo que tentou ser um bom elfo está morto. Marcamos o local onde a enterramos, Tia. E se eles tentarem voltar, estaremos prontos para eles. Podemos colocar ferro nas pedras aqui no Giz, como vocês fizeram com os Dançarinos de Lancre. — Sua voz endureceu. — Há ferro em minha alma agora. E lidarei com eles com ferro, caso ousem voltar.

— Bem —, disse Magrat, a Rainha, — já os derrubamos tantas vezes que acho que ele quis dizer o que disse. Acho improvável que eles voltem.

— Vou beber a isso então —, disse Tia Ogg.

— Senhoras, enquanto ainda estamos reunidas —, disse Tiffany, — quero falar com vocês sobre Geoffrey. Ele tem sido de grande ajuda para nós; e sei que todas vocês viram como ele transformou os velhos de Lancre numa força de combate. Ele é inteligente, astuto e cuidadoso. Ele sabe ouvir. E ele tem uma espécie de magia.

— Isso é verdade —, disse Tia Ogg. — Todo mundo gosta de Geoffrey. De alguma forma, ele parece entender a todos. Acredite em mim, até mesmo algumas das garotas mais velhas ficariam muito felizes se ele lidasse com suas dores e sofrimentos e coisas piores. Ele acalma as pessoas. Todos vocês sabem disso. Ele próprio está sempre calmo; e a calma permanece mesmo quando ele vai embora. Ele não apenas anima as pessoas. Depois que ele se vai, elas ficam de alguma forma muito melhores; como se a vida ainda valesse a pena. Pessoas assim, como Geoffrey, bem, elas tornam o mundo, melhor.

— Concordo plenamente com você —, disse a senhora Lacrainha.

— Você concorda comigo? — Disse Tia Ogg, quase sem palavras.

— Sim, minha querida, concordo.

E Tiffany pensou: finalmente teremos paz. — Obrigada, Geoffrey —, disse ela baixinho.

— Agora que estamos todas aqui —, continuou ela em voz alta, — devo dizer-lhes que não consigo administrar a herdade de vovó. Não vou mais dormir na cama dela. Porque eu não sou ela.

tia Ogg sorriu. — Me perguntava quando você faria exatamente isso, Tiff. Afinal, você tem que ser você mesma.

— Minhas raízes estão no Giz e o Giz é minha força —, continuou Tiffany. — Meus ossos farão parte dessas colinas assim como os da minha Vovó Dolorida.

Houve um murmúrio entre as bruxas. Todas já tinham ouvido falar de Vovó Dolorida.

— E também tenho botas muito boas. Assim como não posso dormir na cama da Vovó Cera-do-Tempo, também não posso calçar suas botas.

Tia Ogg riu. — Vou buscá-las na próxima vez que estiver no chalé, Tiff. Conheço as botas de Esme e conheço uma jovem bruxa para quem elas servirão muito bem.

— E falando em jovens bruxas —, acrescentou Tiffany, — a Senhorita Umaturga encontrou para mim algumas garotas com potencial. Posso mandá-los para as montanhas para começarem seu aprendizado? Precisarei de ajuda no Giz no futuro.

As bruxas assentiram. Claro que sim. Pois era assim que tudo era feito: as jovens, Nancy Upright e Becky Pardon, passariam algum tempo com as bruxas mais velhas e aprenderiam os rudimentos de seu ofício.

Tiffany respirou fundo. — E eu sugiro é que Geoffrey seja autorizado a cuidar do chalé e da herdade de Vovó Cera-do-Tempo para mim —, ela disse, olhando para Tia Ogg enquanto dizia isso e recebendo uma piscadela em troca.

Ela olhou para a Senhora Lacrainha e ficou surpresa ao vê-la acenar com a cabeça e dizer: — Ele é um jovem muito bom e decente e nós o vimos trabalhando; e agora vivemos na época das ferrovias, então talvez devêssemos mudar nossos hábitos. Sim, acredito que o senhor Geoffrey deveria cuidar da herdade de Vovó, digo, de Tiffany, em Lancre. Ele não é uma bruxa, mas certamente é muito mais do que o tipo normal de garoto-de-quarto. — E Tiffany via a mente da Senhora Lacrainha funcionando; e tinha certeza de que da próxima vez que visse a bruxa, haveria um rapaz em algum lugar em seu círculo de aprendizes.

Em voz alta, Tia Ogg disse: — Como você o chamou, Tiff? Um tecelão de Calma? Vamos deixar por isso mesmo por enquanto?

E Magrat queria falar, também. — Verence ouviu falar do que ele fez pelos velhos —, disse ela. — Ele acredita que deveria receber uma recompensa. E acho que sei exatamente o que seria adequado...

E assim, algumas semanas depois, Lorde Swivel ficou muito surpreso ao ver seu terceiro filho chegar orgulhosamente em sua grande carruagem, com um arauto ao seu lado[68] e uma flâmula com a insígnia real de Lancre tremulando ao vento. A mesma insígnia também estava num manto de veludo sobre os flancos de Mefistófeles.

— Permita-me anunciar a Sua Excelência, o Embaixador Real, Geoffrey Swivel —, proclamou o arauto, tocando algumas notas na trombeta que segurava.

A mãe de Geoffrey soluçava de alegria, enquanto o pai – um homem na qual nenhuma tecelagem de calma funcionaria – ferveu por dentro de fúria quando teve que se curvar ao filho que tratara como um ninguém. Mas ninguém discutia com o poder de uma coroa.

No entanto, havia um propósito nesta visita. Depois dos habituais reverências, rapapés e flexões gerais dos joelhos que qualquer emissário real consideraria como o que lhe era devido, Geoffrey sorriu para o grupo reunido e disse: — Pai, tenho notícias animadoras! Nós que estamos no campo podemos nos sentir negligenciados pelos que vivem na cidade grande, mas garanto que não é esse o caso. De fato, registaram-se recentemente desenvolvimentos importantes no campo

---

[68] Shawn Ogg, em mais um de seus muitos cargos junto à realeza de Lancre. N.A.

da... construção de galinheiros. Alguns jovens em Ankh-Morpork. jovens cujos pais têm o poder de satisfazer os seus desejos —, e ele bateu no nariz com o dedo para mostrar que esperava que seu pai conhecesse esses pais importantes.

— E tais jovens perceberam então que poderia ser desnecessário agora caçar a velha e astuta Senhora Risoleta para proteger nossas galinhas —, Ele sorriu, radiante. — Eles então criaram um novo tipo de galinheiro que é totalmente imune às raposas. E você, pai, é o sortudo proprietário de terras que foi escolhido para testar este novo projeto.

Enquanto seu pai balbuciava e seu irmão Hugh gritava "Viva!" sem nenhum motivo específico, exceto porque parecia que alguém deveria fazer isso, Geoffrey olhou em volta. Ele podia ver o rosto de sua mãe. Normalmente ela parecia alguém que o mundo havia pisado tantas vezes que era quase um convite para qualquer outra pessoa pisar nela também, mas agora ela estava ereta, com o queixo erguido.

— Harold. Nosso filho fez maravilhas e aqui está um rei honrando-o e tratando-o como um amigo —, disse ela com orgulho. — E não me olhe assim, Harold, pois hoje é meu dia de falar. E a rainha de Lancre me convidou para visitá-la —, acrescentou com satisfação.

Houve um balido de Mefistófeles e quando o pai de Geoffrey se virou para ir embora, o bode virou as costas e deu um coice duplo dos cascos diabólicos direto na garupa de Lorde Swivel, seguido por um peido estridente que quase, mas não totalmente, encobriu o barulho do homem caindo de cara no chão.

— Um bode utilíssimo em manobras ofensivas — , Geoffrey murmurou para McTavish, que havia chegado e parado a seu lado.

O velho cavalariço olhou em volta. — E um bode que seu pai não pode tocar —, ele disse com uma piscadela. — Não com aquele manto chique nas costas. — Ele bufou. — Mas, vou lhe dizer, Mefistófeles ainda não é fácil para o nariz; ele até cheira ainda pior do que eu me lembrava.

— Sim —, disse Geoffrey, — mas ele pode subir em árvores. E usar uma privada. E até contar. E é uma criatura estranha; pode transformar um dia sombrio em um dia claro. Olhe nos olhos dele algum dia.

E McTavish olhou e depois desviou o olhar apressadamente.

Epílogo

UM SUSSURRO NO GIZ



DOIS DIAS APÓS a batalha, Tiffany conduziu um dos cavalos da fazenda até as colinas acima da fazenda. Era um dia perfeito de início de outono. Havia um céu azul maravilhoso, falcões-gerifalte gritando no alto e uma visão clara das distantes montanhas de Lancre.

Havia sempre um punhado de ovelhas nesta parte das colinas, independentemente do tempo. Nessa época do ano havia cordeiros meio crescidos batendo os calcanhares e se perseguindo enquanto as ovelhas pastavam nas proximidades. Aqui estava um marco bem conhecido para quem soubesse. Um lugar especial para ovelhas e criadores. O lugar onde Vovó Dolorida agora jazia sob a turfa.

Apenas as rodas de ferro da sua cabana de pastor e o velho fogão barrigudo com chaminé ainda eram visíveis, mas o chão, o chão era sagrado.

Tiffany olhava para aquilo toda vez que sentia o mundo esmagando-a; e ali, onde o vento nunca parava de soprar, ela sentia que poderia lidar com qualquer coisa.

Com a ajuda do cavalo e de uma corda forte, Tiffany retirou as rodas enferrujadas da turfa onde estavam cravadas; e meticulosamente as engraxou e recompôs novamente. Rob Qualquerum a observou por um tempo depois que ela rejeitou sua oferta de ajuda; em seguida, partiu com uma expressão confusa no rosto, resmungando sobre *Geas* e o que ele gostaria de fazer com eles.

No dia seguinte, Tiffany foi visitar o velho senhor Bloco, o carpinteiro local. Certa vez, ele fizera para ela uma casa de bonecas quando era pequena; agora ela tinha uma casa bem maior em mente.

Ele ficou satisfeito em vê-la, mas se assustou quando descobriu o que ela queria dele.

— Senhor Bloco, gostaria que me ensinasse o ofício de carpinteiro. Vou construir uma cabana para mim; uma cabana de pastor.

O carpinteiro era um homem gentil e se ofereceu para ajudar. — Você é uma bruxa —, disse ele. — Eu sou um carpinteiro. Uma pequena cabana como essa não me tomaria muito tempo. Sua avó foi muito boa para nossa família e você ajudou minha irmã Margaret. Ficarei feliz em fazer isso por você.

Mas Tiffany estava irredutível. — É muita gentileza sua —, disse ela, — mas todo o trabalho nesta cabana deve ser feito por mim. Será meu trabalho construí-la, do teto ao fundo, e vou rebocá-la para o lugar

onde sobem as cotovias. E ainda serei uma bruxa quando alguém precisar de mim. Mas eu viverei lá. — Sozinha, ela pensou consigo mesma. Por enquanto, pelo menos, quem sabia o que o futuro poderia trazer. e sua mão foi até o bolso, onde ela tinha a última carta de Preston para saborear.

E assim Tiffany aprendia carpintaria todas as noites depois de terminar o dia de trabalho. Demorou algumas semanas para terminá-la, mas finalmente havia uma nova cabana de pastor colocada perto do túmulo de Vovó Dolorida.

Havia três degraus até a porta de madeira e uma ferradura e um tufo de lã de ovelha, a marca de um pastor, já fora pregado ali. E o telhado arqueava-se sobre uma pequena sala onde ela havia construído uma cama, um pequeno armário, algumas prateleiras e um espaço pouco depois da cama, onde ela podia ver lá fora por uma pequena janela; ver claramente através das colinas, direto até o horizonte. E ela podia ver o nascer e o pôr-do-sol; e a dança da lua através de seus disfarces; a magia do dia a dia que não era menos magia por conta disso.

Ela carregou novamente o velho cavalo com o colchão e roupa de cama de seu quartinho na casa da fazenda e seus poucos pertences, despediu-se dos pais e subiu a colina sob o sol do fim da tarde.

— Tem certeza, Jiggit, que é isso que você realmente quer? — Perguntou seu pai.

— Sim, é —, respondeu Tiffany.

A mãe chorou e entregou-lhe uma colcha nova e um pão recém-assado para acompanhar o queijo que Tiffany preparara naquela manhã.

No meio da colina, Tiffany virou-se para olhar a fazenda e viu seus pais ainda de braços dados. Ela acenou e continuou subindo sem olhar

para trás novamente. Havia sido um longo dia. Todos os dias eram sempre longos.

Mais tarde naquela noite, depois de fazer sua pequena cama na cabana, ela saiu para pegar alguns gravetos. A gata branca, Você, seguiu logo atrás.

As pequenas trilhas do Giz eram muito familiares para Tiffany. Ela havia caminhado por elas com Vovó Dolorida anos atrás. E ao chegar ao bosque no topo da colina, Tiffany pensou ter visto alguém andando pelas sombras escuras sob as árvores.

Não apenas uma pessoa sozinha. Pareciam ser duas figuras, ambas estranhamente familiares. Ao lado delas, atentos a cada gesto, a cada aceno de cabeça, a cada assobio, trotavam dois cães pastores.

Vovó Cera-do-Tempo, Tiffany pensou. Lado a lado com Vovó Dolorida, com Trovão e Relâmpago as acompanhando. E as tênues palavras em sua cabeça vieram espontaneamente: Você é a coroa do pastor, Jiggit. Você é a coroa do pastor.

Uma das figuras olhou e deu-lhe um breve aceno, enquanto a outra fez uma pausa e se inclinou levemente ante ela. Tiffany retribuiu à vênia, solene e respeitosamente.

E então as figuras desapareceram.

No caminho de volta para a cabana, Tiffany olhou para a gata e, num impulso repentino, falou com ela.

— Onde está Vovó Cera-do-Tempo, Você?

Houve uma pausa e a gata soltou um longo miado, que parecia terminar com um "Miau" terminando com "em"... toda parte. — E então

ronronou como qualquer outro gato, e esfregou a cabecinha dura na perna de Tiffany.

Tiffany pensou no cantinho do bosque onde Vovó Cera-do-Tempo jazia. E recordou.

E sabia que Você estava certa. Vovó Cera-do-Tempo esteve mesmo aqui. E lá. Ela estava, de fato, e sempre estaria, em todos os lugares.

Houve um longo fluxo de visitantes na cabana do pastor quando se soube que Tiffany estava de volta ao Giz para ficar.

Joe Dolorida veio entregar algumas mensagens... e uma nova carta, de Preston! E trouxe para Tiffany algumas coisas que sua mãe decidiu que ela precisava. Ele olhou ao redor da pequena cabana com aprovação. Tiffany deixara o espaço muito confortável. Ele olhou para os livros na estante e sorriu. Tiffany havia deixado *Doenças das Ovelhas*, de Vovó Dolorida, na fazenda; mas tanto *Flores do Giz* como o *Livro de Contos de Fhadas das Boas Creanças* tinham o seu lugar junto à pequena coroa do pastor que ele lhe dera. Na parte de trás da porta havia um cabide de madeira onde estava pendurado seu chapéu de bruxa.

— Acho que você encontrará alguma utilidade para isso também —, disse seu pai, tirando do bolso um frasco do Linimento Especial de Ovelha (feito segundo receita de Vovó Dolorida) e colocando-o na prateleira.

Tiffany riu e torceu para que o pai não tivesse ouvido o grito de "Disgraça!" vindo do telhado da cabana.

Ele olhou para cima quando um pouco de poeira caiu do lugar onde Yan Grande sentara em Wullie Doido para silenciá-lo. — Espero que não tenha pegado caruncho tão cedo, Tiff.

Ela riu novamente enquanto lhe dava um abraço de despedida.

O Sr. Bloco foi também um dos primeiros visitantes. Ele subiu a colina bufando e a encontrou instalada com Você, a gata, sentada em seu colo enquanto ela separava uns trapos.

Tiffany observou nervosamente enquanto o velho carpinteiro olhava ao redor e embaixo da cabana com um olhar profissional. Quando ele terminou, ela lhe serviu uma xícara de chá e perguntou o que ele achava.

— Você se saiu bem, moça. Muito bem. Nunca vi um menino aprendiz dominar a carpintaria tão rapidamente e você é uma garota.

— Não uma garota —, disse Tiffany. — Eu sou uma bruxa. — E ela olhou para a gatinha ao lado dela e disse: — É isso mesmo, não é, você?

O Sr. Bloco olhou para ela com desconfiança por um momento. — Então usou magia para fazer a cabana, senhorita?

— Eu não precisei —, disse Tiffany. — A magia já estava aqui.

FIM

Terry Pratchett

1948–2015

PÓS-FÁCIO

A Coroa do Pastor é o último romance de Terry Pratchett. Foi escrito em seu último ano, antes de ele finalmente sucumbir, no início de 2015, ao "embaraço" da atrofia cortical posterior. Terry foi diagnosticado em 2007, ano em que escreveu *Nation*. Naquela época, Terry pensou que poderia ter menos de dois anos de vida e isso trouxe uma nova urgência à sua escrita. Ele nunca foi desleixado nesse aspecto, mas agora as coisas eram medidas pelo custo em tempo de escrita. Se algo exigindo sua presença tinha como resultado afastá-lo da escrita, tinha que valer muito a pena, como alimentar as galinhas ou cuidar das tartarugas. Ele tinha muitos outros livros que queria escrever.

Diz muito sobre a resiliência e determinação de Terry em não cair sem lutar o fato de ele ter escrito mais cinco romances best-sellers completos entre *Nation* e *A Coroa do Pastor* (além de colaborar com Stephen Baxter em cinco romances da série *Terra Longa*). E Terry ainda estava desenvolvendo novas ideias para livros até os últimos meses.[69]

Terry geralmente tinha mais de um livro disponível ao mesmo tempo e descobria do que tratava cada um à medida que avançava. Ele começaria em algum lugar, contando a história para si mesmo enquanto

---

[69] Agora nunca saberemos como os anciões dos Cânions do Crepúsculo resolveram o mistério de um tesouro desaparecido e impediram a ascensão de um Lorde das Trevas, apesar de suas memórias em recessão, nem o segredo da caverna de cristal e das plantas carnívoras em *The Dark Incontinent*, nem a maneira como o xerife Feeney conseguiu descobrir a autoria de um crime entre os trasgos congenitamente decentes e sinceros, nem como iria ser o segundo livro protagonizado pelo inigualável Mauricio, hoje gato de navio. E essas são apenas algumas das ideias que seus familiares e colaboradores conheciam.

a escrevia, escrevendo os pedaços que ele podia ver claramente e montando tudo em um todo, como um quebra-cabeça literário gigante, quando terminava.

Depois do livro já ter tomado forma, ele continuava a escrevê-lo também, acrescentando, corrigindo pedaços, Constantemente polindo e adicionando sequências de ligação, acrescentando apenas mais uma nota de rodapé ou evento. Seus editores muitas vezes tiveram que arrancar dele o manuscrito, pois sempre havia mais que ele sentia que poderia fazer, embora a essa altura já estivesse bem adiantado na próxima história que o estava puxando pela manga. Por fim, o livro era enviado para a gráfica e relutantemente Terry o abandonava.

Terry vinha pensando nos elementos-chave da última história de Tiffany Dolorida e Vovó Cera-do-Tempo há já alguns anos. Ele escreveu as cenas cruciais enquanto ainda estava escrevendo *Raising Steam* e depois as reescreveu várias vezes enquanto moldava o resto d'*A Coroa do Pastor* em torno delas.

A Coroa do Pastor tem começo, meio e fim, e todas as partes intermediárias. Terry escreveu tudo isso. Mesmo assim, ainda não estava tão concluído como ele gostaria quando morreu.

Se Terry tivesse vivido mais, quase certamente teria escrito mais deste livro. Há coisas sobre as quais todos gostaríamos de saber mais. Mas o que temos é um livro notável, o último livro de Terry; e qualquer outra coisa que queira saber mais aqui, você é bem-vindo para imaginar por si mesmo.

Rob Wilkins

Maio de 2015

Salisbury, Reino Unido.

GLOSSÁRIO FEEGLE

Adaptado para leitores com temperamento delicado

(Trabalho em andamento da Senhorita Umaturga)

‘SQUISITU: Estranho, esquisito. Às vezes significa oblongo também, por algum motivo.

AIDINÓIS: Um grito geral de desespero.

AVEXADU: Preocupado, chateado.

BESTÃOSZIS: Pessoa sem valor.

BOBÁGI: Lixo, bobagem.

BRUACA: Uma bruxa de qualquer idade.

BRUACA DAS BRUACAS: Uma bruxa muito importante.

BRUAQUICE: Qualquer coisa que uma bruxa faça.

CACAREJÁ CU SEUS VÔMITU: Mmm, para colocar delicadamente... estar muito, muito assustado. Por assim dizer.

CAGADÔ: O vaso sanitário.

CHATU: Uma pessoa desagradável.

DISGRAÇA!: Uma exclamação geral que pode significar qualquer coisa, desde "Meu Deus!" até "Acabei de perder a paciência e pode haver problemas".

DOIDJU: Estar ansioso, como em “Estou ansioso por uma xícara de chá”.

ESCROITO: Uma pessoa realmente desagradável.

ESCROITÃO: Uma pessoa realmente e de todo jeito, muito desagradável.

FRAQUIM: Uma pessoa fraca.

GEAS: Uma obrigação muito importante, apoiada na tradição e na magia. Não tem a ver com geada.

GONNAGLE: O bardo do clã, hábil em instrumentos musicais, poemas, histórias e canções.

GRANDÃOSZIS: Seres humanos.

GRANDE HOMEM: Chefe do clã (geralmente o marido da Kelda).

KELDA: A chefe feminina do clã e, eventualmente, a mãe da maior parte dele. Bebês Feegle são muito pequenos, e uma Kelda terá centenas ao longo de sua vida.

LINIMENTO ESPECIAL PARA OVELHAS: Provavelmente uísque caseiro do forte, lamento dizer. Ninguém sabe o que isso faria com as ovelhas, mas dizem que uma gota é boa para pastores em uma noite fria de inverno e para Feegles a qualquer momento. Não tente fazer isso em casa.

LONGI PRA TRÁS: Há muito tempo.

MUNDO DOS VIVOS: Os Feegles acreditam que estão mortos. Este mundo é tão bom, eles argumentam, que eles devem ter sido muito bons em uma vida passada e depois morreram e acabaram aqui. Parecer morrer aqui significa apenas voltar ao Último Mundo, que eles acreditam ser bastante monótono.

NOJADO: Asseguro que isso significa "estar cansado".

SEGREDU: Segredos.

SOLTA SUA SINA: Enfrente o destino que está reservado para você/eu/ele/ela.

SPOG: Uma bolsa de couro, usada na frente de seu cinto, onde um Feegle guarda seus objetos de valor e comida não consumida, insetos interessantes, pedaços úteis de gravetos, barro da sorte e assim por diante. Não é uma boa ideia ver o conteúdo de um spog.

SUADOR: Encontrado apenas nos grandes montes funerários Feegle nas montanhas, onde há água suficiente para permitir banhos regulares; é uma espécie de sauna. Feegles do Giz tendem a confiar no fato de que você não está sujo antes que comece a cair por conta própria.

TIPIM: ver Bestãozis.

VÉIA: Mulher velha.

VÊLHAS: Coisas lanosas que comem grama e fazem bééé. Não confundir com senhoras idosas.

ZÓIU: Olhos.